

Padres Népticos

# **FILOCALIA**

VOLUME II

## ***HESÍQUIO DE BATOS*** **A** ***TEODORO DE EDESSA***

*Tradução do grego*

Jacques TOURAILLE

Abbaye de BELLEFONTAINE

*Sob supervisão do*

Pe. Boris BOBRINSKOY

*Tradução*

Luis KEHL



**MMIX**

*A todos os mestres,  
para retribuir e para transmitir.*

*AMARRA TEU BARQUINHO  
NO NAVIO DE TEUS PAIS.*

**HESÍQUIO DE BATOS**

**CAPÍTULOS SOBRE  
A SOBRIEDADE E A VIGILÂNCIA**

## Hesíquio de Batos

*Nosso santo Padre Hesíquio de Batos, sacerdote da Igreja de Jerusalém, viveu sob Teodósio do Jovem, prodigou seu ensinamento e faleceu em 333. De seus numerosos escritos, só inserimos aqui o tratado, dividido em 203 capítulos, sobre a nepsis sobre a atenção do intelecto e sobre a guarda do coração. Um tratado de grande proveito, inclusive para os noviços. Eis o que diz dele Photius:*

*“O vigésimo segundo capítulo de Hesíquio, sacerdote de Jerusalém, contém em si todo o tema do livro, um livro muito útil para aqueles que levam a vida na ascese em vista da herança dos céus. Tudo aí é exposto com grande clareza. De resto, ele está composto de tal maneira que pode convir tanto aos homens que não estão voltados para combate exigido pela razão, como para aqueles que claramente optaram pelo sofrimento e as penas e que se esforçam para trabalhar a ascese.”*

\*

Para Nicodemo o Hagiorita, assim como para a Patrologia de Migne, o autor das duas centúrias “sobre a vigilância e a virtude” seria Hesíquio de Jerusalém, que viveu no século V. Ora, em vista do título de certos manuscritos e diante das influências manifestas dos Padres do século VII, tais como João Clímaco e Máximo o Confessor, admite-se hoje em dia que o homem que escreveu estes capítulos, provavelmente entre os séculos VII e VIII, foi um monge – sem dúvida um higoumeno, um abade – do mosteiro da Sarça Ardente no Sinai. Daí provém seu nome Hesíquio o Sinaíta, ou Hesíquio de Batos, palavra grega que significa “sarça”.

De resto, estamos aqui menos diante do testemunho de um homem do que diante do ensinamento de uma escola monástica, indubitavelmente a do Sinai, escola-mãe dos mosteiros cenobíticos, que aliava o conhecimento do deserto à experiência da comunidade. Não bastava mais ao monge dedicar-se às virtudes do deserto – a renúncia, a solidão, o silêncio –, era preciso viver estas virtudes junto com os outros, diante deles, portanto enraizando-as em pleno coração, como o nome e a graça de Jesus implantados no próprio lugar em que foi dada a Lei. Esta é a origem e o alcance de tal ensinamento.

A obra é exemplar: de uma simplicidade transparente. Toda a Filocalia é como que recolhida na cripta da purificação do coração. A ascese do corpo se afina em ascese do intelecto. Tornar monge o homem exterior é, no limite, coisa fácil, coisa da lei, assumida pela natureza ou pela instituição. Mas tornar duravelmente monge o homem interior implica um estado de graça e de confiança, o apelo contínuo a Deus e, antes de tudo, o exercício da real humildade: amplificar em tudo as virtudes do outro e considerar a si mesmo como terra e cinzas. As finalidades (a beleza, o arrebatamento) são indicadas sem mais. Elas estão implícitas, mas estão como que fora do campo que pode ser trabalhado. Tudo é concentrado na “guarda do intelecto” às “portas do coração”.

Os capítulos de Hesíquio vão ilustrar, como facetas correspondentes, um “método espiritual” de purificação, fundamental na Filocalia. Neles acham-se claramente descritos os três modos da ascese – a *nepsis*, a hesíquia e a oração de Jesus – perfeitamente distintos e perfeitamente solidários, porque engendram-se mutuamente, sendo que nenhum é possível, concebível ou praticável sem os outros. Nenhuma técnica, mas uma lei espiritual que faz corpo com a graça do nome de Jesus. Eis como:

1) A *nepsis* – aqui traduzida como vigilância, mas que também significa sobriedade – é a virtude crucial da inteligência que não apenas evita toda sobrecarga, mas volta-se sobre si mesma (é o arrependimento, a *metanoia*) para se tornar nada mais que a total atenção à pureza do coração e chegar à transparência original e última, este novo Éden de onde o olho exercitado poderá ver daí em diante vindo de longe os começos da queda. São refutados, sufocados no ovo e rejeitados todos os pensamentos que o intelecto ativado pelos rudimentos do mundo destila.

2) A *nepsis* do intelecto conduz à hesíquia do coração, este repouso tranqüilo, este silêncio, o sinal em nós do estado divino que precede e segue a criação. Caminho de salvação impossível aos homens, mas possível a Deus. Daí a única coisa necessária:

3) Na hesíquia do coração vem subir e descer a prece de Jesus, o *Kyrie eleison*, “Senhor Jesus Cristo, filho de Deus, tem piedade de mim”. O intelecto, partido por ser privado do sustentáculo natural – e do derivativo –

dos pensamentos, se transforma em invocação, “respira Cristo”, faz girar no “espaço do coração” o nome de Jesus, envolve o corpo, envolve o universo pelo nome d'Aquele que criou o mundo e o salva. O giro cósmico é aqui abarcado por outra rotação, interior, invisível, envolvente: o próprio amor.

A obra de Hesíquio é assim uma apologia da interioridade. Só nascemos no mundo para renascermos no coração, para fazermos “de cada dia, de cada hora, no mistério e na alegria, uma festa do coração”. Através do mundo se abre para cada um desde a origem a via real da ascese filocálica, mas também a porta estreita: “ser monge no coração”.

DE HESÍQUIO, SACERDOTE, A TEÓDULO  
DE HESÍQUIO, SACERDOTE, A TEÓDULO

DISCURSO, EM FORMA DE CAPÍTULOS,  
SOBRE A SOBRIEDADE, A VIGILÂNCIA E A VIRTUDE  
PARA O BEM DA ALMA E SUA SALVAÇÃO

PRINCÍPIO E FUNDAMENTO VERDADEIRO  
DA ILUMINAÇÃO DA ALMA

A REFUTAÇÃO E A PRECE

1. A *nepsis*, sobriedade e vigilância, constitui um método espiritual que, com a ajuda de Deus, liberta inteiramente o homem dos pensamentos e das palavras apaixonadas e também das más ações, se for praticada por um bom tempo e arduamente. Ela fornece também, na medida do possível, um conhecimento seguro de Deus o Incompreensível, e abre os mistérios divinos e ocultos. Ela conduz ao cumprimento de todos os mandamentos de Deus, do Antigo e do Novo Testamento, e propicia todos os bens do século futuro. Ela consiste propriamente na pureza do coração, a qual, por causa de sua grandeza e de sua beleza (ou mais exatamente devido à nossa negligência), é tão rara entre os monges hoje em dia. É ela que Cristo beatificou quando disse: “Bem-aventurados os puros de coração, pois eles verão a Deus<sup>1</sup>”. Tal é a sua eminência. Ela se adquire a um alto preço. Praticada longamente, ela se torna um guia que nos conduz à via direita e que agrada a Deus. Ademais, ela nos permite acessar a contemplação, nos ensina a por em movimento como convém as três partes da alma e a vigiar com segurança nossos sentidos. E ela aumenta a cada dia as quatro virtudes cardinais fazendo-as participar de sua ação.

2. Moisés, o grande Legislador, ou melhor, o Espírito Santo, querendo nos mostrar o quanto esta virtude é excelente, pura, universal e nos eleva, e querendo nos ensinar como colocá-la em movimento inicialmente para a seguir levá-la à perfeição, disse: “Vigie a si mesmo, para que uma palavra

---

1 *Mateus*, V, 8.

secreta não se torne um pecado em seu coração<sup>2</sup>”. Ele denomina palavra secreta a aparição de um único pensamento que possa refletir qualquer má ação que desagrade a Deus, justamente esta palavra que o diabo insinua em nosso coração e que os Padres chamam de sugestão. Nossos próprios pensamentos a seguem, uma vez que ela entre o campo do intelecto, e se carregam de paixão ao dialogar com ela.

3. A vigilância e a sobriedade constituem o caminho de todas as virtudes e de todos os mandamentos de Deus. A *nepsis* também é chamada de hesíquia do coração e, levada à perfeição, quando não mais é afetada por nenhuma imagem, torna-se a própria guarda do intelecto.

4. O cego de nascença não vê a luz do sol. Também aquele que não caminha na sobriedade e na vigilância não vê em toda sua riqueza as cintilações da graça do alto. Ele tampouco se livrará das ações, palavras e pensamentos maus e desagradáveis a Deus. Estes homens, ao deixar esta vida, não passarão impunemente diante dos príncipes do inferno.

5. A atenção é uma permanente hesíquia do coração, fora de qualquer pensamento. Sem se esgotar nem interromper-se, a alma respira e invoca sempre Jesus Cristo, Filho de Deus e Deus, e nada além dele. Ela se alinha a ele para combater validamente os inimigos. Ela Lhe confessa seus pecados, a ele, o único que tem poder para perdoá-los. Com sua invocação, ela abraça continuamente Cristo que conhece os segredos dos corações. E ela se esforça por esconder totalmente dos homens a doçura que experimenta neste combate interior, para que o maligno não faça penetrar nela a malícia contra sua vontade e não destrua uma obra tão bela.

6. A *nepsis*, sobriedade e vigilância, é a concentração perseverante de um pensamento de sentinela à porta do coração. Este pensamento capta os pensamentos que sobrevêm, os observa, escuta o que eles dizem, o que fazem esses assassinos, e as formas que os demônios gravaram sobre eles e ergueram como uma estela, buscando enganar o intelecto por meio da imaginação. Este trabalho, se nos dedicarmos a ele, nos dará, se o quisermos, a experiência do combate espiritual que o intelecto deve manter ciosamente.

---

2 Deuterônimo XV, 9.

7. O duplo temor<sup>3</sup>, os abandonos nos quais Deus nos deixa e as tentações que sobrevêm para nos instruir, sabem engendrar a *nepsis*, como uma firme continuidade da atenção na razão do homem que se esforça para obstruir a fonte dos pensamentos e das más ações. É para nos permitir adquirir a sobriedade e a vigilância, e corrigir nossas vidas, que Deus nos deixa no abandono e nos envia tentações imprevistas, sobretudo àqueles dentre nós que já provaram o repouso deste bem e o negligenciaram. A continuidade gera o hábito. Este dá à *nepsis* uma certa densidade natural. E esta densidade engendra pacificamente a contemplação durante o combate, que recebe assim a incessante prece de Jesus, a doce serenidade do intelecto fora de qualquer imaginação, e o estado de calma suscitado por Jesus.

8. A reflexão que se imobiliza, que invoca a Cristo contra os adversários e que se refugia junto a ele, é como um animal selvagem cercado por cães e que resiste como uma fortaleza. Ela prevê de longe no intelecto as emboscadas inteligíveis dos inimigos invisíveis. E como ela não cessa de invocar contra eles a Jesus dispensador da paz, ela permanece invulnerável.

9. Se você possui a experiência e se lhe foi dado estar desde a manhã diante de Deus na vigília<sup>4</sup>, mas também em contemplação, você sabe o que quero dizer. Senão, seja sóbrio e vigilante – seja néptico – e você compreenderá.

10. Os mares são feitos de quantidades de água. O que faz e alimenta a *nepsis*, a moderação, a profunda hesíquia da alma, este abismo de contemplações extraordinárias e inefáveis, de humildade consciente, de retidão e de amor, é uma extrema atenção e a prece de Jesus Cristo, sem pensamentos. Tudo isto com fervor e continuidade, jamais cedendo ao desencorajamento.

11. Cristo disse: “Não é aquele que diz: ‘Senhor, Senhor’”, que entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai<sup>5</sup>”. Ora, a vontade de seu Pai é esta: “Vocês que amam ao Senhor, odeiem o mal<sup>6</sup>”. Pela oração de Jesus Cristo, detestemos também os maus pensamentos. Assim, teremos feito

---

3 Aquele que nasce do temor do castigo e o que é ligado ao amor, cf. Máximo o Confessor, *Sobre o Amor*, I, 81.

4 Cf. Salmo V, 4.

5 Mateus, VII, 21.

6 Salmo XCVI, 10.



a vontade de Deus.

12. Nosso Mestre e Deus encarnado nos deu um modelo<sup>7</sup> de toda virtude, um exemplo para a raça dos homens e nos fez retornar da queda primeira, carregando diretamente em sua carne o próprio significado da vida virtuosa. Ele nos revelou todas as suas boas obras, e foi com elas que eles se dirigiu ao deserto depois do batismo, começando lá, pelo jejum, o combate do intelecto, quando o diabo se aproximou dele como de um simples homem<sup>8</sup>. Pelo modo como o venceu, o Mestre nos ensinou, a nós também, os inúteis, como sustentar a luta contra os espíritos o mal: com a humildade, o jejum, a prece<sup>9</sup>, a sobriedade e a vigilância. Mas ele próprio não tinha nenhuma necessidade, disto, por ser Deus e Deus dos deuses.

13. Quanto às diferentes maneiras pelas quais, segundo penso, podemos purificar aos poucos o intelecto dos pensamentos passionais enquanto durarem a sobriedade e a vigilância, não tardarei mais em expressá-los numa linguagem sem refinamentos nem floreios. Pois não achei conveniente, neste tratado, ocultar nas palavras aquilo que pode ser útil quando o combate vier, e especialmente aos mais simples. Pois foi dito: “Meu irmão Timóteo, fique atento ao que você lê<sup>10</sup>”.

14. Um primeiro modo da sobriedade e da vigilância consiste em vigiar estreitamente a imaginação, ou a sugestão, porque Satanás não pode, sem a imaginação, suscitar pensamentos e os expor ao intelecto para enganá-lo com suas mentiras.

15. Outro modo consiste em manter sempre o coração num profundo silêncio, em estado de hesíquia, fora de qualquer pensamento, e em oração.

16. Um outro consiste em pedir continuamente a ajuda do Senhor Jesus Cristo, com toda a humildade.

17. Um outro ainda é ter na alma a lembrança constante da morte.

---

7 Cf. I Pedro, II, 21.

8 Cf. Mateus, IV, 3.

9 Cf. Mateus, XVII, 21.

10 I Timóteo, IV, 13.

18. Todas estas ações, bem-amado, afastam como guardiões da porta os maus pensamentos. Quanto a olhar para o céu e considerar a terra como nada, eu explicarei mais longamente adiante, se Deus quiser, no que esta ação é igualmente eficaz.

19. Se afastarmos pouco as causas das paixões, e nos dedicarmos às contemplações espirituais sem lhes dedicar todo nosso tempo e sem fazer delas nosso próprio trabalho, com facilidade recairemos nas paixões da carne. Não colheremos então outro fruto do que o entenebrecimento do intelecto e uma perdição em meios às coisas materiais.

20. Quem sustenta o combate interior deve ter a cada instante estas quatro coisas: a humildade, uma atenção extrema, a refutação e a prece. A humildade, porque o combate se opõe aos demônios orgulhosos, e para ter a ajuda de Cristo ao alcance do coração, pois “o Senhor detesta os orgulhosos<sup>11</sup>”. A atenção, a fim de manter sempre o coração puro de todo pensamento, mesmo que este pareça ser bom. A refutação, a fim de contestar o maligno imediatamente com cólera, assim que ele surgir chegando. Foi dito: “Eu responderei aos que me ultrajam: Não está minha alma submetida a Deus?<sup>12</sup>” Enfim, a oração, a fim de chamar por Cristo com “gemidos inefáveis<sup>13</sup>”, logo após a refutação. Então aquele que combate verá o inimigo se dissipar ante a aparição de sua imagem, como a poeira ao vento ou a fumaça que evanesce, expulso pelo nome adorável de Jesus.

21. Aquele cuja prece não é pura de pensamentos não tem armas para o combate. Falo da prece que age infatigavelmente nas profundezas inacessíveis da alma a fim de que, pela invocação de Cristo, o adversário que nos combate em segredo seja fustigado e queimado.

22. Você deve observar com o olhar penetrante e intenso do intelecto aqueles que entram. Quando você os reconhecer, você deve imediatamente cortar a cabeça da serpente pela refutação. Ao mesmo tempo, chame a Cristo com gemidos. Então você terá a experiência do socorro invisível de Deus, e verá

---

11 Provérbios III, 34.

12 Salmo LXII, 2.

13 Romanos VIII, 26.

claramente a retidão do coração.

23. Assim como alguém que tem um espelho em mãos e o mira em meio a outras pessoas vê seu próprio rosto e também os de todos os que se inclinam para o mesmo espelho, também aquele que não cessa de se inclinar sobre seu coração vê nele seu próprio estado, mas também enxerga os rostos negros dos Etíopes inteligíveis.

24. Mas o intelecto não consegue vencer sozinho a imaginação demoníaca. Que ele não tenha esta audácia! Pois, astuciosos como são, os demônios fingem ser vencidos, depois o farão estrebuchar pela vanglória. Mas diante da invocação de Jesus Cristo eles não resistem, não conseguem se manter nem enganar, ainda que por um instante.

25. Vigie para não pensar como a velha Israel, para não ser também atirado aos inimigos inteligíveis. Libertado dos Egípcios pelo Deus do universo, ela imaginou que um ídolo fundido poderia socorrê-la<sup>14</sup>.

26. Como ídolo fundido você deve entender o intelecto enfermo. Enquanto invocar a Jesus Cristo contra os espíritos do mal, o intelecto os expulsará facilmente e, com arte confirmada, porá em fuga as potências invisíveis e hostis do inimigo. Mas se ele depositar tolamente toda sua confiança em si mesmo, mergulhará para baixo como ave de rapina de asas rápidas. Foi dito: “Meu coração esperou em Deus; eu fui socorrido e minha carne refloresceu<sup>15</sup>”. E quem, senão o Senhor, me perdoará e se colocará ao meu lado para combater os inumeráveis maus pensamentos<sup>16</sup>? Quem coloca sua confiança em si mesmo e não em Deus cairá vertiginosamente.

27. E você, se quiser lutar, tome sempre como exemplo a aranha, pois este pequeno animal é a imagem e a ordem da hesíquia do coração. Senão, você ainda não se encontrará num estado conveniente de hesíquia em seu intelecto. A aranha caça pequenas moscas. E você, se estiver em estado de hesíquia e como ela penar em sua alma, não cessará jamais de exterminar as crias da Babilônia. Por esta imolação o Espírito Santo o denominará bem-aventurado

---

14 Cf. *Êxodo*, XXXII, 4.

15 *Salmo* XXVIII, 7.

16 Cf. *Salmo* XCIV, 16.

pela boca de Davi<sup>17</sup>.

28. Como é impossível que o Mar Vermelho apareça no firmamento em meio às estrelas, e como não é possível a um homem que caminha sobre a terra deixar de respirar seus ares, também é impossível purificar nosso coração dos pensamentos passionais e dele expulsar os inimigos inteligíveis sem a invocação contínua de Jesus Cristo.

29. Se, humildemente, lembrando-se da morte, condenando a si mesmo, refutando o diabo e invocando a Jesus Cristo, você passar todo o seu tempo dentro do seu coração, e se, revestido com esta armadura, você caminhar sobriamente cada dia da sua vida sobre a via estreita e segura, mas alegre e doce da reflexão, você alcançará as santas contemplanções dos santos mistérios, e Cristo iluminará suas profundezas, ele que traz “os tesouros ocultos da sabedoria e do conhecimento<sup>18</sup>” e “em quem habita corporalmente a plenitude da Divindade<sup>19</sup>”. Pois Jesus lhe permitirá sentir que ele estabeleceu o Espírito Santo sobre a sua alma, ele que ilumina o intelecto do homem para que este veja, com os olhos descobertos. Está escrito: “Ninguém diz: ‘Senhor Jesus’ se não for no Espírito Santo<sup>20</sup>”, ou seja, quando ele descobre misticamente, com toda certeza, Aquele a quem procura.

30. Aqueles que gostam de se instruir devem também saber o seguinte: de tempos em tempos os demônios ciumentos escondem e afastam para longe de nós o combate inteligível. Pois estes seres malvados invejam o benefício que extraímos do combate, uma vez que este nos permite adquirir conhecimento e nos aproximar de Deus. Então eles se aproveitam de nosso descuido para se apoderar bruscamente de nosso intelecto, e conseguem levar alguns a negligenciar novamente a reflexão. Seu combate tem sempre um único objetivo: impedir nosso coração de estar atento, pois eles sabem o quanto isto o enriquece. Portanto nós, com a ajuda da lembrança de nosso Senhor Jesus Cristo, inclinemo-nos sempre para as contemplanções espirituais, e a guerra se reacenderá em nosso intelecto. Mas façamos tudo isto tomando conselho, por

---

17 Cf. *Salmo* CXXXVII, 9. Cristo é o rochedo contra o qual o monge deve destruir os “filhos da Babilônia”, ou seja os filhos do diabo, os maus pensamentos.

18 *Colossenses*, II, 3.

19 *Colossenses*, II, 9.

20 I *Coríntios*, XII, 3.

assim dizer, com o próprio Senhor, e com muita humildade.

31. Nós, que vivemos em mosteiros, devemos, com efeito, com boa vontade e coração fervoroso, suprimir toda vontade diante do superior. Com a ajuda de Deus, nos tornaremos dóceis, também nós, e sem vontade própria. Esta é a arte que nos convém, a fim de não sermos perturbados pela cólera e não excitarmos nosso ardor irracionalmente e contra a natureza, ou não teremos mais a liberdade para sustentar o combate invisível. Com efeito, nossa vontade, se não a suprimimos de bom grado, tem o costume de se irritar contra aqueles que tentam quebrá-la contra nossa vontade. Furioso, excitado pelo mal, o ardor perde a seguir o conhecimento do combate, este conhecimento que adquirimos com tanto sofrimento. Pois o ardor é, por natureza, destrutivo. Excitado contra os pensamentos demoníacos, ele os arruína e destrói. Mas se, ao contrário, ele tropeça contra os homens, ele destrói do mesmo modo os bons pensamentos que existem em nós. Vemos assim que o ardor destrói todos os tipos de pensamentos, tanto bons quanto ruins, quando os encontra. Pois ele nos foi dado por Deus como uma armadura e um arco, com a condição de não atirar nas duas direções. Se o fizer, ele conduzirá à ruína, como um cão que, tão arrogante como os lobos, ataca o rebanho das ovelhas.

32. É preciso fugir da familiaridade como do veneno da áspide, e evitar, tanto quanto as serpentes e as áspides<sup>21</sup>, os encontros frequentes. Estas coisas podem levar rapidamente ao esquecimento total do combate interior, e derrubar a alma das alegrias do alto, que provêm da pureza do coração. Pois o maldito esquecimento se opõe à atenção com a água se opõe ao fogo: ele a combate a cada instante com toda sua força. Pois do esquecimento caímos na negligência, da negligência no desdém, na despreocupação e nas concupiscências deslocadas. E assim andamos para trás, como o cachorro que vomita e volta ao seu vômito<sup>22</sup>. Fugamos, portanto, da familiaridade como de um veneno mortal. Pois o mal trazido pelo esquecimento e as consequências que ele encerra podem ser curados por uma guarda rigorosa do intelecto e uma contínua invocação de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois sem ele nada podemos fazer<sup>23</sup>.

---

21 Cf. *Mateus*, III, 7.

22 Cf. II *Pedro*, II, 22.

23 Cf. *João* XV, 5.

33. Nem é permitido nem é possível ter amizade com uma serpente e levá-la no colo. Tampouco é possível acalentar o corpo de todas as maneiras, cuidar dele e amá-lo além de seus cuidados e necessidades, e ao mesmo tempo dedicar-se às virtudes celestes. Pois a serpente fere naturalmente aquele que a aquece. E o corpo suja no prazer aquele que prodiga cuidados com ele. Quando ele vacilar, que seja dura e impiedosamente castigado e fustigado, como um escravo fugitivo cheio de vinho doce, que pela flagelação conhece seu Senhor, o qual por sua vez também foi fustigado. Que esta lama perecível, escrava e noturna, não corra atrás dos mercadores de vinho, que ela não ignore a vida incorruptível que a dirige. Não se fie na carne até a morte. Foi dito: “A vontade da carne é inimiga de Deus. Ela não está submetida à lei de Deus. E a carne deseja contra o Espírito. Aqueles que vivem para a carne não podem agradecer a Deus. Ora, nós não estamos na carne, mas no Espírito<sup>24</sup>”.

34. A obra da prudência consiste em sempre trazer o ardor ao engajamento no combate interior e na condenação de si. A obra da sabedoria é de levar a razão à sobriedade e à vigilância estritas e contínuas e à contemplação espiritual. A obra da justiça é dirigir o desejo para a virtude e para Deus. A obra da coragem é de governar e conter os cinco sentidos, a fim de que eles não sujem nem nosso homem interior, ou seja, o coração, nem o homem exterior, o corpo.

35. “Sobre Israel seu esplendor<sup>25</sup>”: vale dizer, sobre o intelecto que vê, tanto quanto possível, a beleza da glória do próprio Deus. “E nas nuvens seu poder<sup>26</sup>”: vale dizer, nas almas luminosas que contemplam na manhã Aquele que está à direita do Pai e que as cobre com sua irradiação, como o sol que atravessa com seus raios as nuvens puras e revela ao olhar uma beleza que encanta.

36. Aquele que peca, diz a Escritura, perde uma grande justiça. O intelecto que peca destrói as bebidas e comidas da eternidade de que falamos.

37. Não somos mais fortes do que Sansão, nem mais sábios do que Salomão.

---

24 *Romanos* VIII, 7-8 e *Gálatas* V, 17.

25 *Salmo* LXVIII, 35.

26 *Ibid.*

Também não possuímos mais conhecimento do que o divino Davi. Tampouco amamos mais a Deus do que Pedro do Corifeu<sup>27</sup>. Portanto, não coloquemos nossa confiança em nós mesmos. Pois a Escritura diz: “Quem coloca sua confiança em si mesmo tombará numa queda vertiginosa”.

38. Aprendamos com Cristo a humildade, com Davi a humilhação, com Pedro a chorar com o que nos acontece. Mas não aprendamos a recusar reconhecer nossa falta, como Sansão, Judas e Salomão o sábio.

39. Pois, com estes poderes, o diabo ronda, qual leão que ruga, buscando a quem devorar<sup>28</sup>. Que jamais cessem, portanto, a constante atenção do coração, a sobriedade e a vigilância – a *nepsis* – a contestação e a prece de Jesus Cristo nosso Deus. Pois você não encontrará mais em sua vida socorro mais forte fora Jesus. Somente o próprio Senhor, por ser Deus, conhece os truques, as fraudes e as espertezas dos demônios.

40. Assim, que a alma coloque sua confiança em Cristo, que ela o invoque e que não tenha nunca medo. Pois ela não combate só, mas com o Rei terrível, Jesus Cristo, Criador de todos os seres, incorpóreos e corpóreos, ou seja, invisíveis e visíveis.

41. Quanto mais a chuva cai, mais ela molha o solo. Da mesma forma, o santo nome de Cristo enche de alegria e regozijo a terra de nosso coração, quando o chamamos e invocamos frequentemente.

42. É bom que aqueles que não têm experiência saibam igualmente o seguinte: nós temos inimigos incorpóreos, invisíveis, malfeitores, hábeis em fazer o mal, ágeis, rápidos, dedicados ao combate desde os tempos de Adão até nossos dias. E nós, que somos pesados e nos inclinamos para a terra com todo nosso corpo e todo nosso pensamento, não podemos vencê-los de modo algum, se não por uma sobriedade e vigilância contínuas do intelecto e pela invocação de Jesus Cristo, nosso Deus e nosso Criador. Para aqueles que não têm a experiência, que a prece de Jesus seja também um convite a provar e conhecer o bem; e para aqueles que têm a experiência, que ela seja a prática, a pedra de toque e o repouso no bem, a melhor maneira e o melhor mestre.

---

27 O Corifeu, o cabeça, o cume: designa Pedro, o apóstolo capital

28 Cf. I Pedro, V, 8.

43. Assim como uma criança, que não tem malícia, sente prazer em ver um ilusionista e o segue em sua inocência, também nossa alma, que é simples e boa tal como foi criada por seu bom Mestre, sente prazer nas sugestões das imagens que o diabo suscita e, enganada, corre para o pior como se fosse para um bem, como a pomba que corre para quem coloca armadilhas para seus filhotes. A alma mistura assim seus pensamentos às imagens suscitadas pela sugestão demoníaca. Se acontece de aparecer o rosto de uma bela mulher, ou outra coisa estritamente proibida pelos mandamentos de Cristo, ela deseja segui-la a fim de captar para si aquilo que viu de belo. Ela chega assim ao consentimento, e não lhe resta mais do que passar ao ato, cometendo em seu corpo a falta que ela viu em pensamento, para sua própria condenação.

44. Tal é a arte do maligno. É com estas flechas que ele envenena a alma. É por isso que não é prudente, enquanto o intelecto ainda não adquiriu uma grande experiência no combate, deixar entrar os pensamentos em nosso coração, sobretudo no início. Pois no começo, nossa alma fica encantada com as sugestões demoníacas e se compraz em segui-las. Mas basta percebê-las e imediatamente afastá-las, assim que elas brotam e atacam. Porém, uma vez que o intelecto passou algum tempo nesta obra admirável, que ele se exercitou, que ele compreendeu e adquiriu o hábito incessante do combate que lhe permite conhecer verdadeiramente os pensamentos, e que, como diz o Profeta, ele aprendeu a capturar facilmente a raposinhas<sup>29</sup>, então ele pode deixar os pensamentos entrarem, com conhecimento de causa, e denunciá-los.

45. Assim como é impossível o fogo e a água passarem juntos por um mesmo conduto, também o pecado não pode penetrar no coração sem antes bater à sua porta servindo-se de uma imagem má projetada pela sugestão.

46. Primeiramente chega a sugestão. Em segundo lugar a ligação, vale dizer, quando nossos pensamentos se misturam aos dos demônios maus. Em terceiro lugar vem o consentimento, examinando o que fazer entre os dois pensamentos que desejam o mal. Em quarto lugar vem o ato sensível, ou seja, o pecado. Porém, se o intelecto estiver atento, sóbrio e vigilante, e se, pela contestação e a invocação do Senhor Jesus ele põe em fuga a sugestão assim que ela brota, as coisas ficam por aí. Pois o maligno é uma inteligência

---

29 Cf. Cânticos, II, 15.

incorpórea: ele não pode enganar as almas senão pelas imaginações e os pensamentos. Davi fala a respeito da sugestão: “De manhã a matei<sup>30</sup>”, etc.; e o grande Moisés diz do consentimento: “Não pactuarei com eles<sup>31</sup>”.

47. O combate faz com que se atraquem invisivelmente dois intelectos: o do demônio e o nosso. É por isso que é preciso a cada instante chamar desde as profundezas por Cristo<sup>32</sup>, porque ele expulsa a inteligência do demônio e nos dá o prêmio da vitória, por seu amor ao homem.

48. Que aquele que segura um espelho e nele coloca seu olhar seja para você uma imagem da hesíquia do coração; você então verá em seu coração, inscritos pela mesma inteligência, o mal e o bem.

49. Vigie sempre para nunca ter em seu coração nenhum pensamento, nem racional, nem irracional, a fim de que lhe seja mais fácil reconhecer os estrangeiros, ou seja, os primogênitos dos Egípcios.

50. Que boa e deliciosa virtude é a *nepsis*, unindo a sobriedade à vigilância, luminosa e doce, toda bela, resplendente e cheia de encanto. Com que facilidade nos abre seu caminho, Cristo Deus! Assim o intelecto desperto do homem avança com grande humildade. Pois ele estende seus ramos até o mar e o abismo das contemplações, e seus brotos até os rios dos divinos mistérios gozosos<sup>33</sup>. Ela rega o intelecto há tanto tempo queimado de impiedade pelos tormentos dos maus pensamentos dos espíritos e pela hostilidade da carne, ou seja, pela morte.

51. A *nepsis* é semelhante à escada de Jacó sobre a qual está Deus e pela qual sobem os anjos<sup>34</sup>. Pois ela elimina todo mal que está em nós. Ela afasta a tagarelice, a injúria, a maledicência e toda a série de males sensíveis. Ela não suporta ser privada por eles de sua própria doçura, mesmo que seja um pouco só.

---

30 *Salmo* CI, 8.

31 *Êxodo*, XXIII, 32.

32 Cf. *Salmo* CXXX, 1.

33 Cf. *Salmo* LXXX, 12.

34 Cf. *Gênesis* XXVIII, 12.

52. Busquemo-la, meus irmãos, com todo nosso coração, voemos naquilo que lhe permite ver o puro reflexo de nosso intelecto em Jesus Cristo. Dirijamos nosso olhar para nossos pecados e nossa vida anterior, a fim de que, contritos e humilhados pela lembrança de nossos pecados, possamos receber neste combate invisível o socorro incessante de Jesus Cristo nosso Deus. Pois, privados do socorro de Jesus pelo orgulho, a vanglória e o amor próprio, perdemos a pureza de coração por meio da qual Deus se deu a conhecer ao homem. Segundo a promessa, de fato, a causa do conhecimento é a pureza<sup>35</sup>.

53. Além das benesses que recebe do trabalho contínuo da guarda do coração, o intelecto que não negligencia sua obra secreta verá igualmente os cinco sentidos do corpo desembaraçados dos males exteriores. Pois aquele que se aplica totalmente à virtude interior, à sobriedade e à vigilância, e que deseja se dedicar às delícias dos belos pensamentos, não suporta ser roubado pelos cinco sentidos, quando lhe chegam pensamentos materiais e vãos. Mas, sabendo bem como eles são enganosos, ele os reprime fortemente dentro de si.

54<sup>36</sup>. Permaneça na reflexão do intelecto e você não terá que penar nas tentações. Mas se você se afastar, aguarde o que vier.

55. Assim como o absinto amargo faz bem aos que tem pouco apetite, também é bom, para os que se comportam mal, sofrer o mal.

56. Se você não quiser sofrer o mal, recuse-se a fazer o mal. Pois uma coisa se segue à outra inevitavelmente. Cada qual colherá aquilo que semeou<sup>37</sup>. Quando semeamos voluntariamente o mal e o colhemos contra nossa vontade, devemos nos admirar da justiça de Deus.

57. O intelecto é cegado por estas três paixões, o amor ao dinheiro, a vanglória e o prazer.

58. O conhecimento e a fé, estes dois companheiros da nossa natureza, não são empanados por outra coisa do que estas três paixões.

---

35 Cf. *Mateus*, V, 8.

36 As sentenças de 54 a 60 retomam Marcos o Asceta, *Sobre a lei espiritual* 163, 115<sup>a</sup>, 116-117, 101, 103, 104 e 110.

37 Cf. *Gálatas* VI, 7.

59. Por causa delas, o furor, a cólera, a guerra, os assassinatos e toda a série dos outros males têm predominado gravemente entre os homens.

60. Quem não conhece a verdade não pode crer verdadeiramente, pois o conhecimento precede naturalmente a fé. O que é dito nas Escrituras não é dito apenas para que o compreendamos, mas para que o coloquemos em prática.

61. Ponhamo-nos, portanto, a trabalhar. Assim progredindo constantemente, encontraremos a esperança em Deus, a lei firme, o conhecimento interior, a libertação das tentações, o sentido dos carismas, a confissão do coração e as lágrimas abundantes chegarão aos fiéis através da prece. E não apenas isto, mas também a paciência nas tribulações, o perdão sincero concedido ao próximo, o conhecimento da lei espiritual, a descoberta da justiça de Deus, a vinda do Espírito Santo, o dom dos tesouros espirituais e tudo o mais que Deus prometeu aos homens fiéis daqui de baixo e também no século futuro, em uma palavra, a revelação da alma à imagem de Deus – tudo isto é impossível se não for pela graça de Deus e pela fé do homem que, com muita humildade e uma oração constante, persevera na reflexão do intelecto.

62. Recebemos da experiência um bem verdadeiramente grande: aquele que quer purificar seu coração deve invocar continuamente o senhor Jesus contra os inimigos inteligíveis. E veja como o termo ‘experiência’ concorda com os testemunhos da Escritura. Ela diz: “Prepare-se, Israel, para invocar o nome do Senhor seu Deus<sup>38</sup>”. E o Apóstolo: “Orai sem cessar<sup>39</sup>”. E nosso Senhor diz: “Vocês nada podem sem mim. Quem permanece em mim, e eu nele, este dará muitos frutos.” E também: “Se ele não permanecer em mim, será atirado fora como o ramo seco da vinha<sup>40</sup>”. A prece é um grande bem, e ela contém todos os outros bens, pois ela purifica o coração no qual Deus se faz ver aos fiéis.

63. Como o bem da humildade nos eleva por natureza, e porque ele é amado por Deus, destruindo quase tudo o que é mau e desagradado a Deus, ele é naturalmente difícil de adquirir. Podemos facilmente encontrar em um homem

---

38 *Amós*, IV, 12.

39 *I Tessalonicenses*, V, 17.

40 *João* XV, 5-6.

os brotos parciais de muitas virtudes, mas se procurarmos nele o perfume da humildade, dificilmente encontraremos. É por isso que é preciso muita atenção para adquirir este bem. A Escritura diz que o diabo é impuro. Pois desde a origem ele repugnou a humildade e amou o orgulho; assim, em todas as Escrituras ele é chamado de espírito impuro<sup>41</sup>. Mas que impureza corporal poderia cometer um espírito totalmente sem corpo, sem carne, sem lugar definido, para que seja chamado de impuro? É claro que ele é chamado de impuro por causa de seu orgulho e que, de anjo luminoso que era, sujou-se manifestamente. Todo homem que eleva a si mesmo em seu coração é impuro diante do Senhor<sup>42</sup>. Com efeito, foi dito: “O primeiro pecado é o orgulho<sup>43</sup>”. Assim falava o Faraó orgulhoso: “Eu não conheço seu Deus e não deixarei que parta Israel<sup>44</sup>”.

64. Entretanto, se não negligenciarmos nossa salvação, existem muitas operações do intelecto capazes de nos fornecer o dom precioso da humildade: por exemplo, a lembrança dos pecados cometidos em palavras, atos e pensamentos, recolhidos pela contemplação, concorrem para a humildade. Também isto engendra uma humildade verdadeira: repassar a cada dia em nosso intelecto as boas obras de nossos próximos, magnificar diante de nós mesmos suas vantagens naturais e compará-las com as nossas. Vendo assim o intelecto sua própria mediocridade e o quanto está distante da perfeição dos irmãos, o homem considera a si mesmo como terra e cinzas<sup>45</sup>, não um homem mas um cão, o último dos últimos de todos os homens racionais sobre a terra, e muito distante deles.

65. A boca de Cristo, a coluna da Igreja, nosso Pai Basílio o Grande, disse: “Para não pecar, nem cair no dia seguinte nas mesmas faltas, é bom, ao final de cada dia, interrogar a nós mesmo em nossa consciência sobre nossa conduta, sobre o mal que cometemos e o bem que fizemos<sup>46</sup>”. É o que Jacó fazia para si e seus filhos<sup>47</sup>. O exame cotidiano da consciência esclarece de

---

41 Cf. *Mateus* X, 1; XII, 43, etc.

42 Cf. *Provérbios* XVI, 5.

43 *Eclesiástico*, X, 13.

44 *Êxodo* V, 2.

45 Cf. *Gênese* XVIII, 27.

46 *Grande Regra* 37.

47 Cf. *Jó* I, 5.

fato o dever de cada hora.

66. Outro dentre os sábios que conhecem as coisas de Deus disse também: “O começo do fruto é a flor e o começo da ascese é a temperança<sup>48</sup>”. Sejam, portanto, moderados, com critério e ponderação, como os Padres nos ensinaram. Passemos as doze horas do dia vigiando o intelecto. Se agirmos assim, poderemos, com a graça de Deus e nos impondo alguma violência, reduzir e extinguir o mal. Pois esta violência forçará à conduta virtuosa por meio da qual nos é dado o Reino dos céus<sup>49</sup>.

67<sup>50</sup>. O caminho que leva ao conhecimento é a impassibilidade e a humildade, sem as quais ninguém verá o Senhor.

68. Aquele que está permanentemente ocupado com seu mundo interior não apenas é casto, como contempla, é um teólogo e ora. É o que diz o Apóstolo: “Caminhem no Espírito, e vocês não cumprirão os desejos da carne<sup>51</sup>”.

69. Aquele que não sabe caminhar sobre a via espiritual não se preocupa com os pensamentos passionais: ele só se ocupa da carne. Ou ele se abandona à gulodice e ao deboche, ou fica triste, ou se encoleriza e guarda rancor. Com isso ele entenebrece o intelecto. Ou então ele se atira a uma ascese sem medida e perturba a reflexão.

70. Quem renunciou a coisas tais como possuir uma mulher, riquezas e tudo mais, fez monge seu homem exterior, mas não ainda o interior. Mas quem renunciou aos pensamentos passionais do homem interior – ou seja, do intelecto – é um verdadeiro monge. É fácil tornar-se monge exteriormente, quando se quer. Mas não é um pequeno combate tornar monge o homem interior.

71. Mas quem, nesta geração, está totalmente liberto dos pensamentos passionais e se tornou digno de ter em si continuamente a oração pura e

---

48 Nilo o Asceta, *Sobre os oito espíritos de malícia*.

49 Cf. *Mateus XI*, 12.

50 As sentenças de 67 a 75 retomam Máximo o Confessor, *Sobre o Amor*, IV, 58.64. 65.50-52 e 63; II, 40; I, 76; IV, 72.

51 *Gálatas*, V, 16.

imaterial? Ora, este é o sinal do monge interior.

72. Numerosas paixões se escondem em nossas almas. Nós só as denunciaremos realmente quando aparecem as suas causas.

73. Não se ocupe apenas com sua carne. Mas dedique-lhe uma ascese na medida do seu possível, e volte todo o seu intelecto para o interior. “Pois o exercício corporal tem pouca utilidade, enquanto a piedade é útil a tudo<sup>52</sup>”.

74. O orgulho chega quando as paixões deixam de se levantar, seja porque suas causas foram afastadas, seja porque os demônios insidiosamente fingiram se retirar.

75. A humildade e a vida dura libertam o homem de todos os pecados. Uma afasta as paixões da alma, a outra as do corpo. É por isso que o Senhor disse: “Bem-aventurados os corações puros, porque eles verão a Deus<sup>53</sup>”, ele e os tesouros que estão nele, quando eles forem purificados pelo amor e a temperança, e eles o verão na mesma medida em que tiverem cultivado e feito crescer em si a purificação.

76. O lugar de onde se podem observar tudo o que diz respeito à virtude é a guarda do intelecto. Assim outrora a sentinela de Davi significava antes de tudo a circuncisão do coração<sup>54</sup>.

77. Assim como morremos em nossos sentidos quando observamos algo que nos é nocivo, também morremos em nossa inteligência.

78. Quem fere o coração de uma planta seca-a por inteiro. Observe que o mesmo acontece com o coração do homem. É neste instante que é mais necessário vigiar, pois os ladrões não repousam jamais.

79<sup>55</sup>. Querendo mostrar que todo mandamento obriga, mas que a filiação adotiva foi dada aos homens pelo seu próprio sangue, o Senhor disse:

---

52 I *Timóteo IV*, 8.

53 *Mateus V*, 8.

54 Cf. II *Samuel XIII*, 34 e XVIII, 24.

55 As sentenças de 79 a 82 retomam Marcos o Asceta, *Daqueles que pensam ser justificados*, 2-8.

“Quando vocês tiverem feito o que foi prescrito, digam: Somos servidores inúteis, pois fizemos o que devíamos fazer<sup>56</sup>”. É por isso que o Reino dos céus não é o salário das obras, mas uma graça do Mestre preparada para os servidores fiéis. O escravo não reclama a liberdade como um salário, mas o recebe como uma graça, e testemunha seu reconhecimento porque é devedor.

80. Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras<sup>57</sup>, e concedeu o dom da liberdade àqueles que o servem bem. Com efeito, ele disse: “Servidor bom e fiel, você foi fiel nas pequenas coisas e eu o estabelecerei sobre muitas. Participe da alegria do seu Senhor.<sup>58</sup>” Aquele que se apóia sobre o simples conhecimento não é ainda um servidor fiel; o servidor fiel é aquele que, pela obediência, se entrega ao Cristo que ordena.

81. Aquele que honra o Mestre faz o que ele lhe ordena. Mas se cair ou desobedecer, deve aguentar as consequências de seus atos. Se você ama aprender, goste também do sofrimento. Pois o simples conhecimento infla o homem<sup>59</sup>.

82. As provações que nos chegam sem que as esperemos nos ensinam providencialmente a amar o sofrimento voluntariamente.

83. É próprio da estrela a luz com a qual ela se envolve. É próprio do homem que venera e teme a Deus a simplicidade e a humildade. Pois não há outro sinal que dê a conhecer os discípulos de Cristo do que um sentimento humilde e um exterior simples. É isto que não cessam de proclamar os quatro Evangelhos. Quem não vive assim, ou seja, humildemente, perde a parte d'Aquele que humilhou a si mesmo até a cruz e a morte<sup>60</sup>, ele que deu e pôs em prática a lei dos divinos Evangelhos.

84. Ele disse: “Vocês que têm sede, venham até a água<sup>61</sup>”. Vocês que têm sede de Deus, venham para a pureza da reflexão. Porém aquele que, por meio dela,

---

56 *Lucas XVII, 10.*

57 *Cf. I Coríntios XV, 3.*

58 *Mateus XXV, 21.*

59 *Cf. I Coríntios VIII, 1.*

60 *Cf. Filipenses II, 8.*

61 *Isaías LV, 1.*

voa alto, deve também olhar para a terra de sua própria simplicidade. Pois ninguém é mais elevado do que o humilde. Assim como tudo é escuro e tenebroso quando falta a luz, da mesma forma, quando falta a humildade tudo o que nos esforçamos para fazer no sentido de agradar a Deus é vão e fútil.

85. Escute o fim do discurso, seu todo: tema a Deus e guarde seus mandamentos<sup>62</sup> em seu intelecto e nos seus sentidos. Se você violenta seu intelecto para os observar, você terá poucas ocasiões para sofrer nos seus sentidos por sua causa. É o que disse Davi: “Eu quis realizar em meu seio a sua vontade e a sua lei<sup>63</sup>”.

86. Se o homem não cumpriu em seu seio, ou seja, dentro de seu coração, a vontade de Deus e a lei, ele tampouco conseguirá colocar estas coisas em prática no seu exterior. Aquele que não é sóbrio e vigilante, mas indiferente, dirá a Deus: “Eu não quero conhecer os seus caminhos<sup>64</sup>”, e o dirá com toda segurança, porque lhe falta a iluminação divina. Mas aquele que participa da iluminação, por pouco que seja e sem nenhuma incerteza, será sempre capaz de assumir as coisas de Deus.

87. O sal sensível dá sabor ao pão e a todos os alimentos, impede que certas carnes apodreçam e as conserva por muito tempo. Observe que o mesmo acontece com a guarda do intelecto, com a doçura inteligível e a obra maravilhosa. Pois ela cumula de sabor divino tanto o homem interior como o homem exterior, expulsa o odor fétido dos maus pensamentos e nos permite perseverar no bem.

88. Da mesma sugestão nascem numerosos pensamentos, e destes nasce a má ação sensível. Mas aquele que, com Jesus, extingue imediatamente a primeira, escapará aos seguintes e será enriquecido com o doce conhecimento divino por meio do qual encontrará Deus que está presente em toda parte. Mantendo diante de Deus o espelho do intelecto, ele estará continuamente iluminado, à imagem do cristal puro e do sol sensível. Então, tendo alcançado o cume último dos desejos, o intelecto ali repousará de todas as outras contemplanções.

---

62 *Eclesiastes XII, 13.*

63 *Salmo XL, 9.*

64 *Jó XXI, 14.*



89. Todo pensamento penetra no coração pela imagem das coisas sensíveis. Mas quando o intelecto é despojado de todos os pensamentos e das formas que estes lhe impõem, então brilha a bem-aventurada luz da Divindade, se neste momento, graças ao vazio de todos os pensamentos, este esplendor se revelar subitamente ao intelecto puro.

90. Quanto mais profundamente atento você estiver à reflexão do seu intelecto, mais você rezará a Jesus com todo o seu desejo. Ao contrário, quanto mais negligente você for em vigiar a reflexão, mais você se afastará de Jesus. E assim como a atenção ilumina ao extremo o espaço da reflexão, também o abandono da *nepsis* – a sobriedade e a vigilância – e da doce invocação de Jesus o entenebrece inteiramente. Estas coisas são da ordem da natureza, como já dissemos, e não podem ser de outro modo. Você compreenderá isto pela experiência e quando o tiver provado pela ação. Pois a virtude é singularmente esta obra deliciosa que gera a luz, e só pode ser aprendida pela experiência.

91. A invocação contínua de Jesus, quando acompanhada de um desejo cheio de doçura e alegria, permite ao espaço do coração se encher sozinho de alegria e serenidade pela graça da atenção extrema. Mas quem leva até o fim a purificação do coração é Jesus Cristo, Filho de Deus e Deus, que é a origem e o criador de todos os bens. Pois ele disse: “Eu sou o Deus que dá a paz<sup>65</sup>”.

92. A alma cheia de benesses e de doçura por Jesus, responde ao Benfeitor pela ação da graça na exultação e no amor. Ela agradece e chama com alegria Aquele que a pacifica. Ela o vê pelo intelecto dissipar em seu interior as imaginações dos espíritos maus.

93. Davi disse: “O olho do meu intelecto viu meus inimigos inteligíveis. E meu ouvido escutou aqueles que se levantaram contra mim para me fazer mal<sup>66</sup>”. E: “Eu vi em mim o salário que os pecadores receberam de Deus<sup>67</sup>”. Quando não existem mais imaginações no coração, o intelecto encontra-se em seu estado natural, pronto a se voltar para toda contemplação deliciosa, espiritual e amada por Deus.

---

65 *Isaías XLV, 7.*

66 *Salmo XCII, 12.*

67 *Salmo XCI, 8*

94. Assim, portanto, como eu lhe disse, a *nepsis* e a prece de Jesus se fundamentam naturalmente. A atenção extrema fundamenta a prece contínua e, reciprocamente, a prece fundamenta a inteligência na sobriedade, na vigilância e na atenção extrema.

95. Um bom pedagogo do corpo e da alma é a lembrança contante da morte. E, ultrapassando tudo o que, neste íterim, nos separa dela, vê-la sempre por antecipado, enxergar o próprio leito em que agonizaremos, e todo o resto.

96. Irmãos, não é possível que o sono tome aquele que quer sempre escapar aos ferimentos. Das duas uma: ou bem caímos e perecemos, despojados das virtudes; ou, com o intelecto sempre armado, nos mantemos atentos. Pois nosso inimigo está também sempre em pé com suas tropas armadas para o combate.

97. A lembrança e a invocação contínua de nosso Senhor Jesus Cristo suscitam em nossa inteligência um certo estado divino, se não negligenciarmos nem esta prece constante que dirigimos ao Senhor em nosso intelecto, nem a estrita sobriedade unida à vigilância, nem o trabalho da supervisão. Agarremo-nos à obra da invocação de Jesus Cristo nosso Senhor, esta obra sempre recomeçada, chamando com um coração de fogo, a fim de comungar com o santo nome de Jesus. Pois, pela virtude como pelo vício, a repetição é mãe do hábito, e este, como uma segunda natureza, dirige o resto. Chegando a um tal estado, o intelecto procura os adversários, como um cão de caça busca a lebre nos campos. Mas o cão procura para comer; e o intelecto para destruir.

98. Assim que acontecer de os maus pensamentos se multiplicarem em nós, lancemos em meio deles a invocação de nosso Senhor Jesus Cristo. Nós então os veremos dissipar-se imediatamente como a fumaça no ar, tal como nos ensinou a experiência. E com o intelecto enfim só. Retomemos a atenção contínua e a invocação. Tão logo a tentação nos faça sofrer tais coisas, é assim que devemos agir.

99. Assim como não é possível nos dirigirmos ao combate com o corpo nu, ou nadarmos no mar inteiramente vestidos, ou vivermos sem respirar, também sem nos humilharmos, sem suplicarmos continuamente a Cristo, é impossível

aprender o combate espiritual e o segredo do intelecto, é impossível nos tornarmos hábeis na arte de perseguir e afastar o diabo.

100. O grande Davi, que possuía uma profunda experiência na ação, disse ao Senhor: “Eu guardarei para ti a minha força<sup>68</sup>”. Assim, manter em nós a força da hesíquia do coração e do intelecto, da qual nascem todas as demais virtudes, só nos é possível porque o Senhor nos ajuda, ele que deu os mandamentos, que afasta de nós a sujeira do esquecimento quando o chamamos continuamente, este esquecimento que destrói sobretudo a hesíquia do coração, tanto quanto a água extingue o fogo. É por isso, monge, que você não deve adormecer na morte<sup>69</sup> pela negligência, mas fustigar os inimigos com o nome de Jesus. Como disse um sábio: “Que o nome de Jesus cole em sua respiração. Então você conhecerá o socorro da hesíquia<sup>70</sup>”.

101. Quando a nós, os indignos, é permitido aproximar com temor e tremor dos Mistérios divinos e puros de Cristo nosso Deus e nosso Rei, é sobretudo nesta hora que devemos dar provas de sobriedade, de vigilância, de rigor e guardarmos o intelecto, a fim de que o fogo divino, vale dizer, o Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, consuma nossos pecados e nossas sujidades, pequenas e grandes. Pois quando ele penetra em nós, ele imediatamente expulsa do coração os pérfidos espíritos do mal, e perdoa nossos pecados passados. Então o intelecto se livra da perturbação dos maus pensamentos. Se depois de tudo isso guardarmos rigorosamente nosso intelecto e nos mantivermos à porta de nosso coração quando novamente nos for dado nos aproximar dos Mistérios, o Corpo divino iluminará cada vez mais o intelecto, tornando-o semelhante às estrelas.

102. O esquecimento é capaz de extinguir a guarda do intelecto, como a água extingue o fogo. Mas a prece contínua de Jesus, unida à *nepsis* constante, acaba por expulsá-lo totalmente do coração. Pois a oração tem necessidade da sobriedade e da vigilância, como a mecha precisa da luz da lâmpada.

103. É preciso nos esforçarmos para manter aquilo que nos é precioso. Ora, o que nos é mais precioso, na verdade, é aquilo que nos guarda de todo mal

sensível ou inteligível. São: a guarda do intelecto, unida à invocação de Jesus Cristo; observar sempre o fundo do coração; manter a reflexão do intelecto sem cessar em estado de hesíquia a fim de permanecer separado, por assim dizer, até mesmo dos pensamentos que parecem bons; suportar manter-se vazio de pensamentos, para que neles não se escondam os ladrões. E se assim trabalharmos para permanecer em nosso coração, próxima estará a consolação.

104. Pois o coração que é guardado sem relaxamento e que não consente em receber as formas, as imagens e os fantasmas dos espíritos tenebrosos e maus, engendra naturalmente pensamentos luminosos. De fato, assim como o carvão faz nascer a chama, também – e bem mais – Deus, que permanece no coração desde o batismo, ao encontrar o espaço de nossa reflexão puro dos ventos da malícia e preservado pela guarda do intelecto, ilumina nossa faculdade de refletir para abri-lo à contemplação, como a chama ilumina a vela.

105. É necessário que façamos girar sempre no espaço de nosso coração o nome de Jesus Cristo, como o relâmpago sulca o firmamento quando a chuva está prestes a cair. Isto sabem-no muito bem aqueles que tiveram a experiência do intelecto e do combate interior. Portanto, devemos conduzir o combate interior na seguinte ordem: primeiro a atenção; depois, tendo reconhecido o inimigo quando nos atira um pensamento, atacá-lo com cólera em nosso coração, com palavras de maldição; enfim, em terceiro lugar, orar imediatamente para nos opormos a ele, reunindo o coração pela invocação de Jesus Cristo, a fim de que seja dissipada a imagem demoníaca, para que o intelecto não siga o fantasma, como uma criança enganada pelo ilusionista.

106. Esforcemo-nos, como Davi, em gritar “Senhor Jesus Cristo”. Que nossa garganta fique rouca. E que os olhos de nosso intelecto não deixem de esperar no Senhor nosso Deus<sup>71</sup>.

107. Se nos lembrarmos constantemente da parábola do juiz iníquo, pela qual o Senhor nos diz que devemos orar continuamente e sem descanso<sup>72</sup>, encontraremos nosso ganho e nossa justiça.

---

68 *Salmo* LIX, 10.

69 *Salmo* XIII, 4.

70 João Clímaco, *A escada santa*, XXVII, 62.

---

71 Cf. *Salmo* LXIX, 4.

72 Cf. *Lucas* XVIII, 1.

108. É impossível que aquele que olha para o sol não tenha seus olhos inundados de luz. Também aquele que se inclina sempre sobre o espaço de seu coração não pode deixar de ser iluminado.

109. Assim como é impossível viver a vida presente sem comer e sem beber, também sem a guarda do intelecto e a pureza do coração – que é o que chamamos de *nepsis*, a vigilância e a sobriedade – é impossível que a alma alcance seja lá o que for de espiritual e que agrade a Deus, que ela se libere do pecado que ela comete bem pensamento, ainda que nos violentemos para não pecar por medo dos castigos.

110. Porém, aqueles que, violentando-se, se abstêm do pecado em ato, são também bem-aventurados diante de Deus, dos anjos e dos homens, pois eles são os violentos que se apoderam do Reino dos Céus<sup>73</sup>.

111. Tal é o admirável socorro que o intelecto recebe da hesíquia: todos os pecados ferem primeiro o intelecto sob a forma simples de pensamentos, que só se tornam pecados sensíveis e consistentes se forem acolhidos pela reflexão. As virtudes da reflexão, da sobriedade e da vigilância afastam todos os pecados e, pela influência e assistência de nosso Senhor Jesus Cristo, não lhes permitem penetrar em nosso interior e se transformar em maus pensamentos.

112. O Antigo Testamento é a imagem da ascese corporal, exterior e sensível. Mas o santo Evangelho – ou o Novo Testamento – é a imagem da atenção, ou seja, da pureza do coração. O Antigo Testamento não tornou perfeito o homem interior, nem lhe deu a plena medida do culto a Deus. É o que disse o Apóstolo: “A lei não tornou ninguém perfeito<sup>74</sup>”. Ela apenas proibia os pecados consistentes. Mas afastar do coração os pensamentos e os desejos maus – que é o mandamento do Evangelho – vale mais para a pureza da alma do que proibir de arrancar o olho ou o dente do próximo. O mesmo acontece com a justiça e a ascese corporais, ou seja, o jejum, a temperança, dormir em leito duro, permanecer em pé, a vigília e todas as demais coisas que afetam naturalmente o corpo e acalmam sua parte passional livrando-o do pecado ativo. Estas coisas também eram consideradas boas no Antigo Testamento.

---

73 Cf. *Mateus* XI, 12.

74 *Hebreus* VII, 8.

Pois elas educam nosso homem exterior e nos guardam das paixões ativas. Mas esta pedagogia não nos protege, nem nos interdita pecar em pensamento, de maneira a nos libertar do ciúme, da cólera e de todo o resto, com a ajuda de Deus.

113. Mas se a observarmos como se deve, a pureza do coração, ou seja, a vigilância e a guarda do intelecto, cujo signo é o Novo Testamento, afasta do coração todas as paixões e todo mal até a raiz; e coloca em seu lugar a alegria, a confiança, a compunção, o luto, as lágrimas, o conhecimento de nós mesmos e de nossos pecados, a lembrança da morte, a verdadeira humildade, um amor sem limites por Deus e pelos homens e o *eros* divino do coração.

114. Assim como não é possível caminhar sobre a terra sem cortar o ar, também é impossível que o coração do homem não seja continuamente atacado pelos demônios ou secretamente operado por eles, mesmo se ele se dedicar a uma grande ascese corporal.

115. Se você quiser, no Senhor, ser além de um bom monge na aparência, comedido, sempre unido a Deus, se você o quiser verdadeiramente, busque com todas as suas forças a virtude da atenção, que é a guarda e a supervisão do intelecto, a perfeição do coração obtida pela doce hesíquia, o estado bem-aventurado da alma fora de toda imaginação, coisa que só encontramos em poucos.

116. Isto é o que chamamos de filosofia do Intelecto. Siga seu caminho com muita sobriedade e vigilância, com um zelo ardente e com a prece de Jesus, com humildade e concentração, no silêncio dos lábios sensíveis e inteligíveis, comendo e bebendo moderadamente, e guardando-se de qualquer coisa que possa levar ao pecado. Siga seu caminho, o caminho da reflexão, com ciência e prudência. E a própria reflexão lhe ensinará com a ajuda de Deus aquilo que você não sabe. Ela o ensinará, esclarecerá, explicará e lhe dará a conhecer o que até então sua inteligência não era capaz de conhecer, quando você caminhava na obscuridade das paixões e das obras tenebrosas, quando você estava coberto por um abismo de esquecimento e confusão.

117. Assim como o trigo dá em abundância nos vales, também a virtude da atenção produz em abundância todos os bens no coração. Ou melhor, quem lhe dará estas coisas será nosso Senhor Jesus Cristo, sem quem nós nada

podemos fazer<sup>75</sup>. Você encontrará esta virtude primeiramente como uma escada, depois como um livro lido. Progredindo mais, você a descobrirá como a Jerusalém celeste e verá claramente em seu intelecto a Cristo, o Rei dos poderes de Israel, com seu Pai consubstancial e o adorável Espírito Santo.

118. Os demônios nos incitam sempre a pecar pela imaginação enganadora. De fato, foi pela imaginação da avareza e do ganho que eles prepararam o infeliz Judas a entregar o Senhor e Deus do universo. Por um falso conforto material ínfimo, por uma falsa honraria, um falso ganho, uma falsa glória, eles colocaram a corda em seu pescoço<sup>76</sup> e o entregaram à morte eterna. Foi assim que eles o recompensaram, exatamente ao contrário do que haviam prometido, ou seja, da sugestão que lhe haviam feito.

119. Veja como pela imaginação, a mentira e as promessas vãs os inimigos de nossa salvação nos fazem cair. O próprio Satanás foi precipitado das alturas como um raio<sup>77</sup> por ter-se imaginado igual a Deus. Foi igualmente assim que ele separou Adão de Deus, fazendo-o imaginar que ele possuía a dignidade divina<sup>78</sup>. E é assim que o inimigo ardiloso e mentiroso continua a enganar os pecadores<sup>79</sup>.

120. Nós enchemos de amargura o coração com o veneno e a malícia dos pensamentos quando, na negligência a que somos levados pelo esquecimento, nos afastamos por demasiado tempo da atenção e da prece de Jesus. Mas somos cumulados da doçura de sentir e experimentar como um encantamento a benfazeja exultação quando, no lugar em que opera a reflexão, alcançamos harmoniosamente, pelo *eros* divino, a atenção e a prece, com força e fervor. Pois então nós nos apressamos em caminhar na hesíquia do coração, por nada além do que o doce prazer e as delícias com que é preenchida toda a alma.

121. A ciência das ciências e a arte das artes consistem em combater os maus pensamentos. A melhor maneira e a arte de combatê-los consiste em ver no Senhor a imagem que eles nos sugerem e de guardar a reflexão e o intelecto,

---

75 Cf. João XV, 5.

76 Cf. Mateus XXVII, 5.

77 Cf. Lucas X, 18.

78 Cf. Gênesis III, 5.

79 Cf. II Coríntios XI, 3.

assim como guardamos os olhos da carne, servindo-nos deles para distinguir o que pode feri-los, afastando deles toda palha, na medida em que o possamos.

122. Assim como a neve jamais poderá gerar a chama, nem a água poderá gerar o fogo, nem o espinheiro poderá dar figos, também o coração do homem não será liberto dos pensamentos, das palavras e das obras demoníacas se não for purificado por dentro, se não tiver unido a sobriedade e a vigilância à prece de Jesus, se não tiver obtido a humildade e a hesíquia da alma, se não tiver buscado e caminhado com muito fervor. Ao contrário, é inevitável que a alma desatenta seja privada dos pensamentos bons e perfeitos, como uma mula estéril que não tem o senso da prudência espiritual<sup>80</sup>. A verdadeira paz espiritual consiste na obra doce, no nome de Jesus e na *kénose* – a vacuidade, o despojamento de si – dos pensamentos passionais.

123. Quando a alma se entende com o corpo para fazer o mal, juntos eles constroem uma cidadela de vanglória e uma torre para o orgulho<sup>81</sup>, aonde vão habitar os pensamentos ímpios. Mas pelo temor à Geena, o Senhor queima e destrói seu acordo, obrigando a alma soberana a falar e pensar de modo diferente do corpo e contrário a ele. Deste temor provém a dissensão, pois o cuidado da carne é inimigo de Deus e não se submete à sua lei<sup>82</sup>.

124. É preciso que a cada instante avaliemos nossas obras de todo dia e que as vigiemos, forçando-nos, ao final da tarde, em torná-las o mais leves possível pelo arrependimento, se quisermos, com Cristo, dominar o mal. E devemos examinar se cumprimos com todas as nossas ações sensíveis e aparentes segundo Deus, diante de Deus e por Deus apenas, a fim de que não sejamos roubados pelos sentidos e desprovidos da razão.

125. Se, com a ajuda de Deus e por nossa sobriedade e nossa vigilância, tiramos proveito de cada hora do dia, devemos evitar o ir e vir sem discernimento, bem como nos expor a encontros perigosos que só podem nos prejudicar. É precisa antes desprezar as coisas vãs, para ganharmos a virtude com sua doce e desejável beleza.

---

80 Cf. Salmo XXXII, 9.

81 Cf. Gênesis XI, 1-9.

82 Cf. Romanos VIII, 7.

126. Devemos colocar para trabalhar as três partes da alma de uma maneira justa, segundo a natureza, tais como foram elas criadas por Deus. Primeiro o ardor, contra nosso homem exterior e Satanás, a serpente. Está escrito: “Levantem-se contra o pecado”, ou seja: levantem-se contra si próprios e contra o diabo, a fim de não pecar contra Deus. Depois é preciso voltar o desejo para Deus e a virtude. Enfim, com sabedoria e ciência, estabelecer a razão entre as outras duas partes – o ardor e o desejo – para regrá-las, adverti-las, repreende-las, comandá-las, como um rei comanda seus servidores. Então a razão que está em nós as governará conforme a Deus, mesmo se as paixões se revoltarem contra ela. Vigiemos para que a razão as dirija. Com efeito, o irmão do Senhor disse: “Se um homem não falhar em sua razão, será um homem perfeito, capaz de refrear todo seu corpo<sup>83</sup>”. Esta é a evidência: por estas três são colocadas em marcha toda virtude e toda justiça.

127. O intelecto se cobre de trevas e permanece sem fruto quando fala das coisas deste mundo, ou quando ele reflete e se liga a elas, ou quando o corpo se une à inteligência para se ocupar vaidosamente das coisas sensíveis, ou quando o monge se dedica a futilidades. Pois, rapidamente e por si sós, estas coisas destroem o fervor, a compunção, a liberdade e o conhecimento que temos em Deus. Na medida em que estamos atentos ao intelecto, somos iluminados; mas na medida em que somos desatentos, permanecemos nas trevas.

128. Aquele que a cada dia persegue e busca a paz e a hesíquia do intelecto, deverá desprezar facilmente todas as coisas sensíveis, a fim de não trabalhar em vão. Mas se ele enganar sua própria consciência, ele adormecerá amargamente na morte do esquecimento, aquele de o divino Davi suplicou ser preservado<sup>84</sup>. O Apóstolo disse: “Aquele que sabe o que deve fazer e não o faz, comete um pecado<sup>85</sup>”.

129. O intelecto regressa da negligência por sua própria ordem, e retorna à sobriedade e à vigilância se retoma sua supervisão e se restabelecemos em nós seu exercício com zelo ardente.

130. O asno que gira o moinho não irá além do círculo ao qual está amarrado. Da mesma forma, o intelecto que não recolocou em ordem aquilo que está nele, não alcançará a virtude que leva à perfeição. Pois os olhos de seu coração estarão sempre cegos. Ele será incapaz de ver a virtude e a Jesus resplendente de luz.

131. Um cavalo vigoroso e fiel salta de alegria quando recebe seu cavaleiro. Do mesmo modo o intelecto alegre receberá suas delícias na luz do Senhor, na qual, pela manhã, ele penetra, livre de pensamentos. Depois, renunciando a si mesmo, ele irá da potência de sua filosofia prática à indizível potência que contempla os mistérios inefáveis e as virtudes. E quando ele tiver recebido no coração a profundidade dos altos pensamentos divinos, na medida em que seu coração o suportar revelar-se-á diante de seus olhos o Deus dos deuses. O intelecto maravilhado agradecerá amorosamente a Deus que ele vê e que o vê, e que, por uma ou outra destas visões, salva aquele que volta para ele seu olhar.

132. Bem trabalhada, a hesíquia do coração contemplará com todo conhecimento um abismo de alturas, e, de Deus, o ouvido da hesíquia do intelecto escutará maravilhas.

133. O viajante que se prepara para partir em uma longa viagem, difícil e penosa, temendo perder-se na volta, plantará ao longo do caminho sinais para guiá-lo. Estes sinais facilitarão seu regresso. Temendo a mesma coisa, o homem que faz seu caminho na *nepsis* colocará palavras em seu caminho como se fossem marcos.

134. Para o viajante, regressar ao ponto de partida é motivo de alegria. Mas para o homem sóbrio e vigilante, voltar atrás é a morte da alma dotada de razão, e o sinal de que ele renunciou às ações, às palavras e aos pensamentos que agradam a Deus. Quando sua alma adormecer na morte, ele carregará os pensamentos como agulhões para despertar à lembrança da grande paralisia e da indolência a que o levou sua negligência.

135. Se cairmos na aflição, no desencorajamento e no desespero, é preciso que façamos conosco o que fez Davi: transbordar nosso coração diante de

---

83 *Tiago III, 2.*

84 *Cf. Salmo XIII, 4.*

85 *Tiago IV, 17.*

Deus, repetir ao Senhor, tais como são, nossa necessidade e nossa aflição<sup>86</sup>. Pois confessamos a Deus como a alguém que pode sabiamente dirigir as coisas de nossa vida, consolar nossa aflição se isto nos for útil, e nos libertar da tristeza corporal e corruptora.

136. A cólera dirigida contra a natureza para os homens, a tristeza que não é conforme a Deus e a acídia destroem igualmente os pensamentos bons e carregados de conhecimento. Mas quando o Senhor as dispersa pela confissão, ele traz a alegria.

137. A prece de Jesus unida à sobriedade e à vigilância apaga naturalmente das profundezas da reflexão do coração os pensamentos que, malgrado nossa vontade, aí foram plantados e aí residem.

138. Quando formos afligidos por pensamentos irracionais, encontraremos o consolo e a alegria se nos envergonharmos em verdade e com desembaraço, ou se nos confessarmos ao Senhor como a um homem. Por estas duas vias encontraremos sempre e em tudo o repouso.

139. Moisés o Legislador é considerado pelos Padres como uma imagem do intelecto. Ele viu a Deus na sarsa<sup>87</sup>. Seu rosto trazia a glória<sup>88</sup>. E o Deus dos deuses fez dele um deus para o Faraó<sup>89</sup>. Ele fustigou o Egito<sup>90</sup>. Ele fez partir Israel<sup>91</sup> e lhe deu a lei<sup>92</sup>. Tomados num sentido espiritual, estes eventos são as operações e as prerrogativas do intelecto.

140. A imagem do homem exterior é Aarão, o irmão do Legislador. Acusando com cólera o homem exterior, como Moisés acusou Aarão quando este falhou, dizemos: “Que mal lhe fez Israel para que você procure assim se afastar do Senhor, Deus vivo e todo-poderoso?<sup>93</sup>”.

---

86 Cf. *Salmo* CXLII, 3.

87 Cf. *Êxodo* III, 2.

88 Cf. *Êxodo* XXXIV, 30.

89 Cf. *Êxodo* VI, 1.

90 *Êxodo* VII e ss.

91 Cf. *Êxodo* XII.

92 Cf. *Êxodo* XX.

93 *Êxodo* XXXII, 21.

141. Quando ressuscitou Lázaro de entre os mortos, o Senhor nos mostrou entre todos os outros bens o seguinte: segurar com um tremor<sup>94</sup> o transbordamento feminino da alma e buscar endurecer o caráter conhecedor, quer dizer, acusar a si mesmo para libertar a alma do egoísmo, da vanglória e do orgulho.

142. Assim como não é possível atravessar a imensidão do mar sem um grande navio, também é impossível afastar a sugestão do mau pensamento sem a invocação de Jesus Cristo.

143. Normalmente, a refutação reduz os pensamentos ao silêncio, mas a invocação os expulsa do coração. Com efeito, a sugestão toma forma na alma sob a aparência de uma coisa sensível, como o rosto de alguém que nos contristou, ou a imagem de uma beleza feminina, ou do ouro e da prata. A partir do momento em que estas imagens penetram no campo da reflexão, os pensamentos de rancor, de prostituição ou de avareza que se formam em nosso coração devem ser repelidos um por um. Se nosso intelecto for experiente, se foi instruído, se estiver em estado de guardar a si próprio e de ver com toda pureza, como num céu sereno, as imagens sedutoras e as ilusões dos maus espíritos, ele extinguirá no mesmo instante e com facilidade, pelo desejo, pela refutação, pela prece de Jesus Cristo, as flechas incendiárias do diabo<sup>95</sup>. Ele recusará deixar-se levar pela imaginação passional. E ele não aceitará que nossos pensamentos, abandonando-se à paixão, se conformem à imagem que lhes apareceu, ou que eles se entretenham amigavelmente com ela, ou que nela se demorem ou a consintam. Pois aos pensamentos que assim se abandonam sucedem-se logo as más obras, como os dias sucedem às noites.

144. Se nosso intelecto não possui a experiência de uma sobriedade e de uma vigilância assíduas, ele rapidamente se misturará ao fantasma apaixonado que lhe aparece, qualquer que seja. Ele lhe fala; recebe dele questões descabidas e dá respostas. Então nossos pensamentos se unem à imagem demoníaca. Esta vai crescendo, e se dilata até parecer desejável, bela e agradável ao intelecto, que se deixa tomar e pilhar. O intelecto sofre então aquilo que acontece aos

---

94 Cf. *João* XI, 33.

95 Cf. *Efésios* VI, 16.

cordeiros sem malícia quando, na planície em que se encontram, surge um cachorro. Muitas vezes eles correm para aquele que acaba de surgir como se fosse para sua própria mãe. Mas eles não ganham nada em se aproximar do cão. Eles não recebem senão sua indelicadeza e se mau cheiro. Da mesma maneira, nossos pensamentos ignorantes acorrem para todos os fantasmas demoníacos que aparecem no intelecto. A partir do momento em que se misturam a eles, como já disse, podemos vê-los, uns e outros, combinarem entre si para destruir a cidade de Tróia, como Agamenon e Menelau. Pois eles decidem o que virá, para que o corpo coloque em movimento aquilo que, em sua mentira, a sugestão demoníaca fez parecer tão bom e agradável. É assim que se forma desde dentro as quedas da alma. É necessário a partir daí, que aquilo que está dentro do coração seja levado também ao exterior.

145. O intelecto é uma coisa fácil de seduzir e desprovido de malícia. Ele não tem nenhuma dificuldade em correr atrás das imagens, e ele se protege mal dos fantasmas do pecado, se não tiver a seu lado constantemente, para contê-los e refreá-los, o pensamento que domina as paixões.

146. A contemplação e o conhecimento são por natureza os guias e os provedores da vida rigorosa. Pois, elevada por eles, a reflexão chega, considerando seu baixo prêmio, a desprezar os prazeres, as demais coisas sensíveis e as doçuras da existência.

147. Um modo de vida atento levado em Cristo Jesus é por sua vez o pai da contemplação e do conhecimento. Unido à humildade como se fosse sua esposa, ele engendra as ascensões divinas e os pensamentos sábios, como diz Isaías o profeta divino: “Aqueles que esperam o Senhor renovarão suas forças. Pelo Senhor eles voarão, eles abrirão suas asas<sup>96</sup>”.

148. Parece duro e difícil aos homens manter a hesíquia na alma, fora de todo pensamento. Com efeito, trata-se de uma coisa laboriosa e penosa. Pois encerrar e manter o incorpóreo dentro dos limites da morada de um corpo não apenas é complicado para aqueles que não foram iniciados na guerra, mas até para os que adquiriram a experiência do combate interior imaterial. Mas aquele que, pela oração contínua, aperta o Senhor Jesus em seu coração, não

---

96 *Isaías* XL, 31.

sofrerá por segui-lo, como diz o Profeta<sup>97</sup>. Ele não desejará mais as luzes do homem, por causa da beleza, do encantamento e da doçura de Jesus. E ele não será confundido pelos seus inimigos, os demônios ímpios que circulam ao seu redor. Ele lhes falará da porta de seu coração, e por Jesus os fará fugir.

149. A alma que, pela morte, voou pelos ares, e que tem a Cristo com ela e por ela às portas do céu, também aí não Será confundida pelos seus inimigos, mas agora como então ela lhes falará da porta com segurança. Apenas é preciso que ela nunca cesse, até seu êxodo, de chamar noite e dia pelo Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus. Segundo sua divina promessa, que nunca engana, ele próprio fará pronta justiça, como ele disse a respeito do juiz iníquo<sup>98</sup>. Ora, eu lhes afirmo, ele o fará, tanto na vida presente quanto depois que a alma deixar seu corpo.

150. Você que navega no mar inteligível, coloque sua confiança em Jesus. Pois ele diz secretamente em seu coração: “Não tema, Jacó meu filho, Israel meu pequenino. Não tema, Israel, vermezinho. Eu o protegerei<sup>99</sup>”, e: “Se Deus é por nós, que malfeitor será contra nós?<sup>100</sup>”. É ele, com efeito, o doce Jesus, o único puro, quem beatificou os corações puros<sup>101</sup> e deu sua lei: é neles, nos corações puros, que ele quer divinamente penetrar e residir. Assim, não cessemos, conforme o divino Paulo, de exercitar o intelecto na piedade<sup>102</sup>. Pois é verdadeiramente com todo direito que é chamada de piedade a virtude que arranca até as raízes aquilo que o maligno semeou. Esta piedade é o próprio caminho da palavra, ou seja, a via da razão, ou a via do pensamento. Em dialeto ático, a via é chamada de caminho e rota; isto é o pensamento.

151. Segundo Davi<sup>103</sup>, aquele que não faz acepção de pessoas ao julgar a injustiça em seu coração desfrutará de uma grande paz, ou seja, não acolhe as formas dos maus espíritos quem considera o pecado através destas formas, quem julga com rigor e faz justiça no terreno de seu próprio coração, dando

---

97 Cf. *Jeremias* XVII, 16.

98 Cf. *Lucas* XVIII, 1-8.

99 *Isaías* XLI, 13.

100 *Romanos* VIII, 31.

101 Cf. *Mateus* V, 9.

102 Cf. I *Timóteo* IV, 7.

103 Cf. *Salmo* XXXVII, 11.

ao pecado o que ele merece. Com efeito, os grandes, os Padres gnósticos, em alguns de seus escritos, e por causa da razão, chamaram os próprios demônios de homens, o que é igualmente ilustrado pela passagem do Evangelho na qual o Senhor diz que um homem mal fez aquilo e que ele misturou a erva daninha ao bom grão<sup>104</sup>. Não existe refutação rápida entre aqueles que fazem o mal. É também por isso que somos devorados pelos pensamentos.

152. A partir do momento em que começamos a trazer para nossa vida a atenção do intelecto, se unirmos a humildade à *nepsis* e se unirmos a prece à refutação, caminharemos como se deve sobre o caminho do arrependimento. Com efeito, graças à chama da luz, o nome adorável e santo de Jesus Cristo, por amor à beleza nós curamos, varremos, ornamos, purificamos de toda malícia a morada de nosso coração. Mas se confiarmos apenas em nossa sobriedade e nossa vigilância – em nossa *nepsis* – logo seremos derrubados pelos inimigos, seremos revirados e tombaremos. Os pérfidos e os mentirosos nos abaterão por terra. Seremos logo enlaçados por suas redes: os maus pensamentos. Ou então eles nos imolarão facilmente. Pois estaremos sem a lança poderosa: o nome de Jesus Cristo. Somente esta espada venerável girando constantemente em um coração simples é capaz de envolvê-los, cortar, queimar, reduzi-los a nada, como o fogo que consome a palha.

153. O objetivo último da *nepsis* incessante – o benefício da alma, seu imenso ganho – consiste em ver, tão logo se formam, os fantasmas dos pensamentos no intelecto. O objetivo da refutação é o de denunciar e revelar o pensamento que tenta penetrar no espaço de nosso intelecto sob a imagem de alguma coisa sensível. Mas aquilo que extingue e dissolve instantaneamente toda palavra, todo pensamento, todo fantasma, toda imagem, todo o mal erigido em nós pelos adversários, é a invocação do Senhor. Com efeito, nós mesmos vemos no intelecto a derrota infligida a eles por Jesus, nosso grande Deus, e o castigo que nos faz justiça, a nós os humildes, os simples, os inúteis.

154. A maior parte de nós ignora que os pensamentos não são mais do que simples imagens das coisas sensíveis e mundanas. Mas se perseverarmos na sobriedade e na vigilância na oração, esta despojará a reflexão de todas as imagens materiais dos maus pensamentos. A reflexão também nos mostrará os cálculos dos adversários, e o grande proveito da oração, da sobriedade e da

vigilância. “Você contemplará com seus próprios olhos a retribuição dos pecadores inteligíveis<sup>105</sup>”, diz Davi o divino Salmista. Também você o verá em seu intelecto e então compreenderá.

155. Lembremo-nos sem cessar da morte, tanto quanto pudermos. Com esta lembrança nasce em nós o abandono das preocupações e de todas as vaidades, a guarda do intelecto e a prece contínua, o desligamento das paixões do corpo e o desgosto pelo pecado. A bem dizer, quase todas as virtudes escorrem da lembrança da morte como de uma fonte. É por isso que, se o pudermos, devemos servir-nos dela como de nossa própria respiração.

156. O coração inteiramente vazio de imagens engendrará em si pensamentos fluidos, divinos e misteriosos, como fluem os peixes e nadam os delfins quando o mar está calmo. O mar tremula sob a brisa leve, e o abismo do coração sob o Espírito Santo. Foi dito: “Porque vocês são filhos, Deus enviou aos seus corações o Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai<sup>106</sup>”.

157. O monge viverá na incerteza e não saberá o que pensar da obra espiritual antes de adquirir a sobriedade e a vigilância do intelecto, seja porque ignora sua beleza, seja porque, conhecendo-a, é incapaz de assumi-la, em sua negligência. Mas sem dúvida ele será libertado da incerteza a partir do momento em que alcançar a guarda do intelecto, que é e é chamado de filosofia da reflexão ou filosofia prática do intelecto. Pois ele terá encontrado o caminho que diz: “Eu sou a via, a ressurreição e a vida<sup>107</sup>”.

158. Mas ele cairá novamente na incerteza ao ver o abismo dos pensamentos e a multidão dos pequenos filhos da Babilônia. Mas Cristo dissipará esta incerteza, se nele colocarmos continuamente o próprio fundamento da reflexão. Nós nos separaremos dos filhotes da Babilônia empurrando-os contra este rochedo<sup>108</sup>, e cumpriremos assim com nossa promessa, conforme as palavras da Escritura, pois está dito: “Aquele que observa os mandamentos não conhecerá o mal<sup>109</sup>”, e “Sem mim vocês nada podem fazer<sup>110</sup>”.

---

104 Cf. *Mateus* XIII, 28.

---

105 *Salmo* XCI, 8.

106 *Gálatas* IV, 6.

107 *João* XI, 25; XIV, 6.

108 Cf. *Salmo* CXXXVII, 9. Ver nota da sentença 27.

109 *Eclesiastes* VIII, 5.



159. Este será um verdadeiro monge, que cumprirá com sucesso a sobriedade e a vigilância. E o que é verdadeiramente sóbrio e vigilante – *neptikos* – é monge em seu coração.

160. A vida em meio aos homens se desenrola segundo um ciclo de anos, meses, semanas, dias e noites, horas e instantes. É preciso que façamos desenvolverem-se dentro deste ciclo as obras virtuosas, ou seja, a sobriedade e a vigilância, a oração, a doçura do coração, numa hesíquia harmoniosa, até o nosso êxodo.

161. Ele chegará para nós, no momento da morte, ele virá e não é possível escapar-lhe. Possa então o príncipe do mundo e do espaço<sup>111</sup>, que então virá também, encontrar em nós poucas e pouco graves iniquidades pelas quais nos acusar, ou teremos chorado em vão. Com efeito, é dito do servidor que, conhecendo a vontade do seu senhor e não a tendo cumprido em sua qualidade de servidor, que ele será duramente castigado<sup>112</sup>.

162. Foi dito: “Infelizes daqueles que pereceram em seu coração. Que farão eles quando o Senhor os visitar?”<sup>113</sup> É por isso, irmãos, que devemos ser fervorosos.

163. Os pensamentos apaixonados seguem de perto os pensamentos simples e aparentemente desembaraçados de paixões, como nos ensinou uma longa experiência e a observação. Os últimos, que são desembaraçados de paixões, abrem o caminho aos primeiros, que são apaixonados.

164. É preciso que o homem seja realmente dividido em dois em sua resolução, que ele seja desmembrado no mais sábio projeto de seu intelecto, como eu já disse, e que ele chegue a ser verdadeiramente um inimigo irreconciliável de si mesmo. A atitude que ele teria para com um homem que o houvesse gravemente e repetidamente afligido e lesado, é a mesma que ele deve ter, daqui para frente, se quiser cumprir o grande e primeiro

mandamento, ou seja, a conduta de Cristo, a bem-aventurada humildade, a vida de Deus na carne. É por isso que o Apóstolo diz: “Quem me libertará deste corpo de morte?”<sup>114</sup> Pois ele não está submetido à lei de Deus<sup>115</sup>. Mas, mostrando que cabe a nós submeter este corpo à vontade de Deus, ele diz: “Se examinarmos a nós mesmos, não seremos julgados”<sup>116</sup>. Mas o Senhor nos corrige por seus julgamentos.

165. O começo da frutificação é a flor. O começo da guarda do intelecto é a temperança nos alimentos e bebidas, a recusa e a separação de todo pensamento, e a hesíquia do coração.

166. Quando nos fortalecemos em Jesus Cristo, e começamos a correr com uma sobriedade e vigilância seguras, primeiramente nos aparece no intelecto como que uma lâmpada, que, se a pegarmos, por assim dizer com a mão da inteligência, nos conduzirá sobre o caminho da reflexão. Depois surgirá como que uma lua luminosa que gira no firmamento do coração. Enfim, Jesus nos aparecerá como um sol que irradia justiça, ou seja, ele se mostrará e a suas próprias luzes flamejantes, as luzes daquilo que contemplaremos.

167. Isto é, com efeito, aquilo que ele revela misticamente ao intelecto, quando este persevera em seu mandamento que ordena: “Circuncidem a dureza dos seus corações”<sup>117</sup>. Com já foi dito, a sobriedade e a vigilância atenta mostram ao homem pensamentos que ultrapassam toda medida. Pois o divino não faz acepção de pessoas<sup>118</sup>. É por isso que o Senhor diz: “Escutem-me e compreendam. Àquele a quem foi dado, será dado em maior abundância; mas àquele que nada tem, será tirado até aquilo que acreditava ter”<sup>119</sup>. E: “Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus”<sup>120</sup>. Quanto mais ainda serão eles assistidos pelas virtudes.

168. Um navio não irá longe se faltar água. Da mesma forma a guarda do

---

110 João XV, 5.

111 Cf. João XIV, 30; Efésios II, 2.

112 Cf. Lucas XII, 47.

113 Cf. Eclesiástico II, 14.

---

114 Romanos VII, 24.

115 Cf. Romanos VIII, 7.

116 I Coríntios XI, 31.

117 Deuteronomio X, 16.

118 Cf. Romanos II, 11.

119 Lucas VIII, 18.

120 Romanos VIII, 28.

intelecto não progredirá se lhe faltarem inteiramente a sobriedade e a vigilância unidas à humildade e à prece de Jesus Cristo.

169. As fundações de uma casa são pedras. Mas a fundação e a cumeeira desta virtude é o nome adorável e santo de nosso Senhor Jesus Cristo. O piloto insensato que adormece no momento da tempestade naufragará facilmente, depois que a tripulação se lançar ao mar com os remos e as velas. Mas será ainda mais facilmente engolida pelos demônios, quando sobrevierem as sugestões, a alma que negligencia a sobriedade e a vigilância, e a invocação do nome de Jesus Cristo.

170. Aquilo que sabemos é o que escrevemos. E o que vimos no caminho é o que testemunhamos, se por acaso vocês quiserem receber o que dizemos. Pois ele mesmo disse: “Se alguém não permanece em mim, será lançado fora como a palha que é amassada e atirada ao fogo para queimar. Mas aquele que permanece em mim, eu estarei com ele<sup>121</sup>”. Assim como não é possível que o sol brilhe sem irradiar sua luz, também o coração não pode ser purificado da sujeira dos pensamentos de perdição sem a prece do nome de Jesus. Se isto é verdade – e é o que eu vi – confiemo-nos a este nome como à nossa própria respiração. Pois o nome é luz, e os pensamentos são trevas. O nome de Deus é Mestre, mas os pensamentos são escravos dos demônios.

171. Que a guarda do intelecto seja chamada pelos nomes que lhe são próprios e lhe dão todo o sentido: fonte de luz, fonte de relâmpagos, efusão luminosa, portadora do fogo. Pois, a bem dizer, ela ultrapassa incontavelmente o corporal e todas as virtudes. Por estas luzes fulgurantes que nascem dela, devemos chamar por nomes preciosos esta virtude. Por pecadores e inúteis, imundos e ignorantes, insensatos e injustos que fossem, aqueles que a amam podem se tornar, por Jesus Cristo, justos, bons, puros, santos e sábios. E não apenas isto, mas ainda contemplar os mistérios e se tornarem teólogos. Tornados contemplativos, eles passam a nadar nesta luz puríssima e infinita, eles a tocam com inefáveis intuições, permanecem e vivem nela, pois enfim experimentaram como o Senhor é bom<sup>122</sup>. É assim que nestes príncipes dos anjos se cumpre claramente a palavra do divino Davi: “Os justos confessarão

seu nome e os homens direitos permanecerão diante de sua face<sup>123</sup>”. Pois somente tais homens invocam e confessam a Deus sinceramente. Eles o amam e desejam viver sempre com ele.

172. Infelicidade interna, quando se é atacado pelas coisas de fora. Pois o homem interior é profundamente afligido pelos sentidos do corpo, mas em sua aflição ele os deve fustigar: aquele que age assim já conheceu as coisas que só podem ser vistas pela contemplação.

173. Segundo os Padres, se nosso homem interior é sóbrio e vigilante, ele é igualmente capaz de proteger o homem exterior. Pois nós e os demônios malfeitores, ambos cometemos juntos os pecados. Eles, pelos simples pensamentos, quando, desenhando imagens a seu bel-prazer, conformam o pecado no intelecto. E nós, pelos pensamentos internamente e pelos nossos atos externamente. É, portanto, pelos simples pensamentos, pela mentira e a enganação, que os demônios, que não possuem o volume de um corpo, atraem sobre e si e sobre nós os castigos. Enquanto estes criminosos não forem privados do volume do corpo, eles não deixarão de pecar em ato, pois eles mantêm sua vontade sempre pronta para ultrajar.

174. A oração do simples nome de Deus mata e reduz a cinzas suas mentiras. Pois Jesus Deus e Filho de Deus, contínua e diligentemente invocado por nós, não lhes permite mostrarem ao intelecto, no espelho da reflexão, o menor esboço deste ataque chamado sugestão, nem a menor forma, nem dizer ao coração uma palavra que seja. A forma demoníaca que não penetra no coração permanecerá igualmente vazia de todo pensamento, com já dissemos. Pois é através dos pensamentos que os demônios costumam freqüentar a alma e ensiná-la secretamente a fazer o mal.

175. É, portanto, pela prece contínua que o espaço da reflexão se purifica das nuvens tenebrosas e dos sopros dos espíritos do mal. E quando o espaço do coração é purificado, é impossível que não brilhe nele a divina luz de Jesus, desde que não estejamos inchados de vanglória, orgulho e ostentação, e se não nos elevamos ao inatingível: pois então nos privaríamos do socorro de Jesus, pois o Cristo detesta estas coisas, ele que nos deu o exemplo da humildade.

---

121 João XV, 16.

122 Cf. Salmo XXXIV, 9.

---

123 Salmo CXL, 14.

176. Agarremo-nos então à oração e à humildade, a estas duas coisas que, com a sobriedade e a vigilância, nos armam contra o demônio como uma espada de fogo. Pois se vivermos assim, ser-nos-á possível fazer de cada dia e de cada hora, no mistério e na alegria, uma festa do coração.

177. Os oito pensamentos fundamentais do vício, que contêm todos os pensamentos, e dos quais todos nascem (como de Hera e Zeus nasceram todos os deuses malditos dos gregos, segundo suas fábulas), chegam juntos às portas do coração. Se eles encontram o intelecto sem guarda, eles entram cada um a seu tempo. Mas além disso, cada um dos oito pensamentos, penetrando no coração após aí chegar, faz entrar consigo uma multidão de pensamentos infamantes. Depois de assim entenebrece o intelecto, ele provoca o corpo incitando-o a cometer ações que o desonrarão.

178. Entretanto, aquele que vigia a cabeça da serpente<sup>124</sup> e que, por meio de uma refutação resoluta, lhe dirige palavras duras como um soco, este a faz recuar. Cortando sua cabeça, ele escapa a muitos pensamentos e obras de grande mal. A partir daí a reflexão permanece em calma, pois Deus acolhe sua vigília que a protege dos pensamentos. Ele lhe concede saber como dominar os adversários, e como purificar pouco a pouco o coração dos pensamentos que sujam o homem interior. Como diz o Senhor Jesus: “É do coração que saem os maus pensamentos, as prostituições e os adultérios; são estas coisas que sujam o homem<sup>125</sup>”.

179. É assim que a alma pode permanecer no Senhor em sua beleza, seu esplendor e sua retidão, tal como foi criada por Deus no princípio, bela e direita. É o que diz o grande servidor de Deus, Antônio: “Quando a alma é dotada de inteligência conforme a natureza, a virtude está assegurada”. Ele diz ainda: “A alma é direita, quando dotada de inteligência segundo a natureza, tal como foi criada”. Pouco depois ele acrescenta: “Purifiquemos a reflexão. De fato, eu creio que, totalmente purificada e devolvida ao seu estado natural, ela pode se tornar clarividente, enxergar de longe os demônios e antes que eles cheguem, pois terá em si o Senhor a revelá-lo”. Eis o que disse o glorioso Antônio, como nos reporta Atanásio na *Vida de Antônio*.<sup>126</sup>

---

124 Cf. *Gênesis* III, 15.

125 *Mateus* XV, 19.

126 *Vida e conduta de nosso Pai santo Antônio*, 20 e 34.

180. Todo pensamento suscita no intelecto a imagem de uma coisa sensível. Pois o intelecto é o Assírio: ele não pode enganar senão servindo-se das coisas que nos são sensíveis e habituais.

181. Assim como nos é impossível perseguir os pássaros que voam pelos ares, porque somos homens, ou voarmos como eles, coisa que nossa natureza não pode fazer, também nos é impossível dominar os pensamentos demoníacos incorpóreos sem uma prece sóbria, vigilante e contínua, e se os olhos do intelecto não estiverem inteiramente voltados para Deus. Caso contrário, é a terra que você está buscando.

182. Assim, se você quiser verdadeiramente cobrir de vergonha os pensamentos, viver na bem-aventurada hesíquia e conhecer facilmente a sobriedade e a vigilância do coração, cole a prece de Jesus à sua respiração, e em poucos dias você receberá o que procura.

183. Do mesmo modo como é impossível escrever letras no ar (pois é preciso que elas sejam traçadas sobre algum corpo para se conservar duradouramente), também devemos colar à nossa *nepsis* a prece de Jesus Cristo, a fim de que a bela virtude da sobriedade não deixe de permanecer com ele e nos seja sempre protegida por ele sem que nos possam roubá-la.

184. Foi dito: “Coloque suas obras diante do Senhor, e você encontrará a graça<sup>127</sup>”, para que o profeta não diga de nós: “o Senhor está perto da sua boca, mas longe dos seus rins<sup>128</sup>”. Ninguém além de Jesus poderá fixar seu coração na paz, fora das paixões, ninguém senão o próprio Jesus Cristo, que reuniu o que estava separado<sup>129</sup>.

185. Duas coisas entenebrece igualmente a alma: o diálogo com os pensamentos no intelecto que reflete e, do lado de fora, as conversas e discussões vãs. Aqueles que querem afastar do intelecto todo dano devem assim mortificar esta dupla que gosta de falar em vão: os pensamentos e os homens. E mortificá-los por uma razão fundamentada em Deus, a fim de que

---

127 *Provérbios* III, 3-4.

128 *Jeremias* XII, 2.

129 Cf. *Efésios* II, 14.

o intelecto entenebrecido não relaxe sua *nepsis*. Pois quando caímos nas trevas do esquecimento, levamos o intelecto à sua perda.

186. Quem guarda a pureza de seu coração com todo fervor terá como mestre o legislador desta pureza, Cristo, que lhe dirá secretamente sua vontade. É o que Davi nos revela quando afirma: “Eu escutarei o que diz em mim o Senhor Deus<sup>130</sup>”. Quanto ao combate do intelecto, mostrando com este deve examinar a si mesmo e qual a proteção que Deus lhe concede em retorno, ele dizia: “O homem diz: Haverá fruto para o justo?<sup>131</sup>” E na sequência de sua busca, expressando uma reflexão que compreende tanto a pureza quanto o combate, ele disse: “É então Deus quem os julga, os demônios malignos, na terra de nosso coração<sup>132</sup>”. E adiante: “O homem irá às profundezas de seu coração, e Deus será exaltado<sup>133</sup>”. Então consideraremos seus golpes como flechas infantis.

187. Vivamos sempre com o coração instruído pela sabedoria<sup>134</sup>, segundo o Salmista, respirando continuamente Jesus Cristo que é o próprio poder de Deus Pai e a sabedoria mesma de Deus<sup>135</sup>. Se, por qualquer circunstância, relaxarmos, se negligenciarmos o que deve fazer o intelecto, na manhã seguinte cinjamos os rins como se deve e ponhamo-nos corajosamente ao trabalho, sabendo que não temos desculpa se não fazemos o bem, uma vez que o conhecemos.

188. Os alimentos nocivos desarranjam o corpo uma vez que os ingerimos, mas quem comeu pouco pode, graças a algum remédio, vomitá-los logo que se sentir mal e não ser mais afetado; da mesma forma, o intelecto, quando recebe e absorve maus pensamentos e sente seu amargor, pode vomitá-los com facilidade e rejeitá-los imediatamente, pela prece de Jesus dita do fundo do coração. É isto que, graças a Deus, nos permitiram a entender aqueles que vivem na sobriedade e na vigilância, a respeito da instrução e, pela instrução, da experiência.

---

130 *Salmo LXXXV, 9.*

131 *Salmo LVIII, 12.*

132 *Cf. Salmo LIII, 12.*

133 *Salmo LXIV, 7.*

134 *Cf. Salmo XC, 12.*

135 *Cf. I Coríntios I, 24.*

189. Junte ao sopro que passa por suas narinas a sobriedade, a vigilância e o nome de Jesus, ou ainda a incessante meditação da morte a humildade. Sabemos que ambos são de grande auxílio.

190. O Senhor disse: “Aprendam comigo que sou doce e humilde, e vocês encontrarão o repouso de suas almas<sup>136</sup>”.

191. O Senhor disse: “Quem se rebaixa como esta criança será elevado; mas quem se eleva será rebaixado<sup>137</sup>”. Ele disse: “Aprendam comigo”. Veem que ensinamento é a humildade? Ora, seu mandamento é a vida eterna<sup>138</sup> e é a humildade. Portanto, aquele que não é humilde escorrega para fora da vida. Vale dizer, ele se achará nos antípodas.

192. Toda virtude é construída sobre a alma e o corpo. Ora, a alma e o corpo são criaturas de Deus, e é por intermédio deles que se forma a virtude, como se diz. Como não seríamos nós no cúmulo da loucura gabando-nos de vestes estranhas à alma e ao corpo, enchendo-nos de vanglória, apoiando-nos sobre o orgulho como sobre um junco, e, o mais espantoso de tudo, em nossa total iniquidade e inconsciência, dirigindo contra nossa elevação o Deus que nos ultrapassa com sua grandeza infinita? Pois o Senhor se opõe aos orgulhosos<sup>139</sup>. Ora, ao invés de imitarmos a Deus na humildade, por um sentimento de vanglória e orgulho, ligamo-nos amigavelmente ao demônio orgulhoso e hostil ao Senhor. É por isso que o Apóstolo dizia: “O que você possui que não tenha recebido?” Você criou a si mesmo? E se você recebeu de Deus o corpo e a alma dos quais, nos quais e pelos quais se forma toda virtude, “porque se glorificar como se não o tivesse recebido<sup>140</sup>”? Foi o Senhor quem lhe fez dom de tais coisas.

193. Em uma palavra, a purificação do coração, por meio da qual a humildade e todo bem descem do alto até nós<sup>141</sup>, não é outra coisa do que recusar

---

136 *Mateus XI, 29.*

137 *Mateus XVIII, 4; XXIII, 12.*

138 *Cf. João XII, 50.*

139 *Cf. Provérbios III, 4; Tiago IV, 6.*

140 *I Coríntios IV, 7.*

141 *Cf. Tiago I, 17.*

absolutamente que entrem na alma os pensamentos que se acotovelam.

194. Pois quando a guarda do intelecto persevera na alma com Deus e por Deus apenas, ela dá à razão a sabedoria nos combates dedicados a Deus. E não é pequena a vantagem que ela oferece a quem a assume, tornando-o capaz de organizar as obras e as palavras segundo uma escolha que agrade a Deus.

195. Os ornamentos visíveis do Grande Sacerdote no Antigo Testamento eram os sinais de um coração puro. Da mesma forma, devemos estar atentos à gola de nosso coração<sup>142</sup>. Devemos evitar que ela seja enegrecida pelo pecado e vigiar para enxugá-la com lágrimas, arrependimento e preces. Pois o intelecto é uma coisa que se deixa facilmente levar pelos pensamentos ímpios, e difícil de segurar. Ele segue da mesma forma tanto as más como as boas imaginações da razão.

196. Verdadeiramente feliz é aquele que colou a prece de Jesus a toda reflexão de seu intelecto, e que chama por Jesus continuamente em seu coração, como o espaço está unido aos nossos corpos e a chama ao pavio. Quando passa sobre a terra, o sol nos dá o dia; da mesma forma, quando o santo e venerável nome do Senhor Jesus não deixa de brilhar na reflexão do intelecto, ele engendra pensamentos luminosos como o sol.

197. Quando as nuvens se dissipam, a ar se torna puro. Da mesma forma, quando, sob o sol de justiça, Jesus Cristo, de dissipam os fantasmas da paixão, não cessam de nascer no coração pensamentos luminosos, semelhantes às estrelas. Pois Jesus ilumina o espaço do coração. Com efeito, diz o Eclesiástico: “Aqueles que colocam sua confiança no Senhor compreenderão a verdade e aqueles que são fiéis no amor permanecerão junto a ele<sup>143</sup>”.

198. Um dos Santos disse: guarde rancor dos demônios e seja sempre inimigo do corpo. A carne é um amigo enganador. Quando bem cuidada, ela nos combate em seguida. Uma vez mais: deteste o corpo e lute contra o ventre.

199. Nos discursos que escrevemos na primeira e na segunda centúrias, tratamos das penas da santa hesíquia e do intelecto. Estes discursos não foram

somente fruto de nossa reflexão, mas também do que as divinas palavras dos Padres cheios da sabedoria de Deus nos ensinaram sobre a pureza do intelecto. E agora que já dissemos o pouco que tínhamos a dizer para mostrar a vantagem da guarda do intelecto, cessaremos de falar.

200. Daqui para frente venha, siga-me para se unir à bem-aventurada guarda do intelecto, quem quer que seja você que deseja em espírito ver bons dias<sup>144</sup> e eu lhe ensinarei no Senhor a obra que temos em vista e como vivem as Potências intelectuais. Pois os anjos jamais se saciarão de louvar o Senhor, nem o intelecto de rivalizar santamente com eles. E assim como os seres imateriais não se preocupam com alimentos, também os seres que são simultaneamente materiais e imateriais tampouco se preocuparão, se entrarem no céu da hesíquia do intelecto.

201. Assim como as Potências do alto não se preocupam nem com dinheiro nem com riquezas, também aqueles que purificaram o olho da alma e adquiriram o hábito da virtude não se preocupam com as malfetorias dos espíritos malignos. E assim como para as primeiras é evidente a riqueza que constitui sua proximidade de Deus, para os segundos serão evidentes seu desejo ardente e seu amor, sua tensão e sua elevação para o divino. Amorosa e insaciavelmente levados sempre mais alto nesta elevação pelo gosto de Deus e o desejo que os coloca fora de si, eles não se deterão até terem alcançado os Serafins, nem relaxarão a **nepsis** do intelecto e a exaltação do amor até que se tenham tornado anjos em Jesus Cristo nosso Senhor.

202. Não há veneno mais potente do que o da áspide e o basilisco. E não há mal maior do que o mal do amor próprio. Ao redor do amor próprio voejam seus filhos, que são o autoelogio endereçado ao coração, a suficiência, a gula, a prostituição, a vanglória, a inveja e o coroamento de todos os vícios: o orgulho, que é capaz de fazer cair dos céus não apenas os homens, mas também os anjos, e lhes envolver em trevas ao invés da luz<sup>145</sup>.

203. Eis, Teódulo, o que lhe escreveu aquele que traz o nome de hesíquia, mesmo se, na prática, ele não mereça este nome. É verdade que tudo isto não vem de nós, mas de Deus que no-lo deu, ele que, no Pai, no Filho e no

---

142 Cf. *Êxodo* XXVIII, 32.

143 *Sabedoria* III, 9.

---

144 Cf. *Salmo* XXXIV, 13

145 Cf. *II Pedro* II, 4; *Judas* VI.

Espírito Santo é louvado e glorificado por toda natureza de razão, pelos anjos, pelos homens, por toda a criação formada pela Trindade inefável, o Deus único. Possamos nós descobrir o esplendor de seu Reino, pelas preces da Mãe de Deus puríssima e de nossos santos Padres. A Deus inacessível, a glória eterna. Amém.

**NILO O ASCETA**

**DISCURSO ASCÉTICO**

*A pátria de Nilo era Constantinopla, e seu mestre foi João Crisóstomo. Ele viveu por volta do ano 440. Ele era nobre, e rico. Ele foi prefeito da cidade. Depois ele despediu-se de todos os seus amigos, partiu para o monte Sinai e adotou a vida ascética. Versado tanto na ciência dos monges quanto na do mundo, ele deixou numerosos escritos, cheios de sabedoria espiritual e graça indizível. Destes escritos, ao modo da abelha, extraímos o tratado sobre a prece, dividido em 153 capítulos, e o tratado ascético. Nós saudamos aqueles que os lerão e receberão como favos de mel. Pois estes capítulos em verdade destilam mel e néctar, e prometem o fruto fecundo do socorro. Photius os menciona. Ele diz: “Eu li o tratado de Nilo o monge, dividido em 153 capítulos. Este homem divino desenvolveu aí o tema da oração, e muitos outros temas admiráveis, que atestam perfeição nas obras e poder nas palavras.”*

\*

A *Filocalia* atribui, sob o nome de Nilo o Asceta, o *Discurso ascético* comumente atribuído a Nilo de Ancara (século V) e do qual possuímos milhares de cartas. Mas esta atribuição está longe de ser garantida.

Conhecemos a existência de muitos monges com o nome de Nilo que viveram na Ásia Menor ou no Egito na mesma época. Recentemente, Bernard Flusin descobriu escritos ascéticos de um certo Nilo de Sceta desconhecido até o presente. O padre Bettiolo, sobretudo, publicou a edição crítica siríaca de um *Discurso composto pelo santo Mar Nil, solitário egípcio, sobre a observância da vida monástica*, que lembra muito o *Discurso ascético grego*. O autor residiu em Alexandria, onde conheceu um solitário egípcio a quem ele relaciona o propósito. Podemos pensar com Bettiolo que os dois tratados são do mesmo autor e representam dois estágios de um única obra, sendo que a versão siríaca corresponderia ao estágio mais antigo.

A tradução que apresentamos foi feita a partir do grego da *Filocalia*, mas mantendo algumas variantes da edição de Suarez reproduzida por Migne. A comparação com o siríaco nos auxiliou a elucidar algumas passagens difíceis e a assinalar as grandes divisões da obra. A primeira parte, sobre a decadência do monaquismo, está ausente do siríaco, e a ordem dos dois tratados é inversa. Antes das qualidades e deveres do mestre espiritual (grego: 21 a 41; siríaco: 25 a 35), o siríaco expõe as exigências da renúncia e da ascese para aquele

que se engaja na vida monástica (siríaco: 3 a 24; grego: 42 a 71).

Embora certamente o discurso não seja de Evagro, a influência do célebre monge-filósofo das Kellia é inegável.

## INTRODUÇÃO A VERDADEIRA FILOSOFIA

### **Os gregos não tinham verdadeiros filósofos**

[1]<sup>146</sup> Muitos gregos e mais de um dentre os judeus se dedicaram a filosofar, mas somente os discípulos de Cristo seguiram a verdadeira filosofia, pois apenas eles tiveram por mestre a própria Sabedoria, manifestando por suas obras a conduta conveniente a tal procura. Com efeito, os primeiros (os gregos), com atores em cena, enfeitavam-se com uma máscara estrangeira, portando um título vazio e sem nenhuma filosofia verdadeira; com seu manto, sua barba e seu bastão eles pretendiam ser filósofos, mas cuidavam apenas do corpo e serviam à concupiscência como sua dona, sendo escravos do ventre e considerando os prazeres do sexo como atos naturais; presas da cólera, perseguindo a glória, precipitavam-se sobre as mesas bem guarnecidas como cachorrinhos, sem saber que o filósofo deve ser antes de tudo livre e fugir da escravidão das paixões mais até do que da do dinheiro e da servidão dos escravos. Pois o fato de ser escravo dos homens não desmerece em nada aquele que vive retamente, mas o hábito de se submeter às paixões como a suas donas, pelo prazer, traz a desonra e grande desprezo.

[2] Dentre eles, alguns, negligenciando inteiramente a prática, imaginavam possuir uma filosofia racional, porque dissertavam nas nuvens e interpretavam coisas que não podiam ser demonstradas, pretendendo conhecer a altura do céu, as dimensões do sol e os movimentos dos astros. Também havia os que tentavam dissertar sobre as coisas divinas, em um domínio no qual a verdade é inacessível e as conjecturas são perigosas, uma vez que viviam de moído mais abjeto do que os porcos que chafurdam na lama. Mesmo quando alguns deles se dedicavam à prática, tornavam-se ainda piores do que os outros porque o faziam pela glória e os elogios; era, de fato, apenas pela ostentação e a vaidade que estes infelizes agiam na maior parte das vezes, não obtendo com suas penas senão um salário insignificante e desprezível. De fato, conter-se continuamente, alimentar-se de ervas, cobrir o corpo com mantos

---

146 Entre colchetes figuram as divisões da PG 79, 719-810.

miseráveis e passar a vida encerrado em um tonel sem esperar nenhuma recompensa após a morte é o cúmulo da loucura, pois assim se perde da vida os frutos da virtude, impondo-se uma luta sem prêmio, um combate contínuo sem troféu e batalhas das quais só se recolhe o suor.

### **Nem os judeus**

[3] Quanto aos judeus que abraçaram esse gênero de vida, são todos descendentes de Jonadab que, pretendendo viver da mesma maneira, habitam em tendas, abstêm-se de vinho e de todo alimento escolhido, e não têm senão uma alimentação reduzida, limitada às necessidades do corpo<sup>147</sup>. Eles tomam o maior cuidado com as disposições morais e passam a maior parte do tempo em contemplação, donde o nome de Essênios que receberam, exprimindo sua sabedoria, e a finalidade de sua filosofia é irrepreensível de todos os pontos de vista, e suas ações não o contradizem de modo algum. Mas que frutos obtêm eles de seus combates e de sua luta sofrida, eles que deram morte a Cristo, o mestre da luta? Para eles igualmente, a recompensa dos sofrimentos é suprimida, porque eles recusam aquele que concede os prêmios e a vida verdadeira. Desta forma ele se perdem fora da filosofia. Pois a filosofia é a retidão dos costumes com o conhecimento da verdadeira doutrina a respeito Daquele que é. Tanto os judeus como os pagãos afastaram-se disto, tendo recusado a Sabedoria descida do céu e tentado filosofar sem Cristo, que é o único a traduzir em obras e palavras a verdadeira filosofia.

### **Somente os discípulos de Cristo viveram conforme a verdadeira filosofia**

[4] Ele foi, com efeito, o primeiro a desbravar o caminho com sua vida, mostrando uma conduta pura, elevando continuamente a alma acima das paixões do corpo e finalmente desdenhando-o quando a salvação dos homens, da qual se encarregava, exigiu sua morte. Ele nos ensinou assim que aquele que abraça corretamente a filosofia superior deve, de um lado, rejeitar todos os prazeres da vida em de outro lado, sofrer e dominar inteiramente as paixões desprezando o corpo; ele não deve agarrar-se à vida e estar pronto a perdê-la se for preciso testemunhar assim a virtude. É o modo de vida que os santos

---

147 Cf. Jeremias XLII, 6.



apóstolos imitaram quando foram chamados, renunciando ao mesmo tempo às suas vidas, desdenhando pátria, raça e riquezas para passar a um existência dura e sofrida, caminhando através de todas as dificuldades, atormentados, maltratados, perseguidos, despojados, privados até do necessário. Finalmente, eles enfrentaram corajosamente a morte, imitando em tudo o Mestre e deixando assim a imagem da mais bela conduta.

Os cristãos iriam em seguida reproduzir seu exemplo e, como nem todos possuíam a vontade ou a força para imitá-los, alguns conseguiram elevar-se acima das confusões do mundo e fugir da agitação das cidades. Saindo deste mundo para abraçar a vida solitária, eles levaram para ela a marca da virtude apostólica, preferindo a pobreza à propriedade para não se deixar distraírem; preferindo a comida improvisada do que os alimentos escolhidos, por causa da revolta das paixões, eles satisfaziam as necessidades do corpo com o que encontravam; desdenhando como invenções da preguiça humana as vestes macias e supérfluas, eles se contentavam, para as necessidades do corpo, com uma vestimenta simples e sem luxo [e desprezavam as delícias]; considerando como estranho à filosofia o espírito que rejeita as coisas celestes para se ocupar das coisas aqui de baixo e daquilo que nos é comum com os animais, eles ignoravam o mundo e viviam fora das paixões humanas; nenhum deles cometia nem sofria fraudes; nenhum julgava nem era julgado.

[5] Com efeito, cada qual tinha como juiz íntegro sua própria consciência, ninguém vivia na opulência, ninguém na indigência; ninguém era esgotado pela fome, ninguém se locupletava de manjares, pois a liberalidade dos ricos sustentava as necessidades dos indigentes. Havia equidade e repartição igual, as desigualdades foram suprimidas pelo esforço comum voluntário dos superiores com os inferiores. Ou melhor, não era exatamente uma igualdade, pois o zelo com que cada um se apressava em rebaixar-se criava uma desigualdade, como hoje faz a mania de rivalizar para ver quem obtém a maior glória. A inveja estava excluída, o ciúme proscrito, a vanglória banida, o orgulho expulso, todas as causas de contestações estavam suprimidas. Alguns estavam mortos para as mais fortes paixões e insensíveis, e nem em sonhos tinham fantasmas; desde o começo, eles haviam afastado as lembranças. Pela a ascese cotidiana e a paciência, eles alcançaram este estado e se tornaram como chamas que brilhavam nas trevas, estrelas fixas resplendentes na noite sombria da vida, que mostravam a todos um acesso fácil ao porto, ao abrigo da tempestade, a fim de escapar sem danos aos

ataques das paixões.

## I DECADÊNCIA DO MONAQUISMO

### Uma funesta volta atrás

[6] Mas esta conduta perfeita e esta vida celeste, tal como uma imagem que se degrada pouco a pouco pela negligência daqueles que a reproduzem através dos tempos, chegou a uma extrema dissemelhança e perdeu completamente sua conformidade em relação ao modelo. Pois aqueles que haviam se crucificado ao mundo e renunciado à vida, renegando sua condição de homens e esforçando-se por ganhar a natureza das potências incorpóreas partilhando sua impassibilidade, voltaram atrás, aos negócios da vida e aos ganhos condenáveis, empanando a perfeição daqueles que viviam no bem e acabando por difamar com sua própria negligência os que deveriam merecer ser glorificados e celebrados por sua virtude; nós mantemos a marcha da carruagem conservando o santo hábito, mas não estamos aptos para o reino dos céus, porque miramos atrás<sup>148</sup> e esquecemos daquilo ao que deveríamos nos dedicar com o maior zelo. O objeto de nossa busca não é mais o prêmio vantajoso e imediato daquela vida, e não apreciamos mais o estado de hesíquia favorável à libertação de nossas antigas manchas, mas preferimos uma quantidade de coisas que criam uma preocupação inútil em relação ao verdadeiro objetivo, e a busca dos bens materiais supera as exortações salvadoras.

### O desdém pelos mandamentos do Senhor

O Senhor nos ordenou renunciar inteiramente às preocupações terrestres e buscar apenas o reino dos céus<sup>149</sup>; mas como nós nos apressamos em caminhar no sentido oposto, não levamos em conta os mandamentos do Mestre e, descartando esta solicitude, colocamos nossas esperanças em nossas

---

148 Cf. *Lucas IX*, 62.

149 Cf. *Mateus VI*, 33.

próprias mãos. Com efeito, disse o Senhor: “Observem os pássaros do céu: eles não semeiam nem colhem, eles não acumulam em celeiros, e nosso Pai celeste os alimenta<sup>150</sup>”. E também: “Observem os lírios do campo, como eles crescem: eles não tecem nem fiam<sup>151</sup>”. Ele nos proíbe de carregarmos bolsa, saco ou bastão e nos ordena apoiarmo-nos unicamente sobre a promessa mais verídica que ele fez ao enviar seus discípulos em missão para proveito dos outros homens, ao dizer: “O trabalhador merece seu alimento<sup>152</sup>”, sabendo que este é mais assegurado pela Providência do que por nosso trabalho.

[7] Nós, porém, ao contrário, nunca deixamos de adquirir toda a terra que podemos, e juntamos tropas de ovelhas, bois de carga sem igual na forma e no talhe, e asnos bem fornidos, para que nos forneçam em abundância a lã necessária, para que os bois sirvam a todos os trabalhos agrícolas que nos trarão nossos alimentos e sua forragem, a eles e aos outros animais, e, enfim, para que as bestas de carga tragam de outros lugares os gêneros que nos faltam aqui, assegurando assim a alimentação necessária e tornando a vida mais agradável. Além disso, dentre as artes, escolhemos as mais lucrativas, que não nos deixam um instante para que pensemos em Deus, ocupando todo o nosso tempo livre, interditando-nos, seja aquele que vela por nós, seja nossa antiga profissão: pois mesmo não o reconhecendo em palavras, somos acusados pela prática. Sentimos prazer no modo de vida dos seculares quando nos dedicamos às mesmas coisas que eles e nos consumimos principalmente nos trabalhos corporais a ponto de, na maior parte das vezes, não vermos na piedade senão um modo de auferir benefícios<sup>153</sup>, e só buscamos a vida tranqüila e bem-aventurada de antanho para escapar aos serviços penosos através de um simulacro de piedade e para prolongarmos a concupiscência das coisas sensíveis graças à liberdade de desfrutar as coisas que nos concedemos, e tratamos descaradamente tanto os mais simples como os mais elevadas. A vida religiosa é para nós fundamento de despotismo, não de humildade e doçura.

Desta forma, somos vistos, por aqueles que deveriam nos honrar, como uma vulgar malta, e, vivendo principalmente nos mercados, somos a chacota dos

---

150 *Mateus VI, 26.*

151 *Mateus VI, 28.*

152 *Mateus X, 10.*

153 *Cf. I Timóteo VI, 5.*

homens aos quais nos misturamos, não tendo nada do que deveríamos para nos destacar em excelência sobre os demais. Desejando a notoriedade não por nossas vidas, mas por nosso hábito, recusamos os labores da virtude e ambicionamos tolamente sua glória, não exibindo senão uma sombra da verdade de antanho.

[8] Hoje em dia, tomamos este hábito venerável sem lavarmos a sujeira de nossas almas e sem eliminarmos no espírito as marcas deixadas pelos pecados de antes, mas continuando a ser violentamente excitados por suas imagens; sem havermos retificado os costumes de acordo com a regra da qual fizemos profissão e ignorando qual o objetivo da filosofia em conformidade com Deus, renovamos a atitude dos fariseus orgulhando-nos apenas de nosso hábito, como se houvésemos adquirido a virtude, e circulamos portando armas cujo manejo desconhecemos. Pelo hábito visível, ostentamos uma gnose que sequer provamos com os lábios; é um recife ao invés de um porto, um sepulcro caído<sup>154</sup> ao invés de um templo, um lobo no lugar do cordeiro<sup>155</sup>, feito para a perda daqueles que se deixam levar pelas aparências.

### **Os monges vagabundos e parasitas**

Incapazes de sustentar a vida regular, tais homens fogem dos mosteiros e se metem nas cidades, sob o impulso das necessidades do ventre, levando como um disfarce as aparências da piedade<sup>156</sup>, para enganar o maior número possível, e dispostos a fazer tudo o que lhes determinar as necessidades do corpo. Com efeito, nada é mais violento do que uma necessidade natural que imagina um modo hábil de passar através dos obstáculos, sobretudo quando a ela se mistura uma preguiça inveterada; o pretexto se apresenta então mais perfidamente. É assim que eles batem às portas dos ricos, não deixando nada a dever ao parasitas. Nas praças, eles correm diante deles como escravos, afastando os que se aproximam, expulsando os que vêm ao encontro, esforçando-se por abrir caminho àqueles a quem cortejam, e fazendo tudo isso de olho na boa mesa, incapazes de refrear o gosto pelos manjares saborosos e não querendo levar à cintura o bastão prescrito por Moisés para enterrar os

---

154 *Cf. Mateus XXIII, 27.*

155 *Cf. Mateus VII, 15.*

156 *Cf. II Timóteo III, 5.*

excrementos<sup>157</sup>. Se o fizessem, saberiam que o ânus é o fim de todo prazer alimentar e que tudo o que parece satisfazer os desejos do corpo dissimula as torpezas da concupiscência indecente.

[9] É por isso que o nome de Deus é blasfemado<sup>158</sup>; a vida desejável se tornou abominável e o tesouro daqueles que vivem de forma verdadeiramente virtuosa é visto como uma enganação. As cidades estão cheias desses vagabundos, os habitantes são importunados e tomados de repugnância ao vê-los bater às portas e mendigar descaradamente. Muitos destes miseráveis, admitidos ao interior, mostrando um mínimo de piedade e escondendo sob uma máscara de hipocrisia sua má reputação, despedem-se assim que conseguem despojar seus anfitriões de seus bens. Desta forma, eles fazem de tudo para desconsiderar a vida monástica, de tal modo que aqueles que antes sábios e conselheiros são agora expulsos das cidades como uma praga. São caçados como malditos, não menos do que leprosos, e os ladrões e assaltantes são mais dignos de confiança do que aqueles que levam a vida monástica, pois é mais fácil defender-se da malícia evidente do que das aparências enganadoras.

Estes monges sequer começaram a servir a Deus, pois não entenderam o fruto que se pode retirar da hesíquia. Talvez eles tenham chegado à vida monástica sem considerar o que faziam, por alguma necessidade, supondo que seria um bom meio de ganhar a subsistência, o que, penso eu, teriam feito de forma mais honrada se fossem simplesmente mendigar às portas e se o hábito monástico lhes impedisse de procurar ganhos mais abundantes. Procurando sempre uma parte para o corpo, eles não buscam apenas o necessário, mas tudo o que a indolência dos afeminados inventou segundo sua ilimitada concupiscência. Tais enfermos são realmente impossíveis de curar.

[10] Com efeito, como explicar o valor da saúde a pessoas que jamais a experimentaram, que são doentes contumazes desde o berço e que pensam, pelo costume adquirido, que a condição doentia da vida não difere do estado normal? Toda palavra feita para corrigi-los é vã, quando os ouvintes, não tendo outra inclinação do que para o mal, estão indispostos aos conselhos que lhes são dados e, sobretudo quando a esperança de proveito alimenta a

concupiscência, a paixão cerra os ouvidos a todo aconselhamento, de tal forma que as exortações à temperança são incapazes de se introduzir em um espírito voltado para a atração do ganho, por mais vergonhoso que seja.

### **Não viver em contradição com nossa profissão**

Mas nós, ó bem-amados, que, por amor à virtude, pensamos, renunciamos à vida presente e rejeitamos as concupiscências deste mundo<sup>159</sup> para fazermos a profissão de seguir a Cristo, porque nos deixamos enlaçar pelas distrações da vida e reconstruímos aquilo que tão bem destruimos? Porque cedemos aos maus conselhos daqueles que não agem como convém, atijando os desejos dos mais fracos na busca de vaidades e engajando os mais simples no caminho da cupidez?

[11] O Senhor, com efeito, nos ordenou cuidarmos e não provocar aqueles que vacilam, nos ordenou visarmos antes o benefício do próximo do que aquilo que nos agrada<sup>160</sup>. Assim, ao não seguirmos nossos impulsos instintivos, evitaremos escandalizar muitos dos mais simples, mostrando para eles um pretexto para desejar as coisas terrestres. Porque fazemos nós tantas coisas que nos ensinaram a desprezar, permanecendo ligados às riquezas e propriedades e dispersando nossa inteligência em preocupações múltiplas e inúteis? A preocupação com tudo isso nos desvia das ocupações mais necessárias, nos faz negligenciar os bens da alma e leva a um grande abismo os que são fascinados pelas coisas brilhantes da vida e que veem a suprema felicidade na fruição da riqueza. Nós vemos aqueles que fazem profissão de filosofia vangloriar-se de estarem acima dos prazeres e nos apressamos mais do que eles em buscá-los. Nada conduz mais fatalmente ao castigo do que se unir aos imitadores de seus vícios. Pois a perda dos discípulos aumenta a pena do mestre e, não tendo eles rejeitado como coisa vergonhosa esta imitação, incorrerá aquele numa condenação que não será pequena, por haver ensinado seus vícios. Por julgar infame tal ensinamento, os sábios se abstiveram dele.

Que ninguém fique ofuscado pelo que dizemos, mas corrija-se do mal cometido pela negligência de muitos, por vergonha do nome que se carrega,

---

157 Cf. *Deuteronômio* XXIII, 14.

158 Cf. *Isaiás* LII, 25; *Romanos* II, 24.

---

159 Cf. *Tito* II, 12.

160 Cf. *I Coríntios* X, 24.

ou então que este nome seja recusado. Pois se nos apresentamos como filósofos, as riquezas são supérfluas para a pureza da alma, uma vez que a filosofia faz profissão de ser estranha até ao próprio corpo. Se, ao contrário, nos apressamos em adquirir bens e desfrutar dos prazeres da vida, porque celebrar por palavras a filosofia e adotar de fato uma conduta oposta, cumprindo práticas contrárias àquilo que professamos e aos veneráveis títulos com que nos guarnecemos?

### Não discutir pelos bens terrestres

[12] Nós não consideramos mais como vergonhoso que pessoas que são consideradas como inferiores e a quem chamamos de mundanas nos reprovem por violarmos as leis do Salvador, e que eles nos ensinem os mandamentos do Senhor que desprezamos, quando nós é que deveríamos ensiná-los. De fato, quando discutimos, eles nos dizem: “Um servidor do Senhor não deve discutir, mas ser afável com todos<sup>161</sup>”, ou, quando disputamos entre nós por riquezas ou propriedades: “Se alguém pede sua túnica, dê-lhe também o manto<sup>162</sup>”. Que fazem eles, senão rir-se de nós e reprovar a contradição entre nossa conduta e nossa profissão? Com efeito, não é necessário discutirmos com quem quer se apropriar de nossos bens e fazer tudo o que exige o cuidado com estes. Alguém pretende deslocar o limite de sua vinha para aumentar a própria? Um outro introduz seu rebanho no seu campo, ou desvia a água que corre em seu jardim? Devemos enfurecer-nos e nos tornarmos piores do que os insensatos para defender tudo isto nos mínimos detalhes e ter sempre diante dos tribunais o intelecto que deveria estar dedicado à contemplação dos seres? Porque transformar a faculdade contemplativa em manobras judiciárias, para o ganho de coisas que não têm utilidade? Porque reivindicar como nossos bens que não nos pertencem e nos carregarmos assim com pesadas cadeias? Nunca ouvimos as imprecações do profeta: “Infeliz daquele que se apropria daquilo que não lhe pertence e torna seu jugo ainda mais pesado<sup>163</sup>”? Com efeito, se aqueles que nos perseguem são rápidos, conforme as palavras: “Os que nos perseguem são mais rápidos do que as águias no

---

161 II *Timóteo* II, 24.

162 *Mateus* V, 40.

163 *Habacuc* II, 6.

céu<sup>164</sup>”, e se nós nos sobrecarregamos com os negócios do século, é evidente que, retardados na corrida, seremos fáceis presas para os inimigos, estes inimigos dos quais Paulo nos exorta a fugir: “Fujam da luxúria e da avareza...<sup>165</sup>”. Aqueles que correm para obter o prêmio devem ser apressar-se impulsivamente, pois do contrário jamais o obterão, pois os inimigos que os perseguem têm pernas muito mais rápidas.

[13] Um grande obstáculo para aqueles que tendem à virtude é a ligação com as coisas do mundo, que muitas vezes conduz à ruína tanto do corpo como da alma. De fato, o que causou a perdição de Naboth o Israelita? Não foi um vinhedo cobiçado a causa de sua morte, levando ao assassinato seu vizinho Acab<sup>166</sup>? O que lançou fora das promessas duas tribos e meia senão a abundância de gado<sup>167</sup>? O que afastou Lot de Abraão? Não foi o grande número de ovelhas que provocou as contínuas discórdias entre os pastores, até finalmente obrigá-los a se separar<sup>168</sup>? A posse chega ao ponto de levar ao assassinato os que possuem rebanhos, afastam os que os possuem do convívio com os melhores, dividem as famílias e transformam amigos em inimigos. Elas não têm nada em comum com a vida futura, e sequer são de grande utilidade para a vida em um corpo. Porque então abandonar o serviço de Deus para nos dedicarmos inteiramente à vaidade? Não é assim que arruinamos a saída de nossa vida?

### Deus dá o necessário

Deus nos fornece o necessário. Sem a ajuda de Deus, o esforço do homem carece necessariamente de objetivo, enquanto que a providência de Deus, mesmo sem a ação humana, realiza bens perfeitos. Que proveito tiveram aqueles a quem Deus disse: “Vocês semearam em abundância, e o pouco que colheram eu arrancarei de suas mãos<sup>169</sup>”? Ao contrário, aos que vivem na virtude, o que de necessário faltou, enquanto eles não se preocupavam com

---

164 *Lamentações* IV, 19.

165 Cf. I *Coríntios* VI, 18; *Efésios* V, 3; *Colossenses* III, 5.

166 Cf. I *Reis* XXI.

167 Cf. *Números* XXXIV, 15.

168 *Gênesis* XIII, 5 e ss.

169 *Ageu* I, 9.

tal? Durante os quarenta anos passados no deserto, os Israelitas subsistiram sem cultivar a terra, mas não lhes faltou alimento, pois vinha-lhes do mar um alimento maravilhoso sob a forma de codornas e do céu uma chuva insólita e extraordinária que lhes trazia o maná<sup>170</sup>. Um rochedo seco, uma vez rompido, forneceu uma fonte abundante<sup>171</sup>. As vestes e as sandálias foram-lhes fornecidas todo o tempo<sup>172</sup>. Por meio de qual trabalho na terra foi Elias alimentado na torrente? Não lhe chegou o alimento pelos corvos<sup>173</sup>? E no seu retorno a Sarepta, não lhe forneceu o pão uma viúva indigente, que ela tirou da boca de seus próprios filhos<sup>174</sup> para mostrar que a virtude está muito acima da natureza?

### Nem só de pão vive o homem

[14] Tudo isso é espantoso e ao mesmo tempo admissível, pois podemos até viver sem comer se Deus o quiser. Com efeito, como pode Elias caminhar durante quarenta dias apenas com as forças recebidas de uma única refeição<sup>175</sup>? Da mesma forma, como pode Moisés permanecer oitenta dias conversando com Deus sobre a montanha sem tomar nenhum alimento humano? Pois, tendo descido depois de quarenta dias e quebrado as tábuas da lei, encolerizado por causa do bezerro de ouro, ele retornou para outros quarenta dias na montanha e somente depois de ter recebido novas tábuas retornou ao povo<sup>176</sup>. Que raciocínio humano poderá explicar tais milagres? Como poderia a frágil natureza do corpo sobreviver tanto tempo esgotado sem nada receber para manter sua energia vital? A palavra divina resolve a dificuldade: “Nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus<sup>177</sup>”. Porque, então, rebaixamos a vida celeste até o nível da terra embarçando-nos com preocupações materiais? Porque nos abraçamos aos detritos, nós que antes estávamos vestidos de púrpura, como disse Elias nas

---

170 Cf. *Êxodo* XVI, 6.

171 Cf. *Êxodo* XVII, 6.

172 Cf. *Deuteronômio* VIII, 4.

173 Cf. *I Reis* XVII, 6.

174 Cf. *I Reis* XVII 10 e sg.

175 Cf. *I Reis* XIX, 8.

176 Cf. *Êxodo* XXIV, 18; XXXII, 19-20; XXXV, 29.

177 *Mateus* IV, 4. cit. *Deuteronômio* VIII, 3.

suas Lamentações<sup>178</sup>? De fato, enquanto nos deleitávamos em pensamentos belos e fervorosos, estávamos elevados em púrpura; mas quando, relaxando este estado, nos misturamos aos negócios terrestres, abraçamos os detritos.

### Não caminhar sempre sobre as mãos ou rastejando

Porque, ao perdermos a esperança em Deus, nos apoiamos sobre a carne de nossos braços, e atribuímos ao trabalho de nossas mãos os dons da providência do Mestre? Aquilo que Jó considerava como o maior de seus pecados, o de levar a própria mão à boca e beijá-la<sup>179</sup>, nós não hesitamos em fazer. De fato, a maior parte das pessoas tem o costume de beijar as mãos daqueles de quem dizem provir sua subsistência, aqueles que a Lei designa simbolicamente, por alusão, ao dizer: “Aquele que caminha sobre as mãos é impuro, assim como o que tem muitos pés, e o que caminha rastejando é sempre impuro<sup>180</sup>”. Caminha sobre as mãos quem se apóia em suas mãos, colocando toda sua esperança nelas; quem caminha rastejando é o que é fascinado pelas coisas sensíveis e que obriga sempre sua razão a delas se ocupar; quem tem muitos pés é aquele que por todos os modos se liga às coisas materiais. É por isso que o sábio autor dos Provérbios não diz que o perfeito tem dois pés, mas apenas um, sendo assim raramente afetado pelas coisas corporais: “Coloque raramente seu pé junto ao seu amigo, para evitar que ele, cansado de você, o deixe<sup>181</sup>”. Pois se alguém raramente importuna a Cristo por suas necessidades do corpo será amado por ele. É com efeito a isto que devem tender amigos tais como o Senhor quer, quando diz aos seus discípulos: “Vocês são meus amigos<sup>182</sup>”. Ao contrário, se o fizermos com frequência, nos tornaremos odiosos.

[15] A quem se submeterá, e como não será rejeitado aquele que todo o tempo se ocupou de suas necessidades corporais e jamais se ergueu para viver retamente? Este não possui pernas acima dos pés para se elevar acima da terra. Com efeito, assim como as pernas carregam toda a massa do corpo, e

---

178 Cf. *Lamentações* IV, 5.

179 Cf. *Jó* XXXI, 27.

180 *Levítico* XI, 27.42.

181 *Provérbios* XXV, 17.

182 *João* XV, 14.

quando este se aproxima do solo, o fazem levantar-se no ar, também a faculdade do discernimento das coisas da natureza, depois de se ter rebaixado até as necessidades do corpo, redirecionam vivamente o pensamento para as coisas do alto, sem nada carregar das sujeiras terrestres.

Ter as pernas retas é a condição daqueles que não estão ligados aos prazeres e que não jazem constantemente por terra; também é próprio das santas Potências, que não têm nenhuma necessidade das coisas corporais nem sentem nenhuma atração por elas. É o que significa, penso eu, a palavra do grande Ezequiel: “Suas pernas eram retas e seus pés possuíam asas<sup>183</sup>”. Isto indica a retidão do pensamento e a prontidão desta natureza para captar as coisas espirituais. Convém aos homens ter pernas que se dobram para acomodá-los tanto às necessidades corporais como às ocupações que elevam a alma. Pelo parentesco da alma com as Potências do alto, deveríamos viver a maior parte do tempo com elas nos céus, mas devido à constituição do corpo temos que nos ocupar da terra na medida em que o exige a necessidade. Deixar-se levar constantemente pela busca dos prazeres é impuro e indigno do homem que compartilha da ciência espiritual. Devemos lembrar que não é o fato de caminhar rastejando que torna o homem impuro, mas o de caminhar constantemente assim. Quem vive num corpo tem um tempo concedido aos cuidados deste corpo. Com efeito, Jônatas, quando combateu contra Naás o Amonita, obteve a vitória sobre ele rastejando<sup>184</sup>, mas ele então se conformou com uma única exigência da natureza, pois era preciso que ao se bater contra a serpente que sobe pelo peito (que é o significado de Naás) ele adotasse por um momento o mesmo modo de avançar, rastejando, para logo se levantar em sua postura habitual e assim vencer facilmente seu adversário.

### Desconfiar dos sentidos

[16] Quê nos ensina a história de Isbaal<sup>185</sup>, senão que não devemos cuidar demais das coisas corporais e que não devemos confiar nos sentidos para guardá-las? Ele era um rei, repousava em seus aposentos e havia ordenado à sua mulher que vigiasse a porta. Mas os filhos de Remon vieram e a

encontraram limpando o trigo e sonolenta. Eles entraram secretamente e mataram Isbaal a quem encontraram dormindo. Todos dormem, o intelecto, a alma [a reflexão] e os sentidos, quando se ocupam das coisas corporais. Pois a porteira ocupada em limpar o trigo indica o pensamento aplicado às coisas corporais e fazendo isto com todo o zelo, não como uma coisa acessória. Pois está claro que não é o sentido literal que nos conta a Escritura. Com efeito, como teria um rei sua mulher como porteira, quando ele deveria ser guardado por numerosos soldados, tendo ao seu redor todo o aparato de sua dignidade? E como poderia ele ter se rebaixado a ponto de fazer com que sua mulher ficasse limpando o trigo? É que muitas vezes detalhes inverossímeis se misturam à história para a verdade das coisas significadas. O intelecto é como um rei em cada um de nós, tendo a reflexão como porteiro dos sentidos. Quando esta é absorvida pelas coisas corporais (e purificar o trigo é de fato uma ação corporal), os inimigos passam despercebidos com facilidade e destroem o intelecto. Eis porque o grande Abraão não confiava em uma mulher para vigiar sua porta, pois ele sabia que os sentidos enganam: fascinados pela visão das coisas sensíveis, eles distraem a inteligência e a convencem a partilhar de seus prazeres, mesmo quando isto é manifestamente perigoso. Mas o próprio Abraão mantinha-se à porta<sup>186</sup>, deixando entrar os pensamentos divinos e fechando a porta aos cuidados do mundo.

### Contentar-se com o estritamente necessário

Com efeito, de que os serve, para a vida, toda a inquietude que sofremos por tudo isso? Não é todo o trabalho humano destinado apenas a encher sua boca, como diz o Eclesiastes<sup>187</sup>? Comida e vestes, segundo o Apóstolo, bastam para a existência desta carne miserável<sup>188</sup>. Porque então trabalhar sem fim para o vento, como diz Salomão<sup>189</sup>? O cuidado com as coisas terrestres impede a alma de desfrutar dos bens divinos, se nos preocupamos com a carne e lhe concedemos mais do que convém. De nossa vizinha, tornamo-la nossa inimiga e adversária, de tal modo que o combate deixa de ser igual mas, devido à nossa grande convivência, a carne passa a lutar com mais vigor contra

---

183 *Ezequiel* I, 7.

184 Cf. I *Samuel* XIV, 13.

185 Cf. II *Samuel* IV, 7 e sg.

---

186 Cf. *Gênesis* XVIII, 1.

187 Cf. *Eclesiastes* VI, 7.

188 Cf. I *Timóteo* VI, 8.

189 Cf. *Eclesiastes* V, 16.

a alma para roubar-lhe as honras e as coroas. Qual é a grande necessidade do corpo para que a pretextemos para justificar interminavelmente uma concupiscência insaciável? Pão e água, em tudo e por tudo. Ora, não fornecem as fontes água em abundância? E não é fácil obter pão para quem tem mãos? Assim, podemos atender às necessidades do corpo com pouca ou nenhuma distração. Mas será que a vestimenta não exige cuidados? Tampouco, se não considerarmos a futilidade da moda, mas unicamente a necessidade. Pois, portava o primeiro homem vestimentas finamente tecidas, de linho, púrpura ou seda? Não nos ordenou o Senhor que nos vestíssemos de peles e nos alimentássemos de ervas<sup>190</sup>? Fixando desta maneira limites às necessidades do corpo, ele condenava desde então a vergonhosa conduta dos homens de hoje em dia. Não digo que ele recuse alimento aos que vivem bem, ele que alimenta as aves do céu e reveste de esplendor os lírios do campo<sup>191</sup>; mas é impossível convencer disto aqueles que estão afastados desta fé.

### A virtude respeitada e honrada

Quem, com efeito, recusaria dar a quem pede e vive segundo a virtude aquilo de que ele necessita? [17] Se, de fato, os bárbaros que tomaram Jerusalém a força, os Babilônicos, respeitaram a virtude de Jeremias e lhe forneceram com largueza toda sua subsistência corporal, não apenas o alimento mas também os utensílios para servi-lo, como não seria uma vida virtuosa honrada pelos companheiros, pelas pessoas que desde a infância purificaram por completo o espírito da mentalidade bárbara para conhecer o bem e unir-se à virtude? Mesmo se, por fraqueza da natureza, elas não puderam se tornar ascetas, saberão honrar a virtude e admirar seus atletas. Quem inspirou a Sunamita a construir uma cela de hóspede para Eliseu e nela colocar uma mesa, uma cadeira, um leito e uma lâmpada<sup>192</sup>? Não foi a virtude deste homem? Quem mandou que aquela viúva, quando a fome assolava toda a terra, servir o profeta antes de satisfazer suas próprias necessidades<sup>193</sup>? É certo, está claro, que, se ela não tivesse ficado impressionada e admirada pela sabedoria de Elias, ela não teria privado a si mesma e a seus filhos do pouco que restava

190 Cf. *Gênesis* I, 29; III, 18.21.

191 Cf. *Mateus* VI, 26-27.

192 Cf. *II Reis* IV, 10.

193 Cf. *I Reis* XVII, 7-16.

para viverem, ao escolher, por devoção a seu hóspede, sofrer a morte que ela previa próxima.

[18] O que deu coragem a estas pessoas e perseverança em suas penas, foi seu desprezo pelas coisas da vida presente. Pois elas praticaram a frugalidade contentando-se com pouco, e chegaram, pode-se dizer, a não sentir falta de nada quase iguais às Potências celestes. Ao mesmo tempo em que eram, pelo corpo, obscuros e ignorados, tornaram-se mais poderosos do que os grandes deste mundo, conversando audaciosamente com aqueles que carregavam a coroa, com mais liberdade do que eles próprios com seus iguais. Quais armas e que poder tinha Elias para ousar dizer a Acab: “Não sou eu que perturbo Israel, mas você e a casa de seu pai<sup>194</sup>”? Como pode Moisés encarar o Faraó sem outra coisa do que a virtude sobre a qual se apoiava<sup>195</sup>? Quando os exércitos de Israel e de Judá preparavam-se para o combate, como ousou Eliseu dizer a Yoram: “Pela vida do Senhor dos Exércitos diante de quem eu me coloco hoje, se não fosse por Josafá eu não lhe daria nenhuma atenção, nem sequer o olharia<sup>196</sup>”? Ele não temia nem o exército em movimento nem a cólera do rei que devia necessariamente inflamar-se em tempos de guerra, quando seu espírito estava perturbado e ansioso. Qual rei terrestre pode se mostrar mais poderoso do que a virtude? Que púrpura foi capaz de dividir um rio como o fez o manto de Elias<sup>197</sup>? Que coroa real pode operar curas como os maxilares dos apóstolos<sup>198</sup>? Um profeta repreendeu um rei opressor, que não obstante tinha com ele toda sua armada. Exasperado pelas reprimendas, o rei estendeu sua mão contra o profeta, mas não pode agarrá-lo nem recolher sua mão paralisada<sup>199</sup>. Foi um combate entre a virtude e o poder real: a vitória coube à virtude. O profeta não combateu, foi a virtude que derrotou o inimigo. O combatente não tinha nada a fazer, pois quem operava era a fé. A corte do rei assistiu ao combate, e a mão do rei ficou estendida para atestar a vitória da virtude.

[19] Esses homens realizaram tais façanhas porque haviam decidido viver

194 Cf. *I Reis* XVIII, 18.

195 Cf. *Êxodo* V.

196 *II Reis* III, 14.

197 Cf. *II Reis* II, 8.

198 Cf. *Atos* XIX, 12.

199 Cf. *I Reis* XIII, 4.

apenas para a alma, esquecendo as necessidades do corpo. E o fato de nada possuírem os tornou superiores a todos os homens. Eles preferiram abandonar o corpo e se libertar da vida carnal do que trair a virtude e agradar a um rico por um conforto corporal. Ao contrário, nós, quando qualquer coisa nos falta, parecemos cachorrinhos abanando a cauda diante daqueles que nos atiram algumas de suas migalhas; corremos atrás dos ricos, chamando-os de protetores e benfeitores dos cristãos e reconhecendo neles todas as virtudes, mesmo quando são os maiores celerados, para obtermos o que desejamos, ao invés de estudarmos como os santos venceram, com a firme resolução de imitá-los. O general sírio Naamã veio um dia encontrar Elias com muitos presentes. E que fez então o profeta? Foi ao seu encontro? Correu até ele? Não: ele enviou seu servidor para saber a razão de sua vinda, sem admiti-lo em sua presença, a fim de que ninguém pensasse que ele o havia curado em troca de seus presentes<sup>200</sup>. Isto foi contado, não para que nos mostremos arrogantes, mas para que não bajulemos em vista de um proveito corporal aqueles que permanecem ligados aos bens que nos decidimos a desprezar.

### **Entregar a Deus a subsistência do corpo**

Porque deixamos de buscar a sabedoria para nos dedicarmos à agricultura e ao comércio? O que trazemos de grande a Deus com tais ocupações? Será apenas para manifestar um cuidado comum com a agricultura? Ao homem cabe trabalhar a terra e nela lançar a semente, mas é Deus quem envia as chuvas sucessivas sobre os grãos para que estendam suas raízes na terra úmida, é ele quem faz brilhar o sol para aquecer a terra e fazer crescer as plantas e ele quem envia os ventos propícios às fases do crescimento. Quando os brotos se levantam, ele espalha pela planície doces brisas para que os grãos não sejam queimados por ventos muito quentes. Depois, com ventos mais fortes, ele faz conveniente e, depois da bateção, os ventos necessários. Quando falha um único destes elementos, o trabalho humano se mostra inútil, e nosso esforço resulta em nada se não é confirmado pelos dons de Deus. Muitas vezes, nenhum dos elementos necessários falta, mas se a chuva se apresenta demasiado abundante e fora de época, ela estraga o grão que se vai bater ou prejudica o cereal estocado. Pode acontecer também que ele seja comido pelos insetos e que o alimento nos seja tirado da boca, por assim dizer, quando a

mesa está posta.

[20] Portanto, de que nos serve nosso esforço, se Deus tem as rédeas, levando e conduzindo tudo como quer? Podemos também dizer que, nas enfermidades, o corpo tem necessidade de cuidados. Mas não é preferível morrer a fazer algo de contrário à nossa profissão? Em todo caso, se Deus quiser que continuemos a viver, ou bem ele dará ao nosso corpo força suficiente para suportar a dor e nos recompensará por nossa coragem, ou encontrará um meio curar a enfermidade, pois à fonte da sabedoria nunca falta remédio.

### **O retorno à vida dos antigos monges**

É, portanto, bom e belo retornar à antiga beatitude e à conduta dos velhos monges. Isto é fácil, penso eu, a quem quiser. E mesmo que surja alguma dificuldade, ela não deixará de trazer frutos; pois é um grande consolo a glória dos que nos precederam e o proveito que extrairão de nosso exemplo os que nos seguirem. Com efeito, não é pequeno o benefício para os iniciantes se possuírem um ideal de conduta e, para os que abandonaram este ideal, serem incentivados a retomá-lo. Fugamos da permanência nas vilas e cidades para que seus habitantes venham a nós; busquemos os lugares desertos a fim de atrair aqueles que agora fogem de nós. Com efeito, a Escritura diz de alguns, elogiando-os, que eles deixaram as cidades para residir nos rochedos, e que eles se tornaram como as pombas<sup>201</sup>. João Batista vivia no deserto e todos os habitantes da cidade acorriam a ele<sup>202</sup>. Homens vestidos de seda vinham ver um manto de pele; os que viviam em mansões douradas adotavam a miséria da vida ao ar livre. Ao invés de dormir em leitos adornados de jóias, preferiam dormir sobre a areia; e eles suportavam tudo isso, embora fosse contrário aos seus hábitos. Seu desejo de contemplar a virtude do homem de Deus era tal que eles se tornavam indiferentes às coisas penosas e sua admiração superava o sofrimento de uma vida desconfortável.

[21] A virtude é muito mais honorável do que a riqueza, e a vida solitária mais gloriosa do que os grandes bens! Quantos, que foram ricos em seu tempo e confiantes em sua grandeza, caíram no silêncio e no esquecimento, enquanto

---

200 Cf. II Reis V, 10 e sg.

201 Cf. Jeremias XLVIII, 28.

202 Cf. Mateus II, 1-5.



o prestígio do homem obscuro é celebrado até nossos dias e a lembrança dos habitantes do deserto é cultivada por todos. É próprio da virtude ser celebrada e seu renomado valor espalhar-se. Vamos repudiar o alimento dos animais e receber uma constituição de pastores. Abandonemos o comércio sórdido para adquirir a pérola do prêmio máximo<sup>203</sup>. Deixemos uma terra que produz espinhos e cardos<sup>204</sup> para nos tornarmos trabalhadores e guardiões do paraíso<sup>205</sup>. Rejeitemos tudo e abracemos a vida solitária, a fim de reduzir ao silêncio os que hoje reprovam nossas posses. O melhor meio de confundir nossos detratores é nos corrigirmos sabiamente, pois a conversão dos que eram condenados torna-se a confusão daqueles que os condenavam.

---

203 Cf. *Mateus* XIII, 46.

204 Cf. *Gênesis* III, 18.

205 Cf. *Gênesis* II, 15.

## II QUALIDADES E DEVERES DO MESTRE ESPIRITUAL

### Temeridade do iniciante que pretende dirigir os outros

É uma coisa vergonhosa, penso eu, verdadeiramente vergonhosa, a razão pela qual somos motivo de riso de muitos. Alguém acaba de entrar para a vida monástica e aprende apenas as práticas ascéticas, como se deve orar e qual é o regime alimentar; logo ele se põe a ensinar aquilo que ainda não aprendeu e a atrair uma fileira de discípulos, quando ele próprio ainda tem necessidade de ser ensinado, e tanto mais na medida em que julga que a coisa é fácil, por ignorar que o cuidar das almas é a coisa mais difícil de todas. Antes seria preciso que ele fosse purificado de todas as sujeiras passadas, para em seguida receber com grande aplicação as marcas da virtude. Mas aquele que não consegue imaginar nada além da ascese corporal, como poderá tornar melhores os que são escravos dos maus hábitos? Como poderá ele ajudar os que são atacados pelas paixões, ele que nada sabe do combate espiritual, e curar as feridas recebidas neste combate, ele que jaz ferido e prisioneiro dos seus laços?

[22] Toda arte exige tempo e uma longa aprendizagem; somente para a arte das artes as pessoas acham que podem passar sem aprendizado. Na agricultura, ninguém se arriscaria sem experiência, nem, sem iniciação, na medicina. Não somente nenhum bem poderia ser feito aos doentes, como ainda sua enfermidade poderia ser agravada; o melhor dos terrenos se tornaria improdutivo e inculco. Somente na piedade, como se ela fosse mais fácil do que tudo, qualquer um se arrisca sem aprendizado, e esta coisa tão difícil é considerada fácil pela maioria. Daquilo ao que Paulo afirmava ainda não ter chegado<sup>206</sup>, eles julgam saber tudo, quando na verdade sequer sabem que nada sabem. É por isso que a vida monástica virou motivo de brincadeira, as pessoas de toda parte riem-se dos que se dedicam a ela. Quem não riria, ao ver alguém, que até ontem era garçom numa estalagem, pavonear-se como mestre de virtudes diante de um círculo de discípulos? Ou ainda certo político, mal saído de suas malversações da manhã, pontificar ao entardecer para um bando de alunos por todos os cantos da praça? Se eles se dessem conta do imenso

---

206 Cf. *Filipenses* III, 12.

trabalho que é encaminhar as pessoas à piedade, eles saberiam também o perigo que existe nisto, e teriam a prudência de recusar uma empresa que os ultrapassa manifestamente. Mas em sua ignorância, eles sentem-se honrados em ter pessoas que se submetem a eles e produzem sem problemas um redemoinho num turbilhão. Atirar-se nesta fornalha parece-lhes brincadeira de criança. Eles provocam o riso em quem conhece a vida que levavam até ontem e a indignação de Deus por sua temeridade.

[23] Se ninguém pode afastar de Eli a cólera de Deus, nem sua velhice venerável, nem sua antiga familiaridade com Deus, nem a honra de seu sacerdócio, uma vez que ele negligenciava corrigir seus filhos<sup>207</sup>, como poderão escapar desta mesma cólera aqueles que sequer possuem diante de Deus o mérito das boas ações passadas e que, sem conhecer nem a natureza do pecado nem o procedimento para sua correção, se engajam nesta temível empreitada sem experiência, por amor à glória? Foi por isto, ao que parece, que o Senhor acusou os fariseus, dizendo-lhes: “Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês percorrem o mar e a terra para converter alguém, e quando conseguem, o tornam merecedor do inferno duas vezes mais do que vocês<sup>208</sup>”. Na realidade, por meio de suas reprimendas dirigidas aos fariseus, o Senhor advertia aqueles que mais tarde cairiam nas mesmas faltas, a fim de que, atentos a estas maldições, eles evitassem um desejo desviado de glória humana por temor de uma infelicidade ainda mais terrível. Eles deveriam ficar confusos também pelo exemplo de Jó e cuidar de seus subordinados, ou recusar tal responsabilidade, se não sabem imitá-lo, ou se não quiserem ter a mesma solicitude quanto às medidas necessárias. Pretendendo que seus filhos fossem purificados de suas imperfeições, Jó oferecia diariamente sacrifícios por eles, dizendo: “Talvez meus filhos tenham pecado contra Deus em seus corações<sup>209</sup>”. E eis que hoje existem pessoas que, sem possuir ao menos o discernimento dos pecados manifestos, porque a poeira levantada pela luta contra as paixões ofusca sua razão, precipitam-se na direção do outro e assumem a responsabilidade de curá-los, quando sequer curaram suas próprias paixões, sendo incapazes de levar alguém a uma vitória que eles mesmos não conquistaram.

---

207 Cf. I *Samuel* II, 19-29; IV, 18.

208 *Mateus* XXIII, 15.

209 *Jó* I, 5.

[24] De fato, é preciso primeiro combater as paixões e, com muita atenção, guardar na memória os detalhes da luta, para depois poder expor aos outros e tornar a vitória mais fácil descrevendo de antemão a técnica do combate. Existem os que se tornaram senhores de suas paixões por meio de grandes austeridades, mas, como isto acontece nos combates noturnos, eles não se dão conta do modo como triunfaram, sem seguiras palavras de ordem e sem reconhecer exatamente as armadilhas dos inimigos. É isto o que é simbolizado pela conduta de Josué, filho de Naum. Enquanto o exército atravessava o rio Jordão durante a noite, ele ordenou a seus homens que tomassem pedras no rio, erigindo uma estela na margem, reforçando-a com cal e inscrevendo ali como haviam atravessado o Jordão<sup>210</sup>. Ele indicava assim que é preciso colocar à luz as raízes profundas da conduta passional, erguendo claramente uma estela e não recusando este conhecimento a outros, a fim de que, não apenas saiba o que passar por ali a maneira de atravessar o rio, mas ainda que, ao fazer a mesma coisa, cada qual torne a passagem mais fácil ao próximo e que a experiência pessoal se torne uma lição para os outros. Mas os maus guias de que falamos não veem nada disso e recusam ouvir quem lhes fala disso; só considerando a confiança que têm em si próprios, eles impõem aos irmãos tarefas de escravos, como se eles tivessem sido adquiridos no mercado, e consideram glória possuir um grande número de subordinados. É uma concorrência: nenhum quer ter atrás de si um cortejo menor do que os demais; e assim eles se mostram mais mercadores do que professores.

### O ensino se faz sobretudo pelas obras

[25] Na realidade, eles pensam que é fácil comandar por palavras, mesmo se as ordens são pesadas, mas não se dão ao trabalho de ensinar pelas obras. Assim, fica claro para todos que eles assumiram esta superioridade com a intenção, não de serem úteis aos que vão a eles, mas de promoverem seu próprio prazer. Se eles quisessem, eles aprenderiam com o exemplo de Abimelec e de Gedeão que não são as palavras, mas os atos que incitam as pessoas a imitar aqueles que as dirigem. O primeiro confeccionou um feixe de lenha, colocou-o sobre os ombros e disse: “O que vocês me virem fazer, façam também<sup>211</sup>”. Também o segundo, entregando-se ao trabalho comum e

---

210 Cf. *Josué* IV, 2-9.

211 *Juízes* IX, 48.

propondo um exemplo, disse a seus homens: “Observem-me e façam o mesmo<sup>212</sup>”. O Apóstolo dizia, igualmente: “Minhas mãos obtiveram o sustento de meus companheiros e o meu próprio<sup>213</sup>”, e mesmo o Senhor agiu antes de ensinar. Estes exemplos não são suficientes para nos convencer de que é melhor confiar no ensino pelos atos do que por palavras? Mas os maus professores de que falamos são cegos diante de tais exemplos e dão suas ordens com arrogância. Quando eles imaginam que sabem alguma coisa porque ouviram falar, assemelham-se aos pastores inexperientes repreendidos pelo profeta: “Ai do pastor de coisa nenhuma, que abandona o rebanho! Que a espada lhe fira o braço e fure seu olho direito; que seu braço fique seco de uma vez, e seu olho completamente cego<sup>214</sup>”. Pois, em sua loucura, eles negligenciaram a ação reta e extinguiram neles a luz da contemplação. Isto acontece àqueles que ensinam com dureza e de modo desumano, sempre prontos a punir; os elementos da contemplação reta desaparecem logo e suas ações, privadas de toda luz, se esgotam, pois eles nada podem fazer nem podem ver nada, pois foram feridos não na coxa, mas no braço. Ser atingido na coxa pela espada equivale a usar a palavra divina contra suas próprias paixões; ser atingido nos braços significa estar sempre disposto a repreender os pecados dos outros.

### A prática deve preceder a contemplação

[26] Foi assim que Naás o Amonita, cujo nome significa “serpente”, ameaçou Israel, dotado de visão, de lhe destruir completamente o olho direito<sup>215</sup> para que nenhum pensamento direito conduzisse a uma ação direita. Ele sabia que o maior progresso consiste em ir da contemplação à prática. Pois a prática é irrepreensível quando procede de um claro conhecimento prévio. A experiência mostra à exaustão que a condução dos outros só deve ser assumida por homens solícitos e que não buscam nenhum proveito pessoal. Pois aquele que experimentou a solidão e começou a se ocupar da contemplação não escolhe sujeitar seu espírito às necessidades corporais, de separá-lo da gnose e fazê-lo descer das alturas aonde ele se mantém a maior

---

212 *Juízes* VII, 17.

213 *Atos* XX, 34.

214 *Zacarias* XI, 17.

215 Cf. I *Samuel* XI, 2.

parte do tempo para cuidar de negócios terrenos. Isto fica ainda mais evidente na parábola que Joatão propôs aos habitantes de Siquém: as árvores da floresta buscaram alguém que se tornasse seu rei, e disseram à vinha: Venha reinar sobre nós. Mas a vinha respondeu: Devo eu renunciar ao meu excelente fruto que agrada a Deus e aos homens, para reinar sobre árvores? Também a figueira recusou pela sua doçura e a oliveira por causa do seu azeite. Apenas um espinheiro sem frutos aceitou a soberania sobre elas, sem possuir nenhuma daquelas propriedades<sup>216</sup>. A parábola diz que foram as árvores de uma floresta selvagem que buscavam um rei, não as de um jardim cultivado. A vinha, a figueira e a oliveira recusaram-se a comandar as árvores da floresta, preferindo seus próprios frutos à dignidade do comando. Da mesma forma, aqueles que veem em si mesmos o fruto da virtude e que têm consciência do benefício que podem retirar dele, mesmo pressionados por muitos, recusam o comando, pois preferem seu próprio benefício à honra que receberiam de uma multidão.

### **O mestre inexperiente perde a si mesmo e aos seus discípulos**

[27] A maldição pronunciada pelo espinheiro contra as árvores, na parábola, atinge também os homens que agem do mesmo modo: “Ou bem o fogo sairá do espinheiro e devorará as árvores da floresta, ou bem sairá das árvores e devorará o espinheiro”. Pois, quando se fecham pactos inúteis, segue-se naturalmente o perigo, tanto para os que estão sujeitos a um mestre inexperiente quanto para os que assumiram a direção de discípulos inconstantes. Com efeito, a inexperiência do mestre causa a perda dos discípulos e a irresponsabilidade dos discípulos coloca em perigo o mestre, ainda mais, quando, pela incapacidade deste, os discípulos se tornam preguiçosos. É dever do mestre nada ignorar daquilo que se refere à formação de seus discípulos, e estes, por sua vez, não devem negligenciar nada das instruções do mestre. É igualmente grave e perigoso que os discípulos desobedeçam e que o mestre se mostre conivente com suas faltas. Que ninguém pense que a direção de outro seja um negócio tranquilo e repousante, pois não há função mais penosa do que dirigir as almas. Aqueles que têm que dirigir animais e bestas de carga os tem completamente em seu poder, e é por isso que eles não sentem dificuldade em fazê-los marchar direito. Mas

---

216 Cf. *Juizes* IX, 7-15.

governar os homens é mais difícil, por causa da diversidade do caráter humano e da destreza da razão. É preciso, assim, que os que assumem este encargo estejam preparados como para um duro combate, a fim de que suportem com muita paciência os defeitos de todos e os ensinem sem relaxar aquilo que eles ignoram.

### **O mestre não deve ignorar nada das armadilhas do Inimigo**

[28] Esta é a razão pela qual, no templo, a bacia de lavagem repousava sobre bois<sup>217</sup>, e também porque o candelabro era sólido e feito em uma só peça<sup>218</sup>. Isto significa que o candelabro, ou seja, aquilo que é feito para iluminar os outros, deve ser sólido em todas as suas partes, sem ter nada de frágil nem de inútil; nele deve ser eliminado, pelo polimento no torno, tudo o que é supérfluo e não serve de bom exemplo de virtude aos olhos dos outros. Quanto aos bois sobre os quais repousa a bacia, isto indica que aquele que assume o trabalho de dirigir os outros não deve recusar nada do que aconteça, mas carregar os fardos e as sujeiras dos inferiores na medida em que possa fazê-lo sem perigo. Com efeito, se ele necessariamente tiver que purificar as ações daqueles que o procuram, ele fatalmente terá contato com estas sujeiras, exatamente como a bacia na qual se lava as mãos recebe a sujeira destas. Quem trata as paixões e alivia os outros de suas sujeiras, é inevitavelmente afetado por elas, pois a lembrança permanece no pensamento. Mesmo se as marcas das coisas vergonhosas não ficarem gravadas em cores vivas, mesmo assim o espírito será arranhado em sua superfície pelas impressões impuras deixadas pelas palavras trocadas.

[29] O grande são Paulo dá testemunho disto quando diz: “Nós não ignoramos seus desígnios<sup>219</sup>”; ademais, o admirável Jó se pergunta com perplexidade: “Quem revelará a aparência de suas vestes? Quem penetrará nas dobras de sua couraça? Quem abrirá a viseira de seu capacete?<sup>220</sup>” Ele queria dizer que ele não possui face visível, pois dissimula sua malícia sob numerosos disfarces e maquina insidiosamente em segredo a ruína. Para não ser contado no número

---

217 Cf. *I Reis* VII, 25.

218 Cf. *Êxodo* XXV, 31.

219 *II Coríntios* II, 11.

220 *Jó* XLI, 13-14.

dos que ignoram suas manobras, Jó revela suas características, conhecendo claramente toda a sua monstruosidade: “Seus olhos, diz ele, são como a estrela da manhã, mas suas entranhas são como serpentes de bronze<sup>221</sup>”. Ele diz isto para mostrar sua falsidade, pois Satanás atrai para si os que o veem considerando seu belo aspecto de estrela da manhã, mas quando eles se aproximam, ele os leva à morte com as serpentes que traz em si. Um provérbio denuncia o perigo: “Aquele que racha lenha corre perigo se a lâmina do machado se soltar<sup>222</sup>”. De fato, aquele que distingue as coisas e que separa aquelas que parecem idênticas, mostrando a diferença essencial que existe entre as que são verdadeiramente boas e as que apenas parecem tais, deve tomar todas as precauções em sua linguagem para não escandalizar seus ouvintes.

[30] Foi assim que um dos discípulos de Eliseu cortava lenha perto do rio Jordão, quando a lâmina de seu machado soltou-se e caiu no rio. Percebendo o acidente, ele gritou a seu mestre: “Socorro, mestre!<sup>223</sup>” A mesma coisa acontece aos que se metem a ensinar a partir daquilo que mal chegaram a compreender, e que não conseguem concluir por lhes faltar a experiência. Se eles são confrontados a meio caminho por qualquer coisa que vai contra seus propósitos, eles mostram sua ignorância e se confundem, porque usam uma linguagem emprestada de outrem. É por isso que o grande Eliseu, atirando à água o cabo de seu próprio machado, fez flutuar a lâmina perdida por seu discípulo<sup>224</sup>, ou seja, ele trouxe à luz um pensamento que este julgava oculto e o mostrou às pessoas que lá estavam. Aqui o Jordão representa as palavras de arrependimento, pois é no Jordão que João realizava o batismo do arrependimento. Aquele que não fala exatamente como se deve do arrependimento e induz seus ouvintes a desdenhá-lo, revela sua ingenuidade oculta e deixa cair a lâmina no Jordão. Fica claro que foi a madeira que fez flutuar a lâmina que estava no fundo das águas. Com efeito, antes da cruz, a palavra de arrependimento estava oculta, e por isso quem quisesse falar dela temerariamente era condenado. Mas depois da cruz, ela se tornou visível a todos, manifestada pela madeira.

---

221 Jó XLI, 18.

222 *Eclesiastes* X, 9-10.

223 Cf. II Reis VI, 5.

224 Cf. II Reis VI, 6.

### **A direção de outrem está reservada a quem triunfou sobre as paixões**

[31] Não digo isto para desviar da direção de outrem, nem para impedir de guiar os jovens pelos caminhos da piedade, mas para exortar a primeiro adquirir um hábito de virtude proporcional à grandeza da tarefa. Que ninguém se atire irresponsavelmente, estimando apenas a aprovação que ela trará; previsão de muitos discípulos e elogios dos de fora, sem levar em conta os perigos envolvidos. Antes que a paz esteja firmemente estabelecida, não transformemos as armas de guerra em utensílios agrícolas. De fato, será apenas depois de submeter de todas as paixões, depois de deter todos os seus assaltos, venham de onde vierem, que se tornarão desnecessárias as armas de defesa e se tornará possível dedicar-se à cultura de outrem. Mas enquanto durar a tirania das paixões, enquanto subsistir a luta contra os desejos da carne, longe de depor as armas, é preciso tê-las à mão todo o tempo, a fim de não relaxar e que os inimigos não tenham ocasião de nos dominar sem combate.

Para encorajar aqueles que bem combatem pela virtude e que pensam, em sua profunda humildade, ainda não ter obtido a vitória, a Escritura diz: “Forjem arados com suas espadas, e foices com suas lanças<sup>225</sup>”, advertindo-os para que não se prendam mais a inimigos vencidos, mas que, para a utilidade de muitos, desviem as forças da alma da atividade guerreira para aplicá-las à cultura dos que ainda estão cheios das obras do mal. E aos que, antes de atingir este estado, seja por inexperiência ou por temeridade, se metem numa empresa que está acima de suas forças, a Escritura aconselha o contrário: “De seus arados, forjem espadas, e de suas foices, façam lanças<sup>226</sup>”.

### **Não cultivar o solo antes da cessação dos combates**

[32] Pois, de que serve a agricultura quando a guerra assola o país e a colheita cairá nas mãos dos inimigos ao invés dos que trabalharam nela? Esta é a razão pela qual os Israelitas, na medida em que tinham que combater diversas nações no deserto, não tinham ordem para cultivar o solo, para não serem

---

225 *Isaías* II, 4.

226 *Joel* IV, 10.

tolhidos em suas atividades guerreiras. Mas após a derrota dos inimigos, foi dito a eles que se dedicassem à terra: “Quando vocês tiverem entrado na terra da promessa, nela plantem toda espécie de planta que der fruto<sup>227</sup>”, donde se subentende: antes de nela entrar, nada plantem. Com efeito, antes da perfeição, as plantações não estão seguras, sobretudo quando os que as cultivam ainda levam uma vida errante. Na vida espiritual, como em toda atividade, existe uma ordem e um encadeamento a seguir, e desde o começo deve-se caminhar para adiante. Aqueles que, numa refeição, desdenham as entradas e se atiram às sobremesas, devem ser convencidos de que é preciso observar uma ordem; também Jacó, seduzido pela beleza de Raquel, desprezou Lia que tinha um defeito nos olhos, e, no entanto, não pode evitar cumprir mais sete anos de serviço pela beleza daquela<sup>228</sup>. Aquele que pretende avançar como se deve na vida espiritual não deve começar pelo fim, mas progredir desde o início até alcançar a perfeição.

### **Não correr atrás do título de mestre**

[33] É a isto que ele deve se aplicar para deste modo conduzir de maneira irreprochável seus subordinados aos cumes da virtude. Mas a maior parte não suporta nada dificultoso e não cumpre nenhuma obra de piedade, pequena ou grande; eles correm atrás do título de mestre, dando prova de uma terrível loucura sem minimamente supor o perigo. Não apenas eles não se recusam, quando alguns os solicitam para esta atividade, mas chegam a circular pelas ruas para recrutar contra sua vontade aqueles a quem encontram, prometendo todo tipo de vantagens maravilhosas, como negociantes que oferecem comidas e roupas nos mercados. Necessariamente, pessoas assim desprovidas de direção querem aparecer em público com todo um cortejo de discípulos, levados por suas mãos, e assegurar para si toda a encenação de um mestre, como se desempenhassem um papel num teatro. Para não perder o serviço de seus discípulos, eles se mostram na maior parte das vezes complacentes com seus prazeres e suas concupiscências, como o condutor de um carro que solta as rédeas e deixa os cavalos irem aonde quiserem, de tal modo que acabam por se precipitar em algum abismo ou vão de encontro a todo tipo de obstáculo, pois não há ninguém que os detenham ou aos seus impulsos

---

227 *Levítico* XIX, 23.

228 Cf. *Gênesis* XXIX, 27.

desordenados.

[34] Que estes guias entendam como o bem-aventurado Ezequiel condenou aqueles que servem alimentos para o prazer dos outros e que, acomodando-se às vontades de cada um, acumulam sobre eles próprios as maldições: “Infelizes, diz ele, as mulheres que costuram pulseiras para todos os punhos e confeccionam véus para todas as cabeças, para perder suas almas por um punhado de cevada ou um pedaço de pão<sup>229</sup>”. Estes de quem falamos agem da mesma forma quando atendem às suas próprias necessidades corporais com as contribuições de seus discípulos e repousam sobre tecidos finos. Com os véus que colocam sobre suas cabeças eles desonram aqueles que devem orar e profetizar com a cabeça nua<sup>230</sup>, e tornam efeminada a condições de homens, perdendo as almas imortais. Antes tivessem obedecido a Cristo, o verdadeiro Mestre, e recusado com todas as forças a direção de outros. Pois ele disse aos seus discípulos: “Não se deixem chamar Rabbi<sup>231</sup>”. Assim ele exortou a Pedro, João e todo o grupo de discípulos a fugir de tais obras e se considerar indignos de tal honra. Quem, então, poderá se considerar superior a estes homens, para se adjudicar uma dignidade que a eles foi interdita? A menos que eles achem que, por não se deixar que os apóstolos se chamassem Rabbi, Cristo teria proibido o título, mas não a função?

### **Não aceitar discípulos facilmente**

[35] Mas se, apesar de tudo, formos obrigados a aceitar um ou dois discípulos, ou mesmo dirigir vários, examinemo-nos primeiro cuidadosamente para ver se não devemos mostrar o que deve ser feito, mais por atos do que por palavras, propondo aos discípulos nossa própria vida como modelo de virtude a fim de, copiando-nos, eles não alterem a beleza da virtude pela deformação do pecado. Devemos saber que teremos que lutar tanto por nós como pelos que dirigimos, porque prestaremos conta conta por eles como por nós, uma vez que nos encarregamos de sua salvação. De fato, os santos tiveram o cuidado de não deixar para trás os discípulos menos avançados na virtude e os fizeram passar a um estado melhor. Assim é que o apóstolo Paulo fez de Onésimo, um

---

229 *Ezequiel* XIII, 18-19.

230 Cf. *I Coríntios* XI, 14.

231 *Mateus* XXIII, 8.

escravo fugitivo, um mártir<sup>232</sup>; Elias transformou Eliseu, um trabalhador, em profeta<sup>233</sup>; Moisés dotou Josué dos melhores carismas, embora ele fosse o mais jovem de todos<sup>234</sup>; Eli tornou Samuel maior do que ele próprio<sup>235</sup>. Em cada um destes casos, o zelo do discípulo contribuiu para o resultado, mas a causa essencial de seu progresso esteve no fato de ter encontrado um mestre capaz de fazer brotar a centelha em maio à fumaça e inflamar este zelo para o máximo progresso. Estes mestres tornaram-se assim a boca de Deus que comunicou aos homens suas vontades, pois eles escutaram a palavra: “Se vocês separarem o que é precioso do que é vil, vocês serão como a minha boca<sup>236</sup>”.

### Responsabilidade do mestre

[36] Deus também mostrou a Ezequiel a disposição que deve ter o mestre e o que ele deve fazer com seus discípulos: “Filho do homem, disse ele, tome um tijolo, coloque-o diante de si e faça sobre ele o desenho de uma cidade, Jerusalém<sup>237</sup>”. Isto significa que o mestre deve fazer de seu discípulo um templo santo a partir do barro. Com toda justeza, ele diz: “Coloque-o diante de você”, pois o discípulo progredirá tanto mais depressa na medida em que estiver sempre sob os olhos do mestre. Com efeito, a influência contínua dos bons exemplos imprime sua marca nas almas que não estão completamente endurecidas e insensíveis. Se Giezi e Judas caíram, o primeiro no roubo, o segundo na traição, foi por se terem subtraído da vista do mestre. Se eles houvessem permanecido ao lado dos seus conselheiros, nenhum dos dois teria falhado.

A continuação do texto mostra que a negligência dos discípulos coloca em perigo o mestre: “Ponha uma placa de ferro entre você e a cidade, que será uma muralha entre a cidade e você<sup>238</sup>”. Pois, se o mestre não quiser participar do castigo do discípulo negligente do qual ele fez uma cidade a partir do

barro, ele deve anunciar desde o princípio ao discípulo o castigo reservado a quem retorna ao seu antigo estado e esta advertência servirá então de muro a separar o inocente do culpado. É o que Deus quis dizer quando falou a Ezequiel: “Filho do homem, eu o fiz sentinela da casa de Israel; se você avistar a espada chegando e não a advertir, eu lhe pedirei contas daqueles que morrerem<sup>239</sup>”.

### Tomar cuidado com o retorno das paixões

[37] Moisés construiu um muro semelhante quando disse aos Israelitas: “Evitem tentar perseguir os inimigos depois que eles desapareceram de suas vistas<sup>240</sup>”. Isto acontece quando vigiamos a reflexão com menos cuidado depois de havermos afastado as paixões. As figuras das imaginações antigas começam a reaparecer como brotos jovens e se os deixamos invadir a faculdade mestra ao invés de interditar-lhes a entrada, as paixões voltam a se instalar e é preciso retomar o combate apesar da vitória anterior. Com efeito, existem paixões que foram domadas e acostumadas a pastar as ervas como bois, mas que, negligenciadas, voltam ao estado selvagem e retomam sua ferocidade. A fim de que isto não aconteça. A Escritura diz: “Não tente persegui-las depois que houverem desaparecido de sua vista”, para que, nesta perseguição, a alma não retome o prazer destas imaginações e não retorne ao mal de antes. Foi assim que o bem-aventurado Jacó escondeu de Siquém os deuses estrangeiros, sabendo que as coisas que foram vistas e assiduamente meditadas voltam a prejudicar o pensamento quando as imagens vergonhosas são aí gravadas de modo claro e distinto. Pois aquele que toma o cuidado de esconder aquilo que excita as paixões as destrói, não apenas por pouco tempo, mas “até este dia<sup>241</sup>”, ou seja, para sempre, pois “hoje” se estende por todo o tempo que resta. Por outro lado, Siquém significa “golpe de espádua” ou “combate”, o que designa o esforço feito contra as paixões. É por isso que Jacó deu a José Siquém como dom eleito um especial ardor para se lançar contra as paixões.

[38] O próprio Jacó disse que tomou Siquém pela espada e pelo arco<sup>242</sup>. Significando com isto que é preciso dominar as paixões com luta e esforço,

---

232 Cf. *Filemon* X, 19.

233 Cf. *I Reis* XIX, 19.

234 Cf. *Deuteronômio* XXXI, 7-8.

235 Cf. *I Samuel* III, 19-20.

236 *Jeremias* XV, 19.

237 *Ezequiel* IV, 1.

238 *Ezequiel* IV, 3.

---

239 *Ezequiel* III, 17-18.

240 *Deuteronômio* XII, 30.

241 Cf. *Gênesis* XXXV, 4.

242 Cf. *Gênesis* XXXIV, 26; XLII, 2-3.

enterrando-as na terra de Siquém. Parece haver aí uma contradição entre esconder os deuses de Siquém e colocar um deus num lugar secreto; com efeito, a primeira coisa é louvável, enquanto que a segunda é reprovada pela Escritura: “Maldito seja quem esconde um ídolo num lugar secreto<sup>243</sup>”. Pois não é a mesma coisa enterrar completamente um objeto no chão e colocá-lo num lugar secreto. O objeto oculto na terra e que não é mais visível desaparece completamente da memória com o tempo, enquanto que o objeto colocado num lugar secreto escapa à visão dos outros, mas é visto constantemente por aquele que o pôs naquele lugar e que dele guarda a lembrança sempre fresca na memória. Pois todo pensamento que toma forma no espírito é um ídolo escondido. É vergonhoso expor aos outros tais pensamentos, mas é tão perigoso quanto depositá-los num lugar secreto, e mais perigoso ainda perseguir e procurar as imagens já apagadas, pois a reflexão pende facilmente outra vez para a paixão que havia sido expulsa e mergulha fundo na ilusão dos prazeres. A virtude é, com efeito, uma coisa delicada e se damos mostra de negligência, a balança pende facilmente para o lado oposto.

### **Vigiar a cabeça da serpente**

[39] É o que a Escritura parece querer dizer de forma simbólica quando diz: “A terra na qual vocês vão entrar é uma terra instável sujeita aos movimentos dos povos<sup>244</sup>”. Pois quem entra em possessão das virtudes é ao mesmo tempo empurrado no sentido contrário, pois é uma terra instável. É preciso, assim, não deixar entrar, por pouco que seja, as imagens que podem estragar a reflexão. Também não devemos deixá-la descer para o Egito, pois de lá ela seria levada aos Assírios<sup>245</sup>. Com efeito, quando a reflexão desce às trevas dos pensamentos impuros – o que é representado pelo Egito – ela é arrastada à força pelas paixões, contra sua vontade, para realizar as suas obras. É por isso que o Legislador proibiu simbolicamente a entrada do prazer ao ordenar que se vigiasse a cabeça da serpente<sup>246</sup>. De fato, esta observa o calcanhar para realizar seu desígnio, pois, sem atingi-lo, ela não poderá introduzir o veneno

---

243 *Deuteronomio* XXVII, 15.

244 *II Esdras* IX, 11.

245 *Cf. Jeremias* XLII, 19.

246 *Cf. Gênesis* III, 15.

de sua picada. Cabe a nós cuidarmos de impedir o assalto do prazer, para que ele perca sua eficácia. Sansão não teria podido incendiar as colheitas dos estrangeiros se não tivesse amarrado as raposas duas a duas, com as cabeças voltadas em sentidos contrários, e prendido tochas às suas caudas<sup>247</sup>. Quem consegue detectar desde o começo o ataque dos pensamentos perversos e observa seus primeiros movimentos – pois eles se apresentam sob belas aparências para conseguir seus fins – poderá denunciar a inconveniência destes pensamentos pela comparação do resultado final com o aspecto inicial. É isto que significa prender as raposas pelas caudas e colocar entre elas a tocha da condenação.

### **Perceber aonde levam os pensamentos**

[40] Para esclarecer o que foi dito, darei dois exemplos, e veremos que o mesmo acontece em outros casos. Muitas vezes o pensamento da luxúria provém da vanglória e a entrada do caminho que conduz ao inferno parece sedutor, mas ela dissimula desvios funestos que conduzem às profundezas do inferno aqueles que o seguem sem reflexão. Eles são levados ao sacerdócio ou à vida perfeita do monge, muitos chegam a eles para serem ajudados, o que os faz imaginar a honra que lhes valem suas palavras e suas ações. Nutrindo-se de tais pensamentos, eles se afastam da vigilância natural, imaginam o feliz encontro com uma santa mulher, o que os leva a assentir a consecução do ato impuro, e a desenvoltura de sua consciência os arrasta ao último grau da abjeção. Quem pretende amarrar as caudas das raposas deve perceber aonde levam os dois pensamentos: para a vanglória, a honra, para a luxúria a vergonha; se ele perceber claramente o contraste entre o começo e o fim, ele poderá considerar então ter agido como Sansão.

Outro exemplo: o pensamento da gula termina no da luxúria, e o termo deste é o da tristeza. Pois, tão logo nos deixamos vencer por estes pensamentos e voltamos a nós, somos tomados pelo desencorajamento. Aquele que luta não deve pensar nem nos prazeres da comida nem na doçura da volúpia, mas nos resultados a que levam estes, e assim, antevendo a tristeza que se seguirá, saberá que os ligou pelas caudas, e, com a tocha da condenação, destruirá a colheita dos estrangeiros.

---

247 *Cf. Juízes* XV, 4.



### **Ciência e experiência necessárias aos mestres**

[41] Se a luta contra as paixões requer esta ciência e esta experiência, aqueles que assumem a direção de outros devem saber o quanto de ciência lhes é necessária para conduzir seus discípulos à recompensa da vocação celeste<sup>248</sup> e para lhes mostrar claramente todas as armadilhas. Não se trata apenas de simular a vitória dando socos no ar, mas de infligir feridas mortais ao inimigo no combate. Pois é em vão que lançamos os braços no ar se não atingimos o adversário. Este combate é mais difícil do que uma ginástica. Os corpos dos atletas se sobram e se erguem facilmente, mas quando as almas tombam, ainda que uma só vez, elas não se levantam sem um enorme esforço. Se vivemos ainda presas das paixões e, cobertos de sangue, tentamos construir o templo de nas almas, teremos que ouvir o que foi dito: “Você não construirá um templo, você que é um homem que derramou sangue<sup>249</sup>”. Construir um templo para Deus exige que estejamos em paz. Moisés tomou sua tenda e a armou fora do campo<sup>250</sup>, o que mostra que o mestre deve se colocar o mais longe possível do tumulto da guerra e habitar fora da agitação do campo para levar uma vida calma e tranquila.

### **Docilidade requerida dos discípulos**

Quando encontramos tais mestres, eles exigem dos discípulos que renunciem a si mesmos e que afastem suas próprias vontades a ponto de não mais se distinguirem de um corpo inanimado ou da matéria bruta empregada por um artista. A alma no corpo faz o que quer sem que o corpo resista, e o artista demonstra seu saber sem que a matéria impeça seja lá o que for que ele queria fazer para atingir o resultado almejado; assim também o mestre deve exercer em seus discípulos a ciência da virtude, possuindo discípulos dóceis que não o contradigam em nada.

[42] Inquirir indiscretamente a pedagogia do mestre e pretender julgar suas

ordens, impede de progredir. Com efeito, o que parece razoável e digno de fé a quem não tem experiência não necessariamente é aquilo que convém na verdade. O artesão experiente julga os assuntos de sua arte diferentemente daquele que não é experimentado, porque ele tem seu saber como regra e o outro suas conveniências aparentes, que nem sempre correspondem à verdade, e que, na maior parte das vezes, afastam-se da retidão porque estão mais aparentadas à ilusão. Por exemplo, o que há de mais irrazoável do que um piloto que conduz seu navio obliquamente ao invés de avançar em linha reta, e que ordena aos passageiros que se mantenham do lado imerso aliviando o lado que se eleva sobre as ondas e sobre o qual se exerce a pressão do vento, acentuando assim a inclinação do navio? Na verdade, seria mais conveniente mandar o peso para a parte mais elevada e não correr para o lado que pende perigosamente. E, no entanto, os passageiros obedecem ao piloto antes do que às suas próprias ideias. O perigo os convence de se submeter à arte daquele que tem a responsabilidade por sua salvação, mesmo se o que ele faz parece não merecer crédito. Não devem aqueles que confiaram a outrem o cuidado com sua salvação abandonar suas próprias conveniências aparentes e sacrificar seus próprios pensamentos à arte daquele que sabe, considerando mais seguro o seu saber?

---

248 Cf. *Filipenses* III, 14.

249 I *Crônicas* XXII, 8.

250 Cf. *Êxodo* XXXIII, 16.

### III RENÚNCIA E ASCESE

#### **Renúncia total e imediata dos bens deste mundo**

Em primeiro lugar, que aqueles que renunciam ao mundo não deixem nada de lado, temendo o exemplo terrível de Ananias que pensava prejudicar apenas os homens e que incorreu na condenação de Deus por seu furto<sup>251</sup>.

[43] Eles deveriam não apenas abandonar a si mesmos, mas abandonar tudo o que possuem, pois aquilo que eles retêm atrai constantemente seu pensamento, desviando-os das melhores coisas e afastando-os definitivamente da perfeição da fraternidade. É por isso que o Espírito Santo descreveu as vidas dos Patriarcas, a fim de que cada um de nós, qualquer que seja seu tipo de vida, tenha exemplos apropriados para alcançar a verdade. Assim, como foi que Eliseu renunciou ao mundo a partir da conduta de seu mestre? “Ele trabalhava com doze juntas de bois, foi dito, ele os degolou e os cozinhou com seus arreios<sup>252</sup>”. Isto mostra o fervor de seu zelo. Não foi dito: “Venderei as cangas dos bois e disporei do dinheiro como convier”; ele não refletiu sobre como extrair alguma vantagem daquilo que iria fazer.;todo seu desejo o impulsionava a estar com seu mestre, e ele desprezou as coisas visíveis, apressando-se em se desembaraçar delas, percebendo que elas o desviavam do bom propósito e que adiar as coisas muitas vezes faz com que mudemos de opinião. Porque o Senhor, quando propôs ao rico a perfeição da vida conforme a Deus, ordenou-lhe que vendesse todas as suas coisas e que desse o dinheiro aos pobres<sup>253</sup> sem nada guardar para si, senão por saber que aquilo que se guarda fornece todo tipo de distrações? Penso também que quando Moisés ordenava aos que queriam se purificar por uma longa oração depilassem inteiramente seus corpos<sup>254</sup>, é porque ele exigia a renúncia total aos seus bens.

---

251 Cf. *Atos* V, 1-10.

252 Cf. *I Reis* XIX, 19-21.

253 Cf. *Mateus* XIX, 21.

254 Cf. *Números* VIII, 7.

## Desligamento dos parentes e amigos

Em segundo lugar, aqueles que abraçam a vida monástica devem esquecer parentes e amigos, de tal modo que não sejam mais perturbados pela lembrança destes. [44] Quando as vacas foram atreladas ao carro da arca, esta as fez esquecer sua natureza, e, embora seus bezerros tenham sido separados delas no estábulo, elas caminharam direto sem que ninguém as forçasse, não se desviando nem para a direita, nem para a esquerda<sup>255</sup>. Elas não mostraram apego às suas crias, voltando a cabeça, nem demonstraram com mugidos sua contrariedade em serem separadas de sua progênie, mas, pensando sob o peso da arca e submetidas à tirania da natureza, avançaram como sobre trilhos, sem se desviar do caminho reto, subjugadas pela reverência devida à arca. Portanto, se animais puderam agir assim, não devem aqueles que carregam a arca espiritual agir da mesma maneira? Eles devem fazer ainda mais, para que a criatura racional não seja condenada por suas obras pelos animais desprovidos de razão, por não fazer com a inteligência aquilo que os animais fazem necessariamente. A razão pela qual José se perdeu no deserto é sem dúvida por ter buscado atingir a perfeição a partir dos nomes de seus próximos. De fato, o homem a quem ele perguntou a verdadeira causa de sua desorientação sabia que era o apego aos seus parentes, pois ele não disse que eles faziam pastar os rebanhos, mas que os conduziam, de modo que o homem se enganou a respeito de seu ofício: “Eles partiram daqui, disse ele, pois eu os ouvi dizer: Vamos para Dotain<sup>256</sup>”. Dotain significa “desligamento suficiente”. A resposta do homem indica assim que aquele que ainda ama os bens corporais está perdido e não pode atingir a perfeição se não renunciar suficientemente ao apego ao parentesco carnal.

[45] Com efeito, mesmo se deixarmos Harã<sup>257</sup>, ou seja, os sentidos, pois esta palavra significa “grutas”, e partirmos para o vale do Hebron<sup>258</sup>, ou seja, as obras vis e do deserto aonde está ainda a perdição para quem busca a perfeição, enquanto não atingirmos o desligamento suficiente, nada

---

255 Cf. I *Samuel* VI, 12.

256 Cf. *Gênesis* XXXVII, 12-18.

257 Cf. *Gênesis* XXIX, 4.

258 Cf. *Gênesis* XXXVII, 14.

ganharemos com nossas penas. O amor pelos nossos nos separa da perfeição. Verdaderamente, o Senhor nos mostrou com clareza a necessidade de romper com todos os laços de parentesco quando repreendeu Maria, a Mãe de Deus, que o buscava entre os seus<sup>259</sup>, e quando ele declarou indignos dele quem amasse seu pai ou sua mãe mais do que a ele<sup>260</sup>.

## Subtrair-se à agitação do mundo pela hesíquia

Depois que estes dois desligamentos tenham sido obtidos, é preciso aconselhar aos que se subtraíram à agitação do mundo, que vivam na hesíquia, não reabrindo, por retornos consecutivos, as feridas feitas na reflexão pelos sentidos, nem acrescentando novas formas às velhas imagens dos pecados. É preciso ao mesmo tempo repelir os assaltos das novas imagens e colocar todo o empenho em apagar as antigas. A hesíquia é trabalhosa para quem renunciou ao mundo há pouco tempo, pois neste momento a memória ainda consegue remoer todas as impurezas que existem nela, enquanto que daí para frente ela não terá mais folga devido a uma série de preocupações. Mas depois do trabalho, a hesíquia buscará com o tempo a liberação do espírito da perturbação dos pensamentos impuros. Com efeito, se nos propomos a aliviar a alma, devemos nos separar de todas as coisas que aumentam a sujeira e buscarmos com a razão mais calma, longe de tudo o que excita, evitando as conversas com quem encontramos e guardando nossa solidão, que é a mãe da sabedoria.

[46] É fácil aos que se imaginam liberados cair novamente nas mesmas armadilhas, se viverem em maio à multidão. Com efeito, é inútil, àquele que se converteu à virtude sentir prazer nas coisas que já rejeitou. Mas a força do hábito é tão grande que é preciso sempre temer a perda da hesíquia adquirida com tantos esforços e retornar aos costumes vergonhosos reavivando a memória dos pecados passados. O intelecto daqueles que se afastaram do mal há pouco tempo é como o corpo de um convalescente após uma longa enfermidade: a menor oportunidade basta para provocar uma recaída no organismo que ainda não recuperou toda a sua força. Estando os músculos enfraquecidos e frágeis, devemos sempre temer que o mal retorne depressa.

---

259 Cf. *Lucas* II, 49.

260 Cf. *Mateus* X, 37.

Ora, ele é estimulado naturalmente quando se passeia no exterior em meio à multidão. Por esta razão, Moisés ordenou aos que quisessem escapar do anjo exterminador que permanecessem no interior de suas casas: “Que ninguém saia fora das portas de sua casa, a fim de que o extermínio não o alcance<sup>261</sup>”. Jeremias parece ter dado a mesma ordem quando disse: “Não saiam para os campos e não andem pelos caminhos, pois a espada dos inimigos está em toda parte<sup>262</sup>”. Com efeito, cabe aos guerreiros valorosos ir ao encontro dos inimigos e ao mesmo tempo subtrair-se sem danos aos seus embustes. Mas quem está incapacitado de combater, que permaneça em casa, garantindo para si uma perfeita segurança pela hesíquia. Assim foi com Josué, filho de Nun, sobre quem está escrito: “O servidor Josué, que era jovem, não saiu de sua tenda<sup>263</sup>”. De fato, ele sabia, pela história de Abel, que aqueles que partissem para os campos e se engajassem prematuramente no combate seriam mortos por seus próximos e amigos<sup>264</sup>.

[47] Com a história de Dina, aprendemos com a mesma clareza que é marca de um espírito pueril e feminino tentar feitos que nos ultrapassam e imaginar que somos capazes para tal<sup>265</sup>. Pois se Dina não tivesse se aventurado tão impensadamente a apreciar as coisas da vizinhança, como se ela fosse forte o bastante para não se deixar prender por seu encanto, o juízo de sua alma não teria sido corrompido prematuramente pelas imagens sensíveis, quando ela ainda não tinha tido relações legítimas com um homem. Sabendo que esta paixão está implantada nos homens – refiro-me à presunção – e querendo desenraizá-la de nosso coração, Deus disse a Moisés o legislador: “Torne prudentes os filhos de Israel<sup>266</sup>”, pensando que é contrário à prudência afrontar temerariamente combates acima de nossas forças. Assim, não devemos nos misturar à agitação das cidades antes de obter o perfeito domínio de si e fugir para o mais longe possível mantendo a reflexão ao abrigo do ruído ambiente. Não é de boa utilidade àqueles que se separaram das coisas ter seus ouvidos ensurdecidos pelos ruídos provenientes do meio, assim como aos que abandonaram as cidades continuar observando, como Lot, o que se

---

261 *Êxodo* XII, 22-23.

262 *Jeremias* VI, 25.

263 *Êxodo* XXXIII, 11.

264 Cf. *Gênesis* IV, 8.

265 Cf. *Gênesis* XXXIV, 1 ss.

266 *Levítico* XV, 31.

passa nas portas<sup>267</sup> e ser assim invadido pelo tumulto que reina no interior. É preciso se retirar, como o grande Moisés, de tal sorte que cessem não apenas as obras, mas ainda os rumores. Com efeito, ele dizia: “Quando eu deixar a cidade e estender as mãos, os rumores cessarão<sup>268</sup>”.

[48] A calma chega verdadeiramente quando não apenas as atividades mas também sua lembrança dão tempo à alma para ver as marcas impressas por elas e para lutar contra cada qual para eliminá-las da reflexão. Enquanto novas formas surgirem a alma não consegue apagar as que se encontram nela, pois a razão está ocupada pelas que se apresentam, e o trabalho de afastar as paixões fica necessariamente mais difícil quando estas se fortalecem crescendo pouco a pouco. Como um rio que transborda, elas submergem a faculdade de discernimento da alma pelas imagens que sobrevêm umas após outras. Se quisermos ver o leito de um rio seco para nele descobrir as coisas interessantes que aí se encontram, de nada serve deixar chegar a água ao lugar onde se quer buscar, pois a água que corre preencherá rapidamente o lugar vazio. Mas se detivermos o curso do rio a montante, o fundo aparecerá sem dificuldade, e a água que restar sairá por si só deixando aparecer a terra seca, conforme o desejo daquele que quer saber o que há ali. Da mesma forma, as marcas impressas pelas paixões são eliminadas com facilidade a partir do momento em que os sentidos não mais trazem matéria do exterior. Mas se os sentidos aportam um mar de impressões, não será apenas difícil, mas completamente impossível purificar o intelecto em meio a semelhante afluxo. Pois, ainda que as paixões não nos atormentem, por falta de oportunidade devido às constantes relações com os outros, elas no entanto subsistem ocultas e crescem e se fortalecem com o tempo.

### Necessidade de guardar os sentidos

[49] O solo que é constantemente pisoteado, mesmo que contenha espinhos, não os deixa à mostra, pois a pressão constante dos pés os impede de crescer; mas eles produzem raízes fortes e florescentes nas profundezas, de tal modo que, assim que a ocasião se apresenta, brotam rapidamente. Assim também as paixões, impedidas de se manifestar livremente pelas constantes relações com

---

267 Cf. *Gênesis* XIX, 1.

268 *Êxodo* IX, 29.

os demais, fortalecem-se e, aproveitando-se da hesíquia, infligem com mais vigor um pesado e perigoso ataque àqueles que negligenciaram o combate desde o seu início. É por isso que o profeta mandou exterminar os filhos da Babilônia<sup>269</sup>, ou seja, apagar as representações enquanto elas ainda estão no receptáculo dos sentidos, a fim de que elas não caiam na terra da reflexão na qual poderiam crescer e onde, regadas pelas fortes e daninhas chuvas da permanente inquietação, produziram o fruto múltiplo da malícia. Um outro profeta louva aqueles que não suportam que as paixões cresçam e as matam enquanto ainda não desmamaram: “Bem-aventurado disse ele, quem agarra seus pequenos e os arremessa contra o rochedo<sup>270</sup>”. Talvez o grande Jó fizesse também alusão a isto, quando disse, refletindo sobre si mesmo: “O papiro e o junco florescem na água e toda planta provada de água resseca<sup>271</sup>”. Suas palavras: “O formilão perece por falta de alimento<sup>272</sup>” parece ter o mesmo significado. Querendo mostrar o caráter insidioso da paixão, Jó criou esta palavra composta associando o leão, o mais audacioso dos animais, ao inseto mais ínfimo, a formiga. Com efeito, os assaltos das paixões começam por imagens insignificantes, que avançam de modo imperceptível como as formigas, e que crescem a tal ponto que, finalmente, seu ataque não é menos perigoso do que o do leão para aqueles que as encontram. Eis porque é preciso combater as paixões assim que elas avançam como as formigas, tomando a aparência da forma mais vil. Pois se as deixarmos atingir a força do leão, tornar-se-á difícil resistir-lhes e recusar o alimento que elas pedem. Este alimento das paixões, como já dissemos, são as imagens provindas dos sentidos; estes alimentam as paixões armando sucessivamente cada imagem contra a alma.

### O combate dos sentidos

[50] É por isso que o legislador colocou treliças na cobertura do templo, significando que aqueles que querem conservar seu pensamento puro como um templo devem fazer o mesmo. Assim como as treliças impedem a entrada de todos os seres impuros, também nós devemos estabelecer em nossos

---

269 Jeremias L, 16.

270 Cf. Salmo CXXXVII, 9.

271 Jó VIII, 11.

272 Jó IV, 11.

sentidos como que uma treliça de pensamentos, o terror do julgamento futuro, que impeça a entrada das formas impuras que surgem sub-repticiamente. Também pela mesma razão, talvez, Ocozias ficou doente depois de cair de uma janela de treliças<sup>273</sup>. Pois cair de uma janela de treliça significa, no momento da tentação, deixar de opor aos prazeres as razões apropriadas. O que pode haver de pior do que esta doença? O corpo cai enfermo quando perde seu equilíbrio natural e quando um de seus elementos predomina em relação aos outros de um modo contrário à natureza. Para a alma, a doença consiste em se afastar da razão reta sob o impacto das paixões nocivas. Salomão teceu uma treliça para os que são capazes de entender quando disse: “Se seus olhos virem uma estrangeira, sua boca falará de modo hostil<sup>274</sup>”. As coisas hostis são o que deve acontecer depois do pecado no tempo da retribuição. Com efeito, o fato de pensar nestas coisas com a disposição conveniente afasta todos os olhares inconvenientes. Salomão falou desta disposição na qual deve se achar o pensamento neste momento: “Você jazerá como se estivesse em plano mar e como um piloto entre as ondas agitadas<sup>275</sup>”.

[51] Se, no momento da tentação, pudermos resistir ao espetáculo que nos excita, se nos esforçarmos para escapar aos suplícios que nos ameaçam, seremos como aquele que na tempestade no mar sobrepuja sem dificuldade os adversários, sem se importar com os ferimentos recebidos, a ponto de poder dizer: “Eles me atingiram e eu não senti dor; eles se riram de mim e não lhes dei atenção; eles me bateram, e eu pensei que apenas brincavam; eu não senti seus golpes, pois pareciam flechas de crianças. Eu não prestei atenção às suas armadilhas, como se elas não existissem<sup>276</sup>”. Assim é que Davi desprezou seus adversários: “O enganador, disse ele, afastou-se de mim e eu nem sequer percebi<sup>277</sup>”, como se dissesse: “Eu não me dei conta se meus inimigos se aproximavam ou se se afastavam”. Quem não conhece a familiaridade que existe entre os sentidos e os objetos sensíveis é facilmente enganado por isto. E como reconhecerá a armadilha no momento crítico, por não ter discernimento, quem sequer suspeita o dano que daí resulta e se deixa levar sem precaução alguma? Vemos pela guerra dos Assírios contra os Sodomitas

---

273 Cf. II Reis I, 2.

274 Provérbios XXIII, 23.

275 Provérbios XXIII, 34.

276 Provérbios XXIII, 35.

277 Salmo CI, 4.

que é contra os sentidos e os objetos sensíveis que o combate se desenvolve, impondo tributos aos sentidos quando estes são derrotados. Com efeito, a Escritura conta, por exemplo, a história dos quatro reis assírios diante dos cinco reis do país de Sodoma<sup>278</sup>, seus acordos, suas alianças e seus sacrifícios de paz concluídos junto ao Mar Morto; em seguida o cativo dos cinco reis por doze anos, sua revolta no décimo terceiro ano e a guerra que aconteceu no décimo quarto ano, durante a qual os quatro reis de Sodoma se revoltaram e fizeram prisioneiros os cinco reis assírios.

[52] Este foi o final da história. Quanto a nós, retiraremos daí uma lição para o combate dos sentidos contra os objetos sensíveis. Cada um de nós, com efeito, desde o nascimento até o décimo segundo ano de vida, por não ter ainda purificado a faculdade do discernimento, tem obrigatoriamente os sentidos sujeitos aos objetos sensíveis e submetidos às suas ordens como a déspotas: a vista às coisas visíveis, o ouvido aos sons, o paladar aos sabores, o olfato aos odores, o tato às sensações táteis. Não podemos discernir nem fazer cessar a menor destas percepções devido ao nosso estado de infância. Mas quando nosso julgamento alcança a maioridade e começa a perceber o que é nocivo, ele imediatamente pensa em como abandonar e fugir de tal escravidão. E ele se fortalece e se afirma nesta resolução, e se liberta completamente dos tiranos cruéis. Se, ao contrário, o julgamento se mostra mais fraco do que o ataque, os sentidos, vencidos pelo poder dos objetos sensíveis, caem cativos e sofrem esta escravidão tirânica sem nenhuma esperança de escapar. É por isso que os cinco reis da história, vencidos pelos quatro, foram atirados juntos no poço de betume<sup>279</sup>, para que aprendamos com isto que aqueles que são vencidos pelos objetos sensíveis são reconduzidos com todos os seus sentidos aos objetos correspondentes a cada qual, como para dentro de abismos ou poços. A partir daí, eles já não podem pensar em nada senão nos objetos sensíveis, pois fixaram seu desejo nas coisas terrestres e estão mais ligados ao desfrutar destas coisas do que das coisas espirituais.

### A terrível escravidão do hábito

[53] É como o escravo que está ligado ao seu senhor, à sua mulher e aos seus

---

278 Cf. *Gênesis* XIV, 1 ss.

279 Cf. *Gênesis* XIV, 10.

filhos e que rejeita a verdadeira liberdade em função de laços corporais, permanecendo assim escravo para sempre. Deixando que furem sua orelha com uma argola<sup>280</sup>, ele não terá mais a faculdade de ouvir a palavra que o libertaria e permanecerá perpetuamente escravo devido à sua ligação com as coisas presentes. É por isso que a Lei ordena cortar a mão da mulher que segura pelos genitais o homem que luta contra outro<sup>281</sup>. Com efeito, no combate dos pensamentos sobre a escolha entre os bens terrestres e os celestes, esta mulher, ao invés de escolher estes últimos, prefere aqueles que estão sujeitos à geração e à corrupção – pois este é o significado dos genitais na Lei. Assim, de nada serve renunciar às coisas se não perseverarmos neste propósito e se nos deixarmos atrair novamente por essas coisas e sermos enredados em seus pensamentos. Desta forma retornamos àquilo que havíamos deixado e mostramos claramente que ainda permanecemos ligados, como a mulher de Lot que olhou para trás e foi transformada em estátua de sal a fim de se tornar até hoje uma lição para os desobedientes<sup>282</sup>. É o símbolo do hábito que faz voltar atrás aqueles que tentaram cumprir uma renúncia definitiva. O que quer dizer a Lei quando determina que aqueles que entraram no templo e terminaram suas preces não saiam pela mesma porta pela qual entraram, mas pela porta oposta, sem voltar sobre seus passos<sup>283</sup>? Não é para significar que não devemos interromper nossa marcha retilínea para a virtude por desvios à nossa ré? Se voltamos continuamente a cabeça para aquilo que deixamos, somos atraídos para trás e nosso ímpeto cessa de nos empurrar para frente para nos fazer voltar aos antigos pecados.

[54] O hábito que nos atrai de volta e nos impede de retornar ao nosso estado de virtude é uma coisa terrível. Com efeito, o estado provém do hábito e este estado se torna como que uma segunda natureza. É difícil mudar e transformar uma natureza; mesmo se a inclinarmos com alguma força, ela retorna a si mesma rapidamente. Sempre podemos fazê-la sair um pouco de seus limites, mas não podemos mudá-la completamente, a menos que, ao preço de muitos trabalhos, a impeçamos de retornar sobre seus passos ao estado que ela perdeu ao adquirir o mau hábito.

---

280 Cf. *Êxodo* XXI, 6.

281 Cf. *Deuteronomio* XXV, 11.

282 Cf. *Gênesis* XIX, 26.

283 Cf. *Ezequiel* LXVI, 9.

### Raquel sentada sobre os ídolos

A alma que segue os hábitos é como Raquel sentada sobre os ídolos; ela permanece ligada às coisas informes e mesmo quando quer se dirigir para coisas mais elevadas, não consegue: “Eu não posso, disse ela, levantar-me em sua presença, pois tenho aquilo que acontece regularmente às mulheres<sup>284</sup>”. De fato, a alma que há muito tempo se compraz com as coisas da vida terrestre está verdadeiramente “sentada sobre ídolos”, sobre objetos que não têm forma em si mesmos e que recebem sua forma da arte dos homens. A riqueza, a glória e as outras coisas da vida são coisas informes, sem nada de notável nem de característico. Traindo esta realidade por uma aparência sedutora, elas mudam a cada dia; somos nós que lhes damos uma forma quando atribuímos por meio de raciocínios humanos uma utilidade imaginária a coisa que não possuem nenhuma utilidade real.

[55] Nós dedicamos às necessidades essenciais do corpo um luxo inconcebível, adicionando mil temperos aos alimentos e enfeites caríssimos às roupas apenas para o fausto e o conforto; e se alguém nos critica estas vaidades – sem razão, pensamos nós – nós nos defendemos arduamente alegando que nos atemos apenas ao que é conveniente. Que fazemos assim, senão dar forma a objetos que não a possuem em realidade? É acertadamente que dizemos que tal alma está “sentada sobre os ídolos”. Pois quando a alma, como dissemos, afirma em si estes juízos e se liga desta maneira às coisas como se fossem ídolos, ela não mais está submetida à verdade e não pode mais se erguer, ela está manchada pelos maus hábitos, assim como a mulher pela impureza de suas regras. A Escritura fala em estar sentado para frisar a indolência, que se abstém de fazer o bem, e o amor ao prazer. Ela menciona a indolência quando fala “daqueles que estão sentados nas trevas e na sombra da morte, cativos das misérias e das correntes<sup>285</sup>”, pois as trevas e as correntes nos pés impedem de agir. Trata-se também do prazer quando se fala daqueles que retornaram de coração ao Egito e que diziam entre si: “Nós nos lembramos dos dias em que nos assentávamos junto a pratos de comida e comíamos à vontade<sup>286</sup>”. Na verdade sentam-se junto aos pratos de comida

---

284 *Gênesis XXXI, 35.*

285 *Isaias IX, 2; Salmo CVII, 10.*

286 *Êxodo XVI, 3.*

aqueles que sem cessar atiçam seu apetite pelos líquidos e pelo calor. E a gulodice é a mãe do prazer, pois é ela que engendra todas as demais paixões. Com efeito, é dela, como de uma raiz, que proliferam todos os brotos das demais paixões que, pouco a pouco, sobre a árvore mãe, estendem aos céus seus ramos de malícia. Avareza, cólera e tristeza são filhas e descendentes da gula; pois o guloso precisa primeiro de dinheiro para suprir sua concupiscência jamais satisfeita. A cólera vem então provocada por tudo o que se opõe à aquisição do dinheiro; segue-se a tristeza, quando a cólera se mostra impotente para alcançar seus fins. Tal é a sorte daquele que avança “sobre o peito e o ventre<sup>287</sup>”: ele avança sobre o ventre quando dispõe de meios materiais para usufruir dos prazeres; quando estes faltam, ele rasteja sobre o peito, onde se assenta a cólera. De fato, os concupiscentes provados de seus prazeres tornam-se furiosos e amargos.

### O discernimento dos perfeitos

[56] É por isso que o grande Moisés fez com que o sacerdote trouxesse sobre o peito um peitoral, indicando com este símbolo que ele deve refrear ciosamente os impulsos da paixão da cólera com seu pensamento; pois o peitoral representa a faculdade do discernimento, e aquele cuja paixão domina a razão é imperfeito; Moisés, que era perfeito, havia feito desaparecer totalmente a cólera, pois não apenas ele portava o peitoral, mas ainda ofereceu o peito, como foi dito: “Moisés tomou o peito e o ofereceu colocando-o diante do Senhor<sup>288</sup>”. Outros não conseguiram afastar completamente a cólera e não dominaram a paixão pela razão, mas tornaram-se senhores dela com muito esforço: estes são os que ergueram o peito com o braço, pois o braço é o símbolo do esforço e da ação. Da mesma forma, o fato de avançar sobre o ventre, rastejando, representa justamente o prazer, pois o ventre é, por assim dizer, a causa dos prazeres porque, quando está cheio, os apetites pelos demais prazeres se tornam mais intensos e, quando lhe falta alguma coisa, estes permanecem tranquilos e mais estáveis. Daí a diferença entre aquele que progride e o perfeito. Moisés, que havia rejeitado completamente o prazer dos alimentos, lavou o ventre e os pés com água: o ventre designa o prazer e os pés a marcha para o progresso. Aquele que progride lava o que está no ventre,

---

287 *Gênesis III, 14.*

288 *Levítico VIII, 29.*

mas não todo o ventre. Existe uma grande diferença entre o que Moisés lavou e o que os outros lavam. De uma parte, trata-se de um gesto voluntário; de outra parte, algo ordenado.

[57] Com efeito, é preciso que o perfeito seja levado às ações virtuosas por um movimento próprio, enquanto que quem progride obedece às ordens do superior. Com o maior cuidado ele ergue inteiramente o peito, mas não ergue o ventre, ele o lava. Pois embora o sábio seja capaz de rejeitar e eliminar a cólera, ele não pode suprimir o ventre. A natureza é forçada a se utilizar de alimentos essenciais, mesmo no asceta mais mortificado. Quando a alma não segue mais a razão reta e firme, mas se deixa corromper por prazeres grosseiros, o ventre se incha, pois, mesmo quando os órgãos do corpo se encontram saturados, a concupiscência permanece insatisfeita e ao inchaço do ventre segue-se o enfraquecimento das coxas<sup>289</sup>. Então a reflexão perde a força para engendrar o bem, por estar o ventre inflado pela riqueza dos alimentos, e as energias espirituais se tornam abatidas. É isto que a Lei dá a entender com a imagem das coxas. Assim é que o concupiscente avança rastejando sobre o ventre, voltado inteiramente para a fruição dos prazeres. Mas quem se engaja na vida virtuosa faz desaparecer a gordura que enche o ventre recusando os alimentos que engordam o corpo; aquele que progride lava o que está no ventre; enfim, o perfeito lava totalmente o ventre rejeitando inteiramente tudo o que não é estritamente necessário.

### **Gulodice e luxúria**

[58] “Sobre o peito e o ventre”, diz o texto, acrescentando bem a propósito: “Você avançará<sup>290</sup>”. Com efeito, o prazer não é próprio das pessoas estáveis e calmas. Mas dos agitados e turbulentos. O prazer sexual é ainda mais aparentando com a gulodice do que as demais paixões. Querendo mostrar a estreita conexão entre estas duas paixões, a natureza colocou os órgãos sexuais logo abaixo do ventre. Se a concupiscência daqueles diminui, é porque este está em estado de privação; ao contrário, se sua concupiscência se inflama e se excita, é devido ao vigor do ventre saciado. E a gulodice não é apenas a mãe e a nutriz dessas paixões, ela é também a destruidora do bem.

289 Cf. *Números* V, 21.

290 *Gênesis* III, 14.

Pois uma vez que ela se torna senhora e detém o poder, normalmente as virtudes tombam e desaparecem: a temperança, a castidade, a coragem, a força e todas as outras. É isto que Jeremias quis dizer misteriosamente quando afirmou: “O cozinheiro chefe dos Babilônios destruiu a muralha que cerca Jerusalém<sup>291</sup>”; o cozinheiro chefe é uma imagem da paixão da gula. Com efeito, o cozinheiro chefe dedica todo seu zelo em servir o ventre e inventa mil receitas para produzir prazer; da mesma forma a gulodice põe em marcha todos os meios de buscar prazer no momento da fome, e a variedade de alimentos toma posse do forte das virtudes e o destrói de alto a baixo.

[59] As ervas e os temperos vão contra a virtude, ainda que firme; são como máquinas e engenhos de guerra que sacodem e destroem sua firmeza e solidez. E do mesmo modo como uma alimentação demasiado rica destrói as virtudes, a frugalidade abate a fortaleza dos vícios. Com efeito, assim como o cozinheiro chefe dos Babilônios destruiu as muralhas de Jerusalém, ou seja, a alma em paz, desencadeando os prazeres da carne com sua arte culinária, também o pão de cevada dos Israelitas, rolando, colocou por terra as tendas dos Medianitas<sup>292</sup>. Pois um regime frugal regular e progressivo destrói na maior parte das vezes os impulsos da luxúria. Os Medianitas são, de fato, um símbolo das paixões da luxúria, porque foram eles que introduziram a prostituição em Israel e seduziram um grande número de jovens. A Escritura fala com justiça das tendas dos Medianitas e da muralha de Jerusalém, porque tudo o que cerca a virtude é sólido e firme, enquanto que o que contém o vício é como uma tenda ou um pano, em nada diferente de um fantasma.

### **Vantagens da vida no deserto**

[60] Eis porque os santos fugiam das cidades e evitavam os encontros numerosos, sabendo que a companhia de homens corruptos era mais perigosa do que a peste. Assim é que, sem nada levar consigo, eles deixavam suas posses ao abandono, libertando-se das distrações que elas lhes traziam. Pela mesma razão Elias deixou a Judéia para habitar o monte Carmelo, que era um deserto e território de animais selvagens<sup>293</sup>, e onde não havia mais do que

291 *II Reis* XXV, 9-10; *Jeremias* LII, 14.

292 *Cf. Juízes* VII, 13.

293 *Cf. I Reis* XVII, 1-19; XVIII, 19.



árvores para prover alimentos; ele se contentava com frutas para as necessidades de sua natureza. Eliseu seguiu o mesmo modo de vida, tendo herdado de seu mestre, entre outras coisas boas, o amor pelo deserto. Também João Batista habitava no deserto próximo ao Jordão, alimentando-se de gafanhotos e mel selvagem<sup>294</sup>, mostrando a todos a despreocupação com a subsistência corporal e criticando a busca da fruição. E talvez Moisés tenha estabelecido uma lei geral quando prescreveu aos Israelitas, a respeito do maná, que o recolhessem a cada dia<sup>295</sup>, frisando assim judiciosamente que os homens devem viver cada dia sem se preocupar com o amanhã. Ele pensava que à criatura racional convém se contentar com aquilo que se apresenta e reconhecer que Deus é o dispensador do resto. Senão, fazendo provisões pra o futuro, mostramos uma falta de confiança na graça de Deus, como se ele não espalhasse continuamente seus dons sobre os homens.

[61] Em resumo, é por isso que todos os santos “de quem o mundo não era digno”, deixaram as regiões habitadas para “errar pelos desertos e as montanhas, nas grutas e nas cavidades da terra, vestidos com peles de carneiro ou couros de cabras, submetidos às privações, oprimidos e maltratados<sup>296</sup>”. Eles fugiram da malícia natural dos homens e das coisas inúteis de que estão cheias as cidades, não querendo ser levados pelo turbilhão agitados em que a maior parte das pessoas está engajada, levadas por um ímpeto violento como a força de uma correnteza. Eles eram felizes por viver entre animais selvagens, considerando-os menos nocivos do que seus semelhantes. Eles fugiram dos homens como se fossem seus inimigos, enquanto confiavam nos animais como se fossem amigos, pois estes não ensinam o pecado e admiram e respeitam a virtude. É assim que os homens quiseram matar Daniel, enquanto que os leões o salvaram protegendo aquele que havia sido condenado injustamente<sup>297</sup>. Eles substituíram o julgamento iníquo dos homens pelo julgamento justo proclamando sua inocência. A virtude desses heróis havia sido objeto da inveja e da hostilidade dos homens; para os animais, foi objeto de veneração e respeito.

---

294 Cf. *Marcos* I, 16.

295 Cf. *Êxodo* XVI, 16-17.

296 *Hebreus* XI, 37-38.

297 Cf. *Daniel* VI, 16-23.

## IV EXORTAÇÃO AO DESLIGAMENTO TOTAL

### Como o asno no deserto

[62] Se temos em nós o desejo de progredir, imitemos de coração as virtudes dos santos. Deixemos a escravidão do corpo e busquemos a liberdade. O asno deixado no deserto pelo Criador não ouve as reclamações do condutor e se ri do burburinho das cidades<sup>298</sup>. Mesmo que até o presente nós o tenhamos feito carregar uma pesada carga sob o jugo das paixões da malícia, libertemo-lo de seus laços malgrado as resistências dos que, sem que sejam seus donos naturais, adquiriram o hábito de dominá-lo. Certamente, se eles nos ouvirem dizer, não apenas de boca e com palavra, mas de coração: “O Senhor precisa dele”, eles o soltarão imediatamente e, vestido com as roupas dos apóstolos, ele se tornará a montaria do Verbo<sup>299</sup>. Solto e deixado em suas antigas pastagens, ele encontrará toda a verdura<sup>300</sup>, ou seja, ele seguirá aqueles que possuem a riqueza das palavras da Sagrada Escritura, para ser encaminhado a uma vida irrepreensível, colhendo nelas a um só tempo o alimento e o prazer. Mas devemos nos perguntar como o asno deixado por Deus no deserto encontra verdura, uma vez que vive num terreno inculto e salobro. O deserto impregnado de sal geralmente é impróprio para produzir ervas. Podemos responder que se trata do deserto das paixões e que estaremos aptos a encontrar a contemplação nas palavras divinas quando expulsarmos completamente a umidade das paixões.

### Rejeitar as diversões infantis

[63] Deixemos as coisas desta vida e elevemo-nos até os bens da alma. Por quanto tempo permaneceremos ainda nos jogos de criança, sem adotarmos uma mentalidade viril? Por quanto tempo ainda agiremos com a debilidade de

---

298 Cf. *Jó* XXXIX, 5-7.

299 Cf. *Marcos* XI, 3.

300 Cf. *Jó* XXXIX, 5-7.

bebês, sem progredir para as grandes coisas? Pois as crianças, quando crescem, mudam de disposições em relação aos jogos e perdem facilmente a ligação que tinham pelos objetos que os divertiam. Nozes, ossinhos, bolas são objetos aos quais as crianças se ligam e que consideram de grande valor, na medida em que seu espírito não possui maturidade. Mas quando as pessoas se tornam adultas, rejeitam tudo isto e se dedicam aos negócios com o maior empenho. Nós, ao contrário, permanecemos como crianças nos extasiando com coisas pueris e ridículas. Recusamos o esforço para adotar uma mentalidade que convenha a homens, preferimos nos abandonar às diversões terrestres, fornecendo motivos para o riso das pessoas que dão às coisas seu real valor. É vergonhoso para um adulto sentar-se para desenhar figuras infantis na areia ou nas cinzas; mais vergonhoso ainda é, para aqueles que estão destinados a usufruir dos bens eternos, rolares nas cinzas dos bens terrestres e desonrar a perfeição de sua profissão por uma conduta inepta.

Se agimos assim é porque, ao que parece, não pensamos em nada que esteja acima das coisas que vemos, e porque não reconhecemos a excelência dos bens celestes diante do pouco valor dos bens presentes. Estamos ofuscados pelo brilho destes últimos e neles fixamos nosso desejo. Pois, na ausência das coisas melhores, as menos boas sempre adquirem valor e tomam o lugar das primeiras. Se tivéssemos uma ideia mais elevada dos bens futuros, não ficaríamos nos extasiando diante dos bens presentes.

### **Como marinheiros na tempestade, lançar a carga ao mar**

[64] Começamos, portanto, por nos separarmos das coisas presentes, desdenhando as posses, as riquezas e tudo o mais que submerge o espírito e o arrasta às ondas. Rejeitemos a carga, e o navio flutuará melhor. Na tempestade devemos nos desembaraçar da maior parte das bagagens, a fim de que o piloto – o intelecto – possa ser salvo com a tripulação, ou seja, os pensamentos. Quando os navegadores, em pleno mar, são pegos num furacão, eles fazem pouco caso de suas mercadorias e, por si próprios, despejam a carga no mar, considerando a vida preferível à fortuna. Para que o navio submergindo sob o peso da carga não tenha a infelicidade de afundar, eles o aliviam, atirando às ondas o mais precioso dos tesouros. Porque não dispensamos, nós também, por uma vida melhor, tudo o que arrasta a alma para o abismo? O temor a Deus não tem a mesma força do que o medo do mar? Os marujos, desejosos

de assegurar uma vida transitória, não veem como prejuízo grave a perda de seus bens, e nós, que pretendemos aspirar à vida eterna, não dispensamos sequer o mais insignificante objeto e preferimos morrer com as mercadorias a sermos salvos sem elas.

### **Como os atletas, despojemo-nos de tudo para a luta**

Despojemo-nos de tudo, eu lhes peço, pois nosso adversário, este, está nu. Os atletas não lutam vestidos, a regra é que eles entrem na arena sem vestimentas. Faça frio ou calor, é assim que eles fazem sua entrada, deixando as vestes do lado de fora. Se alguém recusa despir-se, recusa a luta. Ora, nós que recebemos a ordem de lutar, e contra adversários que são bem mais lesto do que aqueles que lutam visivelmente, não apenas não tiramos as roupas, como ainda nos atiramos ao combate com inúmeros fardos às costas, dando assim múltiplas oportunidades aos nossos antagonistas.

[65] Com efeito, como pode alguém cumulado de bens materiais lutar contra “os poderes espirituais da malícia<sup>301</sup>”, estando vulnerável de todos os lados? Como alguém cercado de riquezas combaterá o espírito da avareza? Como alguém envolvido em mil preocupações poderá enfrentar os demônios que são livres de qualquer preocupação? A Sagrada Escritura diz: “Aquele que está nu correrá alegremente naquele dia<sup>302</sup>”. Aquele que está nu, não o que está revestido com todos os rebanhos de preocupações pelas coisas deste mundo; aquele que está nu, não o que é impedido de correr pela quantidade de bens e riquezas. Quem está nu torna-se difícil, senão impossível, de ser agarrado por seus adversários. Se o grande José estivesse nu, a Egípcia não teria conseguido agarrá-lo, pois a Escritura diz que ela o segurou pelas roupas dizendo: “Deite-se comigo<sup>303</sup>”. As roupas são as coisas corpóreas por meio das quais o prazer nos atrai e se apodera de nós. Quem está ligado a elas é necessariamente levado a lutar contra os que as roubam. Foi assim que José, o atleta da castidade, vendo-se arrastado à força, pela vestimenta necessária ao corpo, à volúpia da união carnal, compreendeu que ele deveria estar nu para vencer sua soberana que pretendia fazer-lhe violência; e ele abandonou suas

---

301 *Efésios* VI, 12.

302 *Amos* II, 16.

303 Cf. *Gênesis* XXXIX, 12.

vestes e fugiu como o primeiro homem que circulava no Paraíso graças à sua virtude. Adão havia recebido de Deus este privilégio da nudez, até que foi obrigado a usar roupas por causa de sua desobediência. Enquanto ele lutou contra os adversários que o pressionavam a violar a ordem de Deus, ele permaneceu nu como o atleta na arena; mas uma vez vencido e fora de combate, ele concordou em vestir-se, porque a nudez está associada às condições da luta.

[66] É por isso que o autor dos Provérbios dizia ao treinador do atleta: “Tire suas vestes, pois ele vai entrar na arena<sup>304</sup>”. Enquanto está fora do estádio, é bom que o lutador mantenha suas vestimentas tanto quanto os que não vão combater, para dissimular sua força sob vestes sensíveis. Mas quando ele avança para o combate, “retire suas vestes”, Pois é preciso combater nu, e não apenas nu, mas ainda besuntado de óleo. O fato de estar nu impede o lutador de ser agarrado por seu antagonista, e estar besuntado de óleo lhe permite escapar facilmente se for pego. Eis porque cada um dos adversários se esforça para jogar terra no outro, a fim de que a untuosidade do óleo seja atenuada pela poeira e ele consiga segurar seu antagonista. No nosso combate, a poeira são os negócios terrestres, e o óleo a libertação das preocupações. E assim como o lutador bem besuntado de óleo se livra facilmente das garras de seu adversário, e como, ao contrário, se for atingido pela poeira, livra-se com mais dificuldade, também no nosso caso, aquele que não tem nenhuma preocupação não é facilmente agarrado pelo diabo, mas o que está como que coberto pela poeira das preocupações terrestres não possui a inteira liberdade de espírito e tem dificuldade em se livrar das mãos do adversário.

### **Desembaraçar-se de todas as preocupações**

[67] A característica de uma alma perfeita é estar desembaraçada de toda e qualquer preocupação, enquanto que a alma do ímpio está cheia de preocupações. Com efeito, diz-se da alma perfeita que ela é como “um lírio em meio aos espinhos<sup>305</sup>”, o que indica que ela vive sem preocupações no meio daqueles que estão cheios de preocupações. Pois no Evangelho o lírio é uma imagem da alma desembaraçada de preocupações: “Eles não tecem nem

---

304 *Provérbios XXVII, 13.*

305 *Cânticos II, 2.*

fiam, e estão envoltos em maior glória do que Salomão<sup>306</sup>”. Ao contrário, dos que têm muitas preocupações com as coisas materiais se diz: “Toda a vida do ímpio está nas preocupações<sup>307</sup>”. E, com efeito, o ímpio passa toda a sua vida ocupando-se de coisas corporais, sem mostrar a menor preocupação com as coisas futuras; para o corpo, que entretanto não tem necessidade de muitos cuidados, ele dispensa todo seu tempo, mas para a alma ele não reserva sequer um curto instante, enquanto que ela é capaz de tal progresso que toda uma vida não é suficiente para levá-la à perfeição. Mesmo quando parecemos lhe dedicar algum tempo, é com descuido e negligência que o fazemos, fascinados que estamos pelas aparências das coisas visíveis. Somos como pessoas seduzidas pela feiura prostituída que, desprovida de beleza real, cria uma falsa aparência para enganar quem a fita, corrigindo sua deformidade à custa de cosméticos. Vencidos pela vaidade das coisas presentes, ficamos incapazes de ver a feiura da matéria, iludidos pela ligação que temos por ela.

### **Manter-se com o estritamente necessário às necessidades do corpo**

[68] Por esta razão, não nos mantemos dentro daquilo que é o estritamente necessário, mas, perseguindo uma saciedade nociva à vida, nos comprazemos em toda espécie de posses, sem perceber que nossas posses devem estar na medida das necessidades do corpo e que tudo o que vai além é desregramento e não mais necessidade. Uma túnica na medida do corpo é ao mesmo tempo conforme à necessidade e ao bom gosto. Se ela é demasiado longa, chegando aos pés e arrastando pelo chão, ela é ao mesmo tempo chocante e dificulta qualquer tipo de trabalho. Da mesma forma, as posses que ultrapassam as necessidades do corpo são um entrave à virtude e objeto de severa censura da parte daqueles que são capazes de compreender a verdadeira natureza das coisas. Não devemos prestar atenção àqueles que vivem enganados pelas coisas sensíveis, nem seguir cegamente os que estão ligados às coisas terrestres, porque eles jamais pensam nas coisas espirituais. É como se recorrêssemos a cegos para julgar as cores ou a surdos para apreciar a música: confiamos em pessoas que não possuem o necessário para julgar as coisas espirituais, porque elas optaram pela fruição das coisas presentes. São cegos, aqueles cujo espírito é desprovido das faculdades mais necessárias para discernir as coisas excelentes das coisas indiferentes.

---

306 *Mateus VI, 28-29.*

307 *Jó XV, 20.*

[69] Um destes foi Acã, filho de Carmi, que confessou a Josué haver enterrado sob sua tenda os objetos que ele havia roubado, com a prata escondida por baixo<sup>308</sup>. De fato, considerando mais preciosos estes objetos materiais, variados e esplêndidos, ele enterrou debaixo sua razão, perdendo-se verdadeiramente como um ser desprovido de razão e se entregando às aparências daquilo que lhe agradava. Ele rebaixou seu pensamento de seu trono real ao nível dos subordinados, ou antes, dos criminosos. Pois se seu pensamento houvesse permanecido firmemente estabelecido em seu lugar, encarregado de julgar as coisas sensíveis, ele teria dado um veredicto justo e direito, condenado o ímpeto que o levava às coisas enganadoras.

### **O excesso a que conduz a concupiscência ilimitada**

É, portanto, bom manter-se dentro dos limites do necessário e fazer todo o possível para não ultrapassá-los. Pois, quando nos deixamos levar um pouco pela concupiscência aos prazeres da vida, já não teremos a seguir razão para deter o movimento que se iniciou. Com efeito, para além da necessidade já não existe limite, e o ardor imenso e a vaidade sem limites aumentam sempre o trabalho de adquirir mais, alimentando a concupiscência como alimentamos uma chama acrescentando mais combustível.

[70] Uma vez ultrapassados os limites das necessidades da natureza, começa o desenvolvimento da vida material, quando desejamos algo de mais saboroso sobre o pão, quando juntamos um pouco de vinho ordinário à água, e assim por diante. Não suportamos mais usar roupas comuns, mas passamos a adquirir as mais belas lãs, escolhendo as de melhor qualidade, para depois passar às combinações escolhidas de linho e lã, e daí para as sedas, primeiro simples e logo com bordados representando combates, jogos e toda espécie de cenas. Adquirimos vasilhas de prata e de ouro, não apenas para nossa mesa, mas para servir aos animais ou para servir de urinol. O que é preciso acrescentar para mostrar a ostentação absurda das pessoas que estendem sua vaidade até as necessidades mais baixas e que consideram indignos de seus dejetos recipientes feitos de outro material que não prata? É assim que o prazer chega ao cúmulo e leva o luxo material até as ações mais vis.

### **Os homens se tornam mais irracionais do que os animais**

[71] Tal conduta é contra a natureza, pois o Criador ordenou a nós e aos animais: “Eis que lhes dou, disse Deus ao homem, todas as ervas dos campos para servir de alimento a vocês e aos animais<sup>309</sup>”. Nós recebemos o mesmo regime dos seres desprovidos de razão, mas se usamos nossas faculdades intelectuais para substituí-lo pelo pior dos desregramentos, não será certo sermos considerados mais irracionais do que eles? Os animais permanecem dentro dos limites da natureza, em nada se afastando daquilo que lhes foi ordenado por Deus, e nós, homens dotados de razão, abandonamos por completo a antiga lei. Quantos alimentos cozidos comemos os animais? Têm eles cozinheiros para encher de prazeres seus ventres miseráveis com mil artifícios? Eles comem a erva, contentando-se com o que encontram, e bebem a água das fontes – muitas vezes, em pequenas quantidades. Do mesmo modo eles temperam os prazeres sexuais e não inflamam a concupiscência com comidas gordurosas. Eles só têm consciência do sexo durante a estação do ano reservada pela lei da natureza à sua união por espécie a fim de mantê-la e propagá-la. No resto do tempo, eles são estranhos uns aos outros a ponto de esquecer completamente a atração sexual. Entre os homens, ao contrário, devido à riqueza da alimentação, uma concupiscência insaciável de prazeres carnis se desenvolve, suscitando desejos furiosos e não dando jamais repouso à paixão.

### **Evitar os perigos trazidos pelo amor às riquezas**

[72] Uma vez que as posses causam tamanho prejuízo e, como fonte envenenada, dão impulso a todas as paixões, eliminemos a própria causa, se desejamos a saúde de nossa alma. Curemos o amor passionai das riquezas pelo despojamento. Fugamos dos encontros com homens que não nos fazem nenhum bem, abraçando a solidão, pois a companhia de pessoas frívolas é nociva e desastrosa para a paz habitual da alma. Pois, assim como quem vive numa atmosfera pestilenta está geralmente doente, também os que vivem

como homens ordinários contraem seus vícios. Com efeito, o que há de comum entre o mundo e aqueles que renunciaram ao mundo? “Ninguém, alistando-se no exército, mantém os negócios da vida civil, se quiser dar satisfação a quem o engajou<sup>310</sup>”. O cuidado com os negócios impede os exercícios militares; e, se não estivermos engajados, como poderemos nos manter firmes contra tropas aguerridas? Antes, a bem dizer, combateremos com tanta preguiça e indolência que não poderemos resistir ao inimigo jazente sobre a terra, e homens em pé serão surpreendidos pelo adversário caído. É o que acontece nos combates contra o amor às riquezas. Aqueles que despojam os mortos depois das batalhas muitas vezes são mortos por inimigos estendidos sobre o solo, e na esperança de um proveito vergonhoso perecem miseravelmente depois de terem obtido a vitória. É o destino que sofreremos, também nós, se nos aproximarmos do inimigo moribundo que jaz sobre a terra. Assim como soldados no campo de batalha examinam os mortos pelo desejo de riquezas e são feridos de improviso e mortos por um inimigo semimorto de quem se aproximaram para o despojar, desonrando assim tolamente a glória de seu triunfo, também nós, após havermos batido o bárbaro pela castidade e a temperança – ou acreditarmos te-lo abatido – atraídos por sua armadura, ou seja, por aquilo que parece precioso aos olhos dos homens – a riqueza, o poder, a pose, a glória – nos aproximamos, desejosos de tomar-lhe algo, e assim perecemos, atirando-nos à morte.

[73] Assim pereceram as cinco virgens da parábola<sup>311</sup>, que, no entanto, haviam afugentado o inimigo pela pureza e a temperança; por sua dureza de coração, engendrada pelo amor às riquezas, elas se atiraram por si sós sobre a espada daquele que seria incapaz de atingi-las porque jazia sobre a terra.

Portanto, não desejemos nada daquilo que lhe pertence, para não perdermos nossa vida e aquelas coisas também. Pois ele sempre nos convida a pegá-las, ele nos pressiona, sobretudo se ele nos acha dispostos a obedecer. Ele convidou o próprio Senhor dizendo: “Eu lhe darei tudo isso, se você se ajoelhar a meus pés e me adorar<sup>312</sup>”, esforçando-se para enganá-lo com coisas que, nesta vida, têm brilho, mas das quais ele não tinha nenhuma necessidade. Como não pensaria ele em enganar os homens, que se mostram tão facilmente

---

310 II *Timóteo* II, 24.

311 Cf. *Mateus* XXV, 1-13.

312 *Mateus* IV, 9.

atraídos pelo usufruto das coisas sensíveis?

### **Exercer a piedade**

Exercitemos, portanto, o intelecto na piedade, se por acaso já formos bem sucedidos fazendo-o com o corpo Pois “o exercício corporal não tem mais do que uma frágil utilidade”, nisto comparável às disciplinas infantis, enquanto que “a piedade é útil para tudo<sup>313</sup>”, trazendo o bem estar às almas daqueles que buscam vencer seus inimigos, as paixões.

[74] Os atletas que começam a participar dos jogos fazem bem em treinar seus corpos e mover continuamente seus membros, mas os homens já treinados preocupam-se em serem fortes no combate e em estarem cuidadosamente untados para os combates sagrados. Mas é desejável que os que ainda estão no início da piedade se apliquem em evitar os atos, pois, ainda presas dos prazeres inseparáveis das paixões, eles são levados quase contra a vontade aos vícios a que se acostumaram. Mas entre aqueles cuja prática de virtude está firme, que se preocupem com as coisas do espírito e guardem o pensamento com o maior cuidado para não serem levados a alguma imperfeição por um movimento desordenado. Em resumo, os primeiros devem se dedicar a regrar os movimentos corporais, e os segundos a forçar os ímpetus do pensamento a que se desenvolvam harmoniosamente segundo a única conduta sábia, sem nenhuma imaginação mundana que distraia o pensamento das ideias divinas.

### **Por amor à Sabedoria**

É preciso, com efeito, que o desejo de quem se dedica à piedade seja inteiramente voltado para o Ser amado, a fim de que os pensamentos humanos não encontrem nenhuma ocasião para excitar nele as paixões correspondentes. Cada paixão, quando excitada naquele a quem ela domina, acorrenta o pensamento: porque então o zelo pela virtude não pode proteger o espírito livre das outras paixões? Quando um homem encolerizado luta interiormente contra a imagem daquele que o ofendeu, terá ele consciência de outra coisa? E não acontece o mesmo com o homem que deseja riquezas quando, preso pela

---

313 I *Timóteo* IV, 8.

imaginação, não pensa em nada que não nos meios de obtê-la? Muitas vezes um debochado, mesmo no meio de outros homens, esquece aquilo que o cerca e, como um bloco de pedra, sem nada ver e calado, permanece inteiramente concentrado em si mesmo pensando na imagem da mulher desejada. Talvez seja uma alma assim afetada que a Lei descreve como “mantendo-se à parte<sup>314</sup>”, ou seja, fora dos sentidos, concentrando em si todas as energias, inconsciente das coisas exteriores, por causa da imagem vergonhosa que a ocupa.

[75] Se tal ligação toma conta assim de nosso pensamento a ponto de fazer cessar a atividade dos sentidos, quão mais não deveria o amor ardente pela sabedoria fazer renunciar o espírito às coisas sensíveis e às sensações em si, quando se eleva às alturas e mergulha na contemplação das realidades espirituais? Assim como alguém que se corta ou se queima não pensa em mais nada devido à intensidade da dor, também o homem que pensa apaixonadamente em alguma coisa é incapaz de desviar seu pensamento da paixão que o prende, ficando o espírito completamente dominado pelo objeto. O prazer não admite o sofrimento, a tristeza não admite a felicidade, a alegria não admite o aborrecimento; uma tristeza intensa não pode ser acompanhada de felicidade, nem o aborrecimento de alegria. As paixões opostas excluem-se mutuamente e jamais podem se unir nem cooperar umas com outras, devido à implacável aversão que as separa e opõe.

Que a pureza da virtude não seja manchada pelos pensamentos das coisas do mundo, nem a claridade da contemplação por cuidados corporais, a fim de que a imagem da verdadeira sabedoria, brilhando em toda sua beleza, não seja empanada pelos arrogantes nem ridicularizada pelos ignorantes, mas que seja louvada, senão pelos homens, ao menos pelas potências celestes e por Cristo nosso Senhor. É dele que os santos esperam elogios, como o grande Davi que pisoteava a glória humana e solicitava a honra de Deus dizendo: “De ti vem meu louvor<sup>315</sup>”, e “Minha alma será louvada pelo Senhor<sup>316</sup>”. Acontece com frequência que os homens, por inveja, condenem o bem, mas o tribunal do alto julgará com imparcialidade e dará sua sentença conforme a verdade.

Regozijemo-nos de levar a este tribunal celeste aquilo que é necessariamente causa de felicidade em nossas obras. Não precisamos nos atormentar com as opiniões dos homens, porque os homens não podem nem recompensar aqueles que foram bem sucedidos, nem punir os que não o foram. Se, por inveja ou paixão, eles procuram desacreditar as obras da virtude, eles caluniam com blasfêmias insensatas as vidas glorificadas por Deus e os anjos. Quando chegar o momento da retribuição, aqueles que foram bem sucedidos receberão em recompensa os bens eternos, não conforme a opinião dos homens mas segundo a própria verdade de suas vidas. Possamos obter estes bens pela graça e a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem pertence a glória junto com o Pai e o Espírito Santo, agora e para sempre por todos os séculos. Amém.

---

314 *Levítico XV, 33 e XX, 18.*

315 *Salmo XXII, 26.*

316 *Salmo XXXIV, 3.*

**DIÁDOCO DE FOTICÉIA**  
**CEM CAPÍTULOS ESPIRITUAIS**

*Nosso Pai entre os Santos, Diádoco, que foi bispo de Foticéia na antiga Épira de Ilíria, viveu no sétimo século: é o que podemos concluir a partir dos capítulos de São Máximo, nos quais estão mencionados os de Diádoco. Que ele foi um homem sábio, brilhantemente dotado para a ação e a contemplação, é o que poderá concluir quem quiser, lendo este tratado que foi conservado, tão bem escrito por ele, com um amor à sabedoria obtido ao longo de uma vasta experiência, e com as elevações divinas no coração. Tendo dividido a obra em cem capítulos, e feito destes, por assim dizer, uma celebração dos mistérios mais profundos da virtude da prece, e tendo-os incrustado das palavras da Escritura e das contemplações do conhecimento extato, ele os deixou a todos os Padres népticos e teóforos que vieram depois dele, como um ensinamento original da santa népsis formada por todas as virtudes. É por isso que vemos muitos Padres referindo-se frequentemente a estes capítulos como testemunhos firmes, e extrair deles em idênticos termos suas razões e seus testemunhos nas obras népticas que eles próprios redigiram. Photius os menciona, quando diz:*

*“Os cem capítulos estão baseados em dez definições. O tratado foi composto por excelência para aqueles que se dedicam à ascese e estão engajados em ações sobre os caminhos da perfeição. Não há nada obscuro... Em presença de Andronico Paleólogo reuniu-se um sínodo. Gregório de Tessalônica, Simeão de Tessalônica, Gregório o Sinaíta, santo Calixto e muitos outros atestaram o caráter irrepreensível do tratado”.*

*Mesmo se, como diz Photius, o centésimo capítulo parece repreensível, ele está, no entanto, dentro daquilo a que se referiu o divino Máximo, no estreito gume da piedade, como fica claro no final*

\*

Diádoco foi, no século V, bispo de Foticéia, uma pequena cidade da Épira, na Grécia continental. Nós quase que só o conhecemos por sua obra. Naqueles

tempos, em que a ortodoxia de um cristianismo sem fronteiras estava exposta a todas as efervescências e a todos os riscos, Diádoco de Foticéia aparece como um testemunho singular e fundamental, a um tempo garantidor da ordem eclesiástica e predicador da radicalidade evangélica. Seus cem capítulos sobre o conhecimento e o discernimento espiritual fazem realmente dele um dos primeiríssimos predicadores do caminho reto imitado pelos monges, dedicado à oração, ofertado ao êxtase, mas acima de tudo feito de equilíbrio e rigor.

A linguagem é límpida, simples e bela. Como todos os grandes bispos de sua época, Diádoco foi visivelmente formado na cultura grega, embora seja também herdeiro direto dos anacoretas egípcios. Terá ele os conhecido em sua terra? Ou terá simplesmente sido tocado, na própria Grécia, pela expansão da via monástica e pelos escritos de Evagro? Uma coisa é certa: ele é totalmente tributário deste. Mas ele também é totalmente singular, até os abismos da humildade. “Eu conheço alguém, diz ele, que ama Deus a tal ponto e que a tal ponto chora por não amá-lo como queria, que sua alma vive sem cessar num desejo ardente de ver Deus glorificado nele, e de ser ele mesmo como se não existisse”.

Só importa aqui a passagem do criado para o incriado: o amor à glória de Deus. Daí, para conservar puro o amor e aberta a glória, a renúncia a tudo o que não é ação de graças. Diádoco prega a pobreza, a nudez, o jejum, a compaixão evangélica, a ascese da morte para o mundo; permanecer em seu próprio coração; fechar todas as saídas pela lembrança de Deus; invocar o nome do Senhor Jesus; não rezar às vezes e às vezes não rezar, mas orar continuamente, mesmo que se viva fora dos mosteiros; e saber que a aquisição das virtudes não é uma garantia de perfeição, porque cada um de nós está sempre ameaçado à direita e à esquerda pela presunção e a intemperança; enfim, encontrar a paz na doçura “semelhante às lágrimas”. Acima de tudo, porque em sua época era grande a tentação e a confusão, ele adverte contra toda e qualquer visão intempestiva de formas luminosas exteriores ao intelecto, embora afirme com a mesma intensidade a realidade das primícias. O intelecto, o *nous*, quando separado de toda imaginação, de todo pensamento, de todo conhecimento, para se fazer única e exclusivamente prece, torna-se ele próprio luz, e nesta luz ele participa da vida eterna. “Que o intelecto, diz ele, quando começa a receber frequentemente a energia da luz divina, se torna inteiramente transparente, a ponto de ver ele próprio sua

própria luz, disto não se pode duvidar”.

Diádoco define as condições, as modalidades, os limites, a orientação e a finalidade do combate espiritual. O asceta da fé deve evitar do mesmo modo o amor à vanglória e o desprezo pela natureza humana. Seu intelecto está dedicado pela graça à luminosidade do bem original. A *plerophoria* – a plena certeza, a percepção da origem luminosa – é continuamente requerida. Mas a humildade é mais do que nunca necessária. Toda suficiência, mesmo involuntária, apaga o estado de graça. Entretanto, o abandono instrui, reconduz à humildade, e com a humildade retorna a plenitude. Diádoco regra aqui, de uma vez por todas, aquilo que será na história, entre a derelição e a graça, o passo dos monges, oferecido como modelo para o caminho dos cristãos.

Tudo foi dito antecipadamente. Durante quase um milênio, do Egito ao Sinai, depois do Sinai a Constantinopla, ao Athos e a Tessalônica, às portas de Épiro, os defensores e os mensageiros dos monges, estes “mártires da consciência”, não farão outra coisa do que verificar e atestar as indicações de Diádoco de Foticéia.



DEFINIÇÕES DO BEMAVENTURADO DIÁDOCO,  
BISPO DE FOTICÉIA

DO BEMAVENTURADO DIÁDOCO,  
BISPO DE FOTICÉIA NA ANTIGA ÉPIRA DE ILLYRIKON,  
DISCURSO ASCÉTICO, DIVIDIDO EM CEM CAPÍTULOS PRÁTICOS  
SOBRE O CONHECIMENTO E O DISCERNIMENTO ESPIRITUAL

1. Definição de fé: pensamento impassível de Deus.
2. Definição de esperança: partida do intelecto [no amor]<sup>317</sup> em direção ao esperado.
3. Definição de paciência: aguardar para ver o invisível com os olhos da reflexão, sem relaxar a perseverança<sup>318</sup>.
4. Definição da ausência de avareza: querer não possuir, tanto quanto se quer possuir.
5. Definição de conhecimento: ignorar a si mesmo no enlevo de Deus.
6. Definição de humildade: esquecimento contínuo do bem que se fez.
7. Definição de calma: grande desejo de não se irritar.
8. Definição de pureza: sentidos sempre ligados em Deus.
9. Definição de amor: afeição maior pelos que nos ultrajam.
10. Definição da transformação perfeita: nas delícias de Deus, considerar como uma alegria a terrível tristeza da morte.

1. Irmãos, que a fé, a esperança e o amor, mas sobretudo o amor, conduzam toda contemplação espiritual. Os primeiros ensinam a desprezar os bens visíveis, e o amor une a própria alma às virtudes mesmas de Deus, seguindo as pegadas do Invisível pelo sentido do intelecto.

2. Por natureza, só Deus é bom. Mas o homem também se torna bom pelos cuidados que toma com sua conduta, caminhando pela via do bem, transformando-se naquilo que ele não é, quando a alma, aspirando ao bem, se une a Deus tanto quanto lhe permitem as faculdades que ela põe em marcha. Com efeito, foi dito: “Sejam bons e compassivos, como o Pai que está nos céus<sup>319</sup>”.

3. O mal não é natural, e ninguém é mau por natureza. Pois Deus não fez nada de mau. Mas quando, por um desejo do coração, damos forma ao que na realidade não é, então começa a existir aquilo que pretende aquele que faz isto. Assim, é preciso sempre que, pelo cuidado que dedicamos à lembrança de Deus, não nos inquietemos com a experiência do mal. Pois a natureza do bem é mais forte do que a experiência do mal, porque aquela é, enquanto que esta não é, a menos que consintamos que ela exista.

4. Todos os homens são feitos à imagem de Deus<sup>320</sup>. Mas a semelhança de Deus é própria dos poucos que, por um imenso amor, sujeitaram a Deus sua liberdade. De fato, quando nós não somos nós mesmos<sup>321</sup>, é então que nos tornamos semelhantes Àquele que nos reconciliou consigo<sup>322</sup> por amor. Mas ninguém alcançará esta semelhança se não persuadir sua alma a não se apaixonar pela glória desta vida fácil, [pela pobre glória humana].

---

317 Entre colchetes as variantes da edição das *Sources Chrétiennes*.

318 Cf. *Hebreus* XI, 27.

---

319 Cf. I *Coríntios* XIII, 13.

320 Cf. *Gênesis* I, 27.

321 Cf. I *Coríntios* VI, 19.

322 Cf. II *Coríntios* V, 18.

5. A liberdade é a vontade de uma alma dotada de razão, pronta a se dirigir ao seu objetivo. Esforcemo-nos por levá-la a se dedicar unicamente ao bem, a fim de consumir continuamente a lembrança do mal por meio dos bons pensamentos.

6. A luz do verdadeiro conhecimento consiste em discernir infalivelmente o bem do mal. Então, com efeito, o caminho da justiça, que conduz o intelecto ao Sol de justiça, o faz penetrar na iluminação infinita do conhecimento, a partir do momento em que ele passa a buscar o amor. É preciso, assim, que, com um coração sem cólera, sejamos capazes de conceder o direito àqueles que ousam ultrajá-lo. Pois não é odiando, mas denunciando o erro, que o zelo da piedade obtém a vitória.

7. A palavra espiritual enche de certeza o sentido do intelecto. Pois ela provém de Deus pela energia do amor. É por isso que nosso intelecto jamais é atormentado pelos movimentos da teologia. Pois ele não sofre com a indigência que a inquietude traz consigo, a partir do momento em que se dilata nas contemplações, na medida da energia do amor. É, portanto, bom esperar continuamente, com fé, pelo amor ativo<sup>323</sup> [uma fé ativa na caridade]. Pois nada é mais pobre do que o pensamento que, estando fora de Deus, filosofa sobre as coisas de Deus.

8. Não é conveniente aplicarmo-nos às contemplações espirituais se não estamos iluminados, nem começarmos a falar sem estarmos cheios de luz pela bondade do Espírito Santo. Pois aonde está a indigência, ela traz a ignorância. E aonde existe a riqueza, ela não permite falar. Então, com efeito, a alma embriagada pelo amor de Deus só quer desfrutar em silêncio da glória do Senhor. Assim, é preciso, ao agirmos, observarmos o justo meio, para podermos falar das coisas de Deus. É esta medida que permite à alma expressar de alguma maneira palavras gloriosas. Mas o esplendor da flama nutre a fé daquele que fala com fé, para que o que ensina seja o primeiro a provar pelo amor o fruto do conhecimento. O cultivador que trabalha deve ser o primeiro a ter sua parte nos frutos<sup>324</sup> [diz o Apóstolo].

9. A sabedoria e o conhecimento são uma graça do único Espírito Santo, como

---

323 Cf. *Gálatas* V, 6.

324 II *Timóteo* II, 6.

todas as graças divinas, e têm sua energia própria, como cada uma delas. É por isso que o Apóstolo testemunha que a um é dada a sabedoria e a outro o conhecimento, segundo o mesmo Espírito<sup>325</sup>. Pois o conhecimento une a alma a Deus pela experiência, sem que a alma precise falar das coisas. É por este motivo que alguns dos que levam a vida solitária a filosofar são de maneira sensível iluminados pelo conhecimento, mas não chegam a falar de Deus. Quanto à sabedoria, se no temor ela é dada a alguém com o conhecimento, o que é raro, ela manifesta no amor as energias próprias do conhecimento. Pois o conhecimento costuma iluminar pela energia, e a sabedoria pela palavra. O conhecimento vem com a prece e muita hesíquia, num desligamento total. A sabedoria vem pela humilde meditação das palavras do Espírito, e em primeiro lugar pela graça do Deus que dá.

10. Quando o ardor da alma se levanta contra as paixões, é preciso saber que o momento é de silêncio pois é hora da luta. Mas quando vemos a agitação se acalmar pela oração ou pela compaixão, podemos nos deixar levar pelo ardente desejo de falar [o desejo pelas palavras divinas], firmando as asas do intelecto com os laços da humildade. Pois se não nos rebaixarmos a nós mesmos, considerando-nos como nada, não poderemos falar da grandeza de Deus.

11. As palavras espirituais mantêm a alma sempre longe da vanglória. Pelo bem com que elas acumulam todas as partes da alma permitindo-lhe sentir a luz, elas fazem com que a alma não sinta necessidade das honrarias que vêm dos homens. É também por isso que elas protegem sempre o pensamento de todas as imaginações, transformando-a inteiramente em amor a Deus. Mas as palavras da sabedoria do mundo incitam sempre o homem à vanglória. Pois, incapaz de fazer o bem pela experiência da percepção de Deus, elas dá aos seus seguidores o amor aos louvores, porque ela é a expressão de homens vaidosos. Quanto à disposição que nos leva para as palavras divinas, podemos reconhecê-la infalivelmente porque, no silêncio e isolamento, passamos a nos lembrar de Deus com fervor nos momentos em que não falamos.

12. Quem gosta de si mesmo não pode amar a Deus. Mas quem não gosta de si por causa da riqueza maior do amor a Deus, este ama a Deus. É por isso que

---

325 Cf. I *Coríntios* XII, 8.

tal homem jamais busca sua própria glória, mas a glória de Deus<sup>326</sup>. Pois quem gosta de si mesmo busca sua própria glória. Mas quem gosta de Deus ama a glória de seu Criador. É próprio de uma alma que sente e gosta de Deus buscar sempre a glória de Deus, em todos os mandamentos que ela segue, e se regozijar com sua humildade, a fim de que por meio dela nos unamos a Deus. Se fizermos isto, regozijando-nos com a glória do Senhor, como são João Batista, começaremos a repetir interminavelmente: “É preciso que ele cresça para que eu diminua<sup>327</sup>”.

13. Eu conheço alguém que ama a Deus a tal ponto e que a tal ponto chora por não amá-lo tanto quanto gostaria, que sua alma permanece todo o tempo presa de um desejo ardente de ver a Deus glorificado em si e de ser ele mesmo como se não existisse. Este homem não sabe mais quem ele é, nem se regozija com as palavras que o louvam. Pois em seu grande desejo de ser humilde, ele não pensa em sua própria dignidade, enterrando a glória desta de certa forma no abismo do amor a Deus, pelo espírito da humildade, a fim de aparecer continuamente a seus olhos e em seu pensamento como um servidor inútil, estranho à sua própria dignidade, pelo desejo de ser humilde. Isto é o que também nós devemos fazer: fugir às honras e à glória, por causa da riqueza transbordante do amor do Senhor que tanto nos amou<sup>328</sup>.

14. Quem ama a Deus até senti-lo em seu coração, é porque foi conhecido por ele<sup>329</sup>. Com efeito, na mesma medida em que recebemos e sentimos na alma o amor de Deus, penetramos neste amor. É por isso que um homem assim não cessará mais, daí em diante, de sentir um desejo – um eros – violento, uma tendência à iluminação do conhecimento, até senti-lo em si quando a própria força de seus ossos se esgotar [até senti-lo em seus próprios ossos]; então ele já não conhecerá a si mesmo, mas estará inteiramente transformado pelo amor de Deus. Este homem estará aqui, nesta vida, e em outro lugar também. Ele estará em seu corpo, mas pelo amor, seguindo o movimento de sua alma, ele não cessará de emigrar para Deus<sup>330</sup>. Pois, sem relaxar daí para diante, com o coração queimando com o fogo do amor, ele permanecerá ligado a Deus,

---

326 Cf. *João VII*, 18.

327 *João III*, 30.

328 Cf. *Efésios II*, 7.

329 Cf. *I Coríntios VIII*, 3.

330 Cf. *II Coríntios V*, 6.

obrigado por seu desejo. Ele estará como que possuído de uma vez por todas por sua própria afeição por amor a Deus. “Pois se somos possuídos, é por Deus, e se somos sensatos, é por vocês<sup>331</sup>”.

15. Quando começamos a sentir plenamente o amor a Deus, começamos também, pelo sentimento do Espírito, a amar o próximo. Este é o amor de que falam todas as santas Escrituras. Pois a afeição da carne se dissipa com facilidade ao menor pretexto; ela não está ligada ao sentimento do Espírito. Assim, mesmo que aconteça da alma na qual Deus está agindo ficar irritada por qualquer razão, ela não romperá os laços do amor. Pois inflamando-se novamente ao calor do amor de Deus, ela retornará rapidamente ao bem e retomará com alegria o amor ao próximo, mesmo que este a tenha ultrajado ou maltratado. Pois na doçura de Deus ela consumirá totalmente a amargura da discórdia.

16. Ninguém pode amar a Deus com todo o coração sem que primeiro o tenha temido, sentindo-o do fundo do coração [ninguém pode amar a Deus sem primeiro começar por temê-lo com todo seu coração]. Com efeito, é sob a ação do temor que a alma, como que transmutada em pura e terna, começa a amar com um amor ativo. Mas ninguém consegue chegar ao temor a Deus do modo como foi dito se não se desfizer de todos os cuidados desta vida. Com efeito, quando o intelecto experimenta uma grande hesíquia e um grande desligamento, é então que o temor a atormenta, permitindo-lhe sentir profundamente que este a purifica de todo o peso terrestre a fim de levá-la a um grande amor pela bondade de Deus. É assim que o temor é típico dos justos que amam moderadamente e que ainda estão se purificando. Mas o amor perfeito cabe àqueles que já estão purificados e que não têm mais temor algum. De fato, foi dito: “O amor perfeito afasta o temor<sup>332</sup>”. Os dois amores pertencem apenas aos justos que, pela energia do Espírito Santo, praticam as virtudes. É por isso que a Escritura tanto diz: “Que todos os seus santos temam ao Senhor<sup>333</sup>”, quanto diz: “Que todos os fiéis amem ao Senhor<sup>334</sup>”, a fim de que aprendamos claramente que o temor a Deus é típico dos justos que amam moderadamente, como foi dito, e que ainda estão se purificando, e que

---

331 *II Coríntios V*, 13.

332 *I João IV*, 18.

333 *Salmo XXXIV*, 10.

334 *Salmo XXXI*, 24.

o amor perfeito cabe aos que já foram purificados: nestes já não existe nenhum pensamento de temor, mas um abrasamento incessante e uma ligação contínua da alma a Deus, pela energia do Espírito Santo, conforme aquele que disse: “Minha alma está ligada a você e sua direita me mantém<sup>335</sup>”.

17. Assim como as feridas que afetam o corpo, se deixadas ao abandono e sem cuidados não sentem o remédio que os médicos lhe aplicariam, mas, se tratadas, sentem a ação do remédio, chegando até a cura total, também a alma, na medida em que permanece sem cuidados e toda coberta pela lepra do amor pelos prazeres não pode sentir o temor a Deus, mesmo quando a ameaçamos incessantemente com o terrível e poderoso tribunal de Deus. Mas quando ela começa a se purificar com toda a atenção, então ela sente, como um verdadeiro remédio de vida, o temor divino a queimá-la, sob a ação das censuras, como um fogo que a torna impassível. Assim, de uma purificação parcial ela chega à purificação perfeita, crescendo no amor na mesma medida em que diminui seu temor, até chegar ao amor perfeito, no qual, como foi dito, não existe mais temor<sup>336</sup>, mas a impassibilidade total suscitada pela glória de Deus. Que em nós, para que alcancemos a alegria das alegrias sem fim, surja primeiro o temor, depois o amor: o cumprimento da lei da perfeição em Cristo<sup>337</sup>.

18. Uma alma que não estiver desligada dos cuidados do mundo não amará verdadeiramente a Deus, nem sentirá a aversão ao diabo tal como ele a merece. Pois ela tem sobre si como que um pesado véu: o apego a esta vida. Sendo assim, em tais almas, o intelecto não é capaz de reconhecer seu próprio tribunal, para verificar por si mesmo, sem erro, as decisões do juízo, Por todas estas razões, a anacorese é útil.

19. É típico de uma alma pura a palavra sem ciúme, o zelo sem malícia, o amor – *eros* – incessante pelo Senhor da glória. Então também o intelecto regra com exatidão suas próprias balanças, pois ele comparece diante de sua reflexão como diante de um tribunal íntegro.

20. Uma fé sem obras e obras sem fé serão reprovadas da mesma maneira. O

---

335 *Salmo LXIII, 9.*

336 *Cf. I João IV, 18.*

337 *Cf. Romanos XIII, 10.*

fiel deve oferecer ao Senhor uma fé que demonstre o que ele faz. Pois a fé de nosso pai Abraão não lhe teria trazido a justiça se, como fruto desta fé, ele não tivesse oferecido seu filho<sup>338</sup>.

21. Quem ama a Deus e crê verdadeiramente, também cumpre santamente as obras da fé. Mas aquele que apenas crê, mas não vive o amor, não possui sequer a fé que julga ter. Ele crê com um intelecto leviano, pois não é pressionado pela glória do amor. A fé suscitada pelo amor<sup>339</sup> é o cúmulo da virtude.

22. O abismo da fé agita-se quando o sondamos; mas acalma-se se o contemplamos com simplicidade. Pois a profundidade da fé é a água do esquecimento dos males: ela não suporta ser contemplada por pensamentos indiscretos. Assim, naveguemos por estas águas mantendo nossa reflexão com simplicidade, a fim de alcançarmos deste modo o porto da vontade de Deus.

23. Ninguém pode amar ou crer verdadeiramente se não for o acusador de si mesmo. Quando, com efeito, nossa consciência se perturba sob as censuras, o intelecto não consegue mais sentir o perfume dos bens mais altos do que o mundo e, na incerteza, ele logo se divide: de um lado, por um movimento fervoroso, ele tende para a fé, por causa da experiência anterior, mas, de outro, ele não consegue captá-la pelo amor, sentindo-a no coração, por causa das numerosas ferroadas da consciência que o refuta, como já disse. Mas quando formos purificados por uma atenção mais ardente, com mais experiência, em Deus, nós obteremos o que desejamos.

24. Assim como os sentidos do corpo se voltam com certa violência para aquilo que nos parece bom, também o sentido do intelecto costuma nos conduzir para os bens invisíveis, a partir do momento em que provou da bondade divina. Pois cada coisa aspira àquilo com o que é aparentada. A alma, que é incorpórea, tende para os bens celestes. E o corpo, que é pó, tende para as delícias [os alimentos] terrestres. Chegaremos, portanto, sem erro, a experimentar o sentido imaterial se, por meio de nossas penas, refinarmos e afinarmos a matéria.

---

338 *Cf. Gênesis XXII; Romanos IV, 3; Hebreus XI, 17.*

339 *Cf. Gálatas V, 56.*

25. A própria energia da santa consciência nos ensina que existe na alma um único sentido natural, que este sentido foi dividido em duas energias por causa da transgressão de Adão, mas que ele é único e simples quando vem do Espírito Santo: ninguém é capaz de conhecê-lo, exceto aqueles que, vivendo a esperança dos bens futuros, desligam-se de boa vontade dos bens desta vida e, pela temperança, despojam-se de todo o desejo dos sentidos corporais, Pois somente nestes o intelecto, avançando com rigor graças a seu desligamento, pode indizivelmente sentir a bondade divina. A partir daí, na medida de seu progresso, ele transmite igualmente ao corpo sua própria alegria, regozijando-se, falando sem parar e confessando seu amor. Com efeito, foi dito: “Meu coração esperou nele e eu fui socorrido. Minha carne refloresceu e com toda minha vontade eu o confessarei<sup>340</sup>”. Pois a felicidade que então cumula verdadeiramente a alma e o corpo é uma reminiscência infalível da vida incorruptível.

26. Aqueles que combatem devem manter sempre sua reflexão ao abrigo das ondas, a fim de que o intelecto, discernindo os pensamentos que o atravessam correndo, deposite nos tesouros da memória os que são bons e enviados por Deus. Com efeito, quando o mar está calmo, os que pescam os peixes veem seus movimentos mesmo nas profundezas, de tal maneira que aos seus olhos não escapa nenhum dos animais que percorrem o fundo. Mas quando ele está agitado pelos ventos, ele esconde sob a opacidade da agitação aquilo que ele se sentiria honrado em apresentar no sorriso de sua calma. E vemos que a arte dos que têm prática nos truques da pesca é então impotente. Exatamente o mesmo acontece com o intelecto, sobretudo quando o fundo da alma é perturbado por uma cólera injusta.

27. Conhecer exatamente todas as suas faltas é prerrogativa de muito poucos, daqueles cujo intelecto nunca se deixa distrair da lembrança de Deus. Pois, do mesmo modo como ocorre com nossos olhos corporais que, quando estão em bom estado conseguem enxergar tudo, até mesmo as moscas e mosquitos que voam nos ares, mas que, quando embaçados por um problema ou por humores veem confusamente mesmo as coisas grandes que se apresentam e as pequenas nem sequer enxergam, também a alma, se consegue diminuir, pela sua atenção, o ofuscamento que advém do amor ao mundo, percebe como grandes até as menores faltas e não cessa de oferecer, numa profunda ação de

---

340 *Salmo XXVIII, 7.*

graças, lágrimas sobre lágrimas. Com efeito, foi dito: “Os justos confessarão seu nome<sup>341</sup>”. Mas se ela permanece nas disposições do mundo, tenha ela cometido um assassinato ou uma falta digna de grande castigo, ela o sente fracamente. Quanto às demais faltas, ela é incapaz de perceber seja lá o que for, e chegam, muitas vezes, até a considerá-las como boas ações. É por isso que a infeliz sequer tem vergonha de falar delas calorosamente.

28. Purificar o intelecto cabe apenas ao Espírito Santo. Com efeito, se o poderoso não entra, não desarma e não amarra o ladrão, o produto do roubo não pode ser recuperado<sup>342</sup>. É preciso, portanto, por todos os meios e no mais alto grau, pela paz da alma, permitir ao Espírito Santo repousar, para que tenhamos sempre brilhando em nós a lâmpada do conhecimento. Pois se o conhecimento irradia sem cessar nos tesouros da alma, não apenas as menores sugestões tenebrosas do demônio são claramente percebidas pelo intelecto, como ainda elas perdem toda a sua força, rejeitadas por esta santa e gloriosa luz. É por isso que o Apóstolo diz: “Não extingam o Espírito<sup>343</sup>”, ou seja: não aflijam a bondade do Espírito Santo com suas ações e pensamentos maus, para não serem privados desta chama que os protege. Pois não é o Espírito eterno e vivificante que se extingue. É a sua tristeza, vale dizer, seu distanciamento, que deixa o intelecto opaco, longe da luz do conhecimento.

29. Sabemos, como já disse, que só existe um sentido na alma: pois os cinco sentidos se diferenciam conforme as necessidades de nosso corpo. É isto que nos ensina, em seu amor pelo homem, o Espírito Santo de Deus. Mas por causa da queda devida à transgressão, até este sentido se divide, assim como o intelecto, segundo os movimentos da alma. É por isso que uma parte do sentido é carregada pelo elemento passional; e com ela sentimos com prazer os bens desta vida. A outra parte, no mais das vezes, se reúne ao movimento da alma que carrega a razão e o intelecto: assim, quando somos sábios, nosso intelecto aspira correr para as belezas celestes. Assim, se formos capazes de desprezar os bens deste mundo, poderemos unir até mesmo o desejo terrestre da alma à sua natureza dotada de razão: a comunhão do Espírito Santo regula isto para nós. Pois se sua divindade não iluminasse com toda energia os tesouros de nosso coração, não poderíamos, assim como o sentido indivisível,

---

341 *Salmo CXL, 14.*

342 *Cf. Lucas XI, 21-22.*

343 *I Tessalonicenses V, 19.*

ou seja, com uma total disposição, provar daquilo que é bom.

30. O sentido do intelecto consiste no gosto preciso daquilo que discernimos. Pois, assim como, quando estamos bem, distinguimos pelo sentido corporal do paladar o excelente do ruim e desejamos o que é bom, também nosso intelecto, a partir do momento em que começa a se desenvolver com vigor e grande despojamento, pode sentir plenamente o consolo divino sem jamais se deixar levar por seu adversário. Tal como o corpo, que tem a experiência infalível dos sentidos ao experimentar as doçuras terrestres, o intelecto, quando glorificado acima dos cuidados da carne, pode provar sem erro a consolação do Espírito Santo<sup>344</sup>. Pois foi dito: “Provem e vejam como o Senhor é bom<sup>345</sup>”. Ele pode também, pela energia do amor, conservar a lembrança inesquecível deste sabor, como diz o Santo: “O que eu peço em minha prece, é que seu amor cresça mais e mais em conhecimento e em toda percepção, para que vocês experimentem o melhor<sup>346</sup>”.

31. Quando nosso intelecto começa a sentir a graça [a consolação] do Espírito Santo, então também Satanás consola a alma, permitindo-lhe perceber um rosto de doçura no repouso noturno, no momento em que ela está em sono ligeiro. Se então o intelecto, com uma lembrança fervorosa, agarra-se com toda força ao santo nome de Jesus Cristo e se serve deste nome santo e glorioso como de uma arma contra a ilusão, o enganador se retira com sua armadilha, mas daí para diante ele se agarrará à alma para lhe dar combate. A partir daí, o intelecto, que conhece precisamente a ilusão do maligno, progredirá na experiência do discernimento.

32. Se o corpo vela ou começa a entrar numa aparência de sonho<sup>347</sup>, o bom consolo vem quando, como uma fervorosa lembrança de Deus, permanecemos como que ligados ao seu amor. Mas o consolo da ilusão vem sempre, como já disse, quando aquele que combate penetra num sono leve e se recorda moderadamente de Deus. Com efeito, o primeiro consolo, uma vez que provém de Deus, convida, numa grande efusão, as almas dos combatentes da piedade abertamente ao amor. Mas o outro, que costuma agitar a alma sob os

---

344 Cf. *Atos IX*, 31.

345 *Salmo XXXIV*, 9.

346 *Filipenses I*, 9-10.

347 Um êxtase.

ventos da ilusão, tenta roubar pelo sono do corpo a experiência do sentido do intelecto que guarda intacta a lembrança de Deus. Se, então, acontecer de o intelecto, como já disse, lembrar-se continuamente do Senhor Jesus, ele dissipa esta brisa do inimigo e seu semblante de doçura, e avança feliz para o combate, portando daí em diante, como uma arma destra, a bravura de sua experiência.

33. Se, por um movimento desprovido de equívoco e imaginação, a alma se agarra ao amor a Deus, arrastando consigo o próprio corpo na profundidade deste amor indizível (esteja dormindo ou acordado aquele que recebe a santa graça, como já disse), e se, neste momento ela não concebe absolutamente nada além daquilo para o quê se dirige, é preciso saber que esta é a energia do Espírito Santo. Pois, cumulada por esta doçura inexprimível, ela não consegue pensar em outra coisa, pois se regozija numa alegria indefectível. Mas, se o intelecto que recebe esta energia concebe a menor dúvida ou um pensamento sujo, ainda que ela se sirva do santo nome para se defender do mal e não mais somente pelo amor a Deus, é preciso compreender que este consolo vem do enganador, sob a aparência de alegria, e que esta alegria sem caráter e sem alcance é típica do inimigo que quer entrar, quando ele percebe o intelecto firme pela experiência de seu próprio sentido. Então o enganador atrai a alma com consolações de uma doçura aparente, como eu disse, a fim de que esta, dividida por este desejo poroso e fluído, não consiga desmanchar a mistura feita de engano. É assim que reconhecemos o Espírito de verdade e o espírito de ilusão<sup>348</sup>. É naturalmente impossível tanto sentir e provar a bondade divina quanto perceber e experimentar o amargor dos demônios, se não tivermos em nós a plena certeza de que a graça faz sua morada nas profundezas do intelecto e que os espíritos maus se ocupam ao redor dos membros do coração: é isto que os demônios tentam impedir que os homens creiam, por medo que o intelecto, sabendo-o, se arme contra eles com a lembrança de Deus.

34. Uma coisa é o amor natural da alma e outra o amor que vem do Espírito Santo. O primeiro, quando o queremos, é suscitado harmoniosamente por nossa vontade; é por isso que ele é facilmente arrastado pelos espíritos maus, quando não dominamos fortemente nossa própria resolução. O segundo inflama a alma de tal maneira com o amor a Deus que todas as partes desta se

---

348 Cf. *João XV*, 26; *I Timóteo IV*, 1.

agarram [indizivelmente] à doçura indizível do desejo divino, numa simplicidade infinita de disposições. O intelecto, como que fecundado então pela energia espiritual, faz jorrar uma fonte de amor e alegria.

35. Assim como o mar agitado cede naturalmente se nele vertermos óleo, pois as ondas se deixam vencer pela unção do óleo, também nossa alma, ao receber a unção da doçura do Espírito Santo, apazigua-se de bom grado. Pois ela se deixa vencer pela alegria, como disse o Santo: “Submeta-se a Deus, alma minha<sup>349</sup>”, por esta impassibilidade e esta doçura indizíveis que a cobrem com seu manto. É por isso que, por numerosas que sejam as provocações dos demônios contra a alma, esta permanece sem cólera e cheia de alegria plena. Mas este é um estado ao qual ninguém chega e no qual ninguém permanece se não apaziguar continuamente sua alma pelo temor a Deus. Pois o temor do Senhor Jesus concede àqueles que combatem uma espécie de purificação. Foi dito: “O temor do Senhor é puro: ele permanece pelos séculos dos séculos<sup>350</sup>”.

36. Que ninguém, ouvindo falar do sentido do intelecto, imagine que a glória de Deus lhe aparecerá visivelmente. Com efeito, dizemos que quando a alma é pura, sente a consolação divina e a prova inefavelmente. Mas nada de indivisível lhe aparece, porque, por enquanto, como diz o bem-aventurado Paulo, nós caminhamos na fé e não na realidade<sup>351</sup>. Assim, se a alguém que combate aparece uma luz, ou uma forma de fogo, ou uma voz, que ele evite acolher tal visão. Pois se trata de uma manifesta ilusão do inimigo: muitos foram vítimas disto e se afastaram do caminho da verdade. Mas nós o sabemos: enquanto permanecermos neste corpo perecível estaremos em exílio longe de Deus<sup>352</sup>. Vale dizer que não poderemos ver visivelmente, nem a ele, nem a nenhuma de suas maravilhas celestes.

37. Os sonhos que aparecem à alma no amor a Deus são, a seu modo, testemunhos infalíveis de uma alma sã. É porque eles não passam de uma forma a outra: eles não atormentam os sentidos, não apresentam ao mesmo tempo um rosto risonho e sombrio, mas se aproximam da alma com toda bondade, cumulando-a de júbilo espiritual. A partir daí, mesmo depois que o

corpo desperta, a alma busca com todo o desejo a alegria do sonho. As aparições do demônio, entretanto, vão em sentido contrário. Pois os demônios não mantêm a mesma forma, nem manifestam em sua aparência uma calma durável. Porque aquilo que eles não possuem por sua própria vontade, mas emprestam para sua ilusão, não lhes fica por muito tempo. Eles falam alto e proferem grandes ameaças, tomando muitas vezes a aparência de soldados. Às vezes eles atingem a alma com seus clamores. É então que o intelecto, que os reconhece se for puro, desperta o corpo destas imaginações. Às vezes ele se regozija de ter conseguido reconhecer os seus truques, e por isso, no mais das vezes, ao denunciá-los no sonho, suscita nos demônios uma grande cólera. Porém, às vezes também, os bons sonhos não levam alegria à alma, mas fazem nascer nela uma doce tristeza e lágrimas sem dor: isto é o que acontece com aqueles que já progrediram bastante na humildade.

38. Falamos da distinção entre os bons e os maus sonhos a partir do que aprendemos daqueles que tiveram a experiência. Basta, porém, que pratiquemos a grande virtude de jamais confiar nas imaginações. Pois os sonhos, na maior parte das vezes, não passam de simulacros de pensamentos, ou mesmo, como já disse, de ilusões demoníacas. E se por acaso uma visão nos for enviada por Deus e acontecer que não a recebamos, não será por isso que o Senhor Jesus, tão desejado, ficará irritado conosco. Pois ele sabe que fizemos isto por causa das armadilhas dos demônios. A distinção que mencionei é rigorosa, mas pode ser que, manchada por uma complacência inconsciente – da qual ninguém está livre, penso eu – a alma perca a pista do discernimento rigoroso e tome como bom aquilo que não é bom.

39. Tomemos como exemplo o caso de um servidor cujo mestre, depois de uma longa viagem, retorna e chama, no meio da noite, diante da porta de sua casa. Na incerteza, o criado recusa-se a abrir-lhe a porta, pois ele temerá que, iludido pela semelhança da voz, poderá levar a perder todos os bens que seu mestre lhe confiou. Ao chegar o dia, não apenas o senhor da casa não se irritará com ele, mas o considerará digno dos maiores elogios por ter pensado que a voz do mestre poderia ser um truque, evitando assim a perda dos bens.

40. Não devemos duvidar que o intelecto, ao começar a receber com frequência a energia da luz divina, torna-se inteiramente transparente a ponto de ver plenamente sua própria luz em si mesmo. É isto o que acontece quando o poder da alma domina as paixões. Mas o divino Paulo nos ensina

---

349 *Salmo* LXII, 6.

350 *Salmo* XIX, 10.

351 Cf. II *Coríntios* V, 7.

352 Cf. II *Coríntios* V, 6.

claramente, ao dizer que o inimigo se transforma em anjo de luz<sup>353</sup>, que tudo o que toma uma forma, seja como luz, seja como fogo, vem dos seus malefícios. Assim, não é com esta esperança que devemos buscar a vida ascética, para que Satanás não encontre a alma pronta para se deixar levar. O único objetivo é o de chegar a amar a Deus na total percepção e plena certeza do coração, vale dizer, com toda a alma, com todo o coração e todo o pensamento<sup>354</sup>. Pois quem alcança este estado pela graça de Deus está ausente do mundo, mesmo quando está no mundo.

41. Dentre as virtudes iniciais, a obediência é conhecida como o primeiro bem. Ela começa por impedir a presunção, e engendra em nós a humildade. A partir daí, para os que se agarram a ela de bom grado, ela se torna o umbral e a porta do amor de Cristo. Foi por tê-la repudiado que Adão escorregou para o fundo do Tártaro<sup>355</sup>. E foi por tê-la adotado que o Senhor, conforme a ordem e a lei do projeto divino, escutou seu Pai até chegar à cruz e à morte<sup>356</sup> (e isto, mesmo sendo em nada menor que o Pai), a fim de apagar com sua obediência a acusação de desobediência que pesava sobre a humanidade, e conduzir à vida bem-aventurada e eterna aqueles que venceram na obediência. É, portanto, a isto que devem se aplicar primeiramente os que se engajam na luta conterà a presunção do diabo. Pois com o progresso, a obediência nos mostrará por si só o caminho das virtudes.

42. A temperança é uma denominação comum a todas as virtudes. Aquele que combate deve ser temperante em tudo. Pois, assim como a amputação de um membro qualquer do homem, ainda que dos menores, deforma o home por inteiro, mesmo que pouco lhe falte, também aquele que negligencia uma só virtude apaga, a um ponto que ele ignora, toda a beleza da temperança. É preciso, assim, não apenas cultivar as virtudes corporais, mas também as que purificam nosso homem interior. De fato, que vantagem terá quem mantém o corpo virgem, se deixar o demônio da desobediência levar sua alma ao adultério? E como será coroado o que evita a gula e a concupiscência do corpo, se não evitar a presunção e a vanglória, nem suportar uma breve aflição, uma vez que a balança deve dar o mesmo peso da luz da justiça

---

353 Cf. II *Coríntios* XI, 14.

354 Cf. *Mateus* XXII, 37, citando *Deuteronômio* VI, 5.

355 Cf. *Gênesis* III.

356 Cf. *Filipenses* II, 8.

àqueles que cumprem as obras justas com espírito humilde?

43. Quem combate deve sentir pelas concupiscências desprovidas de razão uma tal aversão a ponto que ela se torne um hábito. Diante dos alimentos, ele deve manter a temperança a ponto de jamais detestar qualquer um deles, o que é na verdade maldito e demoníaco, pois não devemos nos abster de alimentos como se eles fossem maus, praza a Deus, mas porque, ao nos afastarmos dos numerosos alimentos terrestres, sejamos capazes de reter dentro de uma justa medida os membros inflamados da carne, e para que nosso supérfluo possa dar aos pobres o que lhes é necessário: esta é a marca de um coração puro.

44. Comer e beber de tudo o que nos é servido, rendendo graças a Deus<sup>357</sup>, não é contrário à regra do conhecimento: pois tudo é muito bom<sup>358</sup>. Mas abster-se voluntariamente da abundância e do prazer é um sinal do maior discernimento e de um grande conhecimento. No entanto, não seremos levados a desprezar os prazeres presentes se experimentarmos a doçura de Deus na total percepção e na plena certeza do coração.

45. Da mesma maneira como o corpo pesado pela abundância de alimentos torna o intelecto preguiçoso e lento, também a parte contemplativa da alma, quando esgotada por uma grande abstinência, torna-se triste e perde o gosto pela palavra. É preciso, portanto, conciliar os movimentos do corpo e os alimentos, a fim de que o corpo, quando em boa saúde, seja convenientemente contido e, quando doente, seja razoavelmente confortado. Quem combate deve ter não um corpo enfraquecido, mas suficientemente forte para a luta, a fim de que a alma se purifique como convém, mesmo quando o corpo estiver sofrendo.

46. Quando a vanglória incha no fundo de nós, por ter encontrado ocasião de manifestar sua malícia à chegada de algum irmão ou de um estrangeiro, convém fazer uma pausa razoável em nosso regime alimentar. Pois assim deixaremos o demônio desconcertado e, mais ainda, desolado com o fracasso de sua tentativa, e cumpriremos com discernimento a lei do amor e, pela compaixão, manteremos sem ostentação o segredo da temperança.

---

357 Cf. I *Coríntios* X, 27-30.

358 Cf. *Gênesis* I, 31; I *Timóteo* IV, 4.



47. Existe algo de que se orgulhar no jejum, mas não diante de Deus. O jejum é um instrumento que orienta para a castidade aqueles que o praticam. Aqueles que levam o combate pela piedade devem, portanto, não tirar disto nenhuma vaidade, mas apenas aguardar, com fé em Deus, até atingir este objetivo que é o de todos nós. Com efeito, aqueles que estão instruídos numa arte, qualquer que seja ela, jamais colocam nos seus instrumentos o orgulho que extraem dos frutos do seu ofício, mas cada qual aguarda que seu trabalho tenha tomado forma, para então mostrar todo o rigor de sua arte.

48. Do mesmo modo como a terra arada moderadamente faz crescer sem mistura a semente que nela atiramos e a multiplica, mas se for afogada pelo excesso de chuvas não produz senão arbustos e espinheiros, também a terra do coração, se usarmos o vinho com moderação, fará crescer sem mistura suas sementes naturais e dará muitas flores e frutos pelo Espírito Santo. Mas se ela for mergulhada em excesso de bebida, todos os pensamentos que produzir não passarão de arbustos e espinheiros.

49. Quando nosso intelecto nada nas ondas do excesso de bebida, ela não apenas olha com paixão as imagens formadas nos sonhos pelos demônios, mas, produzindo em si certas imagens belas para olhar, ele se entrega com ardor a seus próprios fantasmas, como que tomado por eles. Com efeito, quando o ardor do vinho esquenta os órgãos da geração, é inevitável que o intelecto se represente apresenta o prazer com uma sombra de paixão. É preciso que tenhamos moderação para evitar os prejuízos do excesso. Pois quando o intelecto não sente prazer em ser arrastado ao cenário do pecado, ele permanece inteiramente sem imaginar e, o que é melhor, sem perder seu vigor.

50. Todas as bebidas preparadas cujos inventores chamam de aperitivos de antes da refeição, talvez porque ajudem a conduzir os alimentos para o ventre, devem ser evitadas por aqueles que desejam dominar as partes do corpo que podem inflar. Pois não somente a sua qualidade é nociva ao corpo dos que combatem, como ainda sua mistura irracional faz mal à consciência temente a Deus [na qual Deus repousa]. Com efeito, o que falta à natureza do vinho, para que ele perca assim seu vigor quando lhe acrescentamos especiarias variadas?

51. Nosso Senhor, o mestre desta vida santa, Jesus Cristo, foi servido de

vinagre<sup>359</sup>, durante a Paixão, por aqueles que executavam as ordens diabólicas, a fim de nos dar um exemplo claro<sup>360</sup>, me parece, da disposição que é preciso ter nos combates sagrados. Com isto ele nos disse, com efeito, que os que lutam contra o pecado não devem utilizar alimentos e bebidas muito agradáveis, mas antes suportar com constância o amargor do combate. E que, à esponja do ultraje se acrescenta o hissope<sup>361</sup>, para que a forma de nossa purificação se parece perfeitamente ao modelo. Pois a acidez é própria dos combates. Mas aquilo que purifica conduz com certeza à perfeição.

52. Ninguém sustenta que haja pecado ou falta de bom senso em frequentar os banhos. Mas eu digo que abster-se disto por temperança é corajoso e totalmente casto. Agora, com efeito, o prazer de estar dentro d'água não tira o vigor do corpo, e nós não diremos que é ingloria a nudez de Adão<sup>362</sup>; mas chamamos a atenção para as folhas que cobriam a segunda razão da vergonha, principalmente por nós que, há pouco saídos da corrupção da vida, devemos, pela pureza do corpo, nos unirmos à beleza de um coração casto.

53. Nada impede de chamar os médicos, quando estamos doentes. De fato, como a arte da medicina deveria surgir um dia a partir da experiência dos homens, os remédios já existiam previamente. Portanto, não é nos médicos que devemos colocar a esperança da cura, mas no verdadeiro salvador e no verdadeiro médico, Jesus Cristo. Eu digo isto por causa daqueles que, nas comunidades e nas cidades, levam a temperança adiante, por não poderem, devido às doenças que os afligem, possuir em si, sem cessar, por amor, a energia da fé, e sobretudo para que não caiam na vanglória e na tentação do diabo que levam alguns irmãos a proclamar a todos que não necessitam de médico. Se alguém leva uma vida de anacorese nos lugares desertos junto com dois ou três irmãos, que ele receba socorro, na fé, do único Senhor que cura todos os males e todas as enfermidades<sup>363</sup>, quaisquer que sejam os sofrimentos que o assaltem. Pois ele terá, depois do Senhor, a solidão para consolá-lo das doenças como convém. Assim este homem nunca perderá a energia da fé, principalmente por que não encontrará ninguém a quem mostrar

---

359 Cf. *João XIX*, 29.

360 Cf. *I Pedro I*, 21.

361 Cf. *João XIX*, 29.

362 Cf. *Gênesis III*, 7.

363 Cf. *Mateus IV*, 23.

sua virtude de paciência, por levar o belo véu da solidão. É por isso que o Senhor conduz os solitários à sua moradia<sup>364</sup>.

54. Quando nos revoltamos contra as indisposições que nos acontecem, devemos saber que nossa alma ainda está submetida à concupiscência do corpo. É porque, em seu desejo de bem-estar material, ela não quer se retirar das benesses desta vida, mas considera como um grande empecilho não poder usufruir dos encantos da existência por causa de uma doença. Mas se ela recebe as aflições trazidas pela doença dando graças, ela revela que não está longe dos confins da impassibilidade. E ela aguarda a morte com alegria, considerando-a como uma oportunidade para a verdadeira vida.

55. A alma não desejaria senão separar-se do corpo se a condição que nos liga ao espaço que nos envolve perdesse o significado. Pois todos os sentidos do corpo se opõem à fé, porque estão voltados para os bens presentes. Mas a fé promete o esplendor dos bens futuros. Convém assim que o combatente da fé não se preocupe com as árvores com belos ramos, ou com sua sombra, nem com as fontes de águas claras, com as pradarias forradas de flores, com casas confortáveis, com a vida familiar, nem que se lembre, eventualmente, das honrarias públicas, mas que ele apenas utilize o necessário, dando graças, e que considere esta vida como um caminho estrangeiro, vazio de toda afeição da carne. Pois somente assim, limitando nossa percepção, poderemos nos engajar inteiramente nas trilhas do caminho eterno.

56. A primeira Eva nos diz que a vista, o paladar e os demais sentidos dissipam a memória do coração quando deles nos servimos sem medida. Com efeito, enquanto ela não pode contemplar a árvore que trazia o fruto proibido, ela se lembrava cuidadosamente da ordem de Deus: é por isso que ela ainda se achava coberta pelas asas do *eros* divino, e ignorava sua nudez. Mas a partir do momento em que ficou encantada pela visão da árvore, que a desejou fortemente, que a tocou, que depois provou do seu fruto com ardente prazer, rapidamente foi levada à união dos corpos, abandonou-se à paixão de sua nudez, e entregou todo o seu desejo à fruição do presente, misturando sua própria falta à de Adão, por causa da doçura aparente do fruto<sup>365</sup>. A partir de então o intelecto humano tem grande dificuldade de se lembrar de Deus e de

seus mandamentos. Portanto, passemos nós como cegos por esta vida que ama a ilusão, sem jamais desviarmos os olhos do fundo de nosso coração e lembrando-nos sempre de Deus. Pois é típico de uma filosofia verdadeiramente espiritual não dar asas ao amor – ao *eros* – das aparências. É o que nos ensina Jó a partir de sua experiência, quando nos diz: “Se meu coração seguisse meus olhos...<sup>366</sup>”. Tal filosofia é verdadeiramente a marca da mais extrema temperança.

57. Quem permanece constantemente em seu próprio coração ausenta-se de todos os encantos desta vida. Pois, caminhando em espírito, deixa de conhecer os desejos da carne<sup>367</sup>: este homem faz daí por diante suas rondas na cidadela das virtudes, que ele traz em si como guardiãs da cidade da pureza. É por isso que as máquinas de guerra dos demônios não podem contra ele, mesmo que as flechas do *eros* comum a todos alcancem por assim dizer as próprias janelas da natureza.

58. Quando nossa alma começa a não mais desejar os encantos da terra, o mais comum é que um espírito de acídia entre nela, não a deixando entregar-se ao ministério da palavra nem lhe concedendo o claro desejo dos bens futuros. O espírito de acídia desqualifica ao máximo esta vida passageira, porque ela não possui em si nenhuma obra digna de virtude; ele deprecia o próprio conhecimento, seja porque ele já foi concedido a muitos, seja porque ele nada nos promete de perfeito. Só poderemos escapar à tibieza e ao abandono desta paixão se mantivermos nossa reflexão dentro de limites muito apertados, contemplando unicamente a lembrança de Deus. Pois somente retornando com toda pressa ao seu próprio fervor o intelecto poderá fugir a esta dissipação irracional.

59. Quando fechamos todas as saídas do intelecto mantendo unicamente a lembrança de Deus, ele exige de nós absolutamente uma obra para coroar sua diligência. Devemos então dar-lhe a prece do nome do Senhor Jesus, como uma ocupação que responde totalmente ao seu objetivo. Com efeito, está escrito: “Ninguém diz 'Senhor Jesus', se não for pelo Espírito Santo<sup>368</sup>”. Mas que o intelecto não deixe de contemplar assim nos seus próprios tesouros

---

364 Cf. *Salmo* LXVII, 7.

365 Cf. *Gênesis* III, 6.

---

366 *Jó* XXXI, 7.

367 Cf. *Gálatas* V, 16.

368 *I Coríntios* XII, 3.

aquilo que ele diz de maneira concisa, a fim de não se desviar para determinadas imaginações. Aqueles que não cessam de meditar nas profundezas de seus corações este nome santo e glorioso poderão um dia contemplar a luz de seu intelecto. Mantido com extremo zelo pela reflexão, o nome, sentido com toda força, consome toda a sujeira que existe na superfície da alma. De fato, foi dito: “Nosso Deus é um fogo que devora<sup>369</sup>” o mal. É por isso que, daí em diante, o Senhor convida a alma a um grande amor de sua própria glória. Pois, mantendo-se pela memória do intelecto no fervor do coração, este nome glorioso e tão desejável implanta em nós o hábito de amar sua bondade, sem que nada se oponha daí para frente. Esta é, de fato, a pedra preciosa<sup>370</sup> que se pode adquirir vendendo todos os bens: quando a encontramos, encontramos uma alegria indescritível.

60. Uma é a alegria inicial, e outra a que leva à perfeição. A primeira não é isenta de imaginação. A segunda tem a potência da humildade. Entre elas existe uma tristeza amada por Deus e lágrimas sem dor. Pois “na grande sabedoria existe muito conhecimento, e quem acrescenta seu conhecimento acrescenta sua dor<sup>371</sup>”. É por isso que é preciso que a alma seja primeiramente chamada ao combate pela alegria inicial, para depois ser retomada e experimentada pela verdade do Espírito Santo sobre o mal que ela fez ou mesmo sobre as vaidades às quais ainda se entrega. Com efeito, está dito: “Você instruiu o homem recusando sua injustiça, e você consumiu sua alma como uma aranha<sup>372</sup>”. Depois que a refutação divina a tenha posto à prova, a alma receberá a energia da alegria fora de toda imaginação, na fervorosa lembrança de Deus.

61. Quando a alma é agitada pela cólera, ou perturbada pela embriaguez, ou atormentada por uma dura aflição, o intelecto (mesmo que se esforce) não consegue dominar a lembrança de Deus [a lembrança do Senhor Jesus]. Entenebrecido que está pelo efeito dessas paixões, ele se torna estranho ao seu próprio sentido. É porque o desejo de ver o intelecto levar além do esquecimento a marca de sua meditação não acha onde imprimir sua própria marca, uma vez que a memória da reflexão se endurece sob a aspereza das

---

369 *Deuteronômio IV, 24; Hebreus XII, 29.*

370 *Cf. Mateus XIII, 45.*

371 *Eclesiastes I, 18.*

372 *Salmo XXXIX, 12.*

paixões. Mas quando ele se liberta, ainda que aquilo que ele deseja esteja escondido pelo esquecimento naquele instante, o intelecto recupera rapidamente sua própria atividade e reencontra com fervor este fruto tão desejado e tão salutar de sua procura. Pois ele carrega então esta graça que medita com a alma e que com ela chama pelo “Senhor Jesus Cristo”, como uma mãe que ensina o filho e que com ele repete a palavra “Pai”, até que, em lugar de qualquer outra expressão infantil, ela o torna capaz de chamar com clareza pelo pai, mesmo durante o sono. É por isso que o Apóstolo diz: “Da mesma forma, o Espírito vem em socorro de nossas fraquezas; porque nós não sabemos como orar. É o próprio Espírito que intercede por nós com gemidos inefáveis<sup>373</sup>”. Com efeito, uma vez que somos como crianças diante da perfeição da virtude, temos necessidade de sua ajuda para que, com todos os pensamentos penetrados e adoçados por sua indizível doçura, nos transportemos com toda nossa afeição para a lembrança e o amor de nosso Deus e nosso Pai. É por isso que, como diz ainda o próprio divino Paulo quando nos convida a nunca deixar de chamar regularmente a Deus “Pai”, devemos clamar por Deus: “*Abba, Pai*<sup>374</sup>”.

62. Mais ainda do que as outras paixões, o ardor costuma perturbar e agitar a alma; porém, às vezes, ele lhe presta grandes serviços. De fato, quando o usamos calmamente contra os ímpios e os debochados de tida espécie, para salvá-los ou confundi-los, damos à alma um acréscimo de doçura, pois estamos de acordo com o objetivo de justiça e bondade de Deus. Também quando nos irritamos fortemente contra o pecado, damos virilidade àquilo que a alma tem de feminino. Da mesma forma, tremendo e nos rebelando contra este espírito de corrupção [tremendo em espírito contra o demônio da corrupção] quando nos encontramos desencorajados, erguemos nossos pensamentos acima da ostentação da morte – não duvidamos disto. Para nos ensinar isto, depois de haver chorado por duas vezes e de se ter perturbado diante do Hades, embora pudesse fazer o que quisesse por efeito de uma vontade sem perturbação, o Senhor devolveu a alma de Lázaro ao seu corpo<sup>375</sup>. Assim, me parece, foi mais como uma arma que Deus nosso Criador deu à nossa natureza o ardor saudável. Se Eva tivesse se servido dele contra a

---

373 *Romanos VIII, 26.*

374 *Cf. Gálatas IV, 6*

375 *João XI, 33-38.*

serpente, ela não teria sido levada ao prazer passional<sup>376</sup>. Parece-me, portanto, que quem, por zelo ou piedade, usou do ardor de forma saudável e sã, terá na balança retribuições de mais peso do que quem, pela lentidão de seu intelecto, nunca foi levado ao ardor. Realmente, o segundo parece um condutor inexperiente para acompanhar o coração humano. Mas o primeiro participa da corrida montado nos cavalos da virtude, e se volta até contra as fileiras dos demônios, conduzindo a quadriga da temperança no temor a Deus. Este é o carro de Israel que encontramos descrito na Escritura na ascensão do divino Elias<sup>377</sup>. Pois parece que Deus falou claramente das quatro virtudes aos Judeus. E foi por isso que este homem casto, tão forte e tão grande, que foi nutrido pela sabedoria, elevou-se no carro de fogo tomando como cavalos suas próprias virtudes, ao que me parece, quando o Espírito o transportou num sopro de fogo.

63. Quem participou do santo conhecimento e que provou a doçura de Deus não deve jamais se defender na justiça, nem tampouco suscitar processo contra outrem, tomando-lhe as vestes. Pois a justiça dos príncipes do mundo é muito inferior à justiça de Deus, ou melhor, não é nada comparada com ela. Que diferença haveria, de fato, entre os filhos de Deus e os filhos do século se o direito destes não se revelasse mais imperfeito diante da justiça daqueles, a ponto de que um é chamado direito humano e outro direito divino? É assim que nosso Senhor [Jesus], quando injuriado, não injuriava de volta e, quando sofria, não ameaçava<sup>378</sup>, mas suportava em silêncio que lhe tomassem as vestes<sup>379</sup>, afligindo-se por nossa salvação<sup>380</sup>, e mais ainda, pedindo a Deus por aqueles que lhe faziam mal [chegando até a pedir ao Pai a salvação dos criminosos<sup>381</sup>]. Mas os homens deste mundo não cessarão de processar uns aos outros, desde que consigam com usura os bens arrolados no processo, sobretudo se receberem os juros antes que lhes seja atribuído o que lhes é devido, de tal modo que seu direito é, no mais das vezes, a origem de uma grande injustiça.

---

376 Cf. *Gênesis* III, 6.

377 Cf. *II Reis* II, 11.

378 Cf. *I Pedro* II, 23.

379 Cf. *Mateus* XXVII, 28.

380 Cf. *Isaías* LIII, 4.

381 Cf. *Lucas* XXIII, 24.

64. Não se deve, dizem (e ouvi isto de homens piedosos), deixar quem quer que seja nos despojar daquilo que temos para nosso sustento ou para sustento dos pobres, a fim de não nos tornarmos, por nossa resignação, ocasião de pecado para aqueles que nos fizeram mal, e principalmente se sofrermos isto da parte de cristãos. Não existe aí outra coisa senão a vontade de preferir seus bens a si mesmo, sob um pretexto irracional. Se, com efeito, relaxando a prece e a guarda de meu coração, eu começo pouco a pouco a contestar aqueles que querem me causar dano, e a me sentar nos vestibulos dos tribunais, está claro que eu coloco aquilo que reivindico acima de minha salvação, para não dizer acima do mandamento salutar. E como seguirei eu o mandamento evangélico que me ordena: “Não reclame daquele que tomou seus bens<sup>382</sup>”, se não suporto com alegria, segundo a palavra do Apóstolo, ser despojado das coisas que possuo? Pois, depois de haver disputado e recuperado o que reclamei, não libertarei do pecado o homem ganancioso, uma vez que os tribunais corruptíveis não são capazes de definir o julgamento incorruptível de Deus. O acusado certamente não satisfará senão as leis com as quais defenderá sua causa. Assim, é melhor suportar a violência dos que querem nos prejudicar, e rezar por eles, a fim de que, pelo arrependimento, não pela restituição daquilo que roubaram, eles sejam absolvidos da cupidez de que são acusados. É o que quer a justiça de Deus: que recuperemos não o que nos foi tomado pela ganância, mas o ganancioso, liberto do pecado pelo arrependimento.

65. É conveniente e muito útil, desde que reconhecemos o caminho da piedade, vender o mais depressa possível tudo o que possuímos, distribuindo o recebido de acordo com o mandamento do Senhor<sup>383</sup>, e não negligenciarmos esta ordem salutar sob pretexto de querermos cumprir o conjunto dos mandamentos. Acima de tudo, ganharemos com isto o belo desprendimento e a pobreza daí para diante desprovida de armadilhas, que eleva os pensamentos acima das injustiças e dos litígios, por não mais possuírmos em nós a matéria que acende o fogo com o qual queimam os homens gananciosos. Mas a humildade nos aquecerá mais do que as demais virtudes e, porque estaremos nus, ela nos fará repousar em seu seio, como uma mãe que toma em seus braços seu filhinho e o aquece quando, em sua simplicidade infantil, ele despiu-se e atirou longe suas roupas: sua inocência é tão grande que ele se alegra com sua nudez mais do que com os brocados de suas vestimentas. Com

---

382 *Lucas* VI, 30.

383 Cf. *Mateus* XIX, 21.

efeito, foi dito: “O Senhor protege os pequeninos. Eu me humilhei e ele me salvou<sup>384</sup>”.

66. É certamente a partir do que temos que o Senhor nos pedirá contas de nossa compaixão, não a partir do que não temos. Se, portanto, eu dispense em pouco tempo, no temor a Deus e abrasado pelo fogo de seu mandamento bem-aventurado, tudo o que eu poderia dar em muitos anos, do que eu, que não tenho nada, posso ainda ser acusado? Alguém poderá dizer: “Como poderão ser socorridos os pobres daqui em diante, já que estavam acostumados a receber nossos bens, paulatinamente, dia após dia?” Que este homem aprenda a não insultar a Deus estendendo sua própria avareza. Pois Deus não deixará de prover às necessidades de sua criatura, assim como era no princípio. Antes que este ou aquele se levantasse para compartilhar, os pobres não deixavam de ter nem roupas nem alimentos. É bom, portanto, que, uma vez que reconhecemos isto e servimos a Deus com nobreza, rejeitemos o sentimento e o amor próprio que a riqueza traz, desprezando nossos próprios desejos – vale dizer, desprezando nossa própria alma<sup>385</sup> – a fim de não nos regozijarmos por distribuímos nosso dinheiro, considerando nossa alma como um nada, porque não fazemos bem algum. Com efeito, enquanto estamos cobertos de riquezas, sentimos uma grande alegria em distribuí-las (se acaso tivermos em nós a energia do bem), felizes que somos por nos colocarmos a serviço do mandamento divino. Mas quando esgotamos tudo, uma tristeza e uma humilhação profundas nos penetram, pois nada mais fazemos que seja digno da justiça. Então, a alma retorna a si mesma num grande abatimento, a fim de que aquilo que ela já não pode obter dia após dia pela compaixão lhe seja dado pela prece constante, pela paciência e pela humildade. Com efeito, foi dito: “O pobre e o indigente louvarão seu nome, ó Senhor<sup>386</sup>”. Assim, a ninguém Deus prepara o carisma da teologia, se a pessoa não preparar a si mesma despojando-se de todos os seus bens pela glória do Evangelho de Deus, a fim de anunciar, na indigência que ele ama, a boa nova da riqueza de seu Reino. É o que quis dizer com toda clareza aquele que disse: “Em sua bondade, Deus preparou seus bens para o pobre”, acrescentando: “O Senhor dará a palavra aos que anunciam com todas as suas forças a boa nova<sup>387</sup>”.

---

384 *Salmo CXV, 6.*

385 *Cf. Lucas XIV, 26.*

386 *Salmo LXXIV, 21.*

387 *Salmo LXVIII, 11-12.*

67. Todos os carismas de nosso Deus são bons e estão na origem de toda bondade. Mas nenhum inflama e transporta nosso coração para sua bondade tanto quanto a teologia. Pois sendo ela as primícias dos frutos da bondade de Deus, ela traz à alma dons que são seguramente os primeiros. Em primeiro lugar, ela nos predispõe a desprezar alegremente todo amor por esta vida, uma vez que no lugar dos desejos corruptíveis obtemos a riqueza indizível das palavras de Deus. Depois ela envolve de luz nosso intelecto pelo fogo que o transforma, e lhe permite tomar parte dos espíritos litúrgicos<sup>388</sup>. Assim preparados, bem amados, caminhemos fielmente para esta nobre virtude contemplativa que traz consigo todo desligamento; que, no esplendor de sua luz inefável, alimenta o intelecto com as palavras de Deus; e que, pelos santos profetas, em vista da indivisível comunhão, une a alma dotada de razão a Deus o Verbo, a fim de que, mesmo no meio dos homens, ó milagre, esta iniciadora divina que nos leva às bodas e nos une às palavras de Deus cante claramente os poderes do Senhor.

68. Na maior parte do tempo, nosso intelecto suporta com dificuldade a oração, devido ao caráter demasiado estreito e oculto da virtude que nos leva a orar. Mas ele se aplica alegremente à teologia por causa da amplidão e da liberdade das contemplações divinas. Portanto, a fim de não deixá-lo começar a falar demais ou mesmo a exaltar-se além da conta, devemos moderar a alegria e nos aplicarmos o máximo possível à prece, à salmódia e à leitura das Sagradas Escrituras, ainda que sem negligenciar as considerações dos que gostam de falar e cuja fé se reconhece nas palavras. Pois, ao fazermos isto, evitamos que o intelecto misture suas próprias palavras às palavras da graça e impedimos que ele, levado por um excesso de alegria e muitos discursos, seja levado à vanglória. No momento da contemplação, mantenhemos o intelecto longe de toda imaginação, permitindo a ele ter em lágrimas seus pensamentos. Pois, repousando no momento da hesíquia e penetrado pela doçura da oração, não apenas ele escapará das causas que mencionamos, como irá se renovar sempre, daí em diante, para se aplicar rapidamente e sem esforço às considerações divinas, progredindo ao mesmo tempo com grande humildade na contemplação do discernimento. Mas é preciso saber que se trata de uma oração acima de todo e qualquer espaço, que só está ao alcance daqueles que, com toda percepção e plena certeza, estão cheios da santa graça.

---

388 *Cf. Hebreus I, 14.*

69. No começo, a graça costuma envolver e iluminar a alma com sua própria luz, permitindo a ela que a sinta profundamente. Mas quando começam os combates, é de um modo desconhecido, na maior parte do tempo, que ela opera seus mistérios na alma teológica, a fim de tanto nos deixar alegres com os sinais da contemplação divina quanto de manter longe da vanglória nosso conhecimento em meio aos combates. Devemos então nos afligir com moderação quando nos sentirmos abandonados, para que nos humilhemos daí por diante e para que nos submetamos sempre mais à glória do Senhor; e devemos nos alegrar quando chegar o momento de sermos levados nas asas da boa esperança. Com efeito, do mesmo modo como uma grande aflição mergulha a alma no desespero e na incredulidade, também uma grande alegria a incita à presunção (digo-o daqueles que ainda são crianças). Pois, entre a iluminação e a derelição, o meio é a prova. E entre a aflição e a alegria, o meio é a esperança. Com efeito, foi dito: “Eu esperei o Senhor com paciência, e ele veio a mim<sup>389</sup>”, e também: “Eu estava sobremodo aflito em meu coração, mas suas consolações alegraram minha alma<sup>390</sup>”.

70. Assim como as portas do banho, continuamente abertas, esvaem rapidamente o calor de dentro, da mesma forma a alma dissipa sua memória pela porta da voz, se quiser falar demais, ainda que o que disser for bom. O intelecto fica assim desprovido de pensamentos soberanos, e expõe, por assim dizer, um fluxo de pensamentos ao primeiro que se apresentar, pois já não tem o Espírito Santo para conservá-lo numa reflexão desprovida de imaginações. Pois o bem foge sempre do falatório, por ser estranho a todas as confusões e a todas as imaginações. O silêncio oportuno é uma boa virtude: esta não é outra coisa que a mãe dos pensamentos sábios.

71. Numerosas paixões perturbam a alma teológica no princípio: é o que nos mostra a revelação do conhecimento. De todas as paixões, as piores são a cólera e a aversão. Mas o que a alma experimenta aí não provém tanto dos demônios que fomentam as paixões quanto de seu próprio progresso. Com efeito, na medida em que a alma se deixa desviar pelos cuidados deste mundo, se ela vê a justiça espezinhada de um modo ou de outro, ela não treme nem se perturba. Pois, preocupada com seus próprios desejos, ela não vê a justiça de

Deus. Mas quando ela começa a sobrepujar suas paixões graças ao desprezo pelas coisas presentes e ao amor a Deus, ela não suporta ver em si mesma nem em outro a transgressão da justiça, e ela se irrita contra os malfeitores e se perturba até ver os que ultrajaram a justiça render piedosamente homenagem à sua dignidade. É por isso que ela sente aversão pelos injustos e ama os justos. Pois é impossível ocultar o olhar da alma quando seu véu – quero dizer: o corpo – tecido pela temperança, se torna tão fino. No entanto, melhor do que sentir aversão pelos injustos é chorar por sua insensibilidade. Pois se estes homens são dignos de aversão, a razão não quer que esta perturbe a alma que ama a Deus; com efeito, quando a aversão se instala na alma, o conhecimento deixa de operar.

72. O intelecto teológico, cuja alma está cumulada de doçura e inflamada pelas palavras do próprio Deus, alcança os espaços da impassibilidade que se abrem largamente diante dele. De fato, foi dito: “As palavras do Senhor são palavras puras, como prata levada ao fogo e limpa de toda terra<sup>391</sup>”. O gnóstico, confortado pela experiência da energia divina, eleva-se acima das paixões. Mas também o teólogo, se se torna mais humilde, saboreia a experiência gnóstica, assim como o gnóstico, se manter infalivelmente o discernimento da alma, saboreia pouco a pouco a virtude contemplativa. Pois jamais acontece que os dois carismas caibam apenas ao gnóstico, ou apenas ao teólogo, a fim de que, admirando cada um deles aquilo que um tem a mais do que o outro, a humildade neles abunde com o zelo da justiça. É por isso que o Apóstolo disse: “A um o Espírito dá uma palavra de sabedoria, enquanto a outro é dada uma palavra de conhecimento pelo mesmo Espírito<sup>392</sup>”.

73. Quando a alma transborda de seus frutos naturais, ela canta com mais força a salmódia e daí para diante quer rezar em voz alta. Mas quando ela é levada pela energia do Espírito Santo, ela canta com abandono e doçura, e ora apenas com o coração. A primeira disposição é acompanhada de uma alegria ostensiva. A segunda é seguida de lágrimas espirituais. Depois surge no coração um regozijo inflamado de hesíquia. Pois a lembrança que a moderação da voz mantém aquecida prepara o coração para receber pensamentos doces, semelhantes às lágrimas. A partir daí, enquanto se espera

---

389 *Salmo XL, 26.*

390 *Salmo XCIV, 19.*

---

391 *Salmo XII, 7.*

392 *I Coríntios XII, 8.*

a alegria da colheita, é verdadeiramente possível ver as sementes da oração semeadas com lágrimas na terra do coração<sup>393</sup>. Da mesma forma, quando estamos esmagados por um grande desencorajamento, devemos cantar a salmódia com uma voz mais forte, fazendo ressoar a alma com a alegria da esperança, até que esta densa nuvem seja dissipada pelos ventos da melodia.

74. Quando a alma começa a se conhecer, ela traz em si um calor e um pudor que agrada a Deus. Pois uma vez que ela não é mais perturbada pelos cuidados desta vida, ela engendra um *eros* que tende para a paz, buscando convenientemente o Deus da paz. Mas ela se separa rapidamente deste desejo, seja porque os sentidos traem a memória, seja porque a natureza, por indigência, dispensa depressa demais seu próprio bem. É por isso que os sábios gregos não obtinham aquilo que pensavam obter com a temperança, porque seu intelecto não era animado pela sabedoria eterna e verdadeira. Ora, o calor que o Espírito Santo dá ao coração é primeiramente agradável e constante, chamando todas as partes da alma para Deus e não se deixando escapar fora do coração, mas alegrando inteiramente o homem num amor e numa felicidade infinita. Depois de haver conhecido o amor, deve-se chegar à alegria. O amor natural é sinal de que a natureza está de certo modo mantida em boa saúde pela temperança, mas ele não consegue levar o intelecto à impassibilidade, como o amor espiritual.

75. O ar que nos envolve permanece puro quando sopra o vento norte sobre a criação, pois a natureza deste vento é sutil e suscita a serenidade. Mas quando sopra o vento sul, o ar fica como que espesso pela natureza deste vento que suscita a bruma e que traz das regiões de onde vem, devido a um certo parentesco, nuvens que cobrem toda a terra habitada. O mesmo acontece com a alma. Quando ela é levada pelo sopro do Espírito verdadeiro e santo, ela se coloca inteiramente fora da bruma demoníaca. Mas quando o sopro do espírito da ilusão a toma com violência, ela fica toda coberta pelas nuvens do pecado. É preciso que voltemos sempre, com todas as forças, nossa resolução para o sopro purificador e vivificante do Espírito Santo, ou seja, para o vento que o profeta Ezequiel, na luz do conhecimento, diz vir do norte<sup>394</sup>, a fim de que a parte contemplativa de nossa alma permaneça sempre serena, o máximo possível, e que, vendo no espaço os esplendores da luz, possamos nos aplicar

---

393 Cf. *Salmo CXXXVI*, 5.

394 Cf. *Ezequiel I*, 14.

sem erro às contemplações divinas. Pois é aí que está a luz do verdadeiro conhecimento.

76. Alguns imaginaram que a graça e o pecado, ou seja, o espírito da verdade e o espírito do erro<sup>395</sup>, estão escondidos juntos no intelecto dos batizados. Eles dizem que uma das faces estimula o intelecto para o bem, e a outra o faz em sentido contrário. Quanto a mim, as divinas Escrituras e o próprio sentido do intelecto me levaram a compreender que antes do santo batismo, a graça conduz de fora a alma ao bem, enquanto Satanás se esconde nas suas profundezas e tenta fechar todas as saídas que levam a alma para a direita. Mas a partir do momento em que nascemos de novo, o demônio se acha fora, e a graça dentro. Então descobrimos o seguinte: assim como antes era o erro que dominava a alma, depois do batismo é a verdade que a domina. Satanás não age menos sobre a alma do que antes, e inclusive o faz de pior maneira, não por nela residir junto com a graça, apraza a Deus, mas buscando, por meio dos humores do corpo, mergulhar o intelecto nos vapores com que a cobre através da doçura dos prazeres irracionais. Ora, isto acontece porque Deus permite, a fim de que, passando pela tempestade, pelo fogo e pela prova, o homem alcance a felicidade do bem. Com efeito, foi dito: “Nós passamos pelo fogo e pela água, e você nos conduziu ao frescor<sup>396</sup>”.

77. A partir do instante em que somos batizados, como eu disse, a graça se esconde na profundidade de nosso intelecto, subtraindo sua presença ao próprio sentido deste. Mas quando começamos, com toda decisão, a sermos tomados pelo amor a Deus, então a graça, em sua linguagem inefável, pelo sentido do intelecto, comunica à alma uma parte de seus próprios bens. A partir daí, aquele que quiser assegurar-se de possuir em si esta descoberta começa a querer se desembaraçar com alegria de todos os bens deste mundo presente, a fim de adquirir verdadeiramente o campo no qual achou escondido o tesouro da vida<sup>397</sup>. Com efeito, quando nos desembaraçamos da riqueza deste mundo é que encontramos o bem em que está oculta a graça de Deus. Pois é na medida em que a alma progride que o dom divino manifesta sua bondade no intelecto. Entretanto, agora o Senhor permite que a alma seja atormentada pelos demônios, a fim de ensinar-lhe o discernimento entre o bem e o mal e de

---

395 Cf. *I João IV*, 6.

396 *Salmo LXVI*, 12.

397 Cf. *Mateus XIII*, 4.

torná-la mais humilde, na medida em que ela experimenta, quando purificada, uma grande vergonha diante da infâmia dos pensamentos demoníacos.

78. Somos feitos à imagem de Deus<sup>398</sup> pelo movimento do intelecto na alma. Pois o corpo é como que a morada desta. Mas a partir do momento em que, pela transgressão de Adão, não apenas os traços de sua marca na alma foram apagados como ainda nosso corpo tombou sob o golpe da corrupção, o santo Verbo de Deus teve que encarnar-se, concedendo-nos pelo batismo em Deus a água da salvação que nos permite nascer de novo. Assim renascemos pela água, como sendo a energia vivificante do Espírito Santo. Somos purificados tanto na alma como no corpo, se nos encaminhamos a Deus com todas as nossas forças: o Espírito Santo faz em nós sua morada, e o pecado foge para bem longe. Pois não é possível que existam na alma, como pensam alguns, dois lado de sua marca, que é única e simples. Pois se, como garantia da semelhança, a graça divina, por intermédio do santo batismo, com infinita afeição se adapta aos traços da imagem, aonde encontrará lugar a face do maligno, ainda mais se não há nada em comum entre a luz e as trevas<sup>399</sup>? Assim nós, os corredores dos combates sagrados, acreditamos que a serpente multiforme é expulsa dos tesouros do intelecto pelo banho de incorruptibilidade. Mas não nos perguntamos por que, depois do batismo, ainda temos maus pensamentos misturados aos bons. Pois o banho de santidade limpa a sujeira de nosso pecado, mas não muda ainda a dualidade de nosso querer e não impede que os demônios nos combatam ou nos mantenham na ilusão, a fim de que, tomando as armas da justiça pelo poder de Deus<sup>400</sup>, guardemos aquilo que deveríamos ter guardado quando ainda estávamos em estado natural.

79. Satanás, como já disse, é expulso da alma pelo santo batismo. Mas pelas razões que indiquei, lhe é permitido agir sobre ela por intermédio do corpo. Pois a graça de Deus tem sua morada na profundidade da própria alma, ou seja, no intelecto. Com efeito, foi dito que a glória da filha do Rei reside no interior<sup>401</sup>: ela não se mostra aos demônios. É por isso que sentimos brotar das próprias profundezas de nosso coração o desejo divino, quando nos

lembramos ardentemente de Deus. Mas então os espíritos maus saltam para os sentidos do corpo e neles se escondem: aproveitando-se do relaxamento da carne, eles agem sobre aqueles cujas almas ainda se encontram na infância. Assim, portanto, nosso intelecto, segundo o Apóstolo divino, regozija-se sempre na lei do Espírito<sup>402</sup>, enquanto que a carne quer se deixar levar sob o impulso dos prazeres. Pelo sentido do intelecto, a graça enche o corpo de júbilo indizível naqueles que progredem no conhecimento. Mas os demônios, por meios dos sentidos do corpo, ao nos encontrarem negligentes e displicentes em estado de piedade, capturam a alma, e com exortações os bandidos a constroem a fazer o que ela não quer.

80. Aqueles que afirmam que as duas faces da graça e do pecado estão juntas nos corações dos fiéis (porque o Evangelista disse: “A luz brilhou no meio das trevas, mas as trevas não a compreenderam<sup>403</sup>”, pretendem demonstrar sua própria conjectura declarando que o esplendor divino não é absolutamente manchado pela frequência do maligno, mesmo que, dizem eles, a luz de Deus se aproxime na alma das trevas do demônio. Mas é a própria palavra evangélica que os acusa de pensar fora da Santa Escritura; assim, uma vez que o Verbo de Deus, a luz verdadeira, quis se manifestar à criação em sua própria carne, acendendo em nós, em seu incomensurável amor pelo homem, a luz de seu conhecimento divino o espírito do mundo não compreendeu o desígnio de Deus, ou seja, desconheceu-o – pois as preocupações da carne são inimigas de Deus<sup>404</sup> – o Teólogo<sup>405</sup> se utilizou daquelas palavras. E com toda justiça, após uma breve transição, o maravilhoso Evangelista acrescenta: “Ele era a verdadeira luz, que ilumina todo homem vindo ao mundo (ele quis dizer: que guia e vivifica). Ele estava no mundo e o mundo foi feito por ele e o mundo não o conheceu. Ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas aos que o receberam, aos que creram em seu Nome, ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus<sup>406</sup>”. E o sábio Paulo, interpretando “eles não o receberam”, diz: “Não que eu já tenha alcançado o objetivo ou que já tenha chegado à perfeição, mas eu corro para a meta a fim de conquistá-la, uma vez

---

398 Cf. *Gênesis* I, 27.

399 Cf. *II Coríntios* VI, 14.

400 Cf. *II Coríntios* VI, 7.

401 Cf. *Salmo* XLV, 14.

---

402 Cf. *Romanos* VII, 22.

403 *João* I, 5.

404 Cf. *Romanos* VIII, 6.

405 São João Evangelista.

406 *João* I, 9-12.



que eu mesmo já fui conquistado por Jesus Cristo<sup>407</sup>”. Assim, não é de Satanás que o Evangelista diz que ele não recebeu a luz verdadeira, pois desde o começo ela lhe foi estranha, uma vez que ela não brilha nele. Mas ele estigmatiza com estas palavras os homens que entendem os poderes e as maravilhas [do Filho] de Deus, mas que, devido ao seu coração entenebrecido, não desejam se aproximar da luz de seu conhecimento.

81. A palavra do conhecimento nos ensina que existem como que dois tipos de espíritos maus. Dentre eles, alguns são, por assim dizer, mais sutis, enquanto outros são mais materiais. Os mais sutis combatem a alma, e os outros costumam capturar a carne com o grude de suas solicitações. É por isso que os demônios que combatem a alma e os que combatem o corpo estão sempre em luta uns contra os outros, embora tanto uns como outros tentem igualmente prejudicar os homens. Assim, quando a graça não reside no homem, eles se aninham nas profundezas do coração, como verdadeiras serpentes, e não deixam a alma voltar seu olhar para o desejo do bem. E quando a graça se esconde no intelecto, eles passam a percorrer os espaços do coração como nuvens negras, transformados nas paixões do pecado e em todos os tipos de distrações, a fim de roubar a memória do intelecto e de arrancá-la de sua relação com a graça. Assim, quando os demônios que perturbam a alma nos consomem nas paixões psíquicas, em especial na presunção que é a mãe de todos os males, é possível confundirmos o influxo de nosso amor pela vanglória, sobretudo se pensarmos na dissolução de nosso corpo. Devemos fazer o mesmo quando os demônios que combatem o corpo tentam ferver em nosso coração seus desejos infames. Pois este pensamento pode extinguir, pela lembrança de Deus, todas as espécies de espíritos maus. Mas se com estas considerações os demônios da alma nos inspirarem um desprezo infinito pela natureza humana, por não ter esta nenhum valor por causa da carne (é o que eles gostam de fazer quando querem nos atormentar com tais pensamentos), devemos então refletir sobre a honra e a glória do Reino celeste, sem esquecer das amarguras do Juízo, a fim de que, com um superemos o desencorajamento e, como o outro, retomemos a compaixão em nosso coração.

82. Nosso Senhor nos ensina nos Evangelhos que Satanás, ao encontrar em seu regresso a casa limpa e vazia, ou seja, um coração estéril, ele chama então

---

407 *Filipenses III, 12.*

sete espíritos piores do que ele e nela entra e se instala, tornando ainda pior o estado do homem do que era a princípio<sup>408</sup>. Devemos entender com isto que Satanás não consegue entrar nem se manter nas profundezas do coração quando o Espírito Santo está em nós. Mas o maravilhoso Paulo também nos ensina claramente o sentido daquilo que devemos ver aí. Ele considera em primeiro lugar a questão referindo-se à ciência do combate. Ele diz o seguinte: “Eu me regozijo na lei de Deus conforme o homem interior. Mas vejo em meus membros uma outra lei, que faz guerra à lei de meu intelecto e o captura pela lei do pecado que reside nos membros<sup>409</sup>”. Depois, referindo-se à perfeição, ele diz: “Não existe mais condenação contra aqueles que, em Jesus Cristo, não marcham segundo a carne. Pois a lei do Espírito da vida me libertou da lei do pecado e da morte<sup>410</sup>. Ele diz ainda, em outra passagem, para nos ensinar novamente que, partindo do corpo, Satanás combate a alma que tem parte com o Espírito Santo: “Permaneçam em pé, cingidos com o cinto da verdade, revestidos com a couraça da justiça e calçados com a prontidão em anunciar o evangelho da paz. Levem sempre o escudo da fé, com o qual vocês poderão extinguir todas as flechas incendiárias do maligno. Recebam também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus<sup>411</sup>”. Uma coisa é o cativo, outra coisa é a luta. Pois o primeiro significa uma deportação violenta, enquanto a outra indica um combate entre duas forças iguais. É por isso que o Apóstolo diz que o diabo ataca também com flechas incendiárias as almas que carregam em si a Cristo. Pois quem não domina seu adversário utiliza em todos os casos flechas contra ele, a fim de poder expulsar com flechas aladas aquele que combate à distância. O mesmo acontece com Satanás: uma vez que ele não pode, por causa da graça, aninhar-se no intelecto daqueles que combatem, ele voa sobre os humores e aninha-se no corpo, cuja complacência lhe permite atirar contra a alma. É por isso que é preciso consumir o corpo numa certa medida, a fim de que o intelecto não escorregue na vertente dos prazeres, levada pelos humores daquele. Devemos estar convencidos destas palavras do Apóstolo, quando ele diz que o intelecto dos que combatem é animado pela luz de Deus, e que assim ele se dobra à lei divina e se regozija nela. Mas a carne, por causa de sua complacência, se volta de bom grado para os espíritos maus. É por isso que às vezes ela é

---

408 *Cf. Mateus XII, 45.*

409 *Romanos VII, 23.*

410 *Romanos VIII, 1.*

411 *Efésios VI, 14-17.*

constrangida a servir à sua malícia. Assim fica demonstrado que o intelecto não pode ser a um tempo morada de Deus e do diabo. Pois como é possível que eu me dobre à lei divina em meu intelecto e ao mesmo tempo esteja subjugado pela lei do pecado em minha carne<sup>412</sup>, como é possível que meu intelecto se erga com toda liberdade para combater os demônios dobrando-se de bom grado à bondade da graça enquanto o corpo se volta com mais gosto ainda para o odor dos prazeres irracionais, uma vez que é permitido aos demônios, como eu disse, aninharem-se naqueles que combatem? Pois foi dito: “Eu sei que o bem não habita em mim, na minha carne<sup>413</sup>”, portanto também naqueles que resistem ao pecado em meio dos combates, pois o Apóstolo não diz outra coisa de si mesmo. Os demônios combatem o intelecto, mas também tentam, com a cola de suas solicitações, levar a carne a relaxar na vertente dos prazeres. Pois um justo julgamento lhes permitiu de uma vez todas residir nas profundezas do corpo, mesmo naqueles que levam um renhido combate contra o pecado, pois a liberdade do coração humano está sempre à prova. Mas se alguém é capaz de morrer pelas penas que se impõe enquanto está nesta vida, ele se torna inteiramente morada do Espírito Santo. Pois este homem, antes de morrer, já ressuscitou: assim era o bem-aventurado Paulo e todos os que lutaram e lutam contra o pecado.

83. O coração carrega em si tanto os bons quanto os maus pensamentos; não que por natureza ele suscite a que não é bom, mas ele guarda suas lembranças como um hábito, desde o primeiro engano, de uma vez por todas, ainda que ele conceba a maior parte dos maus pensamentos devido à amargura dos demônios. Nós mesmos os sentimos como se proviessem do coração, e é por isso que alguns imaginaram que o pecado reside no intelecto juntamente com a graça. É também por isso, afirmam eles, que o Senhor disse: “O que sai da boca vem do coração, e aí está o que mancha o homem; pois do coração saem os maus pensamentos, os adultérios<sup>414</sup>, etc.” Eles não sabem que nosso intelecto, cuja atividade é uma percepção muito sutil, se apropria pela carne da ação dos pensamentos que lhes são sugeridos pelos maus espíritos, quando, de um modo que ignoramos, ao se misturarem, a alma é conduzida pela complacência do corpo. Pois a carne adora, acima de qualquer medida, ser acariciada pelo engano. É por isso que os pensamentos semeados na alma

---

412 Cf. *Romanos* VII, 23.

413 *Romanos* VII, 18.

414 *Mateus* XV, 19.

pelos demônios parecem provir do coração. E nós nos apropriamos deles, quando queremos agradá-lo. É isto que o Senhor condena, como suas próprias palavras demonstram ao usar a expressão que mencionamos. Pois aquele que se compraz nos pensamentos que lhe são sugeridos pela malícia de Satanás e que inscreve sua lembrança em seu coração, passará a suscitá-los daí em diante como se fossem frutos de sua própria reflexão.

84. O Senhor diz nos Evangelhos: “O homem forte não pode ser expulso de sua morada se aquele que é mais forte do que ele não o amarrar, o despojar e o fizer sair<sup>415</sup>”. Como é possível que aquele que foi expulso e confundido possa entrar novamente e viver com o verdadeiro mestre, que repousa em sua própria casa? Pois um rei que um dia combateu um tirano rebelde não admitirá que ele viva consigo no mesmo palácio real. Ele antes o fará perecer no campo ou, depois de amarrado, o entregará a seus próprios soldados, para um longo castigo e uma morte miserável.

85. Se pelo fato de termos tanto pensamentos bons quanto maus pensamentos alguém crer que o Espírito Santo e o diabo residam juntos no intelecto, que ele aprenda que isto decorre do fato de que ainda não termos experimentado e visto o quanto o Senhor é bom<sup>416</sup>. Pois antes de tudo, com eu já disse, a graça oculta sua presença nos batizados, aguardando uma resolução da alma. Pois só quando o homem se volta inteiramente para o Senhor, é que ela manifesta sua presença imperceptivelmente no coração. E novamente ela aguarda o movimento da alma, deixando que as flechas demoníacas cheguem até seu sentido mais profundo, para que ele busque a Deus com uma resolução mais ardente e com uma disposição amis humilde. Se daí por diante o homem começa a avançar observando os mandamentos e invocando o Senhor Jesus sem cessar, então o fogo da santa graça consome até os sentidos exteriores do coração, queimando totalmente as ervas daninhas da terra humana. A partir daí, os desígnios demoníacos se detêm longe deste lugar: com dificuldade eles atingem a parte passional da alma. Mas quando o homem que combate amarrrou em si todas as virtudes e singularmente a perfeita despossessão, então a graça ilumina por meio de uma perfeição mais profunda toda sua natureza, aquecendo-o, daí para frente, para o grande amor a Deus. É então que, longe dos sentidos do corpo, as flechas demoníacas se extinguem. Pois a brisa do

---

415 *Mateus* XII, 29.

416 Cf. *Salmo*. XXXIV, 9.

Espírito Santo, que leva ao coração os ventos da paz, extingue, ainda no ar, as flechas incendiárias do demônio. Entretanto, mesmo aquele que chegou a este ponto, Deus às vezes o abandona à malícia dos demônio, deixando então seu intelecto privado de luz, a fim de que nossa liberdade não seja travada pelos laços da graça, não apenas por ter sido o pecado vencido no combate, mas também porque o homem deve progredir ainda na experiência espiritual. Pois, diante da riqueza de Deus que nos instrui e tem como ponto de honra nos amar, aquilo que nós consideramos como a perfeição daquele que se instrui é ainda imperfeita, ainda que fosse possível subir pela progressão da penas toda a escada que foi mostrada a Jacó<sup>417</sup>.

86. O próprio Senhor disse que Satanás caiu do céu [como um raio]<sup>418</sup> a fim de que o demônio disforme não pudesse voltar seus olhos para as moradas dos santos anjos. Então como é possível que aquele que não foi considerado digno sequer de comungar com os bons servidores habitar ao mesmo tempo que Deus no intelecto humano? Se for dito que isto acontece porque Deus se retira, não diremos mais nada. Pois o abandono que nos instrui não priva absolutamente a alma da luz divina. É somente a graça, como eu disse, que, no mais das vezes, esconde sua presença no intelecto, a fim de empurrar a alma, por assim dizer, por meio da amargura dos demônios, a buscar por si própria, como todo o temor e mais humildade ainda, o socorro de Deus, aprendendo pouco a pouco a reconhecer a malícia do seu inimigo, como uma mãe que, vendo o filho recusar o aleitamento, o afasta um pouco de seus braços, para que, assustado por homens assustadores e feras de todos os tipos que o cercam, ele retorne com grande temor e lágrimas ao seio maternal. O abandono de Deus, que surge quando ele se afasta, deixa cativa dos demônios a alma que não quer carregar Deus. Ora, nós não somos crianças perdidas<sup>419</sup>, se Deus quiser. Acreditamos ser crianças fiéis à graça de Deus, que nos aleita em meio a pequenos abandonos e frequentes consolações, a fim de que, por sua bondade, nos apressemos a alcançar o estado do homem perfeito, no grau da plenitude de Cristo<sup>420</sup>.

87. O abandono que nos instrui leva à alma uma grande tristeza, uma grande

---

417 Cf. *Gênesis* XVIII, 12.

418 Cf. *Lucas* X, 18.

419 Cf. *Hebreus* X, 39.

420 Cf. *Efésios* IV, 13.

humildade e também um justo desespero, para que aquilo que nela ama a vanglória e se deixa levar pela paixão, retorne à humildade. Mas logo o abandono leva ao coração o temor a Deus, as lágrimas da confissão e um grande desejo do mais belo silêncio. Ao contrário, o abandono que nos sobrevém quando Deus se afasta deixa a alma se encher de desespero, infidelidade, orgulho e cólera. É preciso, portanto, que tenhamos a experiência dos dois tipos de abandono, para voltar a Deus conforme o modo que convém a cada qual. No primeiro abandono, devemos a um tempo prestar-lhe contas e lhe render graças, na medida em que ele castiga o desregramento de nossa vontade retirando-nos o consolo, a fim de nos ensinar, como um bom pai, a diferença entre virtude e vício. No segundo abandono, devemos sem descanso confessar nossos pecados, derramar lágrimas sem cessar e nos dedicar a uma anacorese mais rigorosa para podermos, acrescentando mais penas, suplicar a Deus que volte seu olhar para nossos corações como antes. Mas é preciso saber o seguinte: quando o combate se dá realmente entre a alma e Satanás – refiro-me ao abandono que nos instrui - a graça se retira, como eu já disse, mas ela retorna em socorro da alma sem se deixar dar a conhecer, a fim de mostrar aos seus inimigos que a vitória da alma não pertence senão a ela.

88. Quando, durante o inverno, alguém se põe em pé ao ar livre e se volta inteiramente para o oriente ao nascer do dia, toda a parte da frente de seu corpo é aquecida pelo sol, mas seu dorso fica privado de calor porque o sol não está acima de sua cabeça. Do mesmo modo, os que estão no começo da vida espiritual têm seu coração parcialmente aquecido pela santa graça: é por isso que seu intelecto começa a dar os frutos dos pensamentos espirituais. Mas o coração, naquilo que ele tem de visível, continua a pensar segundo a carne, pois todos os seus membros, em sua percepção profunda, ainda não se acham iluminados pela santa luz da graça. Alguns não compreenderam isto, e acham que existem como que duas realidades opostas no intelecto daqueles que combatem. Assim, pode acontecer que a alma, no mesmo tempo, conceba o que é bom e o que é ruim, assim como o homem de nosso exemplo, igualmente tocado pelo sol, está ao mesmo tempo frio e quente. Com efeito, a partir do momento em que nosso intelecto escorregou na dualidade do conhecimento, ele fica forçado, ainda que não queira, a produzir no mesmo instante pensamentos belos e maus pensamentos, em especial naqueles que alcançaram a finura do discernimento. No mesmo momento em que eles se esforçam por conceber sempre o bem, imediatamente eles se lembram do mal. Pois, depois da desobediência de Adão, a memória do homem ficou dividida

em um duplo pensamento. Mas se começarmos, com zelo ardente, a cumprir os mandamentos de Deus, a graça que ilumina todos os nossos sentidos na profundidade de sua percepção, consome por assim dizer nossos próprios pensamentos e, cumulando de doçura nosso coração numa paz cheia de inalterável afeto, nos prepara para pensarmos espiritualmente e não mais segundo a carne. É isto o que acontece continuamente com aqueles que se aproximam da perfeição: eles têm sem cessar em seus corações a lembrança do Senhor Jesus.

89. Pelo batismo do novo nascimento, a santa graça nos concede dois bens, dos quais um ultrapassa o outro infinitamente. O primeiro, ela nos concede imediatamente: pois ela nos renova na própria água e faz brilhar todos os traços da alma, ou seja, a imagem de Deus, apagando todas as dobras de nossos pecados. Quanto ao outro, ela aguarda para colocá-lo em movimento junto conosco: é a semelhança. Pois, assim como os pintores traçam primeiro em uma só cor a forma do homem de quem estão fazendo um retrato, para depois, fazendo florescer cor sobre cor, representar até o aspecto dos fios dos cabelos do modelo que estão pintando, também a santa graça de Deus, pelo batismo, concede primeiro a imagem segundo a qual foi de início criado o homem, para só então, vendo-nos desejar com toda nossa resolução a beleza da semelhança e permanecermos nus e calmos enquanto ela trabalha, fazendo florescer virtude sobre virtude e reproduzindo de glória em glória o aspecto da alma, conferir-lhe a marca da semelhança<sup>421</sup>. Neste momento os sentidos nos mostrarão que fomos feitos à semelhança. Mas somente pela iluminação conheceremos a perfeição da semelhança. Pois o intelecto recebe todas as virtudes dos sentidos, progredindo numa medida e num ritmo indizíveis. Mas ninguém pode adquirir o amor espiritual sem ter sido iluminado em toda sua plenitude pelo Espírito Santo. Pois se o intelecto não receber a perfeição da semelhança pela luz divina, ele pode até possuir quase todas as virtudes, mas continuará desprovido do amor perfeito. Somente quando o homem se torna semelhante a Deus – quero dizer, na medida em que o homem pode se tornar semelhante a Deus – é que ele passa a trazer em si a semelhança do amor divino. Pois, assim como nos retratos a cor mais viva, acrescentada à imagem, conserva até no sorriso a semelhança do modelo, também naqueles que a graça divina pintou à semelhança de Deus, a iluminação do amor, quando acrescentada, mostra que a imagem alcançou inteiramente a semelhança. Com

---

421 Cf. II *Coríntios* III, 18.

feito, nenhuma outra virtude que não o amor pode conferir a impassibilidade à alma. Pois o amor é o cumprimento da lei<sup>422</sup>. Assim, nosso homem interior se renova dia após dia no gosto pelo amor<sup>423</sup>, e ele se completa na perfeição deste amor.

90. Quando começamos a evoluir, se estivermos ardentemente tomados pela virtude de Deus, o Espírito Santo nos fará provar na alma a doçura de Deus com toda percepção e plena certeza, a fim de que o intelecto possa conhecer com exata ciência a perfeita recompensa das penas dedicadas ao amor de Deus. Mas na maior parte do tempo, ele prefere esconder a magnificência deste dom vivificante, para que, mesmo que coloquemos em movimento todas as outras virtudes, continuemos a nos considerar como nada, por não termos tido ainda, por assim dizer, a experiência do santo amor. É neste momento que o demônio da aversão perturba as almas daqueles que combatem, a ponto de eles acusarem de aversão mesmo os que os amam e de sentirem a ação corruptora da aversão até no beijo. A partir daí a alma sofre por carregar a lembrança do amor espiritual ao mesmo tempo em que lhe é impossível chegar a senti-lo, por não ter chegado até o fundo de suas penas. Nestes tempos, é preciso violentar-se para fazê-lo trabalhar, a fim de poder senti-lo com toda a percepção e com plena certeza. Pois ninguém é capaz de adquirir sua perfeição enquanto ainda estiver imerso nesta carne. Só os santos o conseguem, que alcançaram o martírio e a perfeita confissão, pois todo aquele que chegar a este ponto transforma-se por inteiro e torna-se fácil para ele não mais desejar nenhum alimento. De fato, que desejo dos bens deste mundo terá quem se alimenta do amor divino? É por isso que o sábio Paulo, o grande vaso do conhecimento, diz o seguinte ao nos anunciar, a partir de sua plena certeza, a boa nova das delícias futuras dos justos: “O reino de Deus não é comida e bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo<sup>424</sup>”. Tal é o fruto do amor perfeito. Portanto, aqueles que progridem em direção à perfeição podem continuamente experimentá-lo aqui em baixo. Mas ninguém consegue adquiri-lo perfeitamente se aquilo que é mortal não tiver sido perfeitamente enterrado pela vida<sup>425</sup>.

---

422 Cf. *Romanos* XIII, 10.

423 Cf. II *Coríntios* IV, 16.

424 *Romanos* XIV, 17.

425 Cf. I *Coríntios* XV, 55.

91. Um dos que amam a Deus com uma resolução insaciável disse-me o seguinte: “Eu queria conhecer por experiência o amor de Deus, e o bom Deus mo concedeu permitindo-me sentir profundamente este amor e dele ter uma certeza absoluta. E eu provei esta energia de tal forma, dizia ele, que então minha alma, com uma alegria e um amor indizíveis, queimava por sair do corpo e se dirigir para o Senhor, e ela se sentia mergulhada na ignorância desta vida passageira”. Ora, quem teve a experiência deste amor não se irrita contra quem o ofende, ainda que seja mil vezes ofendido e lesado por ele; pois pode acontecer também que tal homem, que aceita a cada dia todas as penas, tenha que passar por algumas provas. Mas ele se sentirá como que ligado à alma daquele que o ultrajou ou mesmo que o lesou. Ele não se inflamará senão contra aqueles que ou bem exploram os pobres ou que dirigem palavras iníquas a Deus, como diz a Escritura<sup>426</sup>, ou ainda que vivem de uma maneira ou de outra no mal. Pois quem ama o Senhor mais do que a si mesmo, ou melhor, que não ama a si mesmo mas somente a Deus, não reivindicará para si nenhuma honra, mas desejará ver honrada apenas a justiça. Daquele que o honrou com uma honraria eterna. E ele não deverá isto a uma vontade menor, mas terá esta disposição como um estado, em sua grande experiência do amor de Deus. Por outro lado, devemos saber que aquele que é levado por Deus a tamanho amor, eleva-se acima da própria fé no momento em que age este amor, pois ele abraça daí por diante, na percepção do coração e por meio deste grande amor, Aquele que o honra pela fé. É o que nos ensina claramente São Paulo, quando diz: “Agora permanecem estas três virtudes: a fé, a esperança e o amor. Mas a maior dentre elas é o amor<sup>427</sup>”. Pois aquele que abraça a Deus na riqueza do amor, como eu disse, é tornado maior do que sua própria fé: ele permanece inteiramente dentro de seu desejo.

92. Durante sua ação, o santo conhecimento nos prepara uma grande aflição quando, por ultrajarmos alguém sob o ímpeto de uma irritação, fazemos deste nosso inimigo. É por isso que ela não cessa de aticar nossa consciência até que, a custo de implorar, devolvemos à sua anterior disposição aquele que foi ultrajado. Mas quando um homem do mundo se irrita injustamente contra nós, esta mesma consciência, abrindo-se à suprema compunção, no limite, nos leva a nos lamentarmos e a nos tornarmos inquietos, por nos termos tornado motivo de escândalo para todos os homens deste século, e então o próprio

---

426 *Salmo LXXV, 6.*

427 *I Coríntios XIII, 13.*

intelecto se torna incapaz de alcançar a teologia. Pois a palavra do conhecimento, que é inteiramente amor, não deixa a reflexão estender-se até conceber as considerações divinas se, antes, não recebermos com amor a quem inopinadamente se irritou contra nós. Mas se este homem não o desejar, ou se, retirando-se, afastar-se do lugar em que vivemos, caberá a nós, dilatando nossa alma, acrescentar à nossa disposição os traços de seu rosto para assim cumprir do fundo do coração as leis do amor. Com efeito, foi dito que quem quiser possuir o conhecimento de Deus deve considerar com pensamentos apaziguadores, em sua reflexão, os rostos daqueles que o irritaram. Se fizermos isto, não apenas nosso intelecto se dirigirá sem titubear para a teologia, como ainda ele se elevará com grande liberdade até o amor de Deus, passando do primeiro ao segundo degrau sem encontrar obstáculo.

93. O caminho da virtude, para aqueles que começam a enamorar-se da piedade, parece rude e bem triste, não que o seja, mas porque, desde o seio materno a natureza humana vive com toda liberdade no meio dos prazeres. Mas para aqueles que conseguiram ultrapassar este meio, ele se mostra inteiro acolhedor e repousante. Pois os maus hábitos, dominados pela energia do bem em tais homens, desaparecem com os prazeres desprovidos de razão. Daí por diante a alma percorre com alegria os caminhos das virtudes. É por isso que o Senhor, quando nos conduz pela via da salvação, diz que é estreita e apertada esta via que conduz à vida e que bem poucos passam por ela<sup>428</sup>. Mas aos que querem, com grande resolução, emprenhar-se em guardar seus santos mandamentos, ele diz: “Pois meu jugo é doce e minha carga é leve<sup>429</sup>”. É preciso, portanto, no começo dos combates, cumprir à base de força de vontade os santos mandamentos de Deus, para que nosso bom Senhor, vendo nosso olhar e nossas penas, nos envie sua vontade o mais depressa possível, a nós que servimos com grande prazer suas gloriosas vontades. Pois é então o Senhor que prepara a vontade<sup>430</sup>, de tal maneira que, com grande alegria, não cessemos de cumprir o bem. E então sentiremos que Deus opera em nós o querer e o fazer<sup>431</sup>, por sua benevolência.

94. Assim como a cera não pode receber o selo que é aplicado sobre ela, se

---

428 *Cf. Mateus VII, 14.*

429 *Mateus XI, 30.*

430 *Cf. Provérbios VIII, 35.*

431 *Cf. Filipenses II, 13.*

antes não for aquecida e amolecida por um longo tempo, também o homem, se não conheceu as provações das penas e das fraquezas, não pode portar em si o selo da virtude de Deus. É por isso que Deus disse ao maravilhoso Paulo: “Minha graça lhe basta. Pois meu poder se realiza na fraqueza<sup>432</sup>”. E o próprio Apóstolo se glorifica dizendo: “É assim de todo o coração que eu me glorificarei de minhas fraquezas, a fim de permaneça sobre mim o poder de Cristo<sup>433</sup>”. E também está escrito nos Provérbios: “O Senhor castiga a quem ele ama, ele corrige os filhos a quem reconhece<sup>434</sup>”. O Apóstolo chama de fraquezas as revoltas dos inimigos da cruz<sup>435</sup>, que o assaltavam continuamente, a ele e aos santos de então, para que não se elevassem além da medida, como ele próprio o disse, por causa de eminência das revelações. Ao contrário, pela humildade, eles se mantinham dentro das vias da perfeição, guardando santamente o dom divino em meio ao desprezo de que estavam sempre cercados. Mas nós, hoje, chamamos de fraquezas os maus pensamentos e as indisposições corporais. Então, com efeito, como os corpos dos santos que lutavam contra o pecado eram atirados aos golpes mortais e a diversas outras aflições, eles estavam muito acima das paixões que penetraram na natureza humana pelo pecado. Hoje porém, como cresce a paz nas Igrejas graças ao Senhor, é preciso que os corpos sejam constantemente provados por contínuas indisposições, mas também que as almas dos que combatem sejam testadas pelos maus pensamentos, especialmente as daqueles em quem o conhecimento age com toda percepção e plena certeza, a fim de que eles se mantenham afastados de toda vanglória e de toda vaidade e possam trazer no coração, como eu já disse, com grande humildade, o selo da beleza divina, conforme disse o santo: “Em nós está impressa, ó Senhor, a luz da sua face<sup>436</sup>”. É preciso, portanto, que tomemos sobre os ombros, dando graças, a vontade do Senhor. Então, de fato, a continuidade das enfermidades e a luta contra os pensamentos demoníacos nos serão contadas como um segundo martírio. Pois aquele que, na ocasião, pela boca de seus magistrados iníquos, ordenava aos santos mártires que renegasse a Cristo e desejasse as glórias desta vida, ainda hoje, por sua própria boca, continua a dizer a mesma coisa aos servidores de Deus. Aquele que, na ocasião, por meio daqueles que

---

432 II *Coríntios* XII, 9.

433 *Id.*

434 *Provérbios* III, 12.

435 Cf. *Filipenses* III, 18.

436 *Salmo* IV, 7.

serviam aos seus desígnios diabólicos, torturava os corpos dos justos e infligia os piores ultrajes aos nossos mestres venerados, ele próprio, ainda hoje, inflige todos esses sofrimentos, misturados a outros tantos ultrajes e opróbrios, aos que confessam a piedade, sobretudo quando, para glória de Deus, eles socorrem com toda sua força os pobres que sofrem. É por isso que devemos, com segurança e paciência, cumprir diante de Deus o martírio da consciência. Foi dito: “Com paciência eu esperei o Senhor, e ele veio até mim<sup>437</sup>”.

95. A humildade é uma coisa difícil de se adquirir. Pois quanto maior ela é, mais combates são necessários para adquiri-la. Ela é concedida de duas maneiras aos que tem parte no santo conhecimento. Quando aquele que sustenta o combate pela piedade se encontra num estágio intermediário da experiência espiritual, é pela fraqueza do corpo, ou pelos adversários dos adeptos da justiça, ou pelos maus pensamentos, que ele é levado, de um modo ou de outro, a se tornar mais humilde. Mas quando, por uma percepção profunda e com plena certeza, o intelecto foi iluminado pela santa graça, então a alma traz em si a humildade como que por natureza. Alimentada pela abundância da bondade divina, ela não pode ser levada à inchar-se com a vanglória, mesmo que cumpra sem cessar os mandamentos de Deus. Por estar em comunhão com a doçura divina, ela se considera abaixo de tudo o que existe. A primeira forma de humildade suscita no mais das vezes a tristeza e o desencorajamento, enquanto a segunda suscita uma alegria e um pudor sábio. Assim, a primeira, como eu disse, chega àqueles que estão no meio dos combates, enquanto a outra é concedida aos que se aproximam da perfeição. É por isso que a primeira muitas vezes é joguete dos sucessos desta vida; mas a segunda, ainda que lhe ofereçamos todos os reinos do mundo<sup>438</sup>, não se emociona, nem sente as terríveis flechas do pecado; pois, sendo inteiramente espiritual, ela ignora por completo as glórias corporais. Mas é preciso que o combatente passe antes pela primeira para alcançar a segunda. Pois se a graça, pela primeira, não amolecer inicialmente nossa livre vontade para prová-la, impondo-lhe sofrimentos instrutivos, tampouco ela nos concederá a magnificência da segunda.

96. Aqueles que são amigos dos prazeres da vida presente passam dos

---

437 *Salmo* XL, 2.

438 Cf. *Mateus* IV, 8-9.

pensamentos Às faltas. Pois, levado por um julgamento inconsiderado, eles desejam colocar em palavras iníquas e em obras ímpias quase todos os seus pensamentos passionais. Mas os que se esforçam por levar a vida ascética vão das faltas aos maus pensamentos ou a certas palavras infelizes e nocivas. Pois se os demônios veem tais homens terem prazer em insultar, ou em dizer palavras odiosas e intempestivas, ou rirem como não se deve, ou se irritarem desmesuradamente, ou desejarem a glória vã e vazia, então eles entram em acordo todos juntos para atacá-los. Tomando sobretudo a vanglória para suscitar sua própria malícia, e saltando por ela como por uma janela escura, eles devastam a alma. É preciso, portanto, que aqueles que querem viver a multitude das virtudes não busquem a glória, não encontrem muita gente, não saiam com frequência, nem façam aos outros reprimendas que os firam, mesmo que os reprimidos o mereçam, nem falem demais, mesmo que possam. Pois a abundância de palavras, relaxando noso intelecto além da medida, não apenas o torna inapto para o trabalho espiritual, mas ainda o entrega ao demônio da acídia que, esgotando-o além da conta, o entrega ao demônio da tristeza, e deste ao da cólera. É preciso assim que o intelecto se consagre sempre à observância dos santos mandamentos e à lembrança profunda do Senhor de glória. Pois foi dito: “Quem guarda os mandamentos não conhece a linguagem do mal<sup>439</sup>”, ou seja, não se voltará para pensamentos ou palavras vis.

97. Quando o coração, com uma dor abrasadora, recebe as flechas que lhe enviam os demônios, a ponto de o combatente ter a impressão de que ele próprio recebe estas flechas, a alma sofre tentando evitar as paixões, porque ela começa a se purificar. Pois se ela não sofresse grandemente com a impudência do pecado, ela não poderia se alegrar outro tanto com a bondade e a justiça. Assim, aquele que quer purificar seu coração deve abraçar continuamente a lembrança do Senhor Jesus, fazendo disto seu único estudo e seu trabalho constante. Pois quem quer se livrar de sua podridão não deve ora orar ora não, mas consagrar-se todo o tempo à oração guardando seu intelecto, mesmo quando estiver fora da casas de oração. Com efeito, assim como quem quer purificar o ouro, se deixar extinguir-se por um instante o fogo da fornalha, devolve a dureza à matéria que está tentando purificar, também aquele que às vezes se lembra de Deus, às vezes o esquece, perde, cada vez que para, aquilo que pensou ter adquirido com a prece. A característica do

homem que ama a virtude é consumir permanentemente tudo o que há de terrestre em seu coração pela lembrança de Deus, a fim de que, fazendo devorar o mal pelo fogo da boa memória, a alma volte perfeitamente, com uma glória ainda maior, ao seu esplendor natural.

98. A impassibilidade não consiste em não sermos combatidos pelos demônios, pois então, como dizia o Apóstolo, nós deveríamos sair deste mundo<sup>440</sup>, mas sim que nos tornemos inatacáveis quando eles nos combatem. Pois os combatentes que trazem armaduras de ferro recebem as flechas de seus adversários, escutam o ruído dos tiros, até mesmo enxergam as flechas que lhes são enviadas, mas não são feridos, graças à solidez de suas armaduras. É graças ao ferro que os protege que eles se tornam inatacáveis quando são combatidos. Quanto a nós, trazendo a armadura da santa luz e o elmo da salvação por todas as boas obras, destroçamos as falanges tenebrosas dos demônios<sup>441</sup>. Pois não é apenas não fazendo o mal que se alcança a pureza, mas rejeitando o mal com todas as nossas forças, desejando sempre o bem.

99. Quando um homem de Deus venceu quase todas as paixões, ainda restam dois demônios que lutam contra ele. Um, que o leva de um grande amor a Deus a um zelo intempestivo, perturba a alma a tal ponto que este homem não quer que nenhum outro agrade a Deus tanto quanto ele. O outro, por meio de um certo aquecimento, suscita nele o desejo por uma relação carnal, perturbando o corpo. Isto acontece primeiro ao corpo pelo fato de ser o prazer próprio da natureza e por servir à procriação (mas, também por isto, ele pode ser facilmente vencido), mas também porque Deus o permite. De fato, quando o Senhor vê na plenitude se suas forças – por estar cumulado de virtudes – um dos que sustentam o combate, ele permite às vezes que ele seja manchado por esse demônio, a fim de que ele se considere mais vil do que todos os homens que vivem no mundo. Sem dúvida, ou bem o tiroteio da paixão sucede às boas ações, ou bem ele as precede, a fim de que, pelas premissas ou pelas conseqüências da paixão, o tiroteio faça a alma parecer inútil, por maiores que sejam suas boas ações. Nós combatemos o primeiro destes demônios com muita humildade e muito amor; e combatemos o segundo pela temperança, pela serenidade, pelo pensamento profundo da morte, a fim de que, sentindo a

440 Cf. I *Coríntios* V, 10.

441 Cf. *Efésios* VI, 3 e ss.

energia do Espírito Santo, nos elevemos, no Senhor, acima dessas paixões.

100. Nós que tomamos parte do santo conhecimento devemos prestar conta de nossa estupidez, mesmo involuntária. “O Senhor marcou, disse o divino Jó, mesmo aquilo que eu transgredi sem querer<sup>442</sup>”, e com justiça. Pois se alguém não deixa de se lembrar de Deus nem jamais negligencia seus santos mandamentos, jamais cairá em falta, voluntária ou involuntariamente. É preciso assim dirigir ao Mestre uma ardente confissão de nossas faltas, mesmo involuntárias, vale dizer, acrescentar um trabalho à regra habitual (pois não nos é possível, uma vez que somos homens, deixar de cometer faltas humanas), até que nossa consciência, com lágrimas de amor, seja cumulada com a certeza de que suas faltas lhe são perdoadas. Com efeito, foi dito: “Se confessarmos nossos pecados, ele é tão fiel e justo que nos perdoará e nos purificará de toda injustiça<sup>443</sup>”. Devemos, portanto, estar constantemente atentos ao sentido da confissão, para que nossa consciência não se engane imaginando já ter se confessado o bastante a Deus. Pois mais vale o julgamento de Deus do que nossa consciência, mesmo se com plena certeza não nos demos conta de nada, como nos ensina o sábio Paulo, ao dizer: “Eu não julgo a mim mesmo. Pois eu posso não ter consciência de nenhuma falta, mas nem por isto estar justificado. Quem me julga é o Senhor<sup>444</sup>”. Com efeito, se não confessarmos também estas faltas, sentiremos em nós um medo secreto no momento de nosso êxodo. Se amamos ao Senhor, devemos rezar, para perdermos todo o medo. Pois quem tiver algum medo, não passará com liberdade diante dos príncipes do Tártaro. Pois o medo da alma é para eles como que um defensor de sua própria malícia. Mas a alma que se regozija no amor a Deus, na hora de sua libertação, é transportada pelos anjos da paz, acima de todas as coortes das trevas. Pois ela é como que carregada nas asas do amor espiritual: ela tem em si sem descanso o amor, a plenitude da lei<sup>445</sup>. É por isso que, na vinda do Senhor, aqueles que possuem uma tal liberdade confiante ao partir desta vida, serão elevados juntos com todos os santos. Mas os que tiverem medo, ainda que pouco, no momento da morte, serão deixados para trás com a multitude dos outros homens, e serão submetidos ao Juízo, a fim de que, provados no fogo do Julgamento, recebam da bondade de Deus e

de nosso rei Jesus Cristo a sorte que lhes for devida segundo seus atos. Pois ele é o Deus de justiça e a ele pertencem, despejada sobre nós que o amamos, a doçura de seu Reino na eternidade e por todos os séculos dos séculos. Amém.

---

442      *Jó XIV, 17.*

443      *I João I, 9.*

444      *I Coríntios IV, 4.*

445      *Cf. Romanos XIII, 10.*



*Não sabemos nem quando viveu nosso Pai entre os Santos, João Carpatos, nem aonde cumpriu ele sua ascese e suas outras ações. Dele, Photius diz apenas: “João Carpatos deve muito a Diádoco. Sua obra tem por título: 'Endereçado aos monges da Índia que o exortaram'. Ele limitou esta obra a cem capítulos, nos quais, como um pai, ele consola seus leitores pedindo-lhes que agüentem os sofrimentos e que se mostrem pacientes nas tentações que acontecerem”.*

\*

É quase certo que João Carpatos viveu no século VII e que foi bispo na ilha de Carpatos, no mar Egeu, entre Rodes e Creta. Muitos manuscritos de sua obra o confirmam. E sabemos que um bispo de Carpatos, chamado João, assinou os Atos do Concílio de Constantinopla em 680. De resto, é provável que, antes de se tornar bispo, nosso autor tenha vivido num mosteiro cenobítico, talvez em um dos mosteiros da ilha. Tudo evidencia que sua obra esteja ligada à escola do Sinai. Mas ela é original sob mais de um aspecto. A Filocalia de Nicodemo só utilizou dela dois testemunhos: uma centúria de capítulos e uma longa carta, ambas endereçadas aos monges da Índia.

Pelo tom, pela quantidade de notações a respeito da ordem cósmica e da ordem social, a Centúria é incontestavelmente uma obra pessoal. Mas por suas contínuas citações da Escritura, ela é também um testemunho de sabedoria bíblica. Nada é afirmado que não tenha alguma raiz nas Escrituras. A seiva bíblica está em toda parte, irriga todo o tecido filocalico. Mas os eventos e as palavras escriturárias não servem senão para ilustrar o combate interior, o combate espiritual, o que é característico da escola do Sinai.

Antes de tudo, o monge – o solitário – deve ser humilde, não confiar apenas na força da ascese corporal, fechar a porta a tudo o que mancha e corrompe, manter a língua no “bom silêncio”, fugir para a oração e a eucaristia. Ele reencontra assim o “estado de beleza”, a “simplicidade nua da natureza”, a “saúde do intelecto”. Então, para além do pecado, na nudez original, vem o Espírito Santo, o deslumbramento, a “glória da filha do Rei”. Toda a vida é entregue ao coração.

## **JOÃO CARPATOS**

### **AOS MONGES DA ÍNDIA: CEM CAPÍTULOS DE EXORTAÇÕES**

### **DISCURSO ASCÉTICO COMPLEMENTAR AOS CEM CAPÍTULOS**

A carta que completa a Centúria visa desviar o monge de comparar a sua vida à dos homens do mundo. Porque ele se ofereceu ao sofrimento, porque suas faltas estão a nu, mesmo seus defeitos estão “mais altos do que a justiça dos homens”. Porque ele foi aos extremos, ele se pôs em situação de nada dever a si mesmo e de tudo esperar da piedade de Deus. Porque ele se abriu para a eternidade ao invés de se fechar no século, ele está dedicado ao paradoxo das beatitudes. A consolação cintila nesta breve defesa e ilustração da vida monástica.

DE NOSSO SANTO PAI JOÃO CARPATOS  
AOS MONGES DA ÍNDIA QUE LHE ESCREVERAM

CEM CAPÍTULOS DE EXORTAÇÕES

*Quando os mendigos levam aos reis da terra as flores da primavera, acontece muitas vezes que não apenas eles não sejam expulsos, mas que ainda recebam dons em troca. Também eu, porque vocês me ordenaram, reuni de muitas partes uma centúria de belas palavras e as ofereço a vocês, que têm parte na vida dos céus<sup>446</sup>. Que eu possa lhes ser agradável, e receber em troca o dom das suas orações.*

1. Enquanto for eterno o Rei do universo, cujo Reino não tem começo nem fim, também serão recompensados os esforços daqueles que escolheram sofrer por ele e pelas virtudes. Pois os homens da vida presente, por maior que seja seu esplendor, desaparecem totalmente com esta vida. Mas as honras de Deus liberta aqueles que são dignos dele, e as honrarias que lhes são dadas com a incorruptibilidade permanecem para sempre.

2. O bem-aventurado Davi, ao compor um hino a Deus cantado por toda a criação mencionou em primeiro lugar os anjos e todas as potências invisíveis, e depois desceu até a terra<sup>447</sup>. Ele não descartou nem as feras, nem as bestas do campo, nem os pássaros nem as serpentes. Ele considerava que o cântico das últimas criaturas adorava igualmente ao Criador. Pois ele queria que tudo o que foi criado por ele lhe oferecesse a mesma oferenda. Como então o monge, que é comparável ao ouro de Ofir<sup>448</sup>, poderá suportar engordar ou ser preguiçoso quando lhe é pedido que cante o hino?

3. Assim como o fogo envolvia a sarsa mas não a consumia<sup>449</sup>, também

---

446 Cf. *Filipenses* III, 20.

447 *Salmo* CXLVIII; tb. *Salmo* CIV.

448 Cf. *I Reis* X, 11.

449 Cf. *Êxodo* III, 2.

naqueles que receberam o carisma da impassibilidade, ainda que tenham o corpo pesado e quente, este calor não perturbará nem prejudicará a carne ou o intelecto. Pois a voz do Senhor extinguiu a chama da natureza. A vontade e a palavra de Deus separaram aquilo que a natureza unira.

4. A lua que cresce e decresce expõe o estado do homem que ora faz o bem ora se entrega ao pecado, depois torna a se arrepender e volta à vida virtuosa. O intelecto que falhou não está, portanto, perdido, como alguns dentre vocês pensam, assim como não foi o corpo da lua que decresceu, mas sua luz. Assim, pelo arrependimento, o homem pode adquirir novamente o esplendor que lhe é próprio, do mesmo modo como a lua, depois de seu declínio, volta a se revestir de luz por si só. Pois aquele que crê em Cristo viverá, ainda que esteja morto<sup>450</sup>. E foi dito: “Saberão que eu, o Senhor, falei e faço<sup>451</sup>”.

5. Se, quando se levantarem os enxames das formações inimigas<sup>452</sup> contra a reflexão, você se deixar vencer, saiba que por algum tempo você estará separado da graça divina, e que a partir daí, por uma justa sanção, você estará entregue nas mãos da queda<sup>453</sup>. Então, lute, para que a graça não o abandone por causa de sua negligência, ainda que por um só instante. Mas se, dominando a queda, você superar o muro dos pensamentos passionais e das contínuas sugestões impuras da malícia do inimigo, não ignore a graça que lhe foi concedida do alto. Com efeito, o Apóstolo disse: “Não eu, mas a graça de Deus que está em mim<sup>454</sup>” construiu este troféu, ergueu-me acima dos pensamentos impuros que se levantaram contra mim, e me libertou do homem injusto<sup>455</sup>, ou seja, do diabo e do velho homem. É assim que, aliviado, separado do corpo pelas asas do Espírito Santo, eu pude voar mais alto do que os demônios que me perseguiram, capturaram o intelecto humano na aprovação daquilo que eles suscitaram e propuseram pela imposição e pela violência. Aquele que me fez sair da terra do Egito<sup>456</sup>, deste mundo aonde se

perdem as almas, derrubou Amalec<sup>457</sup> combatendo secretamente por mim, e me concedeu esperar que o Senhor exterminar diante de nossa face<sup>458</sup> todas essas outras nações que são as paixões ímpias. É ele, nosso Deus, que nos dará a sabedoria e o poder<sup>459</sup>, pois alguns receberam a sabedoria mas não o poder do Espírito que permite vencer os inimigos. É ele que erguerá a sua cabeça acima dos inimigos<sup>460</sup> e lhe dará asas como à pomba para que você voe e vá repousar junto de Deus<sup>461</sup>. O Senhor colocará em suas mãos um arco de bronze<sup>462</sup>, ele lhe permitirá ser firme, hábil e forte contra o adversário, e ele fará tropeçar sob seus pés todos os que se voltaram contra você<sup>463</sup>. Entregue, assim, em oferenda ao Senhor, a graça da pureza, pois ele não o entregou nas mãos das vontades da sua carne e do seu sangue e dos espíritos corruptores e impuros que os excitam, mas o confortou com sua própria direita<sup>464</sup>. Construa para ele um altar, como Moisés depois de derrubar Amalec<sup>465</sup>. Eu o confessarei e o louvarei, Senhor, eu cantarei seu nome, exaltarei seu poder.<sup>466</sup> Pois você livrou minha vida da corrupção<sup>467</sup> e me resgatou das armadilhas e das malhas do mal feroz que nos cerca com suas numerosas formas.

6. Os demônios impuros acendem em nós as paixões impuras. Eles se renovam, exaltam e multiplicam. Mas as meditações da palavra de Deus, em especial aquelas que nos fazem derramar lágrimas, mortificam e dissolvem as paixões, por mais inveteradas que sejam. Pouco a pouco elas reduzem a nada os males da alma e as ações pecadoras do corpo. Apenas é preciso que nós, pela prece e uma esperança inflexível e intransigente, não negligenciemos o estar assiduamente junto a Deus.

7. Porque põe Cristo louvor na boca de fiéis que são ainda como crianças quanto à malícia? Certamente porque ele converterá, graças à salmódia, o

---

450 Cf. *João* XI, 26.  
451 *Ezequiel* XVII, 24.  
452 Os maus pensamentos.  
453 Cf. *Eclesiastes* IV, 19.  
454 *I Coríntios* XV, 10.  
455 Cf. *Salmo* XVIII, 49.  
456 Cf. *Êxodo* XII, 51.

---

457 Cf. *Êxodo*, XVII, 16.  
458 Cf. *Deuteronomio* IV, 38.  
459 Cf. *Daniel* II, 23.  
460 Cf. *Salmo* XXVII, 6.  
461 Cf. *Salmo* LV, 7.  
462 Cf. *Salmo* XVIII, 35.  
463 *Ibid.*, 40.  
464 Cf. *Isaías* XLI, 10.  
465 Cf. *Êxodo* XVII, 5.  
466 Cf. *II Samuel* XXII, 50; *Salmo* XVIII, 50.  
467 Cf. *Salmo* CIII, 4.

inimigo e justiceiro<sup>468</sup> que nos atormenta: o inimigo das virtudes e o justiceiro do mal, o diabo. Também nós, quando louvamos o Mestre na simplicidade do coração, destruímos em nós as armadilhas do inimigo. Pois, por sua imensa glória, você destruiu os adversários e os inimigos que nos combatem<sup>469</sup>.

8. Ser em si um aborto significa que consumimos agora a metade das coisas da carne, mas que a outra metade consumiremos no século por vir. Pois cada qual colherá os frutos de sua própria vida.

9. O melhor jejum, aquele que o monge deve preferir, é o de não se deixar enganar pelas paixões, e cultivar continuamente uma grande hesíquia.

10. Os demônios que odeiam nossa alma insinuam-se em alguns, até fazer com que sintamos prazer em qualquer vão elogio. Então, inchados de presunção, damos livre trânsito à vanglória, e nossos inimigos já não têm dificuldade alguma em nos capturar.

11. Abra antes ao que o censura do que ao que o elogia, pois deste está escrito que ele não difere em nada do que é maldito<sup>470</sup>.

12. Quando, depois de se ter aplicado à virtude do jejum, você for obrigado a renunciar a este por causa de uma doença, dê graças, com o coração partido, àquele que é a providência e o juiz de todos nós. E se você quiser ser sempre humilde diante do Senhor, jamais se revolte contra ninguém.

13. Sabendo que a oração nos protege e mina o inimigo, este, aplicando-se em nos separar dela, insufla em nós o desejo pelas letras gregas<sup>471</sup>, às quais havíamos renunciado, e nos incita a que nos dediquemos a elas. Não nos deixemos persuadir por ele. Perdendo o rumo de nossa própria tarefa, recolheríamos assim os espinhos e cardos em lugar dos figos e das uvas<sup>472</sup>. Pois a sabedoria deste mundo é loucura aos olhos de Deus<sup>473</sup>.

---

468 Cf. *Salmo VIII*, 1-2.

469 Cf. *Êxodo XV*, 7.

470 *Provérbios XXVII*, 14.

471 A literatura profana.

472 Cf. *Mateus VII*, 16.

473 Cf. *I Coríntios III*, 19.

14. Foi dito: “Eu lhes anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo<sup>474</sup>”, não para uma parte do povo. E: “Que toda a terra o adore e cante<sup>475</sup>”. Não foi dito: “uma parte da terra”. E nem seria preciso. Cantar não é para quem pede socorro, mas para quem está alegre. Se é assim, não nos desesperemos jamais, mas percorramos contentes a vida presente, pensando nesta alegria e nesta bem-aventurança que ela nos traz. Mas misturemos nesta alegria o temor a Deus, conforme foi dito: “Exultem no Senhor, tremendo<sup>476</sup>”. Foi assim, cheias de temor e grande alegria, que, correndo, as mulheres que acompanhavam Maria partiram do túmulo<sup>477</sup>. Também nós, se um dia unirmos o temor e a alegria, nos lançaremos do túmulo inteligível. Eu me admiro que seja possível ignorar o temor. Pois ninguém está sem pecado, mesmo Moisés, mesmo o apóstolo Paulo. Mas entre estes últimos, o amor divino foi mais forte, e banuiu o temor<sup>478</sup> no momento do êxodo.

15. A Escritura testemunha que todo aquele que crê de todo coração e humildemente, ainda que apaixonado, receberá a graça da impassibilidade. De fato, foi dito: “Hoje você estará comigo no Paraíso<sup>479</sup>”. E: “Sua fé a salvou: vai em paz<sup>480</sup>”, na paz bem-aventurada da impassibilidade. E muitos outros textos com o mesmo sentido. E ainda: “A uva morrerá quando for esmagada<sup>481</sup>”. E: “Que aconteça com vocês conforme sua fé<sup>482</sup>”.

16. Quando somos sufocados pelas paixões e os demônios nos fustigam com maus pensamentos, devemos em primeiro lugar nos apoiarmos sobre a fé no Senhor e colocarmos com mais certeza ainda nossa esperança nos bens eternos prometidos, que os inimigos, em sua inveja, esmeram-se em nos despojar e em nos separar deles. Pois se estes bens não fossem tão grandes, os demônios não os invejariam, não queimariam de inveja, não nos perfurariam

---

474 *Lucas II*, 10.

475 *Salmo LXXVI*, 4.

476 *Salmo II*, 11.

477 Cf. *Mateus XXVIII*, 8.

478 Cf. *I João IV*, 18.

479 *Lucas, XXIII*, 43.

480 *Lucas VII*, 50.

481 *Amós IX*, XIII.

482 *Mateus IX*, 29.

com pensamentos impuros como flechas, imaginando apaziguar seu furor demente e pensando reduzir-nos ao desespero à custa de nos atormentar de maneira insuportável.

17. Algumas pessoas têm como regra que o conhecimento mais verdadeiro é a prática. Portanto, esforcem-se para em primeiro lugar traduzir em obras a fé e o conhecimento. Pois quem se agarra apenas ao conhecimento fica cego e ouvirá: “Eles dizem conhecer a Deus, mas o negam com suas obras<sup>483</sup>”.

18. É no momento das festas e das santas sinaxes<sup>484</sup>, em especial quando devemos nos aproximar da mesa mística, que com mais frequência os demônios se esforçam em manchar o atleta com imaginações desonrosas e o fluxo de sêmen. Mas mesmo assim eles não conseguem alquebrar aquele que está habituado a suportar a tudo paciente e nobremente. Que estes seres tortos não se glorifiquem às nossas custas, como se eles fossem direitos..

19. Os inimigos fortificam contra si mesmos nosso caráter e nossa resolução quando dão à nossa alma as bofetadas de tantas e indizíveis tentações. Pois são as numerosas aflições inexprimíveis que tecem a coroa. É nas fraquezas que se cumpre o poder de Cristo<sup>485</sup>. E é nas condições mais sombrias que costuma florescer a graça do Espírito Santo. “A luz levantou-se nas trevas para os homens direitos<sup>486</sup>”, “se mantivermos firmes até o fim a segurança e a esperança com que nos glorificamos<sup>487</sup>”.

20. Nada obscurece tanto a virtude quanto o deboche, o divertimento e o falatório. E nada renova tanto a alma envelhecida, nada a prepara tanto para se aproximar do Senhor, como o temor a Deus, a perfeita atenção, a meditação sem descanso nas palavras divinas, armando-se de orações e buscando a recompensa das vigílias.

21. Uma coisa útil e vantajosa para a alma é suportar com firmeza todas as aflições, quer venha dos homens, quer dos demônios, e considerar com rigor

que as penas que nos oprimem são o preço que devemos pagar, enfim, jamais nos prendermos a outrem, mas sempre nos condenarmos. Pois quem reprova no outro suas próprias aflições perdeu o justo discernimento daquilo que deve fazer.

22. Pode acontecer que um homem, malgrado seu fervor, se afasta do caminho direito quando as tentações se multiplicam. Pois ele sai de sua ordem por haver, como diz a Escritura, esgotado toda a sua sabedoria e toda a sua arte<sup>488</sup>. Assim aprendemos a não confiar em nós mesmos<sup>489</sup>, a fim de que Israel não se glorifique dizendo: “Foi minha mão que me salvou<sup>490</sup>”. Que ele aguarde ser estabelecido no seu estado primeiro, no estado de beleza, quando, por ordem de Deus, for derrubado e expulso o maligno que nos incita a colocar as paixões em tudo o que vemos e ouvimos, que nos arrasta ao pecado, que infla o intelecto como uma nuvem carregada, e que faz a carne se sentir pesada e inchada de modo indizível. Quanto à razão inata, que é uma coisa simples e natural, à semelhança das crianças recém-nascidas, o maligno faz dela uma coisa complicada e habilidosa para o bem dos pecados, alterando-a e desnaturando-a pela irresolução.

23. O homem é uma grande coisa. Ele cresce por dentro e mais ainda pelas virtudes. No entanto, este grande ser teme o pecado, como o elefante teme o camundongo, por medo de, após haver pregado aos outros, seja ele mesmo julgado inapto<sup>491</sup>.

24. Não é apenas ao aproximar-se o fim do mundo que o diabo falará contra o Altíssimo, como diz Daniel<sup>492</sup>, mas desde já, quando, por meio de nossos pensamentos, ele lança pesadas blasfêmias contra o céu, ultrajando o próprio Altíssimo, suas criaturas e os santos mistérios de Cristo. Mas nós, montados sobre o grande rochedo do conhecimento, não nos deixemos amedrontar por estas blasfêmias nem nos espantar com a audácia do maldito. Consagrando-nos com mais e mais fervor à fé e à oração, e recebendo socorro do alto, conseguiremos repelir o inimigo.

---

483 Tito I, 16.

484 Os ofícios litúrgicos.

485 Cf. II Coríntios XII, 9.

486 Salmo CXII, 4.

487 Hebreus III, 6.

---

488 Cf. Salmo CVII, 27.

489 Cf. II Coríntios I, 9.

490 Juízes VII, 2.

491 Cf. I Coríntios IX, 27.

492 Daniel VII, 25.

25. Combatendo e injuriando com impudência, o inimigo assalta a alma que acaba de sair do corpo. Ele se mostra o amargo e temível denunciador das suas faltas. Mas é possível vermos então esta alma cheia de fé e de amor a Deus, ainda que antigamente tenha sido mortificada pelos pecados, não se deixar assustar por estes ataques e estas ameaças, mas antes colocar sua força no Senhor e, levada pelas asas da alegria encorajada pelas santas potências que a conduzem e rodeada pela luz da fé, responder com grande segurança ao demônio maligno: “O que existe entre você e nós<sup>493</sup>, estranho a Deus? O que existe entre você e nós, desertor dos céus e mau servidor? Você não tem poder sobre nós. É Cristo, Filho de Deus, que tem poder sobre nós e sobre todos. Contra ele pecamos, e por ele somos defendidos. Temos sua cruz preciosa como garantia de sua misericórdia para conosco e de sua salvação. Fuja para longe de nós, miserável. Nada existe entre você e os servidores de Cristo”. Quando a alma diz estas coisas com coragem, o diabo vira as costas, lamentando-se com grandes gritos, incapaz de resistir ao nome de Cristo. Chegando ao alto, a alma desce voando sobre o inimigo para feri-lo, como o pássaro que se chama “Asa rápida<sup>494</sup>” quando mergulha sobre o corvo. Depois ela é transportada em felicidade pelos anjos divinos aos lugares que lhe estão assinalados conforme seu estado.

26. Se consentida, a menor tentação impede o monge mais fervente de progredir. Convença-se com o exemplo da rêmora<sup>495</sup>, este peixe minúsculo capaz de deter apenas com seu contato um grande navio<sup>496</sup>, sem que este consiga se desembaraçar de tal obstáculo. E lembre-se daquele que disse: “Eu, Paulo, quis chegar ao Senhor uma, duas vezes, e Satanás o impediu<sup>497</sup>”. Mas não se perturbe com isto. Antes, lute com toda a sua paciência, e você encontrará a graça.

27. Se o homem, por florescente de virtudes que seja, cai na negligência e se desvia daquilo que deve fazer, rapidamente ele verá cair sobre si os filhos pérfidos do Oriente – Amalec e, sobretudo, Madian, a potência que ama a

---

493 Cf. *Mateus VIII*, 29.

494 *Oxyptérix*.

495 Na Antigüidade a rêmora era considerada capaz de deter grandes embarcações.

496 *Myriophoron*. Literalmente: um navio que transporta mil ânforas.

497 *I Tessalonicenses II*, 18.

prostituição<sup>498</sup> – com seus camelos, que são as lembranças apaixonadas, que não têm número, e eles corrompem todos os frutos da terra<sup>499</sup>: as melhores ações e os melhores hábitos. Então Israel se empobrece, definha, e é obrigado a apelar para o Senhor. É assim que do céu é enviada uma boa inspiração, semelhante à que Gedeão recebeu, por sua grande fé e sua grande humildade. “Minha família, dizia ele, é a mais humilde de Manasses<sup>500</sup>”. Eu e meus pobres trezentos homens<sup>501</sup>, somente pela graça poderemos nos opor a tamanhas multidões e alcançar paradoxalmente os troféus.

28. Você não será capaz de caminhar sobre a áspide e o basilisco<sup>502</sup>, etc., se, após orar a Deus com inúmeras súplicas, não receber dele anjos que o protejam, que o carreguem com suas próprias mãos e o levem além dos pensamentos pantanosos.

29. Se formos vencidos depois de lutarmos valorosamente, não devemos nos desencorajar, nem renunciar, mas nos levantarmos e recuperarmos a confiança escutando as palavras de Isaías, cantando: “Vocês que eram fortes foram vencidos, demônios malignos. E se vocês voltarem com força serão novamente vencidos. Se vocês tiverem projetos, o Senhor os dispersará. Pois Deus está conosco<sup>503</sup>”, Deus que ergue os que foram derrubados<sup>504</sup> e que está sempre pronto a destruir nossos inimigos desde que nos arrependamos.

30. É impossível a um homem testado pelas tentações atravessá-las sem sofrer. Mas depois disto, tendo cultivado a pena e a aflição em seu coração, tal ser será cumulado de felicidade, doces lágrimas e pensamentos divinos.

31. Se tanto Isaac como Esaú fracassaram, um no desejo de abençoar, outro correndo para ser abençoado<sup>505</sup>, porque concede sua piedade, sua bênção e a unção do Espírito, não a quem queremos, mas a quem está predestinado, não

---

498 Cf. *Juízes VII*, 12.

499 Cf. *Juízes VI*, 4.

500 *Juízes VI*, 5.

501 Cf. *Juízes VII*, 7.

502 Cf. *Salmo XCI*, 13.

503 *Isaías VIII*, 10.

504 Cf. *Salmo CXLV*, 14.

505 *Gênesis*, XXVII.

nos perturbemos nem fiquemos enciumados quando vemos progredir em virtude algum dentre os mais miseráveis e menores de nossos irmãos. Nisto está aquilo que você ouviu dizer o Senhor: “Ceda-lhe o lugar, para que ele se assente mais acima<sup>506</sup>”. Eu admiro mais aqui a sábia e misteriosa decisão do juiz: que o menor e último seja o primeiro e nos conduza, e que nós, que estávamos mais adiantados, tanto no tempo como em ascese, sejamos os últimos. Manteremos assim o lugar que cada um de nós recebeu do Senhor<sup>507</sup>. Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também pelo Espírito, conforme está escrito<sup>508</sup>.

32. Jamais aceite que aquele que lhe está confiado lhe diga: “deixe-me livre, para que eu procure a virtude, para que eu tente fazer isto ou aquilo, e assim eu caminhe no caminho direito”. Pois é claro que quem fala deste modo cumpre com sua própria vontade e transgride o melhor: a obediência.

33. Ainda que as paixões da carne e da alma tenham proliferado, elas desaparecerão com o tempo e por ordem de Deus. Mas a piedade de Cristo jamais perece. Pois a piedade do Senhor, do século atual ao século futuro revestirá aqueles que o reverenciam<sup>509</sup>.

34. Os tesouros dos reis serão cheios de ouro<sup>510</sup>, e os intelectos daqueles que são verdadeiramente monges serão cumulados de conhecimento.

35. Pode acontecer que o mestre se exponha à desonra quando toma sobre si as tentações pelo bem daqueles a quem socorre espiritualmente. De fato, foi dito: “Temos um espinho na carne, somos desonrados, desprezados, fracos. Mas vocês, vocês são gloriosos e fortes em Cristo<sup>511</sup>”.

36. A fonte e o fundamento da corrupção que nos vem pela carne é o pensamento passional, que aquele que permanece sóbrio e vigilante após a queda expulsa por meio do arrependimento da alma. Pois vocês tomaram o

luto, para que dentre vocês seja arrebatado<sup>512</sup> o pensamento mau e ímpio que os levou a praticar tal obra. O luto se opõe ao espírito da corrupção.

37. Àquele que desanima por sua impotência e obscuridade no caminho das virtudes, quem anunciará que ele verá a Jesus, não apenas no século futuro, mas desde já, aqui em baixo, vindo a ele pela graça da impassibilidade, como todo o poder e grande glória<sup>513</sup>? Este homem poderá então dizer com Sara, esta alma envelhecida na esterilidade e que, contra todas as previsões, gerou um filho de justiça: “Deus me deu motivos para rir<sup>514</sup>”, ou seja: ele deu uma alegria imensa a alguém que durante anos foi afligido por tantas paixões. Ou ainda, como expressou um outro intérprete: “Deus me cumulou de doçura. Ele renovou minha juventude como o fez à águia<sup>515</sup>”. Pois, após ter envelhecido nos pecados e nas paixões infamantes, agora eu renasci, reencontro a força e a doçura, eu que antes definhava na matéria. E é com um olhar apaziguado que eu agora vejo as coisas que estão no mundo. Eu reencontrei a simplicidade nua da natureza, ao mesmo tempo que a saúde do intelecto curado pela grande misericórdia de Deus. Por ter-me banhado no Jordão do conhecimento. Minha carne, como a do sírio Naaman<sup>516</sup>, tornou-se semelhante à carne das criancinhas. Daqui em diante, pela graça de Deus, minha vida é una, eu me libertei da vontade da serpente<sup>517</sup> e do enxame dos pensamentos das malícias múltiplas e de todas as espécies, que antes, contra a natureza, trazia em mim.

38. Lembre-se que o Senhor lhe disse: Eu lhe roubei um dia tal ou tal graça na qual parecia-lhe que seu intelecto estava em estado de plenitude e repouso. E lhe dei em seu lugar tal ou tal graça equivalente. Ora, você, pensando na que eu lhe tirei e não vendo a que lhe dei em substituição, se tornou sombrio, aflito, mortificado pela tristeza. Mas entristecido assim por mim, você me alegrá<sup>518</sup>. Quanto a mim, se estou triste, é para seu benefício, pois eu faço tudo para salvar, jamais para perder, a quem eu vejo como um filho.

---

506 Lucas XIV, 19.

507 Cf. I Coríntios VII, 17.

508 Cf. Gálatas V, 25.

509 Cf. Salmo CII, 17.

510 Cf. Ezequiel XXVIII, 13.

511 I Coríntios IV, 10; II Coríntios XII, 7.

---

512 Cf. I Coríntios V, 2.

513 Cf. Mateus XXIV, 30.

514 Gênesis XXI, 6.

515 Cf. Salmo CIII, 5.

516 Cf. II Reis V.

517 Cf. Gênesis III, 1 e ss.

518 Cf. II Coríntios II, 2.

39. Estabeleça para si mesmo uma regra de não comer peixe. E lembre-se então que o inimigo fará de tudo para levá-lo a querer comer peixe. Da mesma forma, você se sentirá tolamente impelido a usufruir tudo o que lhe for proibido, a fim de aprender o que Adão conheceu, o que lhe aconteceu literalmente. De fato, quando ele ouviu: “Destá única fruta você não comerá<sup>519</sup>”, foi justamente para esta única coisa proibida que ele correu e na qual colocou todo o seu desejo.

40. Pois Deus salva a um pelo conhecimento, e a outro pela pureza e a inocência. Você deve saber: “Deus jamais afastará o inocente<sup>520</sup>”.

41. Aqueles que mais se aplicam à oração são atormentados por terríveis e selvagens tentações.

42. Se você decidiu revestir-se da impassibilidade, não negligencie nada, mas esforce-se o quanto puder para alcançá-la. Pois nós gememos, desejosos de vestir por sobre nós a moradia celeste, a fim de que, não apenas em nosso corpo após o fim do mundo, mas desde já, aqui em baixo, pelos dons que recebemos do espírito, o que é mortal seja absorvido pela vida<sup>521</sup>. Pois a morte foi engolida pela vitória<sup>522</sup>. E todos os Egípcios que nos atormentam e nos perseguem serão engolidos pelas ondas do poder que nos foi enviado do céu<sup>523</sup>.

43. Se você esquecer aquele que disse: “Temo que após haver pregado aos outros eu me vejo como inapto<sup>524</sup>”, e “Que aquele que está de pé tome cuidado para não cair<sup>525</sup>”, e “Você que é espiritual, vigie a si mesmo, para que não seja você também tentado<sup>526</sup>”, se você ignora o erro e a iniquidade cometidos por Salomão depois de tão grande graça<sup>527</sup>, e se você deixar na

sombra a inesperada negação do grande apóstolo Pedro<sup>528</sup>, então conforte-se com seu conhecimento, vanglorie-se da vida que você leva, glorifique-se do tempo que passou na grande ascese, de livre curso ao orgulho. Mas não se desvie assim jamais, irmão. Antes, permaneça no temor, enquanto você respirar, ainda que você atinja a idade de Moisés<sup>529</sup>. Reze e diga: “Senhor, não me rejeite no tempo de minha velhice. Não me abandone, agora que minha força declina<sup>530</sup>”. “Em você eu não deixo nunca de cantar<sup>531</sup>”.

44. O Senhor lhe diz, como disse a Mateus: “Siga-me<sup>532</sup>”. Assim, se você busca de todo o coração seu Mestre bem-amado, acaso seu pé tope com a pedra das paixões<sup>533</sup> no caminho da vida, ou, com mais frequência, caso você escorregue sem querer na lama e caia, cada vez que você cair e ferir seu corpo levante-se com todo seu coração e busque o Senhor, até que você o alcance. Assim é que “no seu santuário, com sua lembrança, eu me detenho diante de você para ver seu poder e sua glória” que me salvarão, e “em seu nome, Senhor, eu erguerei minhas mãos e responderei. De óleo e gordura serei saciado e meus lábios se regozijarão cantando<sup>534</sup>”. Pois para mim é uma grande coisa ser chamado de cristão, como me disse o Senhor por meios de Isaías: “É uma grande coisa para você ser chamado de meu filho<sup>535</sup>”.

45. Já foi dito que o Pai dará coisas boas a quem lhe pede<sup>536</sup>, e também que ele dará o Espírito Santo aos que oram<sup>537</sup>. Por essas palavras podemos ver que aqueles que suplicam a Deus e são confortados com o pensamento de tal esperança, recebem não apenas a remissão das faltas, mas também o dom das graças celestes. Pois não é aos justos, mas aos pecadores, que o Senhor promete seus bens. “Se vocês, diz ele, que são maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais dará o Pai celeste o Espírito Santo àqueles que

---

519 *Gênesis* II, 17.

520 *Jó* VIII, 20.

521 Cf. *II Coríntios* V, 2-4.

522 Cf. *I Coríntios* XV, 54.

523 Cf. *Êxodo* XIV, 27-28; *Salmo* CVI, 11.

524 *I Coríntios* IX, 27.

525 *I Coríntios* X, 12.

526 *Gálatas* VI, 1.

527 Cf. *I Reis* II, 1 e ss.

---

528 Cf. *Mateus* XXVI, 70.

529 Cf. *Deuteronomio* XXXIV, 7.

530 *Salmo* LXXI, 9.

531 *Salmo* LXXI, 6.

532 *Mateus* IX, 9.

533 Cf. *Salmo* XCI, 12.

534 *Salmo* LXIII, 3 e 5.

535 *Isaías* XLIX, 6.

536 Cf. *Mateus* VII, 11.

537 Cf. *Lucas* XI, 13.



lhe rogam<sup>538</sup>”. Assim, peça, sem jamais relaxar, sem jamais hesitar, ainda que você seja o último a poder levar uma vida virtuosa, ainda que você seja muito fraco, ainda que você esteja longe de qualquer honra, e você receberá as maiores coisas.

46. Como convencer o incrédulo, ou o homem de pouca fé, de que a formiga pode ter asas, que uma lagarta pode voar, e que muitas outras coisas paradoxais encontram-se na criação, a fim de que, desembaraçando-se da doença da incredulidade e do desespero, também ele se torne alado, e, como uma árvore, se cubra das flores do santo conhecimento? De fato, foi dito: “Sou eu que faço florir a árvore morta e que dou vida aos ossos ressequidos<sup>539</sup>”.

47. Não nos deixemos consumir pelos cuidados que nos causam as necessidades do corpo. Creiamos em Deus com toda nossa alma, como disse um homem bom: “Confiem-se ao Senhor e receberão sua confiança”. Ou como escreveu igualmente o apóstolo Pedro: “Sejam castos, sóbrios e vigilantes nas orações. Coloquem nas mãos de Deus todos os seus cuidados. Pois ele cuidará de vocês<sup>540</sup>.” Mas se você ainda hesita e não crê que ele vela por você para nutri-lo, lembre-se da aranha, e saiba o quanto o homem difere dela. Falo da aranha, que é o mais fraco e mais pobre dos seres. Ela não tem nada de seu, ela não reivindica, ela não disputa, ela não acumula, ela passa sua vida numa doçura e numa castidade totais, na extrema hesíquia, ela não se ocupa senão dos seus, ela permanece em seu próprio trabalho em estado de serenidade, de calma, ela só fala aos que veneram o ócio para lhes dizer: “Se um homem não quer fazer nada, que também ele não coma<sup>541</sup>”. Ela se cala a ponto de superar Pitágoras, que os Gregos admiravam acima de todos os filósofos por saber aquietar sua língua. Ora, ainda que não falasse a qualquer um, Pitágoras não deixava de conversar secretamente, de tempos em tempos, com os homens que lhe eram mais caros. Às vezes ele se dirigia aos bois ou às águias, ele gostava de lhes dizer coisas tolas ou delirantes. Ele se abstinha totalmente de vinho, e bebia somente água. Ora, por seu extremo silêncio que ultrapassa a tudo, a aranha supera o domínio que Pitágoras tinha de sua

língua. Ela desdenha o vinho tanto quanto a água. Assim é a débil e humilde aranha, que vive assim em estado de hesíquia, que nunca sai ao exterior, que não vagueia conforme sua fantasia, nem trabalha e pena além da conta. O Senhor que permanece nas alturas dos céus e vê quem é humilde<sup>542</sup> (e ninguém é mais humilde do que a aranha), estendendo até ela sua providência, envia a cada dia um pouco de comida à sua pequena moradia, fazendo cair em sua teia os insetos de que ela necessita.

48. Mas alguém que esteja submetido pela voracidade poderá dizer: “Eu como uma enormidade, e como eu tenho muitos gastos, sou obrigado a me haver com inúmeros negócios desta vida<sup>543</sup>”. Que este homem se lembre das grandes baleias que levam suas vidas no oceano Atlântico, que são abundantemente alimentadas por Deus e que jamais conhecem a fome. De fato, cada um destes animais engole uma quantidade de comida que mesmo uma cidade de bom porte não conseguiria consumir em um dia. Foi dito: “Todos esperam de você que os alimente a seu tempo<sup>544</sup>”. Portanto, é Deus quem alimenta, tanto o que come muito como o que come pouco. Se você ouvir estas coisas, mesmo você cujo ventre é gordo e grande, confie-se daqui em diante inteiramente a Deus e à fé. Desembarace-se de todas as distrações do mundo e de todos os cuidados do intelecto. Não seja mais incrédulo, mas creia<sup>545</sup>.

49. Se quisermos realmente agradar a Deus e nos ligarmos a ele com uma benfazeja amizade, voltemo-nos para ele com o intelecto nu, desembaraçado das coisas do século presente, de toda arte, todo pensamento, todo interesse, toda justificação, ainda que tenhamos sido instruídos com toda a sabedoria do mundo. Pois o divino dá as costas aos que chegam a ele com presunção, alimentados e inchados de vanglória; é o que certos intérpretes chamaram de pasto e que infla a vã presunção.

50. Como podemos vencer o pecado, quando ele nos capturou? A violência é necessária. Com efeito, foi dito: “Um homem escapa da perdição dando-se ao

---

538 Lucas XI, 13.

539 Cf. Ezequiel XVII, 24 e XXXVII, 1-11.

540 I Pedro V, 7-8.

541 II Tessalonicenses II, 10.

---

542 Cf. Salmo CXIII, 5-6.

543 Cf. II Timóteo II, 4.

544 Salmo CIV, 27.

545 Cf. João XX, 27.

trabalho<sup>546</sup>”, esforçando-se continuamente para alcançar a saúde de seus próprios pensamentos. Destruir a violência com a violência nunca foi proibido pelas leis. Assim, se fazemos alguma obra de violência – ainda que pouca – e se esperamos daí por diante que nos chegue o poder do alto, enquanto permanecemos em Jerusalém<sup>547</sup>, ou seja, em incessante oração e outras virtudes, algum dia esta obra nos trará uma grande violência, que não se poderá comparar com a nossa, que é fraca. Os lábios da carne são incapazes de expressar esta violência, capaz de dominar com sua força e vencer os piores hábitos e a malícia dos demônios, capaz de vencer até mesmo o impulso que empurra nossas almas para o pior, capaz de vencer inclusive os movimentos descoordenados do corpo. De fato, foi dito: “Veio do céu um ruído como o de um sopro violento<sup>548</sup>”, para expulsar a malícia que nos faz sempre nos voltarmos para o pior.

51. O inimigo está de tocaia como o leão em sua caverna<sup>549</sup>. Para nos capturar ele esconde as armadilhas e as armas dos pensamentos impuros e ímpios. Mas nós, se não dormirmos, poderemos lhe opor redes, armas e armadilhas mais fortes e mais duras. Pois a prece, a salmódia, a vigília, a humildade, o serviço pelo próximo, a compaixão, a eucaristia, a atenção às palavras divinas são a armadilha, a rede e o fosso, o chicote, o poder e as armas que nos protegem do inimigo.

52. Chegado a uma idade avançada, e dando graças a Deus por tê-lo eleito, o divino Davi disse ao final da bênção: “Agora seu servidor encontrou coragem para lhe dizer esta prece<sup>550</sup>”. Isto foi dito para que aprendamos que é preciso consagrar à oração muito esforço e tempo antes de descobrir este estado agradável da reflexão, que é como um outro céu no coração, aonde reside o Cristo, como disse o Apóstolo: “Não sabem que Cristo habita em vocês?<sup>551</sup>”

53. Se Cristo se tornou para nós justiça, sabedoria<sup>552</sup>, etc., é evidente que ele

também se tornou nosso repouso. De fato, foi dito: “Venham a mim, vocês que penam e dobram sob a carga, e eu lhes darei o repouso<sup>553</sup>”. É exatamente por isso que foi escrito que o sábado – ou seja, o repouso – foi feito para o homem<sup>554</sup>. Pois em Cristo, e somente nele, a raça humana encontrará o repouso.

54. Assim como existe um cálice de vertigem e um copo de cólera<sup>555</sup>, também existe um cálice de fraqueza. Quando chegar o tempo, Cristo afastará de nós este cálice e o colocará nas mãos de nossos inimigos, para que daí em diante sejam eles, os demônios, e não nós, que fraquejem e tombem.

55. Assim como nas coisas exteriores existem cambistas, tecelões, criadores de pássaros, guerreiros, artesãos, lembre-se que nas coisas interiores existem entre os pensamentos ladrões, enganadores, envenenadores, caçadores, corruptores, assassinos, etc. É preciso fechar a porta rapidamente a estes lhes opondo a piedade e a oração. Mas é preciso acima de tudo fechar aos corruptores, a fim de que eles não profanem o lugar santo<sup>556</sup> nem manchem o homem de Deus.

56. Não é apenas pela palavra que podemos arrancar nossa salvação do Senhor, como aconteceu com o ladrão que gritou do alto de sua cruz<sup>557</sup>, mas também pelo pensamento. De fato, está escrito: “A mulher que sangrava disse a si mesma: se eu apenas tocar a franja de seu manto serei salva<sup>558</sup>”. Foi também pelo pensamento que o servidor de Abraão falou a Deus sobre Rebeca<sup>559</sup>.

57. O próprio pecado pode fazer voltar-se para Deus aquele que se arrepende e que toma consciência de seu mau cheiro, da gravidade e da loucura de sua falta. Mas quem não quer se entregar ao arrependimento não se volta para Deus. Ao contrário, este guarda consigo sua falta, amarra-a com nós que

---

546 *Provérbios XVI, 26.*

547 *Cf. Lucas XXIV, 49.*

548 *Atos II, 2.*

549 *Cf. Salmo X, 9.*

550 *II Samuel VII, 27.*

551 *II Coríntios XIII, 5.*

552 *Cf. I Coríntios I, 30.*

---

553 *Mateus XI, 28.*

554 *Marcos II, 27.*

555 *Cf. Isaías LI, 17.*

556 *Cf. Atos XXI, 28.*

557 *Cf. Lucas XXIII, 42.*

558 *Cf. Mateus IX, 21.*

559 *Cf. Gênesis XXIV, 12-15.*

ninguém consegue desatar, e o pecado o faz desejar cada vez mais intensa e violentamente sua própria perda.

58. Proteja-se contra os venenos de Jezebel<sup>560</sup>, dos quais os piores são o orgulho e a vanglória. Você conseguirá, com a graça de Deus, se fizer pouco caso de sua alma, se a desprezar, se se prostrar diante de Deus, se clamar por seu socorro, se souber que as graças vêm do Céu. É por isso que foi dito: “Ninguém recebe nada que não lhe tenha sido enviado do céu<sup>561</sup>”.

59. A lei diz: “Se for testemunhado contra ele, e se ele não puder se desculpar, ele pagará<sup>562</sup>”. Imagine que numa festa chegue a você um pensamento de vanglória, e que queira fazer você falar desmedidamente. Mas os pensamentos angélicos o defendem. Eles afastam o pensamento falador e intempestivo. Se você não se afastar deste pensamento por meio de um silêncio salutar e permitir-lhe que se manifeste exteriormente, se você se deixar levar pelas fumaças do orgulho, então você terá que pagar a dívida, você será entregue com toda justiça, seja a um grande pecado, seja a graves sofrimentos corporais, ou à reprovação dos seus irmãos, ou ao castigo no século futuro. Pois nós prestaremos conta de toda palavra estéril e vã<sup>563</sup>, por não sabermos controlar a língua. Devemos, portanto, guardar nossa língua com toda sobriedade e com toda vigilância.

60. Daqueles que são tentados pelos prazeres, pelos desejos, pelo amor à glória e pelos outros vícios, é dito que eles queimam de dia pelo sol e de noite pela lua<sup>564</sup>. Reze, então, para ser coberto pela divina nuvem que espalha o orvalho<sup>565</sup>, a fim de escapar da chama ardente dos inimigos.

61. Não dê assento aos que são levados pelo vinho e se submetem às desordens à mesa. Também não acolha os que querem lhe falar com impudência, ainda que tenham passado longos anos na vida monástica. Não os

permita, para que a podridão não o cubra, como diz a Escritura<sup>566</sup>, e para que você não seja levado junto com os corações impuros e incircuncisos.

62. Primeiro Pedro recebeu as chaves, e depois Deus permitiu que ele caísse na negação<sup>567</sup>, para que esta queda representasse para ele uma lição de prudência. Assim, se depois de haver recebido a chave do conhecimento, você cair em toda espécie de pensamentos, não se surpreenda. Mas glorifique o único sábio, nosso Senhor, que por meio desses acidentes coloca um freio à presunção que tenta se juntar ao conhecimento divino. Pois as tentações são um freio. Elas podem refrear o orgulho humano, pela providência de Deus.

63. Se muitas vezes o Senhor nos toma os bens, como fez com a riqueza de Jó – “o Senhor dá, o Senhor toma<sup>568</sup>” – sem dúvida nenhuma o Eterno tirará de nossas mãos também os males que nos enviou. De fato, foi dito: “Os bens e os males vêm do Senhor<sup>569</sup>”. O mesmo que nos enviou os males nos dará também a alegria e a glória eternas. “Do mesmo modo, diz o Senhor, como me levantei para destruí-los e fazer-lhes mal, eu reconstruirei ao invés de derrubar e plantarei ao invés de arrancar<sup>570</sup>”. Que se cale, portanto, o conhecido provérbio que diz: “Quem vai mal está privado de todo bem”. Pois o Senhor que faz irem mal as coisas, pode subitamente recolocá-las na luz.

64. Aquele que por meio da virtude, seja pela temperança, seja pela oração, se opõe aos demônios com força e veemência, receberá deles golpes cada vez mais duros, até que, vendo sua alma condenada à morte do intelecto<sup>571</sup>, chegue ao desespero e acabe por dizer: “Quem me libertará deste corpo de morte?<sup>572</sup>” Pois eu fui constrangido contra minha vontade a submeter-me às leis do inimigo.

65. Não é sem razão que foi escrito: “Eles dirão entre si: Levantem-se, e

---

560 Cf. II Reis IX, 22.

561 João III, 27.

562 Êxodo XXI, 36.

563 Cf. Mateus XII, 36.

564 Cf. Salmo CXXI, 6.

565 Cf. Êxodo XIV, 19.

---

566 Jó XXI, 26.

567 Cf. Mateus XVI, 19; XXVI, 70.

568 Jó I, 21.

569 Eclesiastes XI, 14.

570 Jeremias XXXVIII, 28; XXIV, 6.

571 Cf. II Coríntios I, 9.

572 Romanos VII, 24.

vamos atacar este povo confiante e tranqüilo<sup>573</sup>”. Ou ainda: “Vamos, falemos com eles com mentiras, vamos desviá-los da verdade para que eles venham para nós<sup>574</sup>”. Pois os demônios malvados costumam afiar a espada das tentações contra os que escolheram a vida hesiquiasta. E quanto mais estes se dedicam à piedade e veneram a Deus, mais eles se tornam furiosos e mais eles empurram, em combates insustentáveis, para as obras do pecado. Eles chegam a desviar da fé em Cristo, da oração e da boa esperança aqueles a quem combatem assim. Mas nós, como disse Davi, “não nos desviaremos de você até que você tenha compaixão de nós<sup>575</sup> e que se afastem de nós aqueles que nos devoram<sup>576</sup>”. “Não nos desviaremos de você até que você tenha ordenado que se afastem de nós os que nos tentam, e que sejamos levados à vida pela paciência e uma firme impassibilidade. Pois a existência do homem é uma provação<sup>577</sup>”. Muitas vezes, por um dado tempo, Aquele que dirige os combates o faz cair aos pés dos estrangeiros. Mas é próprio da alma nobre e generosa não se desesperar diante das infelicidades.

66. Se o demônio é forte o bastante para transformar o homem, mesmo contra a sua vontade, e arrastá-lo em seu próprio movimento fazendo-o sair do bom estado natural, quanto mais força não terá o Anjo que, num momento determinado, recebe de Deus a ordem de orientar para o melhor as faculdades do homem: Se o vento do norte glacial é forte o bastante para dar uma dureza de pedra à fluidez da água, o que não fará o fervente vento sul? Se o ar gelado força todas as coisas a obedecê-lo – pois quem poderá resistir ao frio<sup>578</sup>? – como não transformará o calor todas as coisas nelas mesmas? Pois quem poderá resistir ao calor<sup>579</sup>? Assim, acreditamos que tanto p frio como o negro carvão de nossa reflexão tornar-se-ão cedo ou tarde calor e luz sob a ação do fogo divino.

67. Existe um estado sempre presente que coloca no recôndito de nosso coração o testemunho e o signo da impassibilidade de José. Nós somos uma

---

573 Cf. *Juízes* XVIII, 27.

574 Cf. *Isaías* VII, 6.

575 Cf. *Salmo* CXXIII, 2.

576 Cf. *Isaías* VII, 6.

577 *Jó* VII, 1.

578 Cf. *Salmo* CXLVII, 17.

579 Cf. *Eclesiastes* XLIII, 3.

só coisa com este estado, segundo o qual o intelecto, ao sair do Egito, se desembaraça dos sobressaltos passionais e da servidão infamante dos vasos de barro, e escuta uma língua que ele não conhecia<sup>580</sup>, não mais a língua dos demônios, que é suja e corrompe toda reflexão, mas a santa língua dos anjos que trazem a luz, e que faz o intelecto passar do corpóreo ao incorpóreo. Esta língua ilumina a alma que a recebe.

68. Eu escutei dizer alguns irmãos, que estavam continuamente doentes em seus corpos e que não podiam se dedicar ao jejum: “Como é possível sermos libertos do diabo e das paixões sem o jejum?” A resposta é: “Não é apenas pela abstenção a certos alimentos, mas pela súplica do coração, que vocês poderão extirpar e banir os vícios e aqueles que os avivam em vocês”. Com efeito, está dito: “Em sua aflição eles suplicaram ao Senhor, e ele os libertou<sup>581</sup>”. E também está escrito: “Do fundo do inferno eu supliquei. Você escutou a minha voz. Que minha vida supere a corrupção<sup>582</sup>”. Até que passe a iniquidade, ou seja, a perturbação do pecado, está escrito: “Eu supliquei ao deus Altíssimo<sup>583</sup>”, a fim de que ele detenha com seu poder esta agressão do pecado, que ele apague as imagens suscitadas pela reflexão passional e que ele liberte nos corações fracos e cheios de ídolos. Se você não recebeu a graça da temperança, saiba: é pela prece e a esperança que o Senhor concederá aquilo que você pede. Assim, conhecendo a ordem do Mestre, não se desencoraje diante da impotência de sua ascese. Ao contrário, aplique-se em se afastar do inimigo pela oração e pela paciência reconhecida. Assim, se os pensamentos engendrados pela fraqueza e a miséria de sua natureza os expulsam da cidade em que reina o jejum, fujam para outra<sup>584</sup>, ou seja, para a oração e a eucaristia.

69. O Faraó suplicou: “Que Deus afaste de mim esta morte<sup>585</sup>”, e ele foi atendido. Da mesma forma os demônios, quando imploraram a Deus que não os atirasse ao abismo, receberam o que haviam pedido<sup>586</sup>. Muito mais

---

580 Cf. *Salmo* LXXXI, 6-7.

581 *Salmo* CVII, 6.

582 *Jonas* II, 3-7.

583 *Salmo* LVII, 3.

584 *Mateus* X, 23.

585 *Êxodo* X, 17.

586 *Mateus* VIII, 31.

atendido será o homem cristão, quando ora para ser liberto da morte do intelecto.

70. Aquele que, durante um tempo, recebeu a graça divina da luz e do repouso, e que tombou na errância ao ser-lhe retirada esta graça, resmungando contra aquilo que lhe acontece e, desesperando-se, não tem coragem de pedir pela oração esta plenitude salutar, é semelhante ao pobre que recebeu uma esmola do palácio, mas fica indignado por não poder entrar e almoçar com o rei.

71. Bem-aventurados aqueles que não me viram e creram<sup>587</sup>. E quando a graça é retirada, bem-aventurados os que não encontram consolo em si mesmos, que veem prolongar-se a aflição e as trevas profundas e não se desesperam, mas que recebem da fé a força de considerar que veem o invisível, e de perseverar nobremente<sup>588</sup>.

72. A humildade que a graça de Deus concede aos que o buscam, depois de muitas lutas, penas e lágrimas, é imensamente mais forte e maior do que a humilhação experimentada pelos que desistem da virtude. Os que assim recebem a humildade são homens verdadeiramente perfeitos e irrepreensíveis.

73. Quando o diabo deixou o Senhor, os anjos vieram para servi-lo<sup>589</sup>. É preciso saber: assim como está escrito que os anjos estavam lá enquanto era tentado, também nós temos por perto os anjos de Deus quando somos tentados em certos momentos. Depois que partem aqueles que nos tentavam, chegam para nos servir os pensamentos divinos, os socorros, a iluminação, a compunção, a consolação, a paciência, a doçura, tudo aquilo que salva, conforta e reanima a alma que sofreu. Com efeito, foi dito a Natanael: “Você verá os anjos a subir e a descer sobre o Filho do homem<sup>590</sup>”, ou seja: o serviço e o auxílio dos anjos serão espalhados com abundância sobre a raça dos homens.

74. Lembre-se deste grande sacerdote a cuja direita sentou-se o diabo para se

---

587 Cf. *João XX*, 29.

588 Cf. *Hebreus XI*, 17.

589 Cf. *Mateus IV*, 11.

590 *João I*, 52.

opor a ele<sup>591</sup> em todos os pensamentos, palavras e ações corretas. Lembre-se, a fim de que tudo o que lhe acontecer não o perturbe.

75. É bom que o monge saiba o que é a fraqueza, esta fraqueza da qual foi dito: “Tem piedade de mim, porque eu sou fraco<sup>592</sup>”. Também é bom que ele saiba o que é o afastamento de Deus, esta apostasia que é doença do diabo e de seus anjos.

76. Assim como é impossível tocar o ferro que foi posto no fogo, também as orações frequentes tornam mais forte o intelecto em seu combate contra os inimigos. É por isso que estes, com toda sua força, esforçam-se para nos fazer negligenciar a assiduidade da prece, sabendo que ela lhes é hostil e que ela protege o intelecto.

77. Davi considerava a boa vontade daqueles que, tendo saído com ele de Tsliklag para marchar contra os estrangeiros, detiveram-se ante a correnteza de Bosor, esgotados de fadiga<sup>593</sup>. Com efeito, retornando a eles depois da vitória sobre os bárbaros, e tendo ouvido propostas de que não se deveria dar parte do butim àqueles que, por serem fracos, ficaram retidos pela correnteza, Davi, em sua grande bondade, tomou sua defesa, quando até mesmo estes, envergonhados, não sabiam o que responder. Ele disse: “Eles ficaram para proteger as bagagens.” E concedeu-lhes uma parte igual aos que foram ao combate valorosa e corajosamente. Veja, portanto, quando um irmão primeiro deu provas de fervor e depois relaxou, se a fé, o arrependimento, a humildade, os gemidos, a paciência, a esperança, a perseverança, etc., não podem ser considerados como bagagens de salvação. Sentando-se junto deles, perseverando na espera de Cristo, um homem fraco recebe naturalmente uma graça eterna.

78. Foram chamados de levitas e sacerdotes aqueles que se consagraram totalmente a Deus pela ação e pela contemplação<sup>594</sup>. E foram chamados de gado dos levitas<sup>595</sup> aqueles que não tinham a força para perseguir as paixões,

---

591 Cf. *Zacarias III*, 1.

592 *Salmo VI*, 3.

593 Cf. *I Samuel XXX*.

594 Cf. *Números I*, 5.50; *III*, 41.45.

595 Cf. *Números III*, 41.45.

mas que eram iluminados pela virtude, esforçando-se tanto quanto possível para adquiri-la, e que não cessavam de desejá-la, mesmo que muitas vezes fracassavam por ferir-lhes o mal. Quando o tempo chegar, é bastante natural que também eles recebam o amor de Deus a graça da impassibilidade. Pois o Senhor atende o desejo dos pobres<sup>596</sup>.

79. Muitas vezes temos consciência e enxergamos os ultrajes que o inimigo nos faz sofrer manifesta ou invisivelmente. Mas os tormentos e as dores que ele experimenta quando nos dedicamos às virtudes, ou quando nos arrependemos de nossas faltas, ou somos pacientes e corajosos nos reveses, ou quando rezamos e nos dedicamos a outras coisas que o mergulham nas torturas, nos castigos, nas lamentações e no desespero, nada disso vemos, providencialmente. De fato, foi dito: “Deus fará o que é justo: ele enviará a aflição àqueles que nos afligem<sup>597</sup>”.

80. Se o tronco da árvore que envelheceu na terra ou sobre um rochedo se torna verde como quando jovem logo que recebe água, também é justo que, rejuvenescidos pelo poder do Espírito Santo, renasçamos nós na incorruptibilidade que recebêramos por nossa natureza, e que demos frutos como uma planta jovem, ainda que tivéssemos tombado no homem velho.

81. A alma que condena a si própria por suas numerosas tentações e pelo enxame de seus pecados, e que diz a si mesma: “Nossa esperança foi destruída, estamos perdidos<sup>598</sup>”, foi respondido, por obra de Deus que não desespera de nossa salvação: “Vocês viverão e saberão que eu sou o Senhor<sup>599</sup>”. E à alma que se pergunta sobre como poderá ela gerar a Cristo por suas grandes virtudes, foi dito: “O Espírito Santo virá sobre você<sup>600</sup>”. Ora, aonde estiver o Espírito Santo, não busque mais a ordem e a lei da natureza e do costume. Com efeito, o Espírito Santo a quem adoramos é todo poderoso, e ele lhe submeterá aquilo que você não pode carregar, para que você se maravilhe. Esta é a vitória do intelecto que havia sido derrotado. Pois o

consolador que vem do alto com sua misericórdia está acima de tudo<sup>601</sup>. Ele está acima de todos os movimentos naturais e de todas as paixões demoníacas.

82. Lute para manter intacta a luz que brilha em sua razão. Se você começar a enxergar as coisas com os olhos da paixão, o Senhor o cobrirá de trevas, retirará o freio que existe diante de você<sup>602</sup> e a luz dos seus olhos não estará mais com você<sup>603</sup>. Mas mesmo que você chegue a este ponto, não se desencoraje, não desista. Reze com o santo Davi: “Envie sua luz e sua verdade” sobre mim, porque estou triste. “Você é a salvação de minha face e meu Deus<sup>604</sup>”. Pois “você enviará seu Espírito e tudo será recriado, e se renovará a face da terra<sup>605</sup>”.

83. Feliz de quem aqui em baixo come e bebe insaciavelmente, note e dia, as orações e salmos, e que se fortifica com a gloriosa leitura das Escrituras. Pois uma tal comunhão dará à alma uma alegria inalterável no século por vir.

84. Com todas as suas forças, cuide para não cair. Pois cair não é digno de quem é forte e luta. Mas se você cair, levante-se o mais depressa possível e retome o bom combate. Mesmo que você caia dez mil vezes, dez mil vezes repita este gesto: levante-se. Até a sua morte. Pois está escrito: “Se o justo cai sete vezes, ou seja, toda a sua vida, ele se levantará sete vezes<sup>606</sup>”. Enquanto você possuir a arma do santo hábito<sup>607</sup> e ao mesmo tempo implorar e orar a Deus, você será contado entre os que estão em pé, mesmo que você tombe muitas vezes. Enquanto você permanecer entre os monges, como um soldado corajoso você receberá no rosto todos os golpes. Será sobretudo por estes golpes que você será louvado, pois, mesmo ferido, você não terá aceitado render-se ou recuar. Mas se você deixar os monges, você será golpeado por trás, como um fujão, um medroso, alguém que deserta e foge.

85. Desesperar é mais funesto do que pecar. Foi assim que Judas, o traidor, era

---

596 Cf. *Salmo X*, 17.

597 *I Tessalonicenses I*, 6.

598 *Ezequiel XXXVII*, 11.

599 Cf. *Ezequiel XXXVII*, 6.

600 *Lucas I*, 35.

---

601 Cf. *João III*, 31.

602 Cf. *Jó XXX*, 11.

603 *Salmo XXXVIII*, 11.

604 *Salmo XLIII*, 3 e 5.

605 *Salmo CIV*, 30.

606 *Provérbios XXIV*, 16.

607 O *schéma*, hábito monástico.

fraco e não tinha experiência no combate; o inimigo atirou-se sobre ele que desesperava, e lhe passou a corda no pescoço<sup>608</sup>. Mas Pedro, esta sólida pedra, erguendo-se depois de uma queda terrível, não se deixou abater nem se abandonou ao desespero, pois ele tinha experiência no combate. Com o coração aflito e humilhado, ele derramou lágrimas amargas<sup>609</sup>. Vendo isto, nosso inimigo, com os olhos queimados como por chamas vivas, recuou imediatamente e fugiu para longe lançando grandes gritos.

86. Quem se devota à solidão deve sustentar um combate implacável sobretudo contra três coisas: a gulodice, a vanglória e o amor ao dinheiro, que é uma idolatria<sup>610</sup>.

87. Por meio de salmos, hinos e odes espirituais, usando as palavras e os instrumentos de Davi, um rei de Israel venceu o povo dos trogloditas e outros bárbaros. Também você possui seus próprios bárbaros trogloditas, os demônios que penetram nos seus sentidos e nos seus membros, que atormentam sua carne queimando-a, que o predispõem a ver, ouvir e a sentir abandonando-se às paixões, a dizer palavras inconvenientes, a encher seus olhos de adultério<sup>611</sup>, a manter a confusão dentro e fora de si como no país da Babilônia. Com grande fé, com salmos, hinos e odes espirituais<sup>612</sup>, vigie a si próprio para destruir totalmente os trogloditas que trazem o mal.

88. Assim como o Senhor quer que o homem seja salvo pelo homem, também Satanás se esforça para que o homem se perca pelo homem. É por isso que você não deve se ligar ao pérfido que despreza os outros e não domina sua língua, a fim de não caminhar com ele para a danação. Mesmo aproximando-se do justo, a salvação já é difícil. Se freqüentarmos inconseqüentemente o homem malicioso, encontraremos diante de nós nosso próprio naufrágio, como a lepra. Então, quem terá piedade daquele que se alegrou aproximando-se do dragão? Assim, fuja de quem não domina sua própria língua, dos que disputam, dos que se atrapalham com seus membros no interior e no exterior.

---

608 Cf. *Mateus XXVII*, 5.

609 Cf. *Salmo LI*, 19; *Mateus XXVI*, 75.

610 Cf. *Colossenses III*, 5.

611 Cf. *II Pedro II*, 14.

612 Cf. *Efésios V*, 19.

89. Quem quer ser chamado de sábio, prudente e amigo de Deus, a fim de apresentar ao Senhor a alma tal como a recebeu dele, pura, intacta, totalmente irrepreensível? Quem o quer, a fim de, por isto, ser coroado nos céus e chamado de bem-aventurado pelos anjos?

90. Uma única palavra boa tornou puro e santo o ladrão, este ser que erra imundo, e o fez entrar no Paraíso<sup>613</sup>. E uma única palavra impensada proibiu Moisés de entrar na terra prometida<sup>614</sup>. Não consideremos que a falação seja uma doença benigna. Pois aquele que gostam de injuriar, que falam a torto e a direito, fecham as portas do reino dos céus para si. Mesmo que vá pelo caminho direito, um home que diz qualquer coisa não caminha direito, antes busca o mal e corre para sua perdição<sup>615</sup>. É justamente o que disse um sábio: “É melhor cair do alto sobre a terra do que pecar pela língua<sup>616</sup>”. É preciso, portanto, crer no apóstolo Tiago quando escreveu: “Que cada um seja pronto para escutar, mas lento para falar<sup>617</sup>”.

91. Para não inflarmos o orgulho, enganados pelos sentidos em nossa vaidade, é bom atentarmos para aquele que disse: “Vá, meu povo, penetre no tesouro do seu coração, este tesouro oculto a todo pensamento sensível, esta morada desprovida de ídolos, iluminada pela impassibilidade e pela sombra que lhe faz a santa graça. Feche a sua porta a tudo o que é visível, e esconda-se o mais possível, pois é breve a vida de um homem”. E ele completou: “Até que passe a cólera do Senhor<sup>618</sup>”. Outro falou assim: “Até que passe a iniquidade<sup>619</sup>”. Tanto a cólera do Senhor como a iniquidade podem ser os demônios, as paixões e os pecados. Como disse Isaías a Deus: “Eis que você está irritado, porque nós pecamos<sup>620</sup>”. O homem não escapa a esta cólera senão dedicando-se à oração em seu coração continuamente, esforçando-se para se manter no interior do santuário. Foi dito: “Coloque sua sabedoria mais alto do que as

---

613 Cf. *Lucas XXIII*, 42-43.

614 Cf. *Números XX*, 24.

615 Cf. *Salmo CXL*, 12.

616 *Eclesiastes XX*, 18.

617 *Tiago I*, 19.

618 *Isaías XXVI*, 20.

619 *Salmo LVII*, 2.

620 *Isaías LXIV*, 4.

coisas mais profundas<sup>621</sup>”. É por isso que toda a glória da filha do rei é interior<sup>622</sup>. Também foi dito: “Eu faço tudo para entrar no santuário de Deus, sobre a montanha da herança, na moradia pronta que o Senhor construiu, no lugar santo preparado por suas mãos<sup>623</sup>”.

92. Quem deseja realmente renunciar, que imite o bem-aventurado profeta Eliseu que, em seu ardente e profundo amor a Deus, não guardou a menor coisa para si mesmo<sup>624</sup>. Distribua tudo o que lhe pertence entre aqueles que precisam e, tomando sobre si a cruz do Senhor, voe resolutamente para a morte voluntária que abre as portas do Reino.

93. Quando você chegar a compreender que o Amorreu que existe em você é forte como um carvalho<sup>625</sup>, ore ardentemente ao Senhor para que ele seque este carvalho, no alto em seus frutos – o pecado ativo – e em baixo em suas raízes – os pensamentos impuros – e que ele afaste o Amorreu para longe de sua face.

94. Não se espante se rirem de sua hesíquia aqueles que são incapazes de vivê-la. Ao contrário, alegre-os com seus cantos e não guarde nenhum rancor. Oponha a eles a força muito maior de sua obediência a Deus, você que diz em seus hinos: “Alma minha, não se submeta senão a Deus<sup>626</sup>”. “Ao invés de me amar, eles me acusaram. Mas eu orei<sup>627</sup>” pela minha cura e a deles.

95. Se nenhum vento forte soprasse sobre o mar, não se veria nenhuma onda. Se o demônio não habitasse em nós, nem a alma nem o corpo seriam atormentados pelas paixões.

96. Se você levar consigo sempre o calor da prece e da graça divina, a Santa Escritura lhe dirá, como ao homem revestido das armas de luz<sup>628</sup>: “Sua

vestimenta é quente<sup>629</sup>” Pois seus inimigos foram cobertos de vergonha e de infâmia<sup>630</sup>, como por um manto.

97. Quando você se lembrar de suas faltas, não hesite em bater no peito, a fim de talhar com estes golpes seu coração endurecido, descobrindo a mina de ouro do publicano<sup>631</sup> e regozijando-se com esta riqueza escondida.

98. Que o fogo das orações da santa meditação nas palavras do Espírito queime constantemente sobre o altar de sua alma, estas orações que sobem em direção ao mais alto.

99. Se você se esforçar sempre para calçar seus pés para preparar o Evangelho da paz<sup>632</sup>, você construirá assim sua morada e a do seu próximo. Mas se você for negligente, invisivelmente você será desprezado conforme a Lei, e herdará o apelido daquele a quem roubaram as sandálias<sup>633</sup>.

100. Se Deus é amor, como disse João, aquele que ama permanece em Deus e Deus permanece nele<sup>634</sup>. Mas quem odeia o próximo destrói os laços do amor, que, claramente, ele troca pelo ódio. Assim, aquele que odeia separa-se de Deus, se Deus é amor e se quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele. A Ele a glória e o poder por todos os séculos dos séculos. Amém.

---

621 *Jó XXVIII, 18.*

622 *Salmo XLV, 15.*

623 *Êxodo XV, 17.*

624 *Cf. I Reis XIX, 20.*

625 O Amorreu, inimigo de Israel, representa aqui o demônio; cf. Amós II, 9.

626 *Salmo LXII, 6.*

627 *Salmo CIX, 4.*

628 *Cf. Romanos XIII, 12.*

---

629 *Jó XXXVII, 17.*

630 *Cf. Salmo CIX, 29.*

631 *Cf. Lucas XVIII, 13.*

632 *Cf. Efésios VI, 5.*

633 *Cf. Deuteronômio XXV, 9-10.*

634 *I João IV, 16.*



DE NOSSO PAI ENTRE OS SANTOS, JOÃO CARPATOS  
AOS MONGES DA ÍNDIA QUE LHE ESCREVERAM

DISCURSO ASCÉTICO E GRANDE CONSOLADOR  
QUE COMPLETA OS CEM CAPÍTULOS

Jamais diga que o homem que vive no mundo e que possui esposa e filhos é mais feliz do que o monge e mais alegre, por fazer o bem a muitos, por distribuir abundantes esmolas e porque ele não é tentado pelos demônios. Pensando assim, você considera que você agrada menos a Deus do que ele. Não se lamenta assim, como se você estivesse perdido. Eu não digo que a sua vida seja irrepreensível só porque você permanece vivendo entre monges. Mas, mesmo que você seja um grande pecador, a aflição e o sofrimento de sua alma serão aos olhos de Deus mais preciosos do que a mais alta virtude do mundo. Sua grande tristeza, sua fadiga, seus gemidos, sua angústia, suas lágrimas, o tormento de sua consciência, a indigência de seu pensamento, a reflexão que o condena, os golpes com que você bate no peito, a falta que lhe faz seu intelecto, a lamentação de seu coração, sua miséria, suas penas, seu desconsolo, sua humilhação, todas essas coisas e outras semelhantes que acontecem aos que são atirados na dura fornalha das tentações, são mais preciosas e agradam imensamente mais do que os agrados do homem do mundo.

Cuidado para que não se aplique a você a censura da divina Escritura, quando ela diz como que falando a você: “De que nos serviu suplicar diante do Senhor e passar todo o tempo em sua morada?<sup>635</sup>” É uma evidência: o servidor que permanece junto do seu mestre recebe às vezes algumas chicotadas, alguns tapas, censuras e injúrias. Mas os que vivem longe estão livres dos golpes, como estranhos, como homens a quem ninguém presta atenção. De que nos serve, então, cair em aflições, nós que não cessamos de orar e cantar, quando aqueles que não oram nem velam permanecem alegres, regozijam-se, prosperam e passam a vida folgadoamente? Como diz o Profeta: “Eis que

foram construídas moradias estrangeiras, e nós as achamos bem-aventuradas”. E ele acrescenta: “Estas são as coisas que denunciam os servidores de Deus<sup>636</sup>”, aqueles que possuem o conhecimento.

Mas é preciso saber que aqueles que são duramente atormentados, os que trazem sobre si o testemunho de seu mestre pelas provas que passaram, não sofrem nada que os possa surpreender. Pois eles ouviram anunciar nos Evangelhos: “Eu lhes digo, vocês que estão perto de mim chorarão e se lamentarão enquanto o mundo vai se alegrar<sup>637</sup>”. Mas dentro de pouco tempo eu os visitarei por meio do Consolador, eu dissiparei seu desencorajamento, eu os reanimarei com pensamentos da vida e do repouso celestes, e com as lágrimas doces que lhes faltaram nos poucos dias em vocês foram provados. Eu lhes darei o seio da graça, como a mãe oferece o seio ao filho que chora. Eu fortificarei com os poderes do alto a vocês que esgotaram os combates. Eu cumularei de doçura a vocês que foram cobertos de amargura, como diz Jeremias nas Lamentações ao falar da Jerusalém que se esconde em vocês. Eu verei vê-los, e seus corações se regozijarão com esta visita secreta. Sua aflição será transmutada em alegria, alegria que ninguém poderá roubar-lhes<sup>638</sup>.

Não tenhamos vista curta, e não fechemos os olhos, dizendo que os homens do mundo são mais felizes do que nós. Ao contrário, sabendo o que distingue os filhos legítimos dos bastardos, abracemos aquilo que é visto como a miséria e a grande pena dos monges, mas que têm seu fim na vida eterna, na coroa de glória do Senhor, que não se corromperá jamais<sup>639</sup>.

Abracemos a pena dos ascetas que se sabem pecadores, pois eu não direi que eles são justos. Aceitemos sermos rejeitados para a casa de Deus, ou seja, para a ordem daqueles que servem continuamente a Cristo, e não habitarmos na casa dos pecadores<sup>640</sup>, nem vivermos com os homens do mundo, por maior que seja sua justiça.

Eis o que eu lhe digo, ó monge, seu Pai celeste que o ama acima de tudo e que

---

636

637

638

639

640

lhe envia, por meio de provações, as aflições e as penas: saiba bem, pobre monge, que eu o castigarei, como já disse pela boca do Profeta, e que eu irei ao seu encontro no caminho do Egito<sup>641</sup>. Eu o provarei pela aflição. Com os espinhos de minha providência eu fecharei os caminhos condenáveis<sup>642</sup>, eu o ferirei com dissabores imprevistos, eu o impedirei de tocar adiante aquilo que você deseja em seu coração insensato. Com as portas de minha piedade<sup>643</sup> eu fecharei o mar de suas paixões. E com pensamentos de reprovação, de condenação, de arrependimento, que o farão tomar consciência daquilo que você ignora, eu serei para você como uma fera que o devorará. Ora, todas essas aflições são uma grande graça de Deus. Eu serei para você não apenas como uma pantera, mas como um aguilhão<sup>644</sup> que, por pensamentos de compunção e pelas penas do coração, o abençoará. Jamais o sofrimento deixará sua morada, ou seja, sua alma e seu corpo despedaçados para seu próprio bem e seu benefício pelos castigos de Deus, que destilam a doçura e o mel.

Mas o fim dos castigos, das penas, das perturbações, da confusão, dos terrores e dos desesperos que oprimem habitualmente aqueles que se propõem a viver na ascese, o fim de todas essas misérias é uma alegria celeste, de inexplicáveis delícias, uma glória indizível, uma exultação incessante. De fato, foi dito: Eu o afligi para colocar em sua boca o maná do conhecimento<sup>645</sup>. E eu o submeti à fome para cumulá-lo de benesses nos últimos dias e fazê-lo entrar no Reino do alto. Monges humildes, vocês dançarão neste momento como jovens animais libertados dos laços<sup>646</sup> das paixões da carne e das tentações dos inimigos. Vocês pisotearão os demônios iníquos que agora os pisam. Eles serão como a poeira debaixo de seus pés<sup>647</sup>.

Pois se você venera a Deus, se você é humilde, se você não se torna inchado por um vão orgulho, se você evita a precipitação, se seu coração está

---

641  
642  
643  
644  
645  
646  
647

penetrado de compunção, se você se considera como um servidor inútil<sup>648</sup>, se seu espírito está alquebrado, se tanta é a sua humildade, então, ó monge, seus próprios defeitos são mais altos do que a justiça dos homens do mundo, se suas manchas são mais necessárias do que a grande purificação daqueles que desfrutam desta vida.

Então, porque você se aflige? Você não conhece senão a vergonha. Mas veja: se um homem tem as mãos sujas, um pouco de óleo as torna limpas. Quanto mais ainda poderá purificá-lo a piedade de Deus! Pois assim como você não tem dificuldade em lavar suas roupas, mais fácil ainda é para o Senhor lavá-lo de toda reprovação, mesmo que você tenha que enfrentar a tentação a cada dia. Com efeito, no momento em que você diz: “Eu pequei contra o Senhor”, lhe é dada a resposta: “Seus pecados lhe estão perdoados<sup>649</sup>”, “Eu sou aquele que apaga, e eu não recorro mais<sup>650</sup>”. “Assim como o Oriente é longe do Ocidente, eu afastei de você seus pecados. Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim eu tive compaixão de você<sup>651</sup>”.

Mas não se afaste, não se distancie d'Aquele que o escolheu para orar e cantar, mas permaneça ligado a ele por toda a sua vida, seja por pura confiança, seja pela santa audácia e pela confissão corajosa. Então ele o ouvirá e o purificará. Pois aquilo que Deus purifica por sua própria vontade, nem mesmo o grande apóstolo Pedro poderá chamar de impuro ou condenar. Com efeito, foi-lhe dito: “O que Deus purificou, não chame de impuro<sup>652</sup>”. E não foi Deus que nos justificou, em seu amor pelo homem? Quem nos condenará<sup>653</sup>? Se invocarmos o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, nossa consciência será facilmente purificada, e nada nos separará dos profetas e dos demais santos.

Pois Deus não nos destinou à cólera, mas à salvação por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo que morreu por nós<sup>654</sup>. Assim, quer nos mantenhamos em vigília nas virtudes, quer durmamos em alguma miséria levados pelas

---

648  
649  
650  
651  
652  
653  
654

circunstâncias naturais, viveremos com Cristo<sup>655</sup>, voltando para ele nossos olhares, gemendo profundamente, chorando sem cessar, e não respirando senão nele. Vistamos a couraça da fé e coloquemos o elmo da esperança na salvação<sup>656</sup>, a fim de que não nos firam as flechas do desencorajamento e do desespero.

Mas você diz: “Eu fico irritado vendo que os homens do mundo escapam às provações, enquanto eu me atormento terrivelmente”. Mas saiba, bem-amado, que Satanás não precisa tentar aqueles que tentam a si próprios e que estão sempre a rastejar sobre a terra pelas coisas desta vida. Saiba também o seguinte: as recompensas e as coroas estão reservadas aos que são provados pelas tentações, não aos que não se preocupam com Deus, nem aos homens do mundo que dormem e roncam. Eu sou atormentado por inúmeras provas, meus rins ardem de febre, como diz o profeta, eu sou infeliz e decaído, não existe cura para minha carne nem remédio para meus ossos<sup>657</sup>. Mas o grande médico dos que sofrem está próximo. Ele tomou sobre si nossas enfermidades. Ele nos curou com suas chagas<sup>658</sup>. Ele está aí, e aplica remédios salutareos. Com efeito, foi dito: Fui eu que o feriu, que o deixou abandonado, e serei eu a curá-lo<sup>659</sup>. Portanto não tema. Quando cessar minha cólera ardente, eu o curarei de novo. Assim como uma mulher jamais se esquece de sentir piedade pelos filhos de seu ventre, também eu não o esquecerei, diz o Senhor<sup>660</sup>. Se um pássaro derrama sua ternura sobre seus filhotes, se os visita a todo o momento, se os chama, se lhes traz comida na boca, quanto mais minhas compaixões se derramarão sobre minhas criaturas. Eu o visito secretamente. Eu converso com a sua inteligência. Eu levo alimento à sua reflexão, que se abre como o bico da pequena andorinha. Eu lhe dou o alimento do temor ao Todo-Poderoso, o alimento do desejo dos céus, o alimento da consolação dos gemidos, o alimento da compunção, o alimento do canto, o alimento do conhecimento mais profundo, o alimento dos mistérios divinos. E se eu minto ao lhe falar assim, eu que sou seu Mestre e seu Pai, prove e eu me calarei. É isto o que o Senhor não cessa de dizer aos

---

655  
656  
657  
658  
659  
660

nossos pensamentos.

Quanto a mim, tenho consciência de ter me excedido ao escrever assim tão longamente. Mas foram vocês que me obrigaram. Eu não faço um discurso longo a não ser para sustentar aqueles que, por negligência, correm o risco de tombar. Pois, conforme vocês me escreveram, dentre vocês que estão na Índia encontram-se alguns irmãos que, oprimidos por tentações contra sua vontade, renunciaram à vida e à condição de monges dizendo que ela é sufocante e semeada de mil perigos. Eles louvaram abertamente a felicidade dos homens do mundo. Eles amaldiçoaram o dia em que tomaram o hábito de monge. Assim, fui obrigado a estender este discurso usando palavras simples, para que mesmo os ignorantes e iletrados possam compreender o que eu digo. Por isso lhes escrevi longamente, para que daqui em diante os monges não proclamem mais a felicidade dos homens do mundo, mas sua própria beatitude. Eu o afirmo sem nenhum espírito de contradição: os monges estão acima dos reis que trazem diademas sobre suas cabeças, eles são mais luminosos e mais gloriosos, pois eles estão sempre próximos de Deus.

E eu suplico sua caridade de se lembrar de mim continuamente em suas orações, de mim que lhes escrevi essas coisas, para que em minha miséria eu receba a graça do Senhor de terminar a vida presente na boa e santa morte. Que o Pai das compaixões e o Deus de toda consolação<sup>661</sup> lhes dê um consolo eterno e uma boa esperança, em Cristo nosso Senhor. A ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

---

661

**TEODORO DE EDESSA**

**CEM CAPÍTULOS**

**DISCURSO SOBRE A CONTEMPLAÇÃO**

*Nosso Pai entre os Santos Teodoro viveu sob os reinados de Heraclius e de Constantino Pogonate, por volta do ano 660. De início ele levou o combate da vida ascética no mosteiro de São Sabas, depois se tornou bispo da cidade de Edessa. Numerosos foram os que testemunharam seus ensinamentos e que deles receberam sua salvação. Ele partiu para a morada celeste num 19 de julho, conforme atesta o livro que relata sua vida. Não sabemos com precisão os escritos que ele deixou. Entretanto, inserimos em nossa coletânea de textos népticos estes cem capítulos compostos por ele. Aos que os lerem com atenção, eles oferecerão numerosos frutos da santa népsis e do socorro espiritual; quem busca a salvação, que venha e colha.*

*No final destes cem capítulos, e ainda sob o nome de Teodoro, nós acrescentamos o Théorétikon, tratado sobre a contemplação. Considerando que este tratado tem uma visão néptica semelhante e procede de um estilo análogo, concluímos por estas semelhanças e sinais que seu verdadeiro autor seja mesmo Teodoro.*

\*

A figura de Teodoro de Edessa, na antologia filocalica, é singular. Não apenas os dois textos a ele atribuídos não são obra sua, mas sua própria identidade é problemática, pois existem dúvidas quanto à autenticidade de seu biógrafo (chamado de Basílio de Emessa) e quanto à própria veracidade de sua biografia. É possível até que Teodoro tenha sido monge no mosteiro de São Sabas, perto de Jerusalém, e que tenha se tornado bispo de Edessa, na Mesopotâmia, na primeira metade do século IX. Porém, mais do que uma soma de testemunhos pessoais, a antologia filocalica é a transmissão milenar de uma experiência comum e o testemunho de uma progressão. Vistas por este ângulo, as duas obras que aqui estão ligadas ao nome de Teodoro são exemplares.

Os *Cem Capítulos* não passam de uma paráfrase livre de textos de Evagro: uma apologia do monge, devotada à beleza e à bondade originais, ao respeito fiel ao pai espiritual, à pobreza, ao silêncio, à memória da morte, à lembrança de Deus, à prece pura, à herança do Reino, à luz “dulcíssima” na qual estão reunidas a solidão e a fraternidade para selar uma à outra no coração do “santo amor”. Existe aí como que uma soma dos ensinamentos fundamentais transmitidos desde o século V pela via hesiquiasta: trata-se, assim, menos de um plágio literário do que de um exercício de transmissão.

O *Théorétikon*, ou discurso “sobre a contemplação”, é de outra extirpe. Ele só retoma o curso da ascese para conduzi-lo à incandescência da deificação. A humildade é doravante integrada naquilo que é aqui chamado de “tensão total e contínua para a beleza primeira”. O conhecimento cristão é sobrenatural por definição. Ele acolhe a beleza das criaturas apenas para remontar imediatamente para a causa em ação de graças, e se comprazer no encantamento e na adoração do Criador. Ele é dedicado a este esplendor envolvente que o *Theorétikon* chama de “fluxo divino” ou de “círculo que se inicia no mesmo e que termina no mesmo”, ou seja, à contemplação da luz incriada: o testemunho reiterado desses místicos bizantinos que foram contemporâneos do fim histórico de um Império milenar, e de que autor do discurso parece ser um epígono, talvez até um epígono posterior ao fim do Império. Seu texto seria então o mais recente da antologia.

De qualquer maneira, os cem capítulos e o discurso “sobre a contemplação” parecem bem ser os dois pólos da experiência hesiquiasta, dos primeiros movimentos dos anacoretas egípcios, nos séculos IV e V, até o último testemunho, trazido pelos místicos bizantinos do norte da Grécia, no século XIV. Certamente, Teodoro não passa aqui de um pseudônimo. Mas entre as fundações e a chave da abóboda, seu nome mesmo designa o essencial: o “dom de Deus”.

DO NOSSO PAI TEODORO, BISPO DE EDESSA  
DO NOSSO PAI TEODORO, BISPO DE EDESSA

CEM CAPÍTULOS

1. Nós que, pela graça do bom Deus, renunciamos a Satanás e às suas obras e nos unimos a Cristo pelo banho da regeneração e pela profissão monástica daí para diante, conservemos seus mandamentos. Não apenas a dupla promessa, mas também a dívida natural, o exigem de nós. Deus nos criou bons na origem, e é isto o que devemos ser. Mesmo que o pecado que penetrou em nós devido à nossa negligência nos tenha levado àquilo que é contra a natureza, nós fomos chamados pela abundante compaixão de nosso Deus, e fomos renovados pela paixão do Impassível. Nós fomos resgatados pelo sangue de Cristo<sup>662</sup>, libertados da antiga transgressão transmitida pelo ancestral. Portanto, não existe nada de grande em nós por termos nos tornado justos. Mas decair da justiça continua sendo para nós uma coisa lamentável, digna de ser condenada.

2. Assim como uma boa obra, feita sem a fé reta, é inteiramente morta e ineficaz, também a simples fé, sem as obras da justiça<sup>663</sup>, não nos livrará do fogo eterno. Pois diz o Senhor: aquele que me ama, observa meus mandamentos<sup>664</sup>; esforcemo-nos para por em prática seus mandamentos, a fim de alcançar a vida eterna. Mas se desdenharmos a observância desses preceitos, aos quais obedece toda a criação, como poderemos nos chamar de fiéis? Nós somos honrados acima de todas as criaturas, mas somos os únicos que desobedecem à ordem d'Aquela que nos criou, e não expressamos nosso reconhecimento diante do Benfeitor.

3. Observando os mandamentos de Cristo, não lhe damos nada. Ele não precisa de nada. É ele que nos dá seus bens. Mas nós nos dedicamos ao serviço de nós mesmos, e suscitamos em nós a vida eterna e o gozo dos bens inexprimíveis.

---

662 Cf. I *Coríntios* VI, 20.

663 Cf. *Tiago* II, 14-26.

664 *João* XIV, 15-23.

4. Devemos evitar e odiar aqueles que se opõem a nós quando procuramos viver conforma os mandamentos, mesmo que sejam nosso pai ou nossa mãe, para que não ouçamos: “Aquele que ama a seu pai ou sua mãe, ou qualquer pessoa, mais do que a mim, não é digno de mim<sup>665</sup>”.

5. Devemos nos dedicar com todas as nossas forças para trabalharmos nos mandamentos do Senhor, a fim de não permanecermos amarrados pelos laços, tão difíceis de desatar, dos maus desejos e das paixões que corrompem a alma<sup>666</sup>, e para que não seja pronunciado contra nós o julgamento da figueira estéril: “Corte-a, para que ela não ocupe lugar inutilmente<sup>667</sup>”. “Quem quer que não dê bom fruto, foi dito, será cortado e atirado ao fogo<sup>668</sup>”.

6. Quem é vencido pelos desejos e prazeres e retorna ao mundo, logo cairá nas armadilhas do pecado. Um pecado cometido uma vez é como um fogo na folhagem seca, uma pedra numa vertente, uma enchente que alarga as passagens. Todas estas imagens evocam a perdição daquele que se entrega ao pecado.

7. Uma vez que vai contra a natureza, a alma, tornada selvagem, crivada dos espinhos do prazer, torna-se a morada de feras estranhas, conforme foi dito: “Os centauros repousarão aí, o porco espinho fará nela seu ninho e os demônios aí encontrarão os centauros<sup>669</sup>”, que são as diversas paixões da infâmia. Mas a partir do momento em que ela retornar àquilo que é conforme a natureza (pois ela pode, se quiser, por estar unida à carne), a partir do momento em que ela for adoçada à força de aplicação e diligência e que ela viva na lei de Deus, as feras que antes se aninhavam nela fugirão. Os anjos que cuidam de nossa vida virão e farão deste retorno um dia de glória<sup>670</sup>. E a graça do Espírito Santo permanecerá nela, ensinando-a a conhecer o modo de se proteger e de avançar sempre em direção às alturas.

---

665 *Mateus* X, 37.

666 Cf. *Provérbios* V, 23.

667 *Lucas* XIII, 7.

668 *Mateus* III, 10.

669 *Isaías* XXXIV, 11-14.

670 Cf. *Lucas* XV, 17.

8. Os Padres chamam a oração de arma espiritual. Não podemos ir para o combate sem ela, para não sermos capturados e oprimidos no país dos inimigos. Não é possível adquirir a prece pura sem se agarrar a Deus com um coração direito. Pois quem dá a oração àquele que ora é o mesmo que ensina o conhecimento ao homem<sup>671</sup>.

9. Não depende de nós que as paixões atormentem nossa alma e nos combatam. Mas está em nosso poder fazer com que seus pensamentos não se demorem em nós nem nos perturbem. No primeiro caso não existe pecado, porque isto não depende de nós. No segundo caso, se resistirmos corajosamente e formos vencedores, seremos coroados. Mas se formos vencidos pela displicência e a preguiça, receberemos os castigos.

10. Todas as paixões nascem de três paixões fundamentais: o amor aos prazeres, o amor ao dinheiro e o amor à vanglória. Cinco outros espíritos de malícia as seguem, dos quais provém todo o enxame das paixões e as múltiplas formas de vícios. Portanto, aquele que vencer as três primeiras que conduzem as outras, derrubará as outras cinco, e a seguir todas as demais paixões.

11. Tudo o que fizermos sob o efeito de uma paixão, será também lembrado pela alma com paixão. Mas quando as lembranças apaixonadas desaparecem do coração e cessam de assaltá-lo, este é o sinal do perdão das faltas passadas. Pois enquanto a alma vive na paixão, reconhecemos nela o domínio do pecado.

12. As paixões corporais e materiais diminuem e perecem naturalmente com os sofrimentos do corpo. Mas as paixões da alma, as paixões invisíveis, desaparecem com a humildade, a doçura e o amor.

13. A temperança e a humildade consomem o desejo passional. O amor suaviza o ardor abrasador. Uma oração intensa e a lembrança de Deus reúnem o pensamento que vagueia. Assim são purificadas as três partes da alma. Apontando esta via reta, o divino apóstolo disse: “Busquem a paz com todos e a santificação, sem o que ninguém verá o Senhor<sup>672</sup>”.

---

671 *Salmo XCIV, 10.*

672 *Hebreus XII, 14.*

14. Alguns se perguntam se são os pensamentos que suscitam as paixões, ou se são as paixões que suscitam os pensamentos. Uns dizem uma coisa, outros outra. Quanto a mim, afirmo que os pensamentos provêm das paixões. Pois se as paixões não estivessem presentes na alma, seus pensamentos não a perturbariam.

15. É comum que os demônios, que nos combatem sempre, se oponham às virtudes que nos fortificam e nos convém, mas deem passo livre a tudo o que enfraquece e é inoportuno. Eles empurram aqueles que progridem na submissão a tentar os labores dos hesiquistas. Por outro lado, eles sugerem aos hesiquistas e anacoretas o desejo pela regra cenobítica. Eles utilizam este método para cada virtude. Mas não ignoremos seus pensamentos, saibamos ver o bem que é feito a seu tempo e com medida, e inversamente conheçamos tudo o que é nocivo e que é feito sem medida e fora de seu tempo.

16. Aqueles que estão no mundo e que vivem na própria matéria das paixões são combatidos e assaltados pelos demônios nas ações. Mas os que vivem nos desertos e que pouco agem são atormentados pelos pensamentos. O segundo combate é muito mais difícil do que o primeiro. Aquele, por intermédio do que fazemos, está ligado ao tempo, ao lugar e à necessidade. O outro, o do intelecto, é extremamente fluído, difícil de conduzir. Mas para o combate nesta luta incorpórea, nos foi dada a prece pura, e recebemos por lei recitá-la continuamente<sup>673</sup>. Ela fortalece o intelecto e o prepara para combate, pois ela pode ser exercida mesmo sem o corpo.

17. O divino apóstolo referiu-se {a extinção das paixões quando disse que os discípulos de Cristo crucificaram a carne com as paixões e os desejos<sup>674</sup>. Com efeito, quando fazemos morrer as paixões e desaparecer os desejos, e submetemos ao Espírito as necessidades da carne, recebemos a cruz e seguimos a Cristo<sup>675</sup>. Pois a anacorese não é outra coisa do que a extinção das paixões e a manifestação da vida secreta em Cristo<sup>676</sup>.

---

673 *Cf. I Tessalonicenses V, 17.*

674 *Gálatas V, 24.*

675 *Mateus XVI, 24.*

676 *Cf. Colossenses III, 3s.*

18. Aqueles que são atormentados pelos levantes deste corpo de morte e renunciam a combatê-los todo o tempo, não culpem a carne, mas a si mesmos. Pois se eles não o tivessem fortalecido, atendendo ao seu desejo<sup>677</sup>, não seriam atormentados assim. Ou então eles não souberam ver os que se crucificaram com as paixões e os desejos<sup>678</sup> e carregaram a morte de Jesus em sua carne mortal<sup>679</sup>, para que esta não se opusesse a eles, mas que trabalhasse com eles para o bem, dócil e submetida à lei de Deus. Que eles façam o mesmo, e desfrutarão do mesmo repouso.

19. Todo consentimento do pensamento ou toda inclinação prazerosa para uma desejo ao qual ele renunciou é um pecado para o monge. O pensamento começa por obscurecer o intelecto em sua parte sujeita à paixão, depois a alma se inclina para o prazer, não suportando mais o combate. É isto que chamamos assentimento, que é um pecado, como foi dito. Se quisermos contemporizar com ele, começa aquilo que chamamos de paixão. A seguir chega-se pouco a pouco ao ato efetivo do pecado. É por isso que o profeta glorificou aqueles que atiraram contra o rochedo os filhos da Babilônia<sup>680</sup>. Para quem tem inteligência e sabedoria, a alusão é clara.

20. Os anjos, que servem ao amor e à paz, se regozijam com nosso arrependimento<sup>681</sup> e com nosso progresso na virtude. Eles se apressam em nos cumular com contemplações espirituais, e abrem para nós tudo o que há de bom. Inversamente, os demônios, que suscitam a cólera e a malícia, se regozijam quando a virtude diminui, e fazem todo o esforço para inclinar nossas almas para imaginações infames.

21. A fé é a bondade bem organizada. Ela gera em nós o temor a Deus. O temor a Deus nos ensina a observação dos mandamentos, dita “ativa”. Da observação ativa nasce a preciosa impassibilidade. O filho da impassibilidade é o amor, que cumpre, concentra e guarda todos os mandamentos<sup>682</sup>.

---

677 Cf. *Romanos* XIII, 14.

678 Cf. *Gálatas* V, 24.

679 Cf. II *Coríntios* IV, 10.

680 Cf. *Salmo* CXXXVII, 9.

681 Cf. *Lucas* XV, 7.

682 Cf. *Romanos* XIII, 10.

22. Enquanto estão em bom estado, os sentidos sabem qual enfermidade toma o corpo. Quem não consegue discernir isto sofre de insensibilidade. Também o intelecto, enquanto mantém a salvo sua própria energia, conhece suas forças. Ele sabe aonde é atacado mais duramente pelas paixões, e dirige para esta parte o grosso da luta. Mas isto não é fácil se ele perde seu tempo na insensibilidade; então ele se parece com alguém que luta à noite, e não vê os pensamentos que o atacam.

23. Quando nossa razão se aplica firmemente à contemplação das virtudes, quando nosso desejo não tende senão para esta e para Cristo que no-la dá, quando nosso ardor está armado contra os demônios, então nossas forças agem de acordo com a natureza.

24. Toda alma racional tem três partes, segundo Gregório o Teólogo. Ele chama a virtude formada na razão de inteligência, consciência e sabedoria; a que se forma no ardor, de coragem e paciência; a que é formada no desejo, de amor, castidade e temperança. Por todas essas virtudes reparte-se a justiça, pronta a agir quando for preciso. Por meio da inteligência, ela combate as potências contrárias e defende as virtudes; por meio da castidade, ela vê as coisas impassivelmente; por meio do amor, ela leva cada qual a amar a todos como a si mesmo; pela temperança, ela poda os prazeres; pela coragem e a paciência, ela se arma para os combates invisíveis. Esta é a harmonia do instrumento melodioso da alma.

25. Quem se dedica à castidade e deseja a pureza bem-aventurada, que sem medo de errar podemos chamar de impassibilidade, deve bater e dominar a carne<sup>683</sup>, pedindo a graça divina com um pensamento humilde, e assim obterá o que deseja. Mas quem dá ao corpo um excesso de alimentos sofrerá com o espírito da prostituição. Do mesmo modo que muita água extingue a chama, a fome e a temperança unidas à humildade da alma afastam a inflamação da carne e as imaginações infames.

26. Você que ama a Cristo, afaste sempre de si a paixão do ressentimento. Jamais dê ocasião para a inimizade. Pois o ressentimento faz seu ninho no coração, como o fogo que se esconde num telhado de palha. Ao contrário, reze ardentemente por quem lhe afligiu, e faça o bem a ele, se sua mão puder, a fim

---

683 Cf. I *Coríntios* IX, 27.



de que sua alma seja liberta da morte, e para que suas palavras sejam livres no momento da prece.

27. Na alma dos humildes repousará o Senhor. Mas no coração dos orgulhosos moram as paixões da infâmia. De fato, nada lhes dá mais força contra nós do que os pensamentos altaneiros. E nada desenraiza melhor as ervas daninhas da alma do que a bem-aventurada humildade, da qual se diz com razão que destrói as paixões.

28. Que sua alma se purifique dos maus desejos, e que ela se ilumine com os pensamentos mais nobres. Tenha sempre no espírito o que foi dito: um coração que ama o prazer é uma prisão e uma cadeia no tempo do êxodo. Mas um coração que ama o padecer é uma porta aberta. Em verdade, os anjos orientam e dirigem para a vida bem-aventurada as almas puras que deixam o corpo. Mas as almas manchadas e que não se arrependem, pois bem, os demônios as tomarão.

29. Bela é a cabeça ornada com um diadema precioso, pedras das Índias e pérolas brilhantes. Mas incomparavelmente mais bela é a alma rica do conhecimento de Deus, iluminada pelas contemplações mais brilhantes. Ela é a morada do Espírito Santo. Quem poderá descrever com justiça a beleza desta alma bem-aventurada?

30. Não deixe que a irritação e a cólera habitem em você. Foi dito que um homem irascível não é um homem nobre<sup>684</sup>. Mas a sabedoria repousará no coração dos mansos. Se a paixão da cólera dominar a sua alma, os que vivem no mundo serão mais fortes do que você e você será confundido por não permanecer na solidão de um monge experiente.

31. Em todas as tentações e todos os combates, faça da oração sua arma invencível, e você vencerá pela graça de Cristo. Que sua prece seja pura, como nos ensinou um mestre sábio ao dizer: “Quero que os homens orem em todos os lugares, tendo as mãos piedosas, sem cólera nem disputas<sup>685</sup>”. Quem negligencia esta oração será entregue às tentações e às paixões.

---

684 Cf. *Provérbios* XI, 25.

685 I *Timóteo* II, 8.

32. Foi escrito que o vinho alegra o coração do homem<sup>686</sup>. Mas você, que está votado ao luto e às lágrimas, decline desta alegria e regozije-se com os dons do Espírito. Se é o vinho que o alegra, você viverá com pensamentos infames e com ele será conduzido a muitas tristezas.

33. Compreenda que não é bebendo vinho que se celebram as festas, mas renovando o intelecto e purificando a alma. Enchendo seu ventre de comidas e de vinho, você só conseguirá irritar aquele que preside a festa.

34. Foi-nos ordenado velar nas salmódias, nas orações e nas leituras, e em especial quando celebramos as festas. Pois o monge que vela aguça seu pensamento em vista das contemplações nas quais a alma encontra seu bem. Excesso de sono, ao contrário, torna pesado o intelecto. E quando você vela, procure não se dedicar a leituras vazias ou a pensamentos maliciosos. É melhor deitar-se do que velar falando ou pensando em vão.

35. Aquele que leva uma serpente em seu seio e o que nutre pensamentos maliciosos em seu coração perecerá, um porque fere seu corpo com uma picada venenosa, outro porque coloca em sua alma um veneno mortal. Destruamos o mais depressa possível as ninhadas de víboras, e não levemos pensamentos de malícia no coração, para não sofrermos amargamente.

36. A alma pura é um vaso de eleição, um jardim fechado, uma fonte selada<sup>687</sup>, um trono dos sentidos. É justo chamá-la assim. Mas a alma manchada de impurezas está cheia do mau odor do esgoto.

37. As belas vestimentas, o ventre saciado, os encontros nocivos, enchem a alma de pensamentos maliciosos. Apreendi isto tanto por experiência como pela prática dos antigos.

38. Que o desejo pelo dinheiro não habite a alma dos ascetas. Um monge que possui riquezas é como um navio que se enche de água, batido pelas ondas dos cuidados, e que afunda no abismo da tristeza. O amor pelo dinheiro é um mal que engendra múltiplas paixões. Com justiça, foi chamado de raiz de

---

686 *Salmo* CIV, 15.

687 *Cânticos* IV, 12.

todos os males<sup>688</sup>.

39. A pobreza e o silêncio são um tesouro escondido no campo<sup>689</sup> da vida monástica. Assim, quando você partir, venda tudo o que possui, dê o dinheiro aos pobres<sup>690</sup>, adquira este campo, descubra seu tesouro, e guarde-o para si em um refúgio inviolável, a fim de se tornar rico desta riqueza que nunca se esgota.

40. Se você vive com um pai espiritual e sente toda a ajuda que dele recebe, que ninguém o separe de seu amor e da vida em comum. Não o julgue em nada, não o critique, não o ofenda, não diga mal algum dele, não escute a quem o diminui, não se aproxime de quem o insulta, a fim de não provocar o Senhor e não ser por ele apagado do livro dos vivos<sup>691</sup>.

41. Chega-se à submissão ao cabo de um longo esforço por meio da renúncia, conforme aprendemos. Mas quem a procura deve cercar-se de três armas, vale dizer, a fé, a esperança e a caridade<sup>692</sup> venerável e divina, a fim de que, protegido por elas, sustente o bom combate e receba a coroa da justiça<sup>693</sup>.

42. Não seja o juiz das obras de seu pai espiritual, mas cumpra com os mandamentos. Pois é costume dos demônios mostrarem a você as suas falhas para tornar seus ouvidos surdos às suas palavras, ou para afastá-lo da luta como um fraco e preguiçoso, ou esgotá-lo até o ponto que você não tenha mais do que pensamentos sem fé, relaxando em você todas as formas da virtude.

43. Quem desobedece aos comandos paternos transgride os próprios termos da promessa. Mas quem acolhe em si a obediência imola seu próprio querer sob a espada da humildade, cumprindo, no que lhe diz respeito, aquilo que Cristo pediu a muitos mártires.

---

688 Cf. I *Timóteo* VI, 10.

689 Cf. *Mateus* XIII, 44.

690 Cf. *Mateus* XIX, 21.

691 Cf. *Êxodo* XXXII, 33; *Salmo* LXIX, 29.

692 Cf. I *Coríntios* XIII, 13.

693 Cf. II *Timóteo* IV, 7-8.

44. Nós sabemos, por experiência própria e por termos aprendido, que os demônios, os inimigos de nossa vida, são extremamente ciumentos em relação àqueles que se submetem aos pais espirituais. Eles rangem os dentes contra eles e imaginam toda sorte de intrigas. O que não fazem, o que não sugerem, para arrancá-los ao abraço paterno? Eles inventam bons pretextos, eles fomentam crises, eles suscitam a raiva contra os pais, eles apresentam suas admoestações como se fossem castigos, eles cravam suas censuras como se fossem flechas agudas. Como, dizem eles, você que é livre, se tornou o servidor, o escravo de um mestre impiedoso? Até quando você se cansará sob o jugo da servidão e ficará provado de ver a luz da liberdade? Eles colocam em primeiro lugar o acolhimento aos estrangeiros, a visita aos doentes, os cuidados com os pobres. Depois eles exaltam a mais extrema hesíquia, o espetáculo da solidão, e semeiam toda espécie de ervas daninhas no coração do combatente da piedade. Mas eles não buscam outra coisa do que fazê-lo sair do aprisco espiritual, a se afastar do porto calmo e se atirar no mar agitado pelas ondas em que perecem as almas. Então eles o tornam cativo sob seu poder e o fazem cumprir sua vontade perversa.

45. Você que vive submetido a um pai espiritual, não ignore as armadilhas dos inimigos e dos adversários. Não esqueça sua profissão de fé e sua promessa a Deus, não se deixe vencer pelos excessos, não tema as censuras, nem as ironias e as gozações, não ceda aos transbordamentos dos pensamentos maliciosos, não fuja da severidade paterna, não desonre o nobre jugo da humildade sob a audácia da auto-suficiência e da presunção. Tenha em seu coração a palavra do Mestre: “Quem perseverar até o fim será salvo<sup>694</sup>”. Leve com paciência o curso que lhe foi proposto, tendo sempre diante dos olhos a Jesus, fundamento e cumprimento da fé<sup>695</sup>.

46. Quando o ourives funde o ouro, ele o torna mais puro. O mesmo acontece com o monge noviço que se entrega aos combates da submissão e ao fogo das duras provas da vida em Deus. Quando, suportando as penas e exercendo a paciência, ele aprende a obedecer e refaz seus hábitos, então ele descobre a humildade, e chega a um estado luminoso, tornando-se digno dos tesouros celestes, da vida que não morre e do fim bem-aventurado, de onde fogem a

---

694 *Mateus* X, 22.

695 Cf. *Hebreus* XII, 1-2.

dor e os gemidos<sup>696</sup> e aonde crescem a alegria e o regozijo contínuos.

47. Uma fé reta e profunda engendra o temor a Deus, e este nos ensina a observar os mandamentos. Com efeito, foi dito que temer é observar os mandamentos. Da observação dos mandamentos nasce a virtude ativa, que é o começo da virtude contemplativa. Seu fruto é a impassibilidade. E é da impassibilidade que nos vem o amor, do qual fala o discípulo bem-amado: “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele<sup>697</sup>”.

48. Verdadeiramente bela e boa é a vida do monge! Bela e boa, por ser vivida segundo as condições e as leis colocadas por aqueles que a fundaram e dirigem, inspirados pelo Espírito Santo. Quem combate por Cristo deve, com efeito, ter uma existência imaterial, sem tomar parte de nenhum pensamento ou atividade deste mundo, como disse o Apóstolo: “Ao se alistar no exército, ninguém se deixará envolver pelas questões da vida civil, se quiser satisfazer a quem o alistou no regimento<sup>698</sup>”.

49. O monge deve ser imaterial, impassível, sem nenhum mau desejo, sem preguiça, sem embriagar-se de vinho, não ser descuidado ou negligente, não amar o dinheiro, nem o prazer, nem a vanglória. Sem se afastar desses vícios, ninguém consegue atingir a vida angélica. Mas para os que conseguem levar com sucesso a vida angélica, seu jugo é bom e a carga é leve<sup>699</sup>, pois a esperança divina sustenta e alivia tudo. Uma vida assim é doce. A ação é alegre. Esta é a boa parte; ela não será tirada<sup>700</sup> à alma que a possui.

50. Você que deixou os cuidados da vida e entrou para o combate da ascese, não deseje possuir riquezas para distribuí-las aos pobres. Esta é mais uma ilusão do Maligno: fazendo o intelecto se ocupar de muitas coisas, ele o conduz à vaidade. Não tenha mais do que pão e água, para ter o salário da hospitalidade. E se você não tiver nada, você ainda poderá acolher o hóspede com toda a bondade de sua simples intenção, conversar com ele, consolá-lo, e

---

696 *Isaiás XXXV, 10.*

697 *I João IV, 16.*

698 *II Timóteo II, 4.*

699 *Cf. Mateus XI, 30.*

700 *Cf. Lucas X, 42.*

conseguir assim o salário da hospitalidade. No Evangelho você tem o testemunho do Senhor: a viúva que, com seus dois vinténs, ultrapassou as intenções e o poder dos ricos.

51. Isto vale para os que vivem na hesíquia. Mas para aqueles que vivem submetidos a um pai espiritual, que não tenham senão uma coisa no espírito: não transgredir suas ordens em nada. Se conseguirem isto, todo o resto ficará bem. Inversamente, se eles se afastarem da rigorosa disciplina desta vida, eles serão incapazes de qualquer forma de virtude ou de conduta espiritual.

52. Você que ama a Cristo, receba de mim ainda este conselho: ame o exílio, afastado das circunstâncias em que vive seu próprio país. Não se encarregue dos cuidados com os parentes nem com a amizade dos seus próximos. Fuja da vida na cidade, e persevere no deserto. Diga com o profeta: “Eis que eu fugi para longe e fiz do deserto a minha moradia<sup>701</sup>”.

53. Procure os lugares do mundo que são isolados e distantes. Mesmo que lá tudo seja difícil, mesmo que lhe falem as coisas necessárias, não tema. Se os inimigos o cercam como abelhas<sup>702</sup> e marimbondos pérfidos, se o assaltam e atormentam com toda sorte de agressões e pensamentos, não se assuste, e não se deixe levar a ouvi-los, não fuja da arena de combate. Antes seja paciente e persevere, permanecendo firme sob o encanto das palavras do seu cântico: “Eu perseverarei no Senhor. Ele veio a mim e atendeu minha prece<sup>703</sup>”. Então você verá as grandes coisas de Deus, a proteção, a solicitude, e todos os outros caminhos da providência que leva à salvação.

54. Se você ama a Cristo, seus amigos devem ser pessoas que o ajudam e partilham de sua vida. Pois foi dito: Que seus amigos sejam homens de paz, irmãos de espírito, pais em santidade, de quem disse o Senhor: “Minha mãe e meus irmãos são os que fazem a vontade do meu Pai que está nos Céus<sup>704</sup>”.

55. Não sinta desejo por alimentos variados e suntuosos, nem pelo luxo

---

701 *Salmo LV, 8.*

702 *Cf. Salmo CXVIII, 12.*

703 *Salmo XL, 2.*

704 *Mateus XII, 50.*

mortal. Pois foi dito: “Quem vive no luxo, ainda que vivo, está morto<sup>705</sup>”. Recuse satisfazer-se com esta abundância, se você puder. Com efeito, foi escrito: “Não se deixem enganar pela saciedade do ventre<sup>706</sup>”.

56. Recuse as estadias contínuas fora de sua cela, se você escolheu viver na hesíquia, pois elas fazem muito mal. Elas lhe roubam a graça, obscurecem a inteligência, esgotam o desejo. Por isso foi dito: “O turbilhão da concupiscência mina a alma ingênua<sup>707</sup>”. Rompa com as relações numerosas. Que seu intelecto não esteja atarefado, e que ele não se desvie do curso da hesíquia.

57. Sentado em sua cela, não deixe que seu trabalho perca a razão de ser, enchendo-o de ócio. Foi dito que quem viaja sem objetivo pena em vão. Trabalhe naquilo que é bom, reúna seu intelecto, tenha sempre diante dos olhos a hora da morte, lembre-se da vaidade do mundo, do quanto ela é enganadora, impotente e nula. Considere os perigos do terrível julgamento, quando os demônios, percebendo o que lhes é devido virão para revelar nossos atos tais como foram, as razões e os desejos que eles próprios provocaram e que nos fizeram assumir como nossos. Lembre-se dos tormentos do inferno, e de como as almas estão lá encerradas. Mas lembre-se também deste grande e formidável dia, falo do dia da ressurreição comum, do comparecimento diante de Deus, e da última decisão do juiz que ninguém pode enganar. Considere o castigo que surpreenderá os pecadores, a vergonha da consciência acusada, o descarte para o fogo eterno, para as trevas sem luz, aonde já não há nada para se ver, o choro e o ranger de dentes<sup>708</sup>. Examine todos os outros castigos. Não cesse de molhar com lágrimas seus joelhos, suas vestes, o lugar em que estiver. Já vi muitos que, pensando nessas coisas, choraram todas as lágrimas do seu corpo e purificaram maravilhosamente todas as potências da alma.

58. Mas lembre-se também dos bens reservados aos justos: sua presença à direita de Cristo, a bendita voz do Mestre, a herança do Reino dos céus, do dom que ultrapassa toda inteligência, esta luz doce, a alegria que não tem fim

---

705 I *Timóteo* V, 6.

706 *Provérbios* XXIV, 15.

707 *Sabedoria* IV, 12.

708 Cf. *Marcos* IX, 44; *Mateus* VIII, 12.

e que nenhuma tristeza poderá interromper, as moradas celestes, a vida com os anjos, e tudo o mais que foi prometido àqueles que reverenciam o Senhor.

59. Que estes pensamentos permaneçam com você, com você repousem e com você se levantem. Esteja atento para jamais esquecê-los. Aonde quer que você esteja não subtraia a seu intelecto esta lembrança, a fim de que os pensamentos maliciosos fujam e que você fique cheio da consolação divina. A alma que não está cercada das muralhas desta meditação não pode atingir a hesíquia. Ela será como uma fonte seca, e não merecerá seu nome.

60. Tal é o modo de vida que aqueles que escolheram a hesíquia devem tomar como lei: jejuar tanto quanto possível, velar, dormir sobre o solo e adotar todos os sofrimentos que preparam para o repouso futuro. Pois foi dito que os sofrimentos do tempo presente nada são comparados com a glória que se revelará a nós<sup>709</sup>. E, sobretudo, carregar em si a prece pura, por assim dizer incessante e contínua, aquela que é a fortaleza segura, o porto calmo, a salvaguarda das virtudes, o fim das paixões, a tensão da alma, a purificação do intelecto, o repouso dos que dormem, o consolo dos que choram. A prece é o reencontro com Deus, a contemplação do invisível, a certeza dos que desejam, a vida angélica, o impulso que leva ao bem, o fundamento daquilo que se espera<sup>710</sup>. Asceta, abraça com todas as suas forças esta rainha das virtudes. Reze noite e dia, quer você perca a coragem, quer esteja seu coração ardente. Reze com temor e com tremor, com o intelecto sóbrio e desperto, para que o Senhor receba sua oração. Foi dito que os olhos do Senhor estão sobre os justos e que seu ouvido está atento à sua oração<sup>711</sup>.

61. Um dos antigos<sup>712</sup> disse com toda justiça que, dentre os demônios que nos atacam, a linha de frente do combate é formada pelos que nos dispõem à glotoneria, os que nos incitam o amor pelo dinheiro, e os que nos convidam a procurar a vanglória. Todos os que vêm depois nada mais fazem do que receber aqueles que foram assim feridos.

62. Em verdade sabemos, por termos sido marcados, que não há homem que

---

709 *Romanos* VIII, 18.

710 Cf. *Hebreus* XI, 1.

711 *Salmo* XXXIV, 16.

712 Evagro, o Pôntico.

haja caído por causa de um pecado ou de uma paixão sem que antes tenha sido ferido por um desses três demônios. Estes, aliás, foram os três pensamentos que o diabo propôs ao Salvador<sup>713</sup>. Mas nosso Senhor foi mais forte do que eles e ordenou ao diabo que recuasse. E em sua bondade e amor pelos homens, ele nos deu a vitória sobre ele. Revestido de um corpo, em tudo sujeito aos mesmos sofrimentos do que nós – embora sem pecado<sup>714</sup> – o Mestre nos mostrou o caminho reto da inocência. Se o seguirmos, reformaremos em nós o homem novo, renovado à imagem d'Aquele que nos criou<sup>715</sup>.

63. O salmo de Davi ensina a desprezar com uma perfeita aversão os demônios, como inimigos de nossa salvação<sup>716</sup>. Esta é uma coisa absolutamente necessária para trabalhar pela virtude. Mas quem é aquele que despreza com uma perfeita aversão os inimigos? É quem não mais peca nem em ato nem em pensamento. Enquanto as coisas que nos levam a amar os demônios – ou seja, as causas das paixões – permanecerem em nós, como chegar a desprezá-los? Um coração que ama o prazer não consegue ao mesmo tempo nutrir tal desprezo.

64. A veste nupcial é a impassibilidade da alma racional que se separou dos prazeres do mundo e renunciou a todas as tolas concupiscências, para se dedicar às meditações do amor de Deus e ao puro exercício das contemplações. Mas as paixões da infâmia e suas intrigas despojam o homem da túnica da castidade. Os andrajos rasgados e sujos o degradaram, como mostram os Evangelhos. Quem é atirado nas trevas de pés e mãos atados teve suas vestes tecidas com tais pensamentos e tais atos: é deste que o Evangelho diz não ser digno das bodas divinas e incorruptíveis<sup>717</sup>.

65. Um sábio disse a respeito do egoísmo que ele despreza todos os seres. O perigoso combate no qual o egoísmo nos atira é, com efeito, o primeiro dentre os pensamentos. Ele é como um tirano. Com os pensamentos, as três

---

713 Cf. *Mateus* IV, 1-10.

714 Cf. *Hebreus* IV, 15.

715 Cf. *Colossenses* III, 10.

716 Cf. *Salmo* CXXXIX, 22.

717 Cf. *Mateus* XXIV, 1s.

primeiras paixões e as cinco demais se apoderam de nosso intelecto<sup>718</sup>.

66. Eu duvido que seja possível saciar-se de alimentos e ao mesmo tempo adquirir a impassibilidade. Quando digo impassibilidade, não me refiro à abstinência do pecado ativo, que é a temperança, mas à impassibilidade que desenraiza do intelecto os pensamentos passionais e que é chamada de pureza do coração.

67. É mais fácil purificar uma alma impura do que trazer à saúde uma alma que tenha sido curada e novamente ferida. Quaisquer que sejam as faltas nas quais caíam aqueles que acabam de se separar da confusão do mundo, é para estes mais fácil alcançar a impassibilidade. Mas os que provaram da bondade das palavras de Deus, que avançaram no caminho da salvação, e que retrocederam para o pecado, têm grande dificuldade em reencontrar a impassibilidade. Os primeiros são presa dos estados de malícia e dos maus hábitos, mas os outros o são do demônio da tristeza, que se agarra às pupilas dos olhos e oferecem as imagens do pecado. Mas uma alma zelosa e que ama o sofrimento pode corrigir tudo facilmente, mesmo o que é difícil de consertar, se for ajudada pela graça divina que nos manifesta seu amor pelo homem e sua paciência, que nos chama ao arrependimento, e que nas entranhas inefáveis de sua compaixão recebem aqueles que retornam, como nos ensinam os Evangelhos com a parábola do filho pródigo<sup>719</sup>.

68. Nenhum de nós é capaz de, com suas próprias forças, sobrepujar as intrigas e as armadilhas do Maligno. Só o podemos pelo invencível poder de Cristo. Aqueles que, em seu orgulho, pretendem abolir o pecado com suas ascetes e por sua simples vontade estão enganados. O pecado só pode ser abolido pela graça de Deus, porque ele foi destruído pelo mistério da cruz. A flama da Igreja, João Crisóstomo, diz com justiça que o a resolução do homem não é o bastante, se ela não receber um impulso do alto. Reciprocamente, não ganhamos nada recebendo um impulso do alto se não estivermos resolvidos. É o que nos mostram Judas e Pedro. O primeiro, que havia recebido um grande socorro, não tirou nenhuma vantagem dele<sup>720</sup>, pois não estava resolvido e nada deu de si mesmo. O outro, Pedro, estava resoluto,

---

718 Cf. *supra* n.º 10.

719 Cf. *Lucas* XV, 11-22.

720 Cf. *Mateus* XXVII, 5.

mas não recebeu nenhum auxílio e tombou<sup>721</sup>. De fato, a virtude é tecida a um só tempo de resolução e graça. Eu lhes peço então, diz João Crisóstomo, que não durmam deixando tudo repousar nas mãos de Deus, mas que também não pensem que apenas esforçando-se se poderá obter tudo por suas próprias penas.

69. Deus não quer que sejamos negligentes; é por isso que ele não faz tudo sozinho. Ele também não quer que sejamos presunçosos; é por isso que ele não deixa tudo para nós. Nos dois casos, ele nos tira o que é nocivo e nos deixa o que é bom. O Salmista tem razão quando nos ensina que se o Senhor não constrói a casa, aquele que guarda e pena vigia em vão<sup>722</sup>. Pois é impossível caminhar sobre a áspix e o basilisco e pisotear o leão e o dragão<sup>723</sup>, se antes não nos purificarmos o quanto é possível a um homem, e sem recebermos a força d'Aquele que disse aos apóstolos: “Eis que eu lhes dou o poder de pisotear as serpentes e os escorpiões, e todas as potências do inimigo<sup>724</sup>”. Foi-nos ordenado pedir ao Mestre na oração que não nos deixe cair em tentação e que nos livre do mal<sup>725</sup>. Pois se não formos libertos das flechas inflamadas do Maligno<sup>726</sup> e tornados dignos de alcançar a impassibilidade pelo poder e o auxílio de Cristo, se acreditarmos que com nosso próprio poder e nosso próprio esforço podemos obter seja lá o que for, penamos em vão. Quem que superar e paralisar as intrigas do diabo<sup>727</sup> e comungar da glória divina deve, portanto, dia e noite, com lágrimas e gemidos, com um desejo insaciável e uma alma ardente, pedir a ajuda e o consolo de Deus. Quem quiser receber esta ajuda, que torne sua alma pura de toda fruição do mundo, das paixões e dos desejos contrários. De tais almas, diz Deus: “Eu permanecerei e caminharei a seu lado<sup>728</sup>”. Também o Senhor dizia aos seus discípulos: “Quem me ama seguirá meus mandamentos e meu Pai o amará. Nós viremos e faremos nele nossa moradia<sup>729</sup>”.

---

721 *Mateus XXVI, 70s.*

722 Cf. *Salmo CXXVII, 1.*

723 Cf. *Salmo XCI, 13.*

724 *Lucas X, 19.*

725 Cf. *Mateus VI, 13.*

726 Cf. *Efésios VI, 16.*

727 Cf. *Efésios VI, 11.*

728 *Levítico XXVI, 11-12; II Coríntios VI, 16.*

729 *João XIV, 23.*

70. A respeito dos pensamentos, existe uma sentença de um dos antigos, muito sábia e fácil de entender. Ele dizia: Julgue os pensamentos no tribunal do coração; veja se eles são seus, ou se vêm dos adversários. Os que lhe forem próprios e bons, guarde-os no mais profundo da alma, como num tesouro inviolável. Mas os pensamentos contrários, castigue-os sob os golpes do intelecto e da razão, banindo-os, não lhes deixando lugar nem morada no espaço de sua alma, ou, melhor ainda, trespasse-os com a espada da prece e da meditação divina. Uma vez que os ladrões fujam, o chefe dos ladrões terá medo. Com efeito, está dito que quem examina rigorosamente seus pensamentos é também o que ama verdadeiramente os mandamentos.

71. Que aquele que combate a fim de expulsar os que lhe fazem guerra e que o oprimem, chame para lutar a seu lado aliados mais numerosos, ou seja, a humildade da alma, as penas do corpo, todos os sofrimentos da ascese, a prece de um coração aflito e a abundância de lágrimas, com canta Davi: “Veja minha humildade e minhas penas, e perdoe todos os meus pecados<sup>730</sup>”. E: “Não seja surdo às minhas lágrimas<sup>731</sup>”. E ainda: “Minhas lágrimas foram meu pão noite e dia<sup>732</sup>”. E: “Eu misturo minhas lágrimas à minha bebida<sup>733</sup>”.

72. Por meio de numerosos pensamentos, o diabo, o inimigo de nossa vida<sup>734</sup>, minimiza nossos pecados e muitas vezes os cobre com o esquecimento, a fim de que, cedendo sob os sofrimentos, não busquemos mais nos lamentar diante de nossas faltas. Mas nós, irmãos, não esqueçamos nossas faltas, nem nos esqueçamos de pedir o perdão e de nos arrepender quando somos culpados. Lembremo-nos sempre dos pecados e não cessemos de chorar sobre eles, a fim de abrigarmos em nós a boa humildade e de fugirmos das armadilhas da vanglória e do orgulho.

73. Que ninguém imagine ser capaz de suportar as penas e adquirir a virtude por suas próprias forças. Pois a causa de todo bem que há em nós está em Deus, assim como a causa do mal está no demônio que engana nossa alma.

---

730 *Salmo XXV, 18.*

731 *Salmo XXXIX, 13.*

732 *Salmo XLII, 4.*

733 *Salmo CII, 10.*

734 Cf. *I Pedro V, 8.*

Pelo bem que você fizer, ofereça uma ação de graças ao Criador. Mas rejeite e devolva ao seu autor todo o mal que o perturbar.

74. Aquele que une a vida ativa e o conhecimento é um cultivador digno de ser louvado. Ele rega com duas fontes límpidas o campo da alma. Com efeito, pela contemplação do melhor, o conhecimento dá asas ao ser novo. E a ação faz morrer os membros que estão sobre a terra, a prostituição, a impureza, a paixão e a má concupiscência<sup>735</sup>. Uma vez que desapareçam, eclodem as flores das virtudes que trazem os frutos do Espírito, o amor, a alegria, a paz, a paciência, a nobreza, a bondade, a fé, a doçura, a temperança. Então este cultivador prudente, que crucificou a carne com as paixões e as concupiscências<sup>736</sup>, dirá com o pregador teóforo: “Não sou mais eu quem vive, mas Cristo que vive em mim. Aquilo que eu vivo, vivo pela fé, a fé no filho de Deus que me amou e se entregou por mim<sup>737</sup>”.

75. Você que ama a Cristo, jamais se esqueça de que uma paixão que encontra ainda que um só lugar em você enraíza-se duradouramente e traz outras para o mesmo pomar. Pois, embora as paixões se oponham umas às outras, assim como os demônios seus autores, todas buscam de forma unânime a nossa perda.

76. Aquele que com sua ascese consome a flor da carne e acorrenta todas as suas vontades, carrega os estigmas de Cristo em sua carne mortal<sup>738</sup>.

77. Os sofrimentos da ascese têm seu fim no repouso da impassibilidade. Mas o desfrute desemboca nas paixões da infâmia.

78. Não fique ligado em contar os longos anos de sua vida solitária. Nas provações do deserto e na dureza dos combates, não se deixe levar pela vaidade, mas tenha sempre no espírito das palavras do Mestre: “Eu sou um servidor inútil<sup>739</sup>”, que ainda não cumpriu o mandamento. Enquanto permanecemos na vida presente, com efeito, ainda não fomos chamados do

---

735 Cf. *Colossenses* III, 5.

736 Cf. *Gálatas* V, 24.

737 *Gálatas* II, 20.

738 Cf. *Gálatas* VI, 17.

739 *Lucas* XVII, 10.

exílio, e ficamos às margens do rio da Babilônia<sup>740</sup>, fabricando tijolos no Egito<sup>741</sup>, sem ainda ter avistado a terra prometida. Pois ainda não nos despojamos do velho homem corrompido pelos desejos enganadores<sup>742</sup>. Ainda não trazemos a imagem do celeste, porque carregamos a imagem do terrestre<sup>743</sup>. Não temos do que nos glorificar. Devemos, sim, chorar, rogar Àquele que pode nos salvar<sup>744</sup> da servidão do Faraó mais odioso, libertar-nos da cruel tirania e nos permitir entrar na boa terra da promessa, aonde repousaremos no santuário de Deus e nos encontraremos à direita da grandeza do Altíssimo. Os bens que ultrapassam o entendimento não serão obtidos pelas obras com as quais julgamos fazer justiça, mas pela infinita compaixão de Deus. Não deixemos de derramar lágrimas noite e dia, como aquele que disse: “Eu me esgotei gemendo. A cada dia eu banho minhas cobertas, com minhas lágrimas eu molho meu leito<sup>745</sup>”. Pois “aqueles que semeiam nas lágrimas colherão na alegria<sup>746</sup>”.

79. Afaste de você o espírito da falação<sup>747</sup>, pois ele esconde paixões terríveis: de todos os lados a mentira, a linguagem desabrida, a zombaria, a grosseria, a estupidez. Foi dito em breves palavras: “Da falação não demora a aparecer o pecado<sup>748</sup>”. Mas “o homem silencioso é um trono para os sentidos<sup>749</sup>”. Disse o Senhor: “Pediremos conta de toda palavra sem fundamento<sup>750</sup>”. O silêncio é necessário e bom.

80. Foi-nos ordenado não insultar e difamar de volta aqueles que nos insultam, nos injuriam ou nos difamam de qualquer maneira, mas ao contrário, louvá-los e bendizê-los. Com efeito, é na medida em que estamos em paz com os homens que podemos combater os demônios. Mas se nos voltamos contra os nossos irmãos para combatê-los, ficamos em paz com os

---

740 Cf. *Salmo* CXXXVII, 1.

741 Cf. *Êxodo* V, 7s.

742 Cf. *Efésios* IV, 22.

743 Cf. I *Coríntios* XV, 49.

744 Cf. *Hebreus* V, 7.

745 *Salmo* VI, 7.

746 *Salmo* CXXXVI, 5.

747 Cf. *Jó* VIII, 2.

748 *Provérbios* X, 9.

749 *Provérbios* XII, 23.

750 *Mateus* XIV, 36.

demônios. Ora, nós aprendemos que devemos odiá-los com uma aversão total e levar contra eles uma guerra sem volta<sup>751</sup>.

81. Evite atacar o próximo com uma língua ferina, a fim de não ser você mesmo atacado pelo destruidor. Pois eu sei, por ter ouvido a voz do profeta, que é antipático ao Senhor o homem do sangue e da fraude<sup>752</sup>, e que ele destruirá todos os lábios ferinos e as línguas arrogantes<sup>753</sup>. Da mesma forma, evite criticar a falta de seu irmão, para não decair da bondade e do amor, pois quem não sente amor e bondade por seu irmão não conhece a Deus. Como diz João, o filho do trovão, o discípulo bem-amado de Cristo: “Deus é amor<sup>754</sup>”. Com efeito, diz ele, se Cristo, nosso Salvador, “deu sua alma por nós, devemos dar nossas almas pelos nossos irmãos<sup>755</sup>”.

82. É com razão que o amor é chamado de fonte das virtudes, fundamento da lei e dos profetas<sup>756</sup>. Vamos até o fundo de nossas penas, até descobrirmos o santo amor. Com ele expulsaremos a tirania das paixões, nos elevaremos aos céus, carregados pelas asas das virtudes, e veremos a Deus na medida em que isto é possível á natureza humana.

83. Se Deus é amor, aquele que tem amor tem a Deus em si. Mas quando nos falta o amor, ele já não nos ajuda em nada, e não podemos dizer que amamos a Deus. Pois está escrito: “Se alguém diz que ama a Deus, mas despreza seu irmão, este homem é um mentiroso<sup>757</sup>”. E ainda: “Ninguém jamais viu a Deus<sup>758</sup>”, mas “se nos amarmos uns aos outros, Deus permanecerá em nós e seu amor em nós será perfeito<sup>759</sup>”. Vemos assim que, de todos os bens de que fala a santa Escritura, é o amor a coisa mais vasta e mais extrema. Não há forma de virtude pela qual o homem se aproxime e reencontre a Deus que não dependa do amor, nem que o amor não abrace, mantendo-a e protegendo-a de

---

751 *Salmo CXXXIX, 22.*

752 *Salmo V, 7.*

753 *Salmo XII, 4.*

754 *I João IV, 8.*

755 *I João III, 6.*

756 *Cf. Mateus XXII, 40; Romanos XIII, 10.*

757 *I João IV, 20.*

758 *João I, 18.*

759 *I João IV, 12.*

maneira inefável.

84. Quando acolhemos os irmãos que nos visitam, não pensemos que eles desarrumem ou que rompam a hesíquia, para não decairmos da lei do amor. Não os acolhamos como se lhes fizéssemos uma graça, mas antes como se fôssemos nós a receber uma graça sendo-lhes devedores. Ofereçamos nossa hospitalidade com nossas orações e alegria, como nos mostrou o patriarca Abraão. É também o que nos ensina o Teólogo: “Filhos, não amemos em palavras, com a língua, mas em ato e verdadeiramente. Com isto saberemos que vocês estão com a verdade<sup>760</sup>”.

85. O patriarca tinha o exercício da hospitalidade no coração. Diante de sua tenda<sup>761</sup>, ele convidava a todos os que passavam e, para todos, mesmo os ímpios e os bárbaros, sem distinção, oferecia sua mesa. Foi assim que ele foi considerado digno do banquete maravilhoso: ele acolheu os anjos e o Mestre do universo. Vemos, portanto, pela hospitalidade, atenta e resolutamente, a fim de acolher não apenas os anjos, mas a Deus. O Senhor o disse: “Aquilo que vocês fizerem a um dos meus pequeninos, a mim o terão feito<sup>762</sup>”. Assim, é bom fazer o bem a todos, e sobretudo aos que nada podem dar em troca.

86. Aquele que não for condenação pelo seu coração<sup>763</sup>, nem por transgredir as ordens de Deus, nem por sua negligência, nem por haver acolhido um pensamento contrário, terá este coração digno de ouvir: “Bem-aventurados os corações puros, pois eles verão a Deus<sup>764</sup>”.

87. Esforcemo-nos para chegar pela razão a educar os sentidos, em especial os olhos, os ouvidos e a língua, a fim de que ver, ouvir e falar não se tornem para nós uma paixão, mas um ganho. Pois nada nos arrasta tanto ao pecado quanto estes órgãos, quando não são educados pela razão. Reciprocamente, nada é mais disposto do que eles para a obra da salvação, quando a razão os dirige e regula, e os guia para onde deve e para onde quer. Quando eles estão em desordem, o olfato relaxa, o tato se dilata inconsideradamente, e o enxame das

---

760 *I João III, 18-19.*

761 *Cf. Gênese, XVIII, 1.*

762 *Mateus XXV, 40.*

763 *Cf. I João III, 21.*

764 *Mateus V, 8.*



paixões nos invade. Mas se estão postos em ordem pela razão, uma grande paz e uma calma constante se manifestam de todas as partes.

88. Assim como a preciosa mirra, mesmo que encerrada no recipiente, penetra o ar com seu perfume e enche de prazer não apenas os que estão próximos, mas também todos ao redor, também o perfume da alma virtuosa que ama a Deus espalhando-se por todos os sentidos do corpo, revela a virtude que repousa no interior a todos os que se aproximam. Quem não perceberá o imenso perfume que repousa no interior, vendo uma língua que não diz nada de discordante nem de despropositado, mas apenas o que é bom e útil, vendo os olhos concentrados e os ouvidos que não se voltam para cantos e palavras impróprias, vendo um caminhar comedido e um rosto que não se torce em riso, mas apresenta lágrimas e luto? É o que diz o Senhor: “Que a sua luz brilhe diante dos homens para que eles vejam suas boas obras e glorifiquem seu Pai que está nos céus<sup>765</sup>.”

89. Cristo nosso Deus disse nos Evangelhos que o caminho era estreito<sup>766</sup>. Mas ele também disse que o jugo era doce e a carga leve<sup>767</sup>. Como conciliar estas duas coisas que parecem contraditórias? Por natureza, a via pode muito bem ser dura e escarpada, mas com a resolução e a boa esperança dos que a percorrem ela se torna desejável e digna de amor e ela alegre mais do que aflige as almas que amam a virtude. Podemos ver, com efeito, que aqueles que a escolheram seguem pelo caminho estreito e apertado com mais ardor do que por um caminho largo e vasto. Escute o que diz o bem-aventurado Lucas. Os apóstolos que haviam sido chicoteados retiraram-se alegres do Conselho<sup>768</sup>, embora normalmente um chicote, por natureza, cause dor e sofrimento, e não prazer e contentamento. Se os golpes de chibata recebidos por Cristo foram uma fonte de alegria, o que há de espantoso que os outros sofrimentos e ferimentos do corpo tenham o mesmo efeito, quando os recebemos pelo mesmo Cristo?

90. Quando as paixões nos tiranizam e nos mantêm cativos, nos perguntamos por que sofremos tais coisas. Devemos saber que este cativo nos espera

sempre que deixamos de nos dedicar à contemplação de Deus. Mas se colarmos continuamente nosso intelecto a nosso Mestre e Deus, podemos confiar que o Salvador libertará nossa alma de todo cativo de paixões, como disse o Profeta: “Eu tenho sempre o Senhor diante de mim. Ele está à minha direita, eu não tombarei jamais<sup>769</sup>”. O que pode haver de mais doce e mais seguro do que ter sempre o Senhor à nossa direita, cobrindo-nos e nos protegendo, não permitindo que caiamos? Ora, isto está ao nosso alcance.

91. Bem disseram os Padres, e de modo irrefutável: um homem não pode encontrar repouso senão levando dentro de si mesmo o pensamento de que não existe no mundo mais do que ele e Deus. Então seu intelecto deixa de girar. Ele deseja a Deus, e não está ligado senão a ele. Este homem encontrará o verdadeiro repouso. Ele será libertado da tirania das paixões. De fato, foi dito: “Minha alma está ligada a você. Sua direita me mantém<sup>770</sup>”.

92. O egoísmo, o amor pelos prazeres e a vanglória expulsam da alma a lembrança de Deus. O egoísmo é a mãe de males sem iguais. Quando a lembrança de Deus nos falta, o redemoinho de paixões faz em nós sua morada.

93. Quem desenraiza o egoísmo de seu coração dominará facilmente todas as outras paixões, com a ajuda do Senhor. Com efeito, é do egoísmo que provêm a cólera e a tristeza, o ressentimento, o amor pelos prazeres e os excessos de linguagem. Quando este é vencido, as demais paixões capitulam junto. Chamamos de egoísmo ao estado de paixão que nos faz amar o corpo e cumprir as vontades da carne.

94. De todo coração queremos estar continuamente e sem cessar junto daquilo que amamos. E descartamos tudo o que nos impede de nos aproximarmos do amado e de nos unirmos a ele. Equivale a dizer que quem ama a Deus deseja sempre encontrá-lo e viver com ele. Ora, isto nos é possível por meio da oração pura. Devemos nos dedicar à oração, tanto quanto pudermos, pois é ela que nos une ao Mestre, como aconteceu com aquele que disse: “Deus, você é meu Deus, eu o procuro, minha alma tem sede de você<sup>771</sup>”. Quem afasta o

---

765 *Mateus V, 16.*

766 *Cf. Mateus VII, 14.*

767 *Cf. Mateus XI, 30.*

768 *Cf. Atos V, 41.*

---

769 *Salmo XVI, 8.*

770 *Salmo LXIII, 9.*

771 *Salmo LXIII, 2.*

intelecto de todas as formas de malícia, busca a Deus, e nada mais o impede de ser tocado pelo amor divino.

95. Aprendemos que a impassibilidade nasce da temperança e da humildade, e que o conhecimento nasce da fé. A partir daí, a alma progride em discernimento e em amor. Quando ela acolhe em si o amor divino, ela se eleva sem relaxar pelas asas da prece pura até as alturas deste amor, até chegar, como diz o Apóstolo, ao conhecimento do Filho de Deus, ao homem perfeito, à medida da idade da plenitude de Cristo<sup>772</sup>.

96. Pela virtude ativa, o desejo é domado e o ardor é submetido. Pelo conhecimento e a contemplação o intelecto é dotado de asas e, elevando-se acima das coisas materiais, parte na direção de Deus e descobre a verdadeira beatitude.

97. Devemos inicialmente combater para derrubar as paixões e vencê-las com toda nossa força. Depois devemos adquirir as virtudes e não deixar nossa alma nem vazia, nem inerte. Enfim – esta é a terceira etapa do encaminhamento espiritual – devemos guardar sobriamente os frutos de nossas virtudes e de nossas penas. Foi-nos ordenado, com efeito, não apenas de trabalhar as penas, mas de guardar diligentemente<sup>773</sup>.

98. “Que seus rins estejam cingidos e suas lâmpadas acesas<sup>774</sup>”, disse o Senhor. Cingir bem os rins, que nos torna leves e ligeiros, é a temperança aliada à humildade do coração. Chamo de temperança o distanciamento de todas as paixões. E o que ilumina a lâmpada espiritual é a prece pura e o amor perfeito. Os que assim se preparam são verdadeiramente semelhantes a homens que acolhem seu Senhor. Quando ele bater à porta, eles abrirão depressa, e ele entrará e fará neles sua morada juntamente com o Pai e o Espírito Santo<sup>775</sup>. Felizes estes servidores, quando o Senhor vier e os encontrar atentos à espera<sup>776</sup>.

---

772 Cf. *Efésios* IV, 13.

773 Cf. *Gênesis* II, 15.

774 *Lucas* XII, 35.

775 Cf. *João* XIV, 33.

776 Cf. *Lucas* XII, 36.

99. Como um filho, o monge deve amar a Deus com todo seu coração e todo seu pensamento<sup>777</sup>. Mas como um servidor, ele deve reverenciá-lo e obedecê-lo e, com temor e tremor, cumprir suas ordens<sup>778</sup>. Ele deve ter o fervor no espírito, estar revestido com a armadura do Espírito Santo<sup>779</sup>, desejar o gozo da vida eterna, fazer sem falta tudo o que lhe for ordenado, estar sóbrio e vigilante e proteger seu coração dos maus pensamentos, conduzir por meio de uma boa atenção a contínua meditação divina, condenar-se sempre pela malícia de pensamentos e atos, e preencher aquilo que lhe falta. Ele não deve glorificar-se por suas boas obras, mas dizer que é um servidor inútil<sup>780</sup>, insuficiente no cumprimento dos seus deveres, a agradecer ao Deus santíssimo, imputar-lhe a graça das boas obras, nada fazer pela vanglória ou para agradar aos homens, em tudo agir secretamente e não buscar senão o louvor que vem de Deus<sup>781</sup>. Antes de tudo, e sobretudo, ele deve aquecer sua alma com a fé ortodoxa, segundo os dogmas divinos que a Igreja católica recebeu dos Apóstolos predicadores de Deus e dos santos Padres. Para aqueles que assim se conduzirem a recompensa será grande: a vida infinita, a indefectível moradia junto ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, a Divindade que é uma só Substância e três Pessoas.

100. Este é o fim do discurso. “Escute, aí está você, diz o Eclesiastes, tema a Deus e observe seus mandamentos, que é o que todo homem deve fazer<sup>782</sup>”. Eu lhe mostro, diz ele, o caminho real e venerável da salvação: tema a Deus e observe seus mandamentos. O temor não é aquele que precede os castigos. É o temor perfeito, que nos torna perfeitos, e que devemos ter por amor d’Aquele que nos ordenou temer. De fato, se não cometemos o pecado por medo da danação, se esta não existisse nós faríamos coisas condenáveis, e assim nossa intenção seria pecadora. Ao contrário, se nos abstermos do pecado não por causa da ameaça do castigo, mas por desprezarmos e rejeitarmos a malícia, trabalhamos pelo amor ao Mestre na obra das virtudes, pelo temor de sermos arrastados para longe delas<sup>783</sup>. Quando tememos transgredir seja lá o

---

777 Cf. *Deuteronômio* VI, 5.

778 Cf. *Filipenses* II, 12.

779 Cf. *Efésios* VI, 11.

780 Cf. *Lucas* XVII, 10.

781 Cf. *Romanos* II, 29.

782 *Eclesiastes* XII, 13.

783 *Provérbios* III, 32; *Hebreus* II, 1.

que for daquilo que nos foi ordenado, nosso temor é puro<sup>784</sup>. Ele conduz ao próprio bem e purifica nossas almas, pois ele tem o mesmo poder que o amor perfeito. Todo homem que sente este temor e que guarda os mandamentos é perfeito: nada lhe falta. Portanto, sabendo disto, temamos a Deus e observemos seus mandamentos, a fim de sermos perfeitos e completos de virtudes<sup>785</sup>. Com o espírito humilhado e o coração contrito<sup>786</sup>, cantemos continuamente ao Senhor a prece que ensinou a grande e divino Arsênio: “Me Deus, não me abandone. Nada de bom eu faço diante de você, mas por sua misericórdia, permita-me começar”. Nossa salvação está toda na compaixão e no amor de Deus pelo homem. A ele a glória, o poder e a adoração, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e para todo o sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

DO NOSSO PAI TEODORO, BISPO DE EDESSA  
DO NOSSO PAI TEODORO, BISPO DE EDESSA

### DISCURSO SOBRE A CONTEMPLAÇÃO

Que combate maior existe do que romper este inflexível laço, libertarmo-nos do culto da matéria e adquirir o estado de beleza? Para fugir à matéria, a alma deve ser verdadeiramente nobre e corajosa. Mas não devemos apenas nos dedicar à purificação das paixões, o que em si não é a virtude, embora seja uma preparação para ela. Para nos purificarmos do estado de malícia é preciso ainda que adquiramos as virtudes. A purificação da alma, na ordem da razão, é a libertação e a perfeita desapareição dos caracteres inferiores e enganosos, quero dizer, como o afirma o Teólogo, dos cuidados e perturbações desta vida, das tendências defeituosas e das noções impróprias. Na ordem do desejo, purificar a alma significa não mais tender para a matéria, não considerar os sentidos e ser dócil à razão. Enfim, na ordem do ardor, purificar a alma significa não se perturbar com aquilo que acontece. Depois desta purificação, quando as potências da morte estiverem mortas e relegadas, é possível alcançar a elevação e a deificação. É preciso afastar-se do mal e fazer o bem<sup>787</sup>. Em primeiro lugar renunciando a si mesmo, devemos seguir o Mestre carregando a cruz<sup>788</sup>, para alcançar o estado extremo da deificação.

Mas o que são a elevação e a deificação? Na ordem do intelecto, é a ciência mais completa dos seres e d’Aquele que está para além dos seres, na medida em que for possível à natureza humana. Na ordem da vontade, é a tensão total e contínua, o movimento em direção à beleza primeira. Na ordem do ardor, é o impulso mais forte e mais ativo, firme e perseverante, em direção àquilo que se deseja. Nada do que acontecer, por aflitivo que seja, pode detê-lo em sua marcha avante, e ele segue seu caminho, transbordante e sem retorno. O impulso da alma para a beleza deve ser mais forte que sua tendência para o inferior, tanto mais na medida em que a beleza inteligível é mais forte do que a beleza sensível. E o retorno à carne deve ser tal que lhe baste velar e prover o necessário, a fim de que o que está vivo não seja destruído. É fácil de

---

784 Cf. *Salmo XIX*, 10.

785 Cf. *II Timóteo III*, 17.

786 Cf. *Salmo LI*, 19.

---

787 Cf. *Salmo XXXIV*, 15.

788 Cf. *Mateus XV*, 24.

conceber a ação direita, mas é difícil cumpri-la. Pois não é sem esforço que se desenraizam da alma estes estados difíceis de mudar, nem é sem suor que se adquire a ciência. Para conseguir o olhar fixo sobre a natureza bem-aventurada, para tender para ela até que a vontade obtenha o fruto deste impulso, são necessárias muitas penas e um bocado de tempo. O intelecto tem que resistir aos sentidos, que puxam para baixo, com todas as suas forças. Este é o enfrentamento, o combate contra o corpo, que não finda senão com a morte, mesmo que pareça acalmar-se quando o intelecto, superando-o, domou o ardor e o desejo e controlou os sentidos. É preciso notar, por outro lado, que a alma não pode ser iluminada a menos que receba o socorro de Deus, que sem isto ela não pode se purificar verdadeiramente nem elevar-se à luz divina, como foi dito. Lembrem-se de que aquilo que foi dito o foi para os fiéis.

Mas para termos maior clareza a respeito dessas coisas, devemos em primeiro lugar discernir em breves palavras o que entendemos por conhecimento. Com efeito, tudo o que conhecemos aqui em baixo é natural ou sobrenatural, sendo que o segundo se revela a partir do primeiro. Assim, chamamos de conhecimento natural aquilo que a alma, utilizando-se de seus órgãos e potências naturais, consegue captar da criação pela pesquisa e pelo exame, na medida em que isto lhe é possível, uma vez que ela está ligada à matéria. Com efeito, foi dito a respeito da relação dos sentidos com a imaginação e a inteligência, que o intelecto perde sua força quando se junta e se une ao corpo. Torna-se então impossível para ele atingir as formas espirituais. Mas para compreendê-las ele necessita da imaginação que, por natureza, está voltada para os simulacros, e também da extensão e da pesandez materiais. Para que o intelecto que está preso à carne possa captá-las, ele necessita de formas que sejam correspondentes. Sendo esta a constituição do intelecto, chamaremos de natural o conhecimento que ele adquire em seu próprio caminho natural. Mas o conhecimento sobrenatural é aquele que, nascido do intelecto, escapa a esta caminhada e às suas potências, quando em verdade as concepções da inteligência aliada à carne ultrapassam sua própria medida. Cabe então à inteligência separada do corpo conhecê-las. E este conhecimento vem somente de Deus, quando esta inteligência se encontra inteiramente purificada de toda tendência natural e traz em si o amor divino. Ora, não é apenas o conhecimento que é então partilhado, mas também a virtude. Esta é diferente a virtude que não ultrapassa a natureza, e à qual chamamos justamente de natural. Ela é animada pela energia da beleza primeva, para além de toda potência e de toda condição naturais, e a que devemos chamar propriamente

de sobrenatural.

Dadas estas distinções, aquele que não recebeu a luz poderá possuir o conhecimento e a virtude naturais, mas de modo algum o que é sobrenatural. Como isto seria possível, uma vez que está privado d'Aquele que é sua causa ativa? Mas quem recebeu a luz pode possuir as duas coisas. Porém, para adquirir a virtude sobrenatural é preciso primeiro adquirir a virtude natural. Por outro lado, nada impede que o conhecimento sobrenatural se faça sem a participação e o concurso daquilo que conhecemos pela natureza. Ao contrário, devemos saber o seguinte: assim como os animais possuem a sensação e a imaginação e o homem as possui igualmente muito mais fortes e mais elevadas, também aquele que recebeu a luz e o que não a recebeu, possuem ambos as virtudes e os conhecimentos naturais, mas o primeiro muito mais forte e elevado do que o segundo. Temos aqui, ao que parece, que o conhecimento natural em questão, relativo às virtudes e aos seus contrários, é também duplo. De um lado é abstrato, quando aquele que filosofa sobre estas noções não possui a experiência, e permanece na incerteza; de outro é ativo, quando o conhecimento é confirmado pela experiência de tais noções. Este conhecimento é claro e seguro; ele está totalmente fora da incerteza e da dúvida.

Sendo assim, o intelecto que busca adquirir a virtude tem diante de si, ao que parece, três obstáculos. Um é a predisposição aos estados contrários, de que falamos, e que tende a nos levar, devido a um longo costume, para as coisas terrestres. Outro é a energia dos sentidos, suscitada pelas belezas sensíveis, e que atrai para si a inteligência. Um terceiro é o esgotamento da energia intelectual, que afeta o intelecto unido ao corpo. Com efeito, se a visão corresponde ao visível e em geral os sentidos ao sensível, o mesmo não acontece com o intelecto em relação ao inteligível. Falo da inteligência da alma que ainda está presa à carne. Pois os intelectos imateriais tendem mais ativamente para o inteligível do que a visão para o visível. Mas o intelecto que está em nós e recebe o inteligível é como uma visão do visível ferida pelo ofuscamento e que não recebe as imagens nem com clareza nem com precisão, mas antes confusas e obscuras. Incapaz de contemplar na luz as belezas inteligíveis, de um lado é impossível à alma nada desejar – a medida do desejo depende da medida do conhecimento – e de outro ela é atraída para as belezas sensíveis, que se oferecem a ela de maneira mais imediata. Ela precisa voltar-se para a beleza que lhe aparece, seja ela real ou não. Assim, a

malícia dos espíritos impuros que desprezam o homem coloca no caminho das almas armadilhas das quais é impossível dizer o número ou a natureza, tantas são suas múltiplas formas e maneiras, através dos sentidos, da palavra, da inteligência, e por assim dizer de tudo o que existe. Se aquele que carrega sobre seus ombros a ovelha perdida<sup>789</sup> não velasse do alto, em sua infinita solicitude, por aqueles que para ele voltam o olhar, nenhuma alma escaparia.

Para escapar a todas estas armadilhas três coisas são necessárias. A primeira de a maior é tender a Deus com toda nossa alma, pedindo o socorro de sua mão, nele colocando toda nossa esperança, rigorosamente persuadidos de que se ele não vier em nosso auxílio todas as necessidades puxam em sentido contrário para nos levar. A segunda, que eu penso ser causa da primeira, é o contínuo alimento que a ciência fornece para o intelecto. Falo da ciência de todos os seres sensíveis e inteligíveis, tais como são em si mesmos e na sua relação com a origem primeira da qual saíram e para a qual tendem; e falo da ciência d'Aquele que é a causa dos seres, desta ciência que fornece a contemplação da causa, na medida em que isto é possível. Penetrar desta maneira na natureza dos seres é uma coisa muito purificadora, que nos liberta de nosso estado passional diante deles e do erro em que incorremos a seu respeito, e que nos eleva ao mais alto ponto na direção da origem de tudo. No meio daquilo que é belo, maravilhoso e grande reflete-se o mais belo, mais maravilhoso e maior, ou antes, aquilo que está além da beleza, do maravilhoso e da grandeza. Quando o intelecto se mantém permanentemente voltado para tais esplendores, como poderá ele não desejar o verdadeiro bem? Se, com efeito, eles se volta para aquilo que lhe é estranho, quanto mais não se voltará para o que lhe é próprio! Como suportaria viver a alma que ama tais esplendores, com as coisas daqui de baixo que nos distanciam naturalmente d'Aquele que nos ama? Porém, não nos deixemos enganar, pois a vida na carne não é obstáculo para a beleza. Com efeito, dissemos que o intelecto preso à carne contempla obscuramente a beleza inteligível. Mas tais maravilhas e tão grandes bens, que são como uma breve emanção e uma obscura aparição desta beleza transbordante, persuadem o intelecto de que ele pode voar acima de todo o sensível e se dirigir apenas ao inteligível. Não devemos suportar afastarmo-nos de tais delícias, mesmo que caiamos na maior aflição.

Em terceiro lugar, devemos nos dedicar a fazer morrer o corpo ao qual estamos unidos. Pois de outra forma é impossível receber essas revelações de uma maneira precisa e clara. Fazemos morrer a carne por meio dos jejuns e das vigílias, dormindo no chão, portando vestimentas pobres e grosseiras, trabalhando e nos esforçando. É assim que morre a carne, ou melhor, é assim que ela é crucificada com Cristo. Ela se afina e se purifica, torna-se leve e rarefeita, e segue com mais facilidade os movimentos do intelecto, sem se opor a eles. Ela eleva-se ao alto. Sem a carne, de fato, desaparece toda ocupação vã. Quando esta venerável tríade – a mortificação, a purificação e a elevação – está em harmonia, ela engendra na alma o coro das virtudes bem-aventuradas. Pois é impossível encontrar um traço de malícia ou qualquer falta de virtude naqueles que estão paramentados com estes três movimentos.

Mas pode acontecer que a rejeição do dinheiro e o desprezo pela vanglória perturbem a razão. Enquanto a alma estiver ligada ao dinheiro e à vanglória, ela será trespassada por múltiplas paixões. Eu afirmo fortemente que é impossível à alma ligada à riqueza e à vanglória voar. Mas também digo que não é possível à riqueza e à vanglória investir contra uma alma exercitada nos três movimentos de que falei, pelo tempo suficiente para ter criado o costume. Com efeito, ainda que ela não conheça nada sobre a verdadeira beleza, ou sobre a beleza que está além de tudo, se ela estiver persuadida de que quanto mais uma coisa – ainda que a menor de todas – se pareça com a beleza primeira mais bela ela é, como poderá esta alma amar e acolher o dinheiro ou o ouro, ou qualquer outra coisa das que atraem para baixo? E o mesmo vale para a vanglória.

E mesmo aquilo que mais nos detém, ou seja, as preocupações, não se contrapõe ao meu propósito. Pois com quem poderá se preocupar aquele que não abriga paixão nem tendência por seja lá o que for daqui de baixo? A nuvem das preocupações surge, de fato, como uma exalação das paixões fundamentais, vale dizer, do amor pelos prazeres, pelo dinheiro e pela vanglória. Quem se libertou destas paixões é estranho às preocupações.

Também não devemos crer que a reflexão do intelecto seja diferente da sabedoria, e que ela não esteja compreendida naquilo que falamos, quando na verdade ela é a mais forte das virtudes que levam ao alto. Com efeito, a ciência das virtudes abarca o discernimento mais preciso do bem e de seu contrário, do qual a reflexão do intelecto necessita para seu benefício. Mas as

maneiras de agir e de lutar nos são ensinadas pela experiência e pelo combate com o corpo.

Não nos esqueçamos de falar no temor. Pois quanto maior for o amor, maior será o temor. Quanto mais forte for a esperança de descobrir o bem, que sabe morder os que são abençoados mais do que a ameaça de miríades de castigos (pois descobrir o bem é uma imensa beatitude), mais forte será o temor de não o descobrir, o que é uma enorme infelicidade.

Mas para que nossa reflexão siga seu curso e a partir dele forme uma nova, devemos conduzi-la a partir de sua finalidade. Pois todo ser parece possuir de sua própria finalidade a distinção e a ordenação das partes. Ora, a finalidade de nossa vida é a beatitude, ou seja, o Reino dos céus e o Reino de Deus. E não se trata apenas de contemplar a Trindade soberana, se posso dizer, mas de receber o influxo divino, experimentar por assim dizer a deificação, cumprir e completar por este influxo aquilo que em nós é insuficiente e imperfeito. Este influxo divino preenche aquilo que nos falta. Ele é o alimento que nos é fornecido pelas coisas do espírito. Trata-se de um ciclo infinito que começa pelo mesmo e termina pelo mesmo. Pois aquilo que ele concebe ele busca e aquilo que ele busca ele usufrui. E quanto mais ele usufrui, mais força ele recebe para conceber de novo, e assim ele recomeça o movimento imóvel, que é a imutável imobilidade.

Tal é o fim, na medida em que ele está ao nosso alcance. Mas precisamos considerar o modo de chegarmos a este fim. Para as almas racionais, que são essências intelectuais, pouco menores do que as inteligências angélicas, a vida aqui de baixo, a vida na carne, é uma luta, um combate ao qual devem se entregar. O estado de que falamos é a recompensa disto. É também um dom digno da bondade e da justiça divinas; uma, por que é aparentemente com nosso suor que adquirimos os bens; outra, porque o poder que nos cumula infinitamente ultrapassa todas as penas. Acima de tudo, é ele que nos dá o bem e o poder de fazer o bem.

Qual é então o combate desta vida? A alma racional se une a um corpo vivo, que tem uma existência terrestre e que tende com todo seu peso para baixo. Ela mistura-se a ele, até que destes dois contrários, alma e corpo, surge uma unidade, não por causa de uma alteração ou de uma confusão das partes, longe disto, mas quando estas duas partes, mantendo cada qual sua natureza,

formam uma hipóstase em duas naturezas perfeitas. O homem consiste, portanto, neste vivente com duas naturezas misturadas, que cumpre em cada instante o que é próprio a cada uma delas. Ao corpo é inerente a procura dos semelhantes, pois o amor aos semelhantes é natural dos seres. O ser é aparentemente ajudado pela união com os semelhantes e por desfrutá-los por meio dos sentidos. Ora, o relaxamento rapidamente pesa sobre aquele que ama verdadeiramente. A relação amorosa é inerente à natureza animal. Mas a alma racional, que é como que uma essência intelectual, deseja naturalmente os inteligíveis, e desfruta deles segundo um modo que lhe é próprio. Mas antes de tudo e acima de tudo é o amor a Deus que está naturalmente enraizado nela. Ela quer desfrutar deste amor e dos outros inteligíveis, mas é impedida. Claro que o primeiro homem podia conceber sem obstáculo tanto as coisas sensíveis pelos sentidos como as inteligíveis pelo intelecto, e desfrutar delas. Mas ele precisaria dedicar-se não ao pior, mas ao melhor; pois a ele foi dado fazer ambas as coisas, ou unir-se ao inteligível pela inteligência, ou ao sensível pelos sentidos. Não digo que Adão não devesse se servir dos sentidos; não foi à toa que ele foi revestido de um corpo. Mas ele não deveria se comprazer nos sentidos. Tendo recebido a beleza das criaturas, ele deveria remontar à sua causa, e aí sim se comprazer, maravilhando-se, pois tinha então estas duas razões para admirar o Criador. Mas ele não devia se ligar ao sensível, e admirá-lo em lugar do Criador, deixando de lado a beleza inteligível. Ora, foi isto que fez Adão: ele usou mal seus sentidos. Ele admirou a beleza sensível: o fruto pareceu-lhe bom de ver e provar<sup>790</sup>, e ele o comeu, deixando de lado a fruição do inteligível. A partir daí o justo Juiz, considerando-o indigno, retirou dele a contemplação de Deus e dos seres, que ele havia desprezado, e escondeu em trevas as essências imateriais. Pois os profanadores não devem se aproximar daquilo que é santo. Deus concedeu a Adão o usufruto daquilo de que ele se tornou cativo. Ele lhe permitiu viver dos sentidos, e dos ínfimos resquícios da inteligência.

A partir daí, como estamos presos às coisas da terra, tornou-se mais difícil para nós o combate. Pois não está em nosso poder desfrutar do inteligível, como o fazemos do sensível por meios dos sentidos, como foi dito, mesmo que, purificados e elevados pelo batismo, tenhamos sido grandemente ajudados. Porém, na medida em que nos for possível, devemos nos voltar para o inteligível e não para o sensível; é o inteligível que devemos admirar e

---

790 Cf. *Gênese* III, 6.

querer. Devemos lembrar que o sensível não tem realmente nenhuma medida comum com o inteligível. Assim como a essência de um é mais maravilhosa do que a do outro, também a beleza de um é mais maravilhosa do que a beleza do outro. Preferir o mais feio ao mais belo e o mais vil ao mais precioso – não é o cúmulo da loucura? E isto também é verdadeiro entre as criaturas sensíveis e as criaturas inteligíveis. E que dizer quando preferimos a matéria informe e sem beleza Àquele que está para além de todas as criaturas?

Tal é, pois, o combate: guardarmo-nos rigorosamente, a fim de desfrutarmos do inteligível, tendendo para ele nosso intelecto e jamais nos deixando enganar pelo sensível, nem nos deixando arrastar a ele pelos sentidos por o admirarmos em si mesmo. E se nos é necessário utilizar os sentidos, devemos fazê-lo de maneira a compreender o Criador nas criaturas, vendo-o nelas como o sol que se reflete nas águas. Na medida em que lhes é possível contê-lo, existem de fato nos seres imagens d’Aquele que é a causa primeira de tudo.

Aí está, portanto, a obra direita. Devemos considerar como alcançá-la. Com efeito, dissemos que o corpo tende a desfrutar daquilo que lhe é próprio por meio dos sentidos, o que é contrário à distinção da alma. Quanto mais forte é o corpo, mais ele busca. Devemos, portanto, velar pela alma, colocarmos um freio nos sentidos, a fim de não desfrutarmos dos sentidos, como foi dito.. Pois quanto mais forte for o corpo, mais ele irá desejar. E quanto mais ele desejar, mais difícil será para a alma operar para fazê-lo morrer, forçando-o a jejuar, a velar, a se manter em pé, a dormir no chão, a não se banhar e todos os outros sofrimentos, a fim de que, esgotadas as suas forças, se torne fácil de conduzir e dócil às ações espirituais da alma.

Este estado é, com efeito, o fundamento da ação direita. Mas é fácil querer e difícil fazer, tão numerosas são as faltas que podemos cometer agindo, mesmo que estejamos atentos. Como os sentidos se apresentam diante de nós como um véu espesso, surgiu um terceiro remédio: a prece e as lágrimas. De fato, a oração dá graças pelos bens que nos foram dados e pede o perdão pelas faltas e o poder que nos fortifique para o futuro, pois, sem o impulso divino, como já foi dito, a alma nada pode fazer. Rezar é ainda unir-se Àquele que se deseja, desfrutar dele e inclinar totalmente para ele a potência volitiva, porque a melhor parte da ação direita consiste em persuadir a vontade a desejar aquilo, na medida do possível. Também as lágrimas possuem uma grande força: elas

clamam pela compaixão do Mestre sobre as faltas. Elas purificam das manchas que nos advém dos prazeres sensíveis, e dão asas ao desejo para se elevar até as alturas.

A ação direita é assim a contemplação o inteligível e o desejo absoluto. E por meio dela que a carne é subjugada, e todas as virtudes parciais – o jejum, a castidade e as outras – são cumpridas graças a uma outra virtude. É por estas virtudes e com elas que a prece é suscitada. Pois cada uma dela se divide em numerosas partes, e cada parte engendra outra assim como ela própria foi engendrada.

Que ninguém pense que o amor à vanglória e o amor ao dinheiro concernem ao corpo. Somente o amor pelos prazeres está ligado apenas ao corpo. E o remédio correspondente é o sofrimento do corpo. Os dois primeiros vícios são engendrados pela ignorância: com efeito, é pela inexperiência sobre a verdadeira beleza e pela ignorância do inteligível que a alma acaba por se alterar. Ela acredita compensar a sua falta pela riqueza. Mas esta é procurada ao mesmo tempo pelo amor ao prazer e pelo amor à vanglória, e em si mesma como um outro bem. E dissemos que isto sempre acontece por causa da ignorância da verdadeira beleza. O amor à vanglória não vem por faltar algo ao corpo (pois ela em nada reconforta o corpo), mas é suscitado pela inexperiência e pela ignorância da beleza primeira e da verdadeira glória. A ignorância é a causa da vaidade e, de modo geral, a raiz de todos os males. Pois quem compreende como se deve a natureza das coisas, de onde vem cada uma delas e para onde ela retorna, já não pode se enganar sobre o próprio fim e nem se voltar para o que é terrestre. Pois a alma não tende para a beleza aparente. Se ela é tiranizada por seu estado, ela pode muito bem dominá-lo, uma vez que ela não se achava neste estado até ser iludida pela ignorância. É preciso, assim, que, em primeiro lugar, ela se volte para os seres pensando corretamente a seu respeito, para em seguida dar asas à vontade para se elevar à beleza primeira, desprezando todas as coisas do presente século e banindo sua grande vaidade. Afinal de contas, o que é que contribui para o fim que nos é próprio? Para resumir tudo em poucas palavras, a alma racional que está no corpo só tem uma coisa a fazer: tender para seu próprio fim.

A energia da vontade não é capaz de se exercer sem o entendimento. É por isso que devemos agir sobre nós intelectualmente. Ou bem o ato da inteligência vem da vontade, ou vem de si mesmo e da vontade; na verdade,

parece que esta última hipótese é correta. A beatitude, da qual a vida do homem virtuoso aqui em baixo é não apenas a causa, mas também a imagem, possui duas energias, a inteligência e a vontade, ou o amor e o prazer. Aqueles que quiserem filosofar devem pensar para saber se estas duas energias são iguais, ou se uma delas é mais importante. Aqui devemos colocar juntas as duas energias. Chamaremos a uma contemplação e à outra ação. Estas energias são extremas, e é impossível encontrar uma sem a outra. Quanto às energias menores, podemos compreendê-las com elas. O que as obstaculiza, ou que lhes apresenta os contrários, denominamos vícios; o que nos ajuda e nos liberta dos obstáculos chamamos de virtudes. As energias que provêm das virtudes são as ações direitas; as energias das potências contrárias são as faltas e os pecados. E aquilo que dá forma a qualquer energia, seja para o pior, seja para o melhor, é o fim extremo, que nós sabemos ser uma energia composta de inteligência e de vontade.

